



Biah Gomes e Nana C. Fabreti

um lugar para
Recomeçar





Biah Gomes e Nana C. Fabreti

um lugar para
Recomeçar

Copyright © 2018, Biah Gomes e Nana C. Fabreti

Capa: Tess Roberts
Diagramação: Greyce Kelly
Revisão: Greyce Kelly

Dados internacionais de catalogação (CIP)

Gomes, Biah e Fabreti. C Nana

Um Lugar Para Recomeçar.

1ª Piracicaba SP, 2019

1.Literatura Brasileira. 1. Título.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998). Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor qualquer semelhança com acontecimentos reais é mera coincidência. Todos os direitos desta edição reservados pela autora.

Dedicatória

Dedicamos esse livro a todas as mulheres que já sofreram algum tipo de relacionamento abusivo e principalmente dedicamos aos nossos leitores.



Prólogo

Desde muito nova eu fui educada para ser uma eximia dona de casa. Minha mãe tinha estudado em um colégio de freiras, já que minha avó foi uma mulher muito rígida.

Mamãe sabia costurar, bordar e cozinhava como ninguém. Isso dava a ela o título de esposa perfeita e também mulher exemplar.

Eu cresci acreditando que aquela era mesmo a vida perfeita e bem como meus pais queriam, condicionei-me para também ser a esposa dos sonhos de qualquer homem, ou melhor, na verdade, eu fui preparada para me casar com Richard Maldonado.

Herdeiro de uma família abastada, Richard formou-se em direito, os Maldonado eram proprietários de um dos mais tradicionais escritórios de advocacia de Rio Doce, e todos se especializaram na área criminalista.

Confesso que nosso namoro foi meio arranjado, nossas famílias eram amigas de longa data e quando eu fiz dezoito anos, Richard pediu permissão ao meu pai para que pudéssemos ser namorados.

Senti-me especial, ele era um rapaz cobiçado e embora tivesse muitas garotas aos seus pés, escolhera a mim.

Cinco anos junto, e desses cinco apenas dois de casados, tudo aconteceu como em um conto de fadas. Jantares românticos, viagens fantásticas, juras de amor e o pedido de casamento foi feito em Veneza, na

Itália, durante um passeio de gondolas.

Precisamos de oito meses para organizar tudo. Richard insistia em uma cerimônia tradicional e meus pais faziam questão de que nos casássemos na mesma igreja em que eles disseram sim, vinte e cinco anos antes.

De frente para o espelho, enquanto minha mãe e minha futura sogra ajudavam a colocar o meu véu, eu só conseguia pensar que a vida tinha sido muito generosa comigo. Casar-me com um homem como Richard, bonito, carinhoso e o meu primeiro homem.

O que mais uma mulher poderia querer?

Eu achava que mais nada, achava também que não poderia ser mais feliz do que quando nós dois prometemos amor eterno diante de todos os nossos familiares e amigos.

Só que o Richard mudou. Não foi de uma hora para outra, sua transformação se deu aos poucos, com pequenas atitudes que tinham de ter sido policiadas por mim, podadas enquanto eram apenas brotos, no entanto, eu fazia vista grossa para algumas de suas paranoias e por muitas vezes tentava convencer a mim mesma de que o seu ciúmes excessivo não passava de cuidado.

Aos poucos eu fui perdendo a minha identidade. Minhas roupas eram compradas por ele. Todas muito comportadas e mais adequadas para senhoras de mais idade. Aos 25 anos eu me vestia como uma mulher de 50, meus cabelos alcançavam a cintura e meu marido não deixava que eu os cartasse.

Amizades, visitas à minha família, tudo isso era controlado, mas quando estávamos a sós, quando nos amávamos, tudo parecia perfeito. Ele continuava tão carinhoso quanto na época do nosso namoro e com isso ele me dominava e me fazia acreditar que tudo estava bem.

Como eu passava muito tempo sozinha, dediquei-me a culinária. Adorava cozinhar pratos diferentes para o meu marido, e bolos eram minha especialidade. Eu sonhava com o dia em que me tornaria mãe, meu desejo era ter ao menos dois filhos, já que achava muito solitária a vida de filhos únicos.

Eu senti na pele a falta de irmãos, vi como meus pais concentraram toda a sua expectativa sobre mim e isso foi maçante por vários momentos. Tornei-me uma pessoa exigente, não com outros, mas comigo mesma.

Criei uma obsessão pela arrumação da casa, das roupas, da cozinha, e um dia, quando desabafei sobre as minhas paranoias com a minha mãe, ela sentenciou: *Eu precisava de um filho.*

Richard passava o dia todo fora, às vezes, quando se envolvia em causas complicadas, chegava quando eu já estava dormindo. Eu tinha por algumas vezes confessado a minha solidão e também falado sobre filhos com ele, fazia dois anos que estávamos casados e eu achava que já era a hora.

Meu marido discordava. Ele alegava não ser o momento e era ele quem cuidava do horário do meu anticoncepcional. Eu tinha de tomá-lo todos os dias pela manhã, diante do Richard.

Cada vez mais triste e solitária, comecei a cuspir os comprimidos assim que Richard virava as costas. Caprichei nos jantares, nas massagens e meu desejo por ele aumentou, fazíamos amor quase todas as noites por iniciativa minha, e claro que o meu marido adorou a minha disposição inédita.

Ansiosa, aguardei pela minha menstruação, ou melhor, pela falta dela e não foi daquela vez. Senti-me triste e chorei escondida do Richard, afinal, ele não podia saber dos meus planos.

Eu tinha certeza de que a sua relutância quanto a ser pai acabaria no instante em que eu revelasse a minha gravidez, por isso, continuei agindo do mesmo jeito nos meses seguintes e três meses depois eu senti meu primeiro enjoo.

Ao quinto dia de atraso eu comprei um teste na farmácia e ele deu positivo. Esperei mais cinco dias antes de contar ao Richard, repeti então o teste e como foi confirmado que eu seria mãe, preparei uma noite especial para revelar a novidade.

Fiz seus pratos preferidos, e também o bolo de nozes que ele adorava. Vesti-me e me perfumei como se fôssemos a uma festa. Na mesa decorada com velas e flores, coloquei dentro de uma bandeja, um par de sapatinhos de tricô vermelho, e os cobri com uma cúpula.

Ansiosa, eu andava de um lado para o outro da casa, e quando ouvi o barulho do seu carro entrando na garagem de nossa casa, meu coração parecia querer sair pela boca.

—Boa noite, meu amor. —recebi-o com um beijo longo e sensual.

Richard olhou-me dos pés a cabeça e rugas vincaram a sua testa enquanto ele varria todo o cenário preparado por mim.

—Eu me esqueci de alguma data especial? —ele repousou sua maleta sobre uma das poltronas na sala e me abraçou.

— Acho que... Bem, talvez a partir de hoje essa data seja mesmo

especial. —eu sorri e meus lábios trepidavam. —Sente-se aqui... Você já vai entender. —Guiei-o até a mesa e fiz com que ele tomasse o seu lugar.

—Anne, meu amor... O que está acontecendo? —ele encarou-me com os olhos arregalados.

—Fiz seu risoto preferido e também o bolo de nozes — aponte para a comida na mesa—, mas o principal está nessa bandeja.

Richard ficou sério, esticou o braço e levantou a cúpula, revelando então os sapatinhos. Enquanto ele oscilava olhares entre mim e a bandeja, lágrimas brotaram dos meus olhos e escorreram pelo meu rosto num choro silencioso.

Levei minhas mãos até a minha barriga e respirei fundo antes de dizer:

—Richard Maldonado, você vai ser papai! —anunciei extasiada.

Ele ficou em silêncio. Parecia ter entrado em algum tipo de estado de choque. O rosto empalideceu, a respiração tornou-se entrecortada e a veia em sua têmpora tremulava com rapidez.

Um tempo depois Richard se levantou, afrouxou a gravata e ainda com os olhos perdidos suspirou. Ele caminhou até a sala e acendeu as luzes.

—Anne, você tem certeza do que está dizendo? —a voz falhou e parecia estrangulada.

—Fiz dois testes... Ambos deram positivo, sem contar meus enjoos, cada vez mais frequentes. —Coloquei-me em sua frente. — sinto as mudanças em meu corpo, meus seios estão maiores e mais duros e...

—Como isso foi acontecer? —ele me interrompeu. —Como pode estar grávida se toma os comprimidos todos os dias, sem falhas?

Olhei para cima, eu odiava mentir para ele, mas também não podia contar que vinha cusindo os anticoncepcionais.

—Meu amor... Fomos premiados, sabe que existe um percentual de falha... Sem contar que já era hora... — Acariciei o seu rosto enquanto discursava defendendo a minha própria causa.

—Já era hora? — ele murmurou. — Você decidiu isso sozinha, Anne?

— Não! Apenas aconteceu...

Richard se afastou de mim, seu rosto suave em bicas, suas mãos tremiam e ele parecia um animal enjaulado.

Eu nunca antes tinha o visto daquela maneira, parecia furioso e eu comecei a me preocupar com aquela reação.

Ele caminhou até a sala de jantar e pegou os sapatinhos nas mãos. Fiquei parada o observando e acreditava que ele começava a processar a ideia, seus lábios curvaram-se para cima e ele apertou os sapatinhos entre as mãos depois de me encarar por alguns momentos.

Seus olhos ficaram marejados e eu me fui levada a me emocionar outra vez.

—Anne... Você planejou isso... — sussurrou com olhos fixos na mesa. —Você estragou tudo, Anne! —Ele bradou e sua voz ecoou por toda a casa, me fazendo estremecer de pavor.

Antes que eu pudesse argumentar, ele puxou a toalha da mesa levando com ela toda a comida e a decoração. O som das louças e dos cristais se partindo ao tocar o chão foi muito alto, só não mais que os berros de insulto que Richard deferia a mim.

Aquilo parecia um pesadelo, seu rosto tinha se transformado em uma carranca assustadora e ele quebrava tudo o que via pela frente. Richard parecia possuído, a voz, os gestos, os olhares, nada pertencia ao meu doce esposo, àquele por quem eu tinha jurado amor eterno.

Embora tenha sido possessivo e ciumento, nada nunca chegou perto daquilo que eu assistia apavorada. Eu tentava dizer alguma coisa que o fizesse voltar a si, só que minha voz não saía, meus lábios pareciam travado e eu só conseguia chorar.

—Vai interromper essa gravidez! — ele voou para cima de mim e segurou-me pelos braços. — Vai se livrar dessa coisa o quanto antes.

—Richard... — murmurei com muito esforço. — Precisa se acalmar, mais tarde vai se arrepender das besteiras que está dizendo.

Ele apertou meus braços com mais força, aproximou seu rosto do meu e cuspiu na minha cara.

—Eu te amo Anne, mas hoje eu só consigo enxergar uma vagabunda que me aplicou o golpe da barriga. Quando se livrar dessa coisa, tudo vai voltar ao normal... —ele baixou o tom de voz, acariciou o meu rosto e depois empurrou, fazendo com que eu caísse no chão.

Sozinha, no meio daquele cenário de horror, não tive forças para me levantar. Uma dor rasgava a minha alma fazendo com lágrimas brotassem dos meus olhos sem que eu precisasse me esforçar.

Vi o dia amanhecer prostrada no chão da sala de estar, e quando ouvi o som de passos que vinham do andar de cima, levantei-me e como um robô

programado, comecei a preparar o café.

Richard gostava que o seu fosse coado à moda antiga, por isso, enquanto observava a água formando bolhas de fervura, tudo o que eu desejava era que ele descesse as escadas, me tomasse em seus braços e me pedisse perdão.

Quinze minutos depois dos primeiros indícios de que se levantara meu marido transpôs a sala de jantar e parou logo atrás de mim.

Senti o sangue gelar em minhas veias, meus joelhos puseram-se a tremer e minha respiração ficou curta, tamanho o medo daquele embate iminente.

—Pode tomar seu lugar à mesa, eu já levo seu café— murmurei sem olhara para trás.

—Não vou tomar café, estou sem apetite. —ele respondeu seco.

Enchi os meus pulmões com todo o ar que consegui capturar e então virei-me para encará-lo. Seus olhos claros pareciam sombrios, o maxilar trincado e os pulsos cerrados davam a mim a impressão de que Richard partiria para cima de mim a qualquer momento.

—Eu... Eu fiz o café coado e também torradas com manteiga... — disse, tentando ganhar tempo, eu precisava pensar em uma forma de me defender caso ele de fato tentasse algo contra mim.

—Vou sair, preciso encontrar alguém que consiga arrumar essa bagunça. —ele olhou rapidamente para tudo ao seu redor.

—Não precisa se preocupar. Eu dou conta da limpeza, assim que voltar do trabalho essa casa está limpa e organizada, sem vestígios desse... Desse acidente.

Richard apertou o canto dos olhos com a ponta dos dedos, rugas vincaram sua testa e outra ele deu as costas para mim.

—Não estou falando dessa sujeira — ele gesticulou—, me refiro a essa coisa que está dentro da sua barriga.

—Richard! Não fale assim do nosso filho... Esse bebê vai ser uma benção em nossas vidas, você só precisa abrir o seu coração e...

—Chega! —ele bradou. —Não vai haver filho nenhum, esse bebê não vai nascer, entendeu?

Voltei a chorar enquanto Richard se aproximava de mim.

—Meu amor, você está fora de si, mas isso o que está dizendo é horrível, pare e ouça como são pesadas as suas palavras.

—Anne, você é minha e só minha. —ele apertou o meu braço esquerdo com força e eu gemi de dor. —Eu não vou deixar que uma criança interfira em nossa relação... Agora me diga que entendeu.

—Richard... — eu murmurei tendo seu rosto muito perto de meu.

—Você entendeu? — ele rosnou e concentrou ainda mais força em sua mão.

—Eu entendi... Eu entendi...

—Bom, então vai compreender que isso vai doer mais em mim do que em você, minha doce Anne. — ele usou a mão que estava desocupada para afagar a minha face. Cheguei a pensar que ele sairia e só me controlei por que eu precisava desse tempo.

Aos poucos ele afrouxou os dedos, aos poucos eu voltei a respirar, mas foi por pouco tempo. Sem aviso prévio ele me golpeou na barriga. Um soco tão forte que me fez vomitar o pouco que havia em meu estômago.

Não posso garantir que toda aquela dor era física, afinal, agredindo-me daquela maneira ele acabava por golpear o meu orgulho, as nossas boas lembranças e tudo isso era forte de mais.

Ele ainda se deu o trabalho de olhar para mim com pena, como se de fato estivesse sentindo tanto quanto eu.

Richard saiu, e eu fiquei. Outra vez no chão, largada no meio de uma realidade a qual eu não estava preparada para encarar.

Desejei morrer. Por alguns momentos eu cheguei a pedir isso para Deus, só que os sapatinhos vermelhos caídos no chão se fizeram presentes em meus olhos, como um sinal. Um sinal claro de que eu precisava lutar. Por mim. Por nós.



Capítulo 1

Anne

Passei um tempo no chão tentando me recuperar, mas de nada adiantava. Sentia-me destruída, amedrontada, no entanto, decidida a fazer algo para mudar aquilo e eu já sabia o que era. Eu iria embora e precisava fazer isso antes que ele voltasse. Se Richard me pegasse em casa, eu não teria mais meu bebê. Por mais que eu tivesse descoberto há poucos dias que seria mãe, tinha me apegado demais ao meu filho e o amor que eu sentia, não deixava nenhuma chance de eu permitir que ele fizesse qualquer coisa contra ele.

Com o auxílio da parede, me levantei aos poucos. Meu corpo doía, mas não mais que o meu coração. Subi as escadarias correndo, com certo cuidado para não cair, abri a porta do nosso quarto, lembrei que eu guardara uma mala na parte de cima do meu closet. Peguei-a e coloquei as roupas mais simples que eu tinha, alguns pares de sapatos e um traje social.

Pela primeira vez na minha vida eu precisaria arrumar um emprego, se eu quisesse sustentar meu filho, teria que me virar sozinha.

Aproveitei e abri o cofre que ficava no quarto, onde eu sabia que havia cerca de 150 mil reais. Richard sempre deixou claro que caso eu precisasse um dia pra uma emergência eu poderia gastar, mas eu nunca

precisei mexer naquela quantia, até aquele dia.

Aproveitei para pegar a pasta a onde estavam meus documentos, em posse deles, estava prestes a sair, mas decidi deixar uma carta para o meu marido, explicando os motivos de eu estar indo embora.

Encontrei na mesa do escritório dele papel e a caneta, assim que eu comecei a escrever os primeiros parágrafos, indícios de lágrimas se fizeram presentes.

Richard...

Quando eu te conheci, jurei completamente meu amor, e não foi à toa que eu te entreguei meu coração. Eu me apaixonei por aquele homem doce dos primeiros anos. Hoje eu percebo que tudo não passou de um sonho, geralmente um casal fica junto para crescer e construir uma família linda, mas você nem teve a capacidade de aceitar nosso filho, não foi o homem que eu precisava no momento mais importante da minha vida. Eu sonhei tanto com isso, principalmente, sonhei que tudo seria perfeito... Não foi o que aconteceu.

Ter apanhado de você, feriu-me a carne, mas muito mais a alma e isso é algo irreparável.

Dizem que o amor e ódio são sentimentos muito próximos. Acho que é verdade, por que agora, tudo o que sinto por você é desprezo e repulsa.

Assinado: Anne

Ps: Quero pedir para que não me procure nunca mais, eu te amei por o quanto pude, obrigada pelas coisas boas que você me deu, mas, infelizmente, elas não são maiores que a decepção.

Sentindo-me estilhaçada peguei meu bilhete e fui em direção a cozinha e fixei-o sob primeiro imã que vi na porta da geladeira.

Apenas com uma mala, eu parti daquela casa, deixando para trás uma parte de mim, dos meus sonhos e da vida que eu achava que tinha.

"Agora sim, recomeçaremos você e eu...", pensei, acariciando a minha barriga.

Na rodoviária, parei no primeiro guichê e comprei uma passagem para o interior de São Paulo, exatamente para Piracicaba. Eu nunca tinha ouvido falar desse lugar, mas era o destino que tinha uma partida mais próxima.

Assim que deu o horário do embarque, entrei no ônibus e como tinha escolhido o lado da janela, encostei minha cabeça no vidro e decidi ouvir

música. Eu queria silenciar meus pensamentos, mas tudo mudou quando uma moça loira e muito bonita sentou-se no assento do meu lado.

— Ainda bem que eu não caí ao lado de um velho barrigudo, pelo menos pude sentar ao lado de alguém que aparenta ter a minha idade. Obrigada meu Deus — disse ela, colocando as mãos para alto e eu tive que rir. — Desculpe, mas nesses ônibus, eu sempre caio com homem e geralmente são feios... Olha, faz tempo que eu estou tentando desencalhar, mas infelizmente só aparece velho, e quem gosta de saco velho é museu, desculpe desabafar assim, mas é que minha língua é maior que a boca. Prazer, sou a Ana Flávia.

— Prazer Ana Flávia, sou a Anne... — respondi, me retraindo, pois eu não a conhecia. — Também mora em Piracicaba?

Ela era tão espontânea, que não tinha como eu deixá-la no ar ou dar um fora nela, a garota aparentava ser do tipo bem louquinha.

— Estou me mudando agora... Eu e o meu bebê. — Passei a mão pela minha barriga. — Vamos construir uma vida nova. — Não fui muito além, final, eu não sabia se podia confiar nela.

— Mãe solteira? Que legal! Mas você tem ideia de onde vai ficar? — perguntou ela, tocando minha barriga de forma carinhosa como se me conhecesse há anos.

— Não sou mãe solteira, ou melhor, sou... Bem... Um dia quem sabe eu te explico, mas vamos deixar essa história um pouco de lado e, respondendo a sua segunda pergunta, vou procurar um hotel assim que chegar.

— Hotel? Jamais! Você ficará na minha casa. — Ela se ajeitou no banco. — Eu moro sozinha, meus pais me deram uma casa enorme. Fique comigo até você se estabilizar e achar um local para viver. Pelo menos eu vou ter alguém para comer brigadeiro e sorvete comigo, poder pular na cama à vontade, e ainda vou poder te ajudar se você tiver um desejo ou algo do tipo... Anne, eu vou amar sua companhia.

Ela estava fazendo planos sem eu ao menos dizer uma palavra, nem tinha aceitado ou negado, e ela estava com a programação toda pronta. Mulher agitada demais!

— Sei que você deve estar nesse momento pensando o quão louca eu sou, por convidar alguém que nunca vi na vida a ficar na minha casa, mas sei lá, você me passou segurança e não sei o porquê, mas sinto que seremos

grandes amigas... Já aviso que não aceito um não como resposta.

— Muito obrigada, mas eu não posso aceitar. Não sei como vai ser daqui para frente e eu não quero atrapalhar ninguém... Ainda, acabamos de nos conhecer...

— Se eu estou convidando é porque não vai atrapalhar, e outra, a minha vida é tão sem graça, que até chegarmos em Piracicaba, você vai saber mais de mim, do que eu de você.

Puxei o ar, encarando-a. Ana tinha sim um jeito louco, falava demais, no entanto, seus olhos exprimiam uma doçura e seu sorriso me transmitia paz.

— Tudo bem, eu aceito, mas com uma condição, pode ser?

— Qual?

— Vou te ajudar na limpeza e vou ficar somente até eu arrumar um lugar para mim.

— Combinado! — concordou, praticamente se jogando nos meus braços e me abraçando apertado, como se fôssemos velhas amigas.

Aquela foi a primeira vez que provei da sensação de ter feito a escolha certa... Algo me dizia que Piracicaba seria o lugar perfeito para o meu recomeço.

Conforme o prometido, Ana Flávia Ferraz me contava todos os detalhes de sua vida, até sermos interrompidas pelo toque do seu celular.

— Meu irmão. — Revirou os olhos antes de atender.

Ela começou a se explicar para ele e, sentindo como se estivesse invadindo a intimidade dela, voltei os fones em meus ouvidos e acabei apagando.



Capítulo 2

Anne

— Ei! Acorda Dorminhoca! — Ouvi ao fundo dos meus sonhos uma voz ecoada. — Anne... Nós chegamos...

Um pouco confusa, abri os meus olhos e pisquei algumas vezes enquanto era observada por uma garota bonita e sorridente. Ao mesmo tempo em que enchia os meus pulmões com todo o ar que podia, as lembranças dolorosas voltaram a rasgar a minha alma.

Meu bebê, Richard, a minha fuga e Ana, a maluquinha que me tratava como se fôssemos amigas de infância.

— Olá... Quer dizer que estamos em Piracicaba? — murmurei, sentindo as minhas costas reclamarem da posição em que viajei.

— Estamos e vamos fazer está cidade tremer! — Ana gritou antes de me puxar para fora do ônibus.

Sem saber como agir, e com medo do que as demais pessoas estivessem pensando, controlei o meu riso e assim que peguei minhas malas, passei a considerar se seria mesmo uma boa ideia aceitar a moradia que Ana me oferecera.

— Vamos rachar um táxi? — ela propôs.

— Para mim tudo bem... — concordei, porque diante da sua animação e planos de dividirmos o mesmo teto, eu fiquei sem coragem de dizer que era

melhor eu ficar em um hotel.

— Eu amo o Netflix... Nós vamos maratonar um monte de séries... — ela tagarelou por todo o trajeto.

— Ana, eu nem sei como posso te agradecer, mas se eu te incomodar, se eu sentir que estou de alguma forma invadindo o seu espaço, não vou pensar duas vezes... Me mudo para um hotel.

Ela juntou as sobrancelhas e fez um biquinho, seus olhos verdes se entristeceram como os de uma criança que descobre que o papai-noel não existe.

— Eu sou tão chata assim? É por isso que você não quer morar um tempo em casa?

— Claro que não! Eu só não gosto de atrapalhar ninguém.

— Então, se for só isso, pode ficar sossegada... Já disse que você não vai me atrapalhar.

Ali eu pude perceber que aquela loirinha era mesmo impossível, e não pude deixar de sorrir ao pensar no quanto ela deveria ter dado trabalho aos pais quando era criança.

Distraída, voltei à realidade quando o táxi parou. Nós fizemos o pagamento e confesso que me surpreendi com o tamanho da casa em que Ana morava.

— Vive sozinha nesse casarão? — apontei, enquanto ela destrancava o portão.

— Isso é herança de família... Essa e aquela também — ela apontou para uma casa bonita, que ficava do outro lado da rua.

Era antiga, assim como a sua, só que parecia ser menor.

— Quem vive nela? Seus pais?

Ana revirou os olhos e puxou as malas para dentro da garagem.

— Meu irmão, o que dá no mesmo, porque ele é bem pior que os meus pais. Pega no pé, atrapalha os meus namoros, e não é à toa que eu estou encalhada... Graças a Deus o dia de Santo Antônio está chegando e eu juro que dessa vez vou compra um pedaço daquele bolo que faz achar marido...

— Bolo que faz achar marido? — outra vez não me segurei e caí na gargalhada.

— Vamos entrar... Piracicaba tem um monte de tradições divertidas... Festa do milho, festa das Nações, o bolo de Santo Antônio... Eu te conto tudo depois que eu matar essa fome, antes que ela me mate!



A sensação que eu tive, foi de estar dentro de uma casa de avó... Todos os móveis eram antigos e muito bonitos. O quarto em que Ana me instalou, tinha paredes claras e uma delas era colorida por um papel de parede listrado de azul-claro.

Coloquei as minhas malas em um dos cantos e respirei o cheiro de tempero que vinha do anda de baixo.

Ana preparava alguma gororoba, como ela mesma tinha dito, para comer e eu pedi para tomar um banho, tamanha a minha exaustão.

— Ovos mexidos e miojo... Mas ele está meio mole, acho que passou do ponto. — ela fez uma careta.

Senti meu estômago revirar ao ver aquela meleca estranha distribuída em dois pratos.

— Jura que pretende comer isso?

— Eu, e você também... Fiz pra nós duas...

— Posso dar uma olhada na sua geladeira? — perguntei um tanto sem jeito.

— Claro! — Ela apontou para o eletrodoméstico. — Vai me dizer que você cozinha bem...

Sem nada responder, peguei tudo o que eu precisava para fazer uma comida gostosa, e, me surpreendi pela quantia de comida que havia em sua geladeira e também em seu armário.

— Ao menos você sabe fazer compras... — brinquei, enquanto picava algumas cebolas.

— Eu? Imagine! Quem traz todas essas coisas é o meu irmão... Ele tem um supermercado aqui no bairro e vive me trazendo sacolas.

— Seu irmão é dono de um supermercado?

— É... Fica a dois quarteirões daqui...

— Hum... — murmurei, imaginado que se o tal irmão fosse tão generoso quanto a Ana, talvez pudesse me dar um emprego, uma vez que eu nem sabia como fazer um curriculum. — Será que ele não está precisando de uma funcionária? Eu faço qualquer coisa, até faxina se for preciso.

Ana me olhou de cima a baixo e depois balançou a cabeça.

— Você? Faxineira? Você é muito gata... Tem cara de patroa e não de

empregada.

Puxo o ar e penso que meu dinheiro, embora seja uma boa quantia, não vai durar para sempre.

— Acredite, na condição em que me encontro, faço qualquer coisa que me mandarem... Até tirar o pó de latas de ervilha.

Enquanto sirvo meu risoto de legumes para Ana, ela parece pensar no que eu tinha dito antes.

— Minha amiga... Se tudo o que fizer for tão bom quanto essa comida, eu tenho certeza que emprego não será o seu problema... Fique tranquila... Eu vou te ajudar se prometer que vai sempre cozinhar para mim...

Acho que nunca ri tanto em toda a minha vida, como ri naquela tarde com a Ana. Ela me contou uma dúzia de histórias sobre a sua vida e se antes eu achava que ela era meio maluquinha, ao fim daquele dia eu tive certeza.

Depois de almoçarmos, ela abriu duas latas de leite condensado e fez uma panelada de brigadeiro, quebrou umas bolachas salgadas dentro do doce ainda quente e pôs-se a devorar a guloseima.

Não posso negar que peguei umas colheradas, mas eu sabia que não podia abusar, e mais, sabia que me afogar em um prato de doce não aliviaria meu sofrimento.

Angustiado, tentei me concentrar nas tais séries que Ana me convenceu a assistir, mas meus olhos insistiam em se prender no relógio que ficava na parede.

Faltava pouco para as cinco horas da tarde e esse costumava ser o horário que Richard chegava em casa. Eu só conseguia pensar em sua reação quando se deparasse com a casa vazia, quando se desse conta de que muitas das minhas roupas não estava mais nos cabides e que faltava uma das malas em nosso closet.

Sabia que ele procuraria os meus pais, por isso, achei melhor não dizer para eles para onde eu tinha ido. Quando tomei a decisão de fugir, apenas liguei para eles e disse que a vida do meu filho estava em risco, ainda pedi para que confiassem em mim.

Desliguei sem ouvir a resposta, mas sabia que eles me apoiariam e por isso, a minha consciência estava tranquila.

A cada minuto que o ponteiro avançava, mais o ar faltava em meus pulmões e me sentindo sufocada, aproveitei que a Ana cochilava no sofá, e saí. Eu precisava de ar puro, precisava voltar a respirar.

O bairro era calmo e havia poucas pessoas nas calçadas, mesmo assim, as que eu cumprimentava, me respondiam com muita simpatia. Marquei o nome da rua em minha cabeça, temia me perder, depois, caminhei lentamente, sem rumo, apenas me deixei levar sem nenhuma pretensão.

Como eu pude ter me enganado tanto? Como Richard pôde ser tão cruel e agressivo? Os empurrões e o soco que eu tinha levado pareciam doer como se tivessem acabado de ter acontecido.

Eu tentava lutar contra as minhas lágrimas, mas elas pareciam ter encontrado um caminho sem volta. Sem controle e prestes a sofrer uma crise de pânico, me sentei no meio fio, sob um pé de quaresmeiras; dobrei o meu corpo e enfiei a cabeça dentro dos meus braços.

Doía... Doía muito e eu não sabia se conseguiria superar.

— Moça, está tudo bem com você? — Uma voz masculina surgiu do nada e eu senti que alguém tocou de leve as minhas costas.

Funguei, antes de erguer a minha cabeça para encarar quem me fez a pergunta, e finalmente quando criei coragem, meus olhos pararam direto no rosto de um jovem homem que parecia estar de fato, preocupado comigo.

Seu rosto era delicado, os olhos eram azuis e tinha alguma coisa neles que me pareciam familiares. Os cabelos mal cortados exibiam um tom claro e ainda que estivesse atordoada, só deixaria de notar que no quanto ele era bonito, se estivesse louca.

— Eu... Eu não estou nada bem... — confessei, antes de voltar ao meu choro compulsivo.

— O que eu posso fazer pra te ajudar? Eu vi quando você se sentou aqui e achei que... — seu nervosismo era notório.

Outra vez, a fim de retomar o meu controle, respirei fundo e afastei as minhas lágrimas com as costas das mãos.

— Tudo bem... Foi só uma crise de pânico e já passou... — menti, já tentando me colocar em pé.

— Está falando sério? — Ele insistiu.

— Sim, eu juro que estou melhor, acho que tudo o que eu preciso agora é de um pouco de ar. — Olhei para os lados e vi, ao fim daquela rua, uma espécie de parque natural. — Eu posso entrar naquele lugar?

— A área de laser é pública, qualquer pode entrar nela...

— Bom. — disse, já me imaginado sentada à beira do lago que parecia brilhar sob meus olhos.

— Estou indo até lá, se quiser a acompanho... Ao menos me certifico de que você não vai desmaiar na próxima esquina.

Sem nada responder, apenas sorri e voltei a caminhar. Imaginei que as maiorias das pessoas daquela cidade tinham o dom de me conquistar, porque eu não tinha passado nem cinco minutos com aquele rapaz e já me sentia confortável e até mesmo protegida por ele.



Capítulo 3

Dante

Hoje me dei uma folga, eu precisava urgentemente dela, pois fazia tempo que eu não sabia o que era isso, ser dono de um supermercado era mais complicado do que eu imaginava.

Eu gostava de estar por perto dos meus funcionários, e ajudar no que fosse possível, aprendi com o meu pai que um bom líder mostra como fazer e não apenas manda.

Acordei mais cedo que o normal, eu tinha um objetivo, visitar os meus pais. Nossas casas não ficavam muito longe uma da outra, mesmo assim, fazia tempo que não nos reuníamos e eu queria fazer uma surpresa para a minha mãe.

Fazia muito calor, por isso me vesti de forma simples. Shorts e camiseta. Com minha carteira na mão, fui direto até o meu carro, que já estava na rua, antes de partir, dei uma olhada na casa da minha irmã.

Tudo calmo, sem a sua típica música alta, que já cedo costumava incomodar a vizinhança. Ela tinha feito uma viagem a trabalho, era modelo fotográfica. Imaginei então que a furacão Ana Flávia ainda não tinha voltado.

Preocupado como sempre, resolvi ligar para ela, que me atendeu ao terceiro toque. Um milagre, já para conseguir falar com ela, eu costumava ter

que tentar por mais de dez vezes. Outra surpresa foi seu tom de voz, calmo e sereno, duas coisas que não combinavam com a caçula Ferraz.

Quando questionei se ela estava bem, Ana Flávia acabou me contando que tinha conhecido uma mulher no ônibus e que ela estava adormecida, por isso sua voz controlada, disse também que estava chegando e quando contei que iria fazer uma visita aos nossos pais, ela apenas mandou que eu desse um beijo neles, por ela.

Minha irmã era outra que ficava semanas sem fazer uma visita a eles. Ofereci-me para pegá-la na rodoviária, mas ela rejeitou. Outra coisa estranha.

A fim de não me prolongar naquela ligação, despedi-me pensando que deixaria para me preocupar com as maluquices da Ana depois.

Dei partida no carro e liguei o rádio. Não tive como não rir, ainda que eu não quisesse pensar nela, a folgada era espaçosa e, o CD que tocava era um de suas cantoras preferidas.

"Preciso parar de emprestar meu carro para a minha irmã!"

Quando cheguei à casa da dona Adriana, mal estacionei ela já me esperava na calçada. Desci e ela agarrou-me pela camiseta e encheu meu rosto de beijos. Para ela, não importava que eu já fosse um homem, minha mãe tratava a mim e a minha irmã, como se fôssemos bebês.

— Bom dia, dona Adriana... Como a senhora está? —perguntei, abraçando-a.

— Como eu estou? — Ela fez uma careta e colocou as mãos na cintura. — Eu estou morrendo de saudades dos meus filhos desnaturados, que sequer visitam a mãe! Isso é falta de um puxão de orelha, viu Dante Ferraz?

Ela tinha razão, era errado passar tanto tempo sem vê-los, mas eu andava tão atarefado com meu trabalho que nem via o tempo passar, e nas poucas horas vagas, eu aproveitava para me divertir um pouco, indo a barezinhos com meus amigos.

— Tudo bem me cobrar, mas e a Ana Flávia? Ela também passa semanas sem aparecer...— tentei desviar o foco.

— Ela é outra ingrata... Depois que se pai deu uma casa para cada um de vocês, foi como entregar-lhes uma carta de alforria... — ela passou um dos braços em torno da minha cintura, guiando-me para dentro de sua casa.— Eu sei que ela está viajando, mas quando chegar, vai ter que se explicar também. Mas agora me conta, veio aqui para dizer que arrumou uma nora para mim?

Minha mãe era louca por crianças e não via a hora de ser avó. Como sabia que Ana Flávia não sabia cuidar nem de si mesma direito, as cobranças recaíam todas sobre mim.

— Mãe eu ainda não achei a mulher que vai virar o meu mundo de cabeça para baixo e vai fazer eu me apaixonar ao ponto de eu me casar e ter filhos com ela, mas prometo que quando isso acontecer, a senhora será a primeira, a saber.

— Olha lá... Eu vou cobrar— apontou o dedo para mim.— Vamos tomar café, pois aposto saiu de casa sem comer nada... Seu pai está lá dentro lendo seu jornal, como sempre.

Entrei abraçado a ela, minha mãe era uma das mulheres mais fortes que eu já havia conhecido e eu tinha muito orgulho dela.

— Olá meu filho, como você está?— ele se levantou para abraçar-me também. — Daqui, eu estava ouvindo as cobranças da sua mãe... Por isso ele evita vir nos visitar... Nosso filho é novo, deixa ele aproveitar a vida.

— Relaxa, pai!— Usei um tom mais baixo.—Eu sei como dobrar a velha...

— Olha o respeito garoto, eu sou sua mãe, velha é a minha sogra — provocou a minha mãe, entrando na brincadeira. Meu pai lançou aquele olhar para ela, do tipo: você está falando da minha mãe... — Estou brincando amor, fique tranquilo.

— Tem notícias da sua irmã? —perguntou meu pai, agora mais sério.

— Está chegando de viagem, falei com ela não faz quarenta minutos.

Ele fez uma carranca e minha mãe piscou para ele, ambos sabiam que não tinha como segurar a Ana Flávia.

Para colocar a conversa em dia, passei a manhã inteira com meus pais. Rimos, almoçamos e nos divertimos bastante na piscina.



Era quatro da tarde quando resolvi ir embora, com o corpo ardendo por causa do sol que eu tinha pegado, olhei para a rua do porto e decidi estacionar, queria tomar um sorvete, daqueles de palito.

Caminhei alguns metros, a brisa fresca contra o meu rosto parecia aliviante, olhei para o lado e algo prendeu a minha atenção. Sob uma árvore, sentada no chão com seu corpo curvado, uma mulher chorava. Dava para

ouvir os soluços de longe, então eu resolvi me aproximar e perguntar se ela precisava de ajuda.

Os cabelos castanhos eram longos, a pele clara e eu me aproximei. Toquei suas costas com leveza, ela ergueu a cabeça e me encarou.

Linda! Com certeza a mulher mais bonita eu já tinha visto em toda a minha vida. Ainda que estivesse chorando.

Como alguém que muda de canal, ela respirou fundo e sorriu. Disse que estava tudo bem e seguiu rumo à área de lazer. Confuso, e pensando pelo bem-estar dela, ofereci-me para ir junto. Ela não se opôs.

Deixei que ela fosse à frente, assim, eu podia observá-la. Sem saber se ela estava mesmo bem, permaneci em seu encalço, temendo que algo de ruim pudesse acontecer a ela, que demonstrava não conhecer bem o local.

Eu tinha tanto para perguntar, queria conversar com ela, saber a razão do seu pranto, minutos atrás, mas ela parecia estar vivendo uma experiência particular.

O jeito como olhava para o horizonte, a forma como respirava e também o sorriso, espontâneo e cheio de significados latentes.

Em meio a tantas pessoas que se exercitavam ali, ou que apenas caminhavam aproveitando o ar puro que aquele lugar tinha para oferecer, a bela mulher se destacava aos meus olhos e por instantes, observá-la foi tudo o que eu quis fazer.

Quando resolvi me aproximar, ela abriu seus braços e girou o seu corpo, nos rosto, outro sorriso, dessa vez, como se acabasse de descobrir algo muito importante.

Como era linda!

Mas quem seria ela?

Qual seria sua história?

Curioso, aproximo-me, ansioso por mais do que eu tinha.

— Posso ao menos saber seu nome?

Ela me encarou, parecia pensar se responderia ou não.

— Eu sou a Lídia Falcão e você? — perguntou ela, me analisando. Era desconfiada.

— Eu sou o Dante Ferraz. Você é da cidade ou só está de visita? — Quis logo saber.

— Acabo de me mudar, portanto, agora sou daqui.

— Então, seja bem-vinda. Espero que possa aproveitar muito esta

cidade. Piracicaba tem muito a oferecer.

— Obrigada... Vou ter tempo o bastante para conhecer, infelizmente preciso ir. Foi um prazer te conhecer, Dante.

— O prazer é todo meu.

Ela se afastou, sem ao menos olhar para trás.



Capítulo 4

Anne

Voltei para a casa da Ana com o sentimento de esperança renovado, sabia que ainda era cedo, afinal, não fazia nem 24 horas que deixara a minha vida, aquela que eu jurava que teria um final feliz, e agora, caminhando por uma cidade onde eu só tinha ouvido falar, vi que poderia sim me refazer, me reinventar, afinal, o que Richard fizera comigo não tinha perdão e se antes eu o amava com todas as forças, naquele momento eu só conseguia pensar em odiá-lo.

Na sala, encontrei a Ana ainda adormecida, a volta da boca estava toda suja de chocolate e ela tinha, de fato, terminado de devorar uma panela inteira de brigadeiro. A mim, parecia estranha a empatia que senti por ela, sabia que éramos tão diferentes, mas ainda assim, eu conseguia enxergar a premissa de uma amizade duradoura. Sentei-me no sofá, permaneci olhando para ela por alguns minutos e, outra vez fui traída por meus pensamentos.

O Relógio, esse que sempre foi meu guia, uma vez que eu tinha horário para tudo. As refeições, as visitas aos meus pais, tudo tinha um horário certo, porque Richard era muito sistemático.

Sete horas da noite, era o que os ponteiros acusavam eu sabia que

àquela altura, meu marido deveria estar virando a nossa cidade de cabeça para baixo atrás de mim.

Consumida pelo pânico daquela ideia, voltei à cozinha e resolvi lavar a louça. Enquanto ensaboava os pratos, pensei no rapaz que havia conhecido momentos atrás. Balancei a cabeça enquanto ria do nome inventado por mim, Lídia falcão. De onde eu tinha tirado isso? Mentir meu nome até que era uma boa opção, já que Richard com certeza iria me procurar pelos quatro cantos do mundo e as cidades vizinhas certamente seriam por onde ele começaria, só que eu já tinha dito à Ana meu nome verdadeiro, portanto, era tarde demais para uma mudança de identidade. Ainda perturbada com a ideia de que seria "caçada", me preocupei com a minha aparência.

Eu mesma já tinha presenciado encontros entre Richard e detetives particulares, em seu escritório dentro da nossa casa. Normalmente ele entregava fotografias da pessoa que seria procurada, além de fazerem simulações sobre mudanças de cortes e tonalidades dos cabelos. Olhei para os meus longos fios castanho-claros e pensei se deveria mudá-los, uma ideia que me chateou e que eu preferi deixar para pensar melhor depois.

— O que você está fazendo? — Ana apareceu se espreguiçando, depois, puxou uma cadeira e se sentou.

— Bolo de laranja... É pra gente comer amanhã no café — respondi, enquanto colocava a forma no forno.

— Menina do céu... Do jeito que você cozinha bem, daqui a um mês eu não passo por essa porta. Meu irmão vive pegando no meu pé, dizendo que eu tenho que entrar pra uma academia ou correr com ele na área de laser...

— Eu fui até lá... Eu fiquei cansada dessas séries que você estava assistindo, sem contar que meia hora depois você já estava roncando no sofá, então decidi dar uma explorada no bairro e caí justamente nessa tal área de laser. Ana fez uma careta.

— Eu estava moída, sem contar que o açúcar deve ter me dado ainda mais sono... — ela bufou. — Gostou de lá? Andou nos pedalinhos?

— Não, não andei, mas o lugar é incrível... O ar puro, o vento fresco e aquele lago... Tudo ali é muito bonito. — Resolvi omitir a parte do Dante.

— É mesmo, e se quiser, amanhã podemos andar no pedalinho e... Ah! que droga, amanhã eu tenho que fazer uma visita aos meus velhos, é isso ou o Capitão vai estar na minha porta com uma cinta nas mãos...

— Capitão? É seu pai?

— Não, meu irmão. Esse é o seu apelido de infância, ele sempre foi tão mandão comigo, que o apelidei de Capitão e acabou ficando...

— Entendi... — Acabei rindo. — Aproveitando que estamos falando do Capitão, conversa com ele sobre um emprego pra mim... Por favor. — Juntei as mãos enquanto pedia.

— Eu vou falar. — Ela assentiu com a cabeça. — Deixa comigo, vou ser sua empresária.

Não tinha jeito, todas as conversas com a Ana se inclinavam para o cômico. Ela era mesmo uma palhaça.



Ainda não era nem cinco da manhã quando despertei, e também pudera, uma cama que não era minha, lençóis que não eram os meus e o meu corpo estranhou. Permaneci mais um tempo deitada e quando os primeiros raios de sol entraram pelas frestas da janela, eu me levantei.

O bolo tinha ficado incrível e ainda que eu tivesse pedido à Ana para não mexer nele enquanto quente, lá foi ela, cortou uma farta fatia e devorou-a. Aproveitei a minha falta do que fazer e preparei uma calda para o bolo, passei um café e pus a mesa como eu fazia na minha casa.

Quando Ana apareceu na cozinha, seus olhos brilharam como os de uma criança que acaba de ganhar a primeira bicicleta.

— Bom dia, luz do dia! — Ela me abraçou depois de um beijo em meu rosto.

— Bom dia! — respondi, rindo.

— Você só pode ser um presente de Deus... Tipo uma recompensa por eu ser uma boa garota. —ela piscou por algumas vezes, fazendo charme como uma menininha.

— Você é mesmo maluca...

— E você já me ama... Admita... — ela afirmou com a boca cheia de bolo.

— Acho que sim... Acho que eu. — interrompi a minha fala assim que ouvi a música Ilariê da Xuxa, ecoando pela cozinha.

— Ah, droga! Eu não disse? Olha aí, o Capitão me ligando já cedo... —Ela segurou seu aparelho celular e resmungou olhando para a tela dele. —

Fala, irmãozinho mais lindo do mundo... Eu sei... Eu vou... Capitão, será que você não tem umas latas de ervilhas para empilhar, ou azeitonas para tirar o caroço, sei lá, algo mais interessante do que cuidar da minha vida? — Tapei a minha boca, do contrário, teria caído na gargalhada. Ana continuava devorando o bolo, enquanto implicava com o irmão.

— Pergunta do emprego... — sussurrei quase que sem emitir som.

— Agora é sério... Eu tenho um assunto muito importante pra tratar com você — começou, enquanto me encarava fazendo caretas. — Eu estou grávida! Você vai ser tio!

Não sei qual é a reação do irmão da Ana, mas pela cara dela, percebi que ele não tinha gostado nada do que acabara de ouvir. Ela afastou o telefone do ouvido e mesmo eu que estava do outro lado da mesa, acabei ouvindo os xingamentos que vinham dele.

— Calma, Capitão! É brincadeira... — Ela riu copiosamente. — Agora de verdade... Se lembra da minha amiga? Aquela que veio comigo no ônibus... Então, ela precisa de um emprego e eu jurei que você vai dar uma chance para ela no seu supermercado... A garota é fantástica, é linda, cozinha bem, faz um bolo de laranja dos deuses e, ainda vai ser a minha companheira de corrida, nós vamos nos exercitar todos os dias lá na área de laser. — Ela terminou a frase e piscou para mim. — Sério... Ela conseguiu me convencer que os exercícios fazem bem pra saúde... Eu sabia que você não diria não para sua irmãzinha mais preferida... Eu vou visitar os velhos daqui a pouco e vou levar minha amiga também... Isso, assim vocês já se conhecem... O nome dela? Anne, a minha amiga se chama Anne.

— Agora eu tive a comprovação de que você é mesmo louca! — Joguei uma bolinha de papel toalha nela.

— É, só que a louca aqui, acabou de conseguir uma entrevista de emprego pra você... Em uma hora temos que estar na casa dos meus pais... O capitão está indo para lá, então vocês conversam.

— Pelo jeito que você fala dele, eu já começo a ter medo...

— Não precisa... A única coisa que quero te pedir, é que não fale sobre a sua gravidez... A minha brincadeira acabou estressando ele, e, é melhor não falar sobre nada que envolva fraldas e chupetas...

— Está me dizendo que eu devo mentir? — indaguei com confusão.

— Não. Apenas omitir. Espere conseguir o trabalho, mostre seu potencial e depois, quando sua barriga estiver crescendo, você nem vai

precisar falar nada...

—Mas isso é errado.

— Anne, meu amor... Você acha mesmo que as pessoas contratam gestantes? De jeito nenhum, e é por isso que estou dizendo, não fale nada, depois vemos o que acontece...

A Ana tinha razão, contratar alguém que em poucos meses vai precisar sair de licença maternidade, é mesmo um tiro no pé, então, ainda que eu não gostasse, o que seria mais uma mentira, diante de tantas que eu teria que contar?



Por todo o caminho, Ana me falou sobre os seus pais, sobre como eram legais, generosos, mas que a mãe era muito ciumenta.

— Ela coloca defeito em todos os meus pretendentes, agora com o Capitão, fica bancando o cupido o tempo todo. Ela quer muito ser avó, só que de um neto dele, na verdade a minha mãe acha que eu não sou capaz de cuidar de uma criança...

— Eu ainda não conheço a sua mãe, mas tenho que concordar com ela... Fico imaginando você criando um bebê à base de macarrão instantâneo e brigadeiro. — ri, enquanto ela fez uma careta.

A casa onde a família da Ana morava era muito bonita. Um sobrado enorme, com muros cobertos por plantas, e com portões fechados.

— Que bela residência — elogiei, assim que Ana fez, depois de apertar um pequeno controle remoto, o portão se abriu.

—Olha aí... Eu toda preocupada de estamos atrasadas e o meu irmão ainda nem chegou.

—Eu estou nervosa... Essa vai ser a minha primeira entrevista de emprego. — confessei com meus olhos explorando o grande jardim por onde passávamos.

— Não se preocupe! — ela segurou a minha mão. — Agora vamos, eu estou com saudades dos meus velhos. Atravessamos a garagem e entramos pelos fundos da casa, na cozinha o cheiro de café agradou o meu olfato.

— Minha nossa! Quem é você? —Uma senhora muito elegante se levantou de uma cadeira onde estava sentada e parou na frente da Ana.

—Perdeu a memória, mamãe?

—Não, apenas me esqueci do seu rosto, afinal, você é uma filha desnaturada...Viaja e não me faz nenhum telefonema — a senhora resmungou, mas logo estava com os braços em volta do corpo da loira maluquinha.

—Não faz drama... Agora veja quem eu trouxe. —Ana se virou para mim. — Minha amiga Anne.

—Prazer, a senhora tem uma filha fantástica e agora eu vejo para quem ela puxou a beleza... —Inclinei-me para beijá-la no rosto.

—Você também é linda, e muito gentil, mas tenho que admitir, a genética da nossa família é mesmo fantástica... Já conheceu o meu filho? Ele é mais bonito do que esses galãs da televisão.

—Que exagero, mãe! —Ana reclamou. Ela estava parada de frente para o fogão, destampando todas as panelas que repousavam sobre ele.

—E eu estou mentindo? Seu irmão não é mesmo um gatão?

Ana revirou os olhos e depois bufou com as mãos para o alto.

—Pior que é verdade... Meu irmão é mesmo lindo, mas é chato na mesma proporção.

— Eu posso pegar os álbuns de fotografias... Tenho recordações de várias fases da vida dos dois. — Quer mesmo me humilhar, não é mãe? — Ana encheu um prato com algo que parecia ser arroz doce e se sentou em uma das cadeiras.

—Eu fui uma criança gorda...

— Mentira dela! — Sua mãe deu um tapa em seu braço. — Essa menina parecia uma bonequinha... Espere aí, eu já volto. — Ela disse dando as costas para nós.

— Agora ela vai trazer uns dez álbuns e você vai levar o dia todo para ver as milhares de fotografias minhas e do Capitão.

— Sua mãe é um doce... — elogiei, porque de fato havia gostado dela.

Quando voltou à cozinha, a mãe de Ana tinha no braço, três álbuns grossos com capas de couro vermelho. Abri o primeiro, e ele exibia registros dos filhos de Adriana, quando ainda eram bebês.

Duas crianças fofas, loiras de olhos claros. Como eu fora avisada, existia mesmo centenas de imagens delas.

— Olha aí... Ele chegou! —Ana se levantou da cadeira quando ouviu o barulho que vinha do portão. — Eu vou até lá receber meu irmãozinho...

—Seu pai já deve ter descido... Se bem, que ontem, nós dois enchemos a cara de vinho, e quando isso acontece, ele só acorda na hora do jantar.

— Eu tenho pais alcoólatras... — zombou ela. — Eu vou, daqui a pouco a Anne vai chegar nas fotografias em que eu parecia aquele boneco da Michellin, cheia de dobras e eu prefiro me poupar da vergonha. — Voltei a rir.

—Essa menina... Às vezes eu acho que ela não saiu da minha barriga.

—A Ana é meio doidinha, mas eu nunca conheci alguém com um coração tão grande— elogiei, sem tirar os olhos das fotos. —Ela foi um bebê lindo... Olha que graça vestida com caipirinha de festa junina...

—Eu adoro essa foto, mas a minha filha odiava que eu fizesse as pintinhas em seu rosto, ela queria bigodes de gato, repare... — Adriana apontou para a imagem da filha e nós duas caímos na gargalhada.

—Aposto que estão rindo da palhaça aqui! —Ana voltou.

—Você sempre foi uma linda, sua boba. — elogiei sem olhar para ela. Ana limpou a garganta com alguns pigarros.

—Anne, conheça o meu lindo irmão e seu futuro patrão... Dante, ou para os mais íntimos, Capitão. O nome me chamou a atenção e, ao me virar para encará-lo, senti o chão faltar sob os meus pés.

—Dante? —Arregalei os meus olhos, enquanto os dele permaneciam sobre mim, me analisando. Em seu rosto, um ar de confusão que fez meu rosto fervilhar de vergonha.

—Anne? —Ele se aproximou de mim. — Eu achei que tivesse me dito que se chamava Lídia... Lídia Falcão.

—Espere aí! —Ana se colocou entre nós. —Que história é essa de Lídia? Ou melhor, vocês se conhecem? — Sentindo o constrangimento se multiplicando em cada uma das células do meu corpo, eu me levantei.

—Ontem, quando fui à área de laser eu acabei conhecendo o Dante, ou o seu irmão...

—Isso mesmo... Eu a encontrei um pouco...Bem, essa moça não parecia estar se sentindo bem, então eu a acompanhei até lá.

— Eu não menti meu nome por mal, apenas tive medo... Sei lá, eu tinha acabado de chegar nesta cidade, então... —Inventei a desculpa na hora e pelo sorriso no rosto de Dante, ele parecia ter acreditado.

— Menina esperta. —Adriana se intrometeu. —Eu sempre digo à

minha filha para não confiar em estranhos...

— Mãe, eu sou totalmente confiável — Dante reclamou.

— Mas ela não sabia disso... — Ana me defendeu. — Mãe, o que acha de irmos acordar o papai, ele precisa almoçar e eu estou com saudades dele.

— Ah... Claro, tem razão... Mas por favor, não fique pulando no meu colchão como se fosse uma garotinha. Da última vez que fez isso, quebrou a minha cama.

As duas partiram da cozinha, deixando Dante e eu a sós.

— Me desculpe — comecei. — Eu realmente não fiz por mal.

— Imagine. — Dante sorriu e eu não pude deixar de notar que seus dentes eram lindos, retos e brancos. — Então, vai viver aqui em Piracicaba e precisa de um emprego?

Assenti com a cabeça.

— Eu preciso muito trabalhar... — Dante ficou em silêncio por um tempo, como se tentasse ver mais do que eu podia mostrar.

— O que acha de irmos até o jardim? — Ele mudou de assunto.

— Tudo bem, mas ainda estou sendo entrevistada? — Coloquei-me do seu lado.

— Digamos que sim. — Ele piscou para mim e eu senti em meu peito uma agitação estranha.

Em baixo de um pé de ipês amarelos, nos sentamos em um banco de ferro fundido. Dante se mostrou muito simpático e outra vez, ao seu lado eu me senti bem.

— Já trabalhou em quê? É formada em alguma coisa? — perguntou-me com os olhos grudados nos meus.

— Eu nunca trabalhei na minha vida, mas sei tudo sobre como cuidar de uma casa e se me conseguir uma vaga de faxineira, vou deixar seu supermercado brilhando — disse, me sentindo envergonhada por não ter uma experiência sequer. Dante parecia partilhar o mesmo sentimento comigo, uma vez que seu rosto ficou paralisado.

— Faxineira? Uma mulher como você? — Ele pareceu ter pensado alto e sua cabeça se moveu de maneira negativa.

— Olha Anne, eu vou ser muito sincero com você. Eu não tenho nenhuma vaga disponível, mas eu quero que trabalhe para mim... Amanhã você começa e digamos que você vai ser uma faxineira, vai ajudar onde precisarmos. Pode ser?

— Está falando sério? —perguntei, achando que tinha sido muito mais fácil do que eu imaginava. — Vai mesmo me contratar, assim, sem mais perguntas, ou referências?

Dante mordeu o lábio inferior, seus olhos fulgiram como se ele estivesse encantado com algo que via em mim.

—Pode parecer estranho, mas eu confio em você.

—Eu... Eu nem sei o que dizer... Aliás, sei sim. Muito obrigada!

Dante estendeu a mão na minha direção e eu apertei dentro da minha. O calor vindo dele e a delicadeza do seu toque me fizeram estremecer.

—Parceiros de trabalho? —ele perguntou com a voz rouca.

—Parceiros. —respondi, tomada por uma felicidade sem igual.



Capítulo 5

Dante

Depois que acertamos tudo sobre o trabalho, continuamos conversando. Anne era uma mulher muito agradável, sem contar como era linda, sem dúvidas a mulher mais bonita que eu já tinha visto pessoalmente. Então, era justamente por isso que eu ficava me perguntando onde estava com a cabeça ao oferecer o emprego para ela.

Não que eu duvidasse da sua capacidade, longe disso, afinal, qualquer função que ela viesse a exercer no meu supermercado, não seria mistério nenhum, na verdade, a minha preocupação justamente pela maneira que ela me atraía.

Enquanto ela falava sobre os seus dotes culinários e sobre como sabia costurar, bordar e pintar, eu só conseguia reparar no jeito que ela sorria, em como colocava os cabelos atrás da orelha e como os olhos brilhavam quando comemorava a chance que eu estava dando a ela.

Àquela altura, eu já não me importava mais se ela tinha ou não alguma experiência, nem se ela atenderia as minhas expectativas como funcionária, porque cada vez que o vento soprava trazendo o cheiro delicado do perfume dela, tudo o que eu mais desejava era saber quem ela era. De verdade. Eu tinha fome de informações.

—Posso te fazer uma pergunta? —Apoiei a cabeça em minha mão, encarando-a diretamente.

—Se eu puder responder... — disse ela, cheia de timidez, e foi inevitável não sorrir. Ela me lembrava muito as garotas com quem estudei no colegial. Assim como elas, as bochechas de Anne coravam quando eu me fazia mais incisivo.

—Você tem namorado? —Não resisti. —Não me leve à mal, mas como eu sou solteiro, alguns maridos e namorados das minhas funcionárias acabam incomodados, então fiquei pensando que se tiver um namorado, ele pode não gostar de você trabalhar para mim.

Ela olhou para cima e suspirou.

—Então... A minha situação é complicada... —Ela fez uma careta. — Eu sou casada, mas quero me separar, na verdade, eu preciso me separar, mas como eu disse, não é algo que dependa só de mim, portanto, eu preciso esperar.

Não posso negar que foi decepcionante. Um balde água fria bem encima da minha cabeça.

—Casada? Nossa! Agora você me pegou de surpresa... Parece tão jovem que eu não imaginaria que... —Foi inevitável não expor meu desapontamento.

Anne endireitou as costas e seu semblante se fez sério.

—Fui criada pelos pais para me casar, formar uma família cedo e, quando eu conheci o meu marido tudo foi mágico, então, nos casamos, sem ao menos termos um namoro longo... Aconteceu tudo tão de repente que eu sequer pude escolher meu vestido de noiva... A festa, as flores que decoraram a igreja, tudo foi comandado e decidido pelos nossos pais.

Enquanto ela relatava aquele pedaço da sua história, pude perceber uma ponta de emoção em suas palavras. Eu só não sabia dizer o que aquilo significava.

—Não quero parecer intrometido, ou pior, inconveniente, mas, por que acabou? Você disse que tudo aconteceu de forma mágica... Então, o amor acabou? — Cruzei os braços e esperei ansioso que ela respondesse a minha pergunta.

Outra vez tive a impressão de que ela pensou muito antes de dizer alguma coisa. Ela abriu e fechou a boca algumas vezes e quando parecia ter resolvido falar a voz estridente da minha irmã acabou por quebrar o nosso

clima.

—Parem de namorar! Vocês terão muito tempo para se conhecerem melhor!

—Como sempre, fazendo suas piadinhas sem graça.

Anne ficou mais vermelha que um tomate maduro.

Voltamos para o interior da casa, agora, além da minha mãe e da minha irmã, meu pai estava sentado à mesa. Os três riam de algo, enquanto devoram tigelas de arroz doce.

—Isso aqui está uma delícia, mas não chega nem perto das coisas que a Anne faz... Mãe, ela quer me transformar numa baleia, todos os dias o cardápio em casa é mais requintado que o de um restaurante. —Ana Flávia reclamava enquanto puxava a pele da barriga, que não tinha gordura nenhuma, mas minha irmã sempre foi dramática e eu já nem me assustava mais.

Anne parou ao lado dela e apoiou a mão sobre seu ombro.

—Você é uma exagerada... Eu confesso que cozinho bem, mas nada além do normal.

Meu pai, que até então, observava tudo em silêncio, levantou da cadeira e caminhou até a Anne com a mão estendida.

—Ela é mesmo muito bonita. —Piscou para minha mãe. —Prazer, sou Antônio Carlos, pai desses dois.

—Prazer, sou Anne. É uma honra conhecer a pessoa que educou tão bem essa pessoa maravilhosa que é a Ana Flávia.

Minha irmã ficou fazendo poses enquanto era elogiada e minha mãe apenas balançava a cabeça em negação.

—Não me disseram que além de linda era tão gentil... —falou meu pai em voz alta, enquanto, disfarçadamente me dava um cutucão. —Filho, é a mulher perfeita para você... — A frase veio como um sussurro e dessa vez, fui eu que senti o rosto em chamas.

—Anne, nos conte como foi que veio parar em Piracicaba. —Minha mãe mostrou-se muito interessada pela convidada.

Mais à vontade, ela puxou uma cadeira e deixou os olhos perdidos no centro da mesa, então, correu os olhos por todos que ali estavam presentes e sorriu com um certo desgosto.

— Quero recomeçar a minha vida. A verdade é que me casei muito jovem, mas meu conto de fadas acabou assim. —ela estralou os dedos. —

Estou saindo desse relacionamento, e isso é algo necessário. Eu precisava de tempo, de afastamento e para falar a verdade, nem sei como vim parar aqui. Tudo o que fiz foi parar no primeiro guichê de comprar a passagem. Meus planos se resumiam em comprar uma casa pequena, com sorte, arrumar um emprego, o primeiro da minha vida, já que eu sempre fui dona de casa. —ela voltou a corar. —Mas, tudo mudou depois que uma louquinha sentou ao meu lado no ônibus, e ela me divertiu durante toda a viagem ao contar os seus dramas de como não consegue desencalhar...

Todos riram, e claro, só podia ser a minha irmã para falar esse tipo de coisa a uma pessoa que tinha acabado de conhecer.

— Mas, e o seu marido? — outra vez foi minha mãe a interlocutora da pergunta.

—Nossa história acabou de um jeito que não foi muito bom. Ele não sabe para onde eu vim. Na verdade, eu saí às escondidas, sabia que ele não me daria o divórcio por livre e espontânea vontade, então... Sou uma foragida. —Ela ergueu as sobrancelhas. —Eu sei que ele é muito influente e que deve estar me procurando, ele é advogado e tem seus meios, mas eu pretendo evitar isso ao máximo e acho que Piracicaba seria o último lugar que ele pensaria, uma vez que eu mesma nunca tinha ouvido falar daqui.

A história causou-me calafrios, e, algo me dizia que havia mais coisas do que ela estava contando, ainda assim, fiquei muito admirado com a sua coragem, tanto por ter fugido, quanto por estar nos revelando sua situação.

—Nossa! Menina, estou passada na farofa e jogada no asfalto! — gritou a minha irmã com as mãos em torno da boca.

—Desculpe não ter contado isso antes, mas eu não sabia em quem confiar, só que agora, ao conhecer toda a sua família, eu me senti confortável para tocar nesse assunto. Acho justo que saibam a minha atual situação.

Minha mãe balançou a cabeça de forma positiva e caminhou até a Anne.

— Obrigada pela confiança, minha querida... Isso só mostra o seu real caráter. —ela era incrível, sempre tinha as palavras certas em momentos certos.

Desejando mudar o foco das coisas, Ana voltou a folhear os álbuns de fotografias e pôs-se a zombar dela mesma. Passamos o resto da tarde rindo e jogando conversa fora, e, a impressão que eu tinha era a de que Anne já fazia parte da nossa família há tempos.

—Mãe, obrigada pelo almoço, estava delicioso, mas agora eu preciso ir. —Beijei o topo de sua cabeça, voltando então, a minha atenção a Anne. — Foi um prazer ter te reencontrado, agora sabendo seu nome verdadeiro.

Ela franziu o nariz e eu achei um charme.

—O prazer foi meu, e outra vez, obrigada pela chance...

—Se quiser pode ir jantar em casa! A Anne vai cozinhar algo extraordinário. — minha irmã interveio, sem ao menos consultar sua hóspede.

—Filha! Não é para fazer a menina de empregada, ou melhor, de babá, porque criança como você é. Anne, minha querida, não deixe ela explorar você, viu? — reclamou, dona Adriana.

—Imagine! Eu adoro cozinhar e já estava nos meus planos uma lasanha com vinho branco.

—Nossa! Se eu não tivesse marcado um encontro na ONG, até eu passaria na casa da minha filha. Sem contar que meu marido quer me levar para jantar fora, hoje... — se derreteu enquanto abraçava meu pai.

Embora já tivessem muitos anos de casados, o amor entre os dois continuava vivo e era lindo ver o carinho que tinham um pelo outro.

—Eu não sei se posso ir... Acabei marcando um compromisso, mas ligo avisando, tudo bem, anão de jardim? —provoquei minha irmã, sabia que ela odiava que eu a chamasse assim.

Ela fez uma careta e deu um tapa em meu ombro. Ela tinha complexo com altura, seu sonho era ser modelo de passarela, mas teve que se contentar em ser apenas fotográfica.

Trocamos algumas provocações típicas de irmãos e acabamos fazendo todos rirem. Saí de lá com uma sensação de vazio no peito. Se pudesse teria ficado mais, só que combinara de encontrar o Lorenzo, meu melhor amigo e por isso, não poderia furar.

Meu telefone tocou, no visor a cara do meu amigo apareceu enorme.

—Cara! Onde você está? —gritou ele.

—Ei! Não grita comigo, seu filho da mãe! Só vou passar em casa e trocar de roupa e já chego aí.

—Sempre atrasado... A Amandinha e a Marcela já chegaram, se bobear, fico com as duas para mim.

—Eu tive um almoço com a minha família, fazia tempo que eu não me reunia com os meus pais.

—Ai, que chatice... —zombou. —Vê se não demora, estamos esperando!

—Não enche o saco, cara! — gritei, antes de desligar, sem deixar que ele me respondesse.

Em minha casa, tomei um banho rápido e me vesti, bem arrumado, como gostava. Confesso que sempre fui vaidoso, e não via problema nenhum nisso. Com a carteira e o celular nas mãos, voltei para o carro e saí, no rádio, uma canção romântica me fez pensar nela. Anne. Senti vontade de mudar a rota, mas aquilo estava ficando perigoso demais.

Assim que coloquei os pés naquele bar, as vozes, o cheiro de perfume misturado com bebida e as gargalhadas me fazem sentir arrependido. Mesmo sabendo que em poucas horas eu teria uma bela loira deitada em minha cama, não tenho vontade alguma de estar ali, ainda assim, cruzo o lugar e encontro meu amigo e as duas mulheres sentados em volta do balcão.

Ao me aproximar, dou um tapinha nas costas do Lorenzo que já parece estar sob o efeito do álcool.

— E aí, cara? Beleza?

—Beleza é escambau! As meninas e eu estávamos achando que você não chegaria! Parece uma noiva se arrumando...

—Como você é engraçadinho... —usei o meu tom mais sarcástico. — Meninas, peço desculpas, mas vocês sabem, família é família...

— Relaxa gato... Esperar por você não é nenhum problema. — Marcela pisca para mim. —Eu sei que vai valer à pena. — ela passa a língua por seus lábios, com certa vulgaridade.

—Que bom, linda. —Sento-me ao lado dela e seu perfume me parece doce demais. — O que vocês estão bebendo?

—Eu, um Martini, ela, uma caipirinha e o seu amigo está bebendo whisky.

—Vou querer uma dose de whisky também. —avisei ao garçom, assim que ele se aproximou.

—Fiquei sabendo que você é dono de um supermercado... Isso é verdade? —Marcela continuou usando toda a sua sensualidade.

—Sim, sou dono do supermercado Ferraz—respondi, incomodado por Lorenzo ter feito aquele comentário. Eu nunca gostei que as mulheres com quem eu ficava nas noites, soubessem aonde me procurar no dia seguinte.

—Nossa, que legal! — ela tomou um gole da minha bebida, antes

mesmo que eu tivesse experimentado.

Enquanto eu tentava me concentrar na garota que praticamente se jogava sobre mim, Lorenzo seguiu para o banheiro, acompanhado de Amandinha. Era bem a cara dele fazer aquilo.

— O seu amigo gosta de aventuras... Você também? — ela mordiscou um canudo depois de puxar seu vestido para baixo, deixando assim, boa parte do seu seio exposto.

Ela era linda, mas não tanto quanto a Anne, e essa era apenas uma das comparações que o meu cérebro parecia fazer questão de apontar. A Marcenaria era um bar onde eu adorava frequentar, mas naquela noite, tudo o que eu mais desejava era sair dali e dirigir direto até a casa da minha irmã... Estranho, não é?



Capítulo 6

Anne

Embora Dante tivesse deixado claro que não viria para o jantar, uma vez que tinha outro compromisso, eu cozinhei uma quantia de comida que alimentaria pelos menos umas cinco pessoas.

Para variar a Anne tagarelava sem intervalos, ela fazia tantos planos que às vezes eu achava que se esquecia da minha gravidez, mas isso era muito perigo, porque, por mais que eu não quisesse viver sob mentiras, esse era um assunto que por hora eu preferia ocultar do resto da família dela.

Aquelas pessoas haviam me passado uma primeira boa impressão tão grande, que só de me imaginar decepcionando-os e meu coração doía.

—Por que está colocando três pratos? —perguntei enquanto a minha maluquinha preferida arrumava a mesa com cuidado, como se fôssemos receber alguém muito importante.

—Algo me diz que o Capitão vai aparecer por aqui... Eu nem sei por que ele perde tempo saindo com o galinha do Lorenzo... O cara não passa de um babaca que gosta de colecionar mulheres como se elas fossem troféus.

O jeito indignado que ela usou para falar desse tal amigo de seu irmão me fez deduzir que Ana Flávia pudesse ter sido uma de suas vítimas.

—Já saiu com ele? —indaguei, com meus olhos diretos no dela.

Ana parou o que estava fazendo e juntou as sobrancelhas com o ar de quem não gostara nada da minha pergunta.

—Está maluca, Anne? Eu odeio o Lorenzo... Aquele idiota, estúpido e... Lindo. —ela puxou uma cadeira e se sentou enquanto os lábios se crisparam formando um biquinho. —Sabe qual é a verdade? Eu só não fui uma das vítimas dele, porque ele não quis!

Cobri a minha boca para tentar evitar que uma gargalhada escapasse. Estava tão na cara quanto um nariz, que a Ana era caidinha por Lorenzo.

— Deixe-me adivinhar... Ele te vê apenas como a irmãzinha do amigo. Acertei? —apontei o dedo para ela.

—Você é algum tipo de vidente? —ela fez uma careta.

Ainda achando graça das atitudes de Ana, voltei às minhas panelas.

—Não preciso ser para saber. É sempre assim... Os amigos de irmãos mais velhos, só veem a irmã como uma pirralha que nunca vai crescer e, se for diferente, se a garota despertar interesse, aí vem o medo de colocar a amizade em risco, e isso, por si só é um bom repelente.

—Então, a culpa pelo Lorenzo não me querer é do Dante?

—Eu não disse isso... Mas é algo que anda por esse caminho.

Como se tivesse acabado de receber a notícia da morte de alguém, ela arregalou os olhos e enfiou a cabeça dentro dos braços que estavam dobrados sobre a mesa, de repente se pôs a encenar um choramingo.

—A minha vida está acabada... Eu amo alguém que nunca vai poder ser meu... — levantou a cabeça e me encarou. —A não ser que eu mate o meu irmão e — Ana parou e o falso choro se transforma em uma gargalhada.

Sem poder evitar, fui junto com ela. Parecíamos duas loucas e, devo confessar que quase acreditei em seu drama barato.

—Agora é sério, você gosta mesmo dele ou é apenas curiosidade? — perguntei, me sentando também à mesa.

Ela puxou o ar, tomou um gole do vinho que eu separara para usar no molho e então se endireitou na cadeira.

—Nem eu sei, mas fico inconformada dele sair com Piracicaba inteira, menos comigo.

—Posso te dar um conselho?

—Claro que pode, agora, se vou fazer proveito dele, aí já são outros quinhentos...

—Não apresse as coisas, não se envolva com alguém, achando que pode mudá-lo... As chances de se machucar são muito grandes— avisei, enquanto pensava em Richard.

—Seu marido... Ele te decepcionou? —Ana ficou séria.

Estalei a boca, sem ainda conseguir entender o papel que ele ocupava em minha vida. Na verdade, o que Richard tinha feito comigo, ia além de decepção.

—Digamos que eu me casei com uma pessoa, convivi com ela e agora, por vezes me pego pensando que ela só existiu na minha imaginação... Eu me cobro, tento me lembrar se ele já havia dado sinais da sua personalidade e fui eu que não quis enxergar, ou, se ele foi mesmo um bom ator por todos os anos que vivemos juntos. De qualquer maneira, preciso seguir em frente, por mim e por essa criança. — Acaricieei minha barriga discretamente, tentando não fazer daquilo um hábito.

Ana notou e deixou um sorriso triste mudar o seu rosto, depois, esticou o braço para tocar o meu.

—Eu sinto que você ainda vai rir de tudo pelo que passou e vai agradecer por seu ex-marido ter sido um escroto, porque graças a isso, você vai conhecer a verdadeira felicidade. — sua afirmação me pareceu uma profecia, e eu me agarrei a ela, desejando aquelas palavras se tornassem realidade.

Sem nada responder, fui até o forno e retirei a o réchaud com a lasanha, o cheiro de queijo derretido era agradável, e por bem, não incomodou o meu estômago.

A fim de mudar aquele clima de tristeza, servi um pedaço grande para Ana e um pequeno para mim. Para mudarmos de assunto, comecei a falar sobre seus pais e no quanto eles pareciam ser divertidos.

Animada, ela tirou do baú de suas memórias, histórias engraçadas que tinham como protagonistas, ela e Dante.

— O Capitão sempre foi bonitão, então, mas... —Ela se interrompeu no meio da frase. —E por falar nele... —Ana parou com os talheres na mão e ficou em silêncio.

Ao fundo pude ouvir o som do portão sendo aberto, sem explicação meu coração mudou o ritmo e, em menos de dois minutos, ele apareceu na porta da cozinha. Diferente das outras vezes em que nos encontramos, naquela noite, parado em minha frente, o que via era um homem bem-

vestido, de cabelos alinhados e que deixaria a maioria das mulheres caidinhas por ele.

A camisa social escura realçava seus olhos claros, a calça de corte ajustado, também valorizava o corpo esculpido pela musculação. Ana me dissera uma vez que o irmão adorava malhar, o resultado estava ali, por baixo do tecido fino de suas roupas.

—Será que dá para colocar mais água no feijão? — Ele brincou antes de beijar o topo da cabeça de sua irmã.

—Eu não disse? —Ana cruzou os braços e piscou para mim.

—O que foi que disse? —Dante caminhou para mais perto e seu perfume dominou todo o ambiente.

—Que você se cansaria desse programinha furado que é sair com o idiota do Lorenzo, e que acabaria aqui, experimentando a deliciosa comida da Anne.

Dante não respondeu nada, apenas fez uma careta e parou do meu lado. Levantei-me, então, para cumprimentá-lo de um jeito mais formal.

Ele se inclinou na minha direção, uma das mãos alcançou a minha cintura enquanto a outra foi para a minha nuca. Ele cheirava muito bem, o perfume exalava sensualidade, e as notas amadeiradas fizeram meu sangue ferver em minhas veias.

—Espero que goste de lasanha... —Engoli em seco, afastando-me imediatamente dele.

—Eu adoro. —Dante piscou para mim e tomou um lugar à mesa. O lugar que ficava bem na frente do meu.

—E aí? Deu o bolo no seu amiguinho ou ele se perdeu no meio das pernas de alguma vagabunda e o deixou na mão? —Ana não conseguia disfarçar sua curiosidade quanto a Lorenzo.

—Digamos que hoje eu não estava com paciência para embarcar nas aventuras dele...

—Aventuras ou *periguetagem*? Sim, porque se fosse uma mulher que levasse a vida promiscua que o Lorenzo leva, por certo estaria tachada como vagabunda, piranha e nunca conseguiria um namorado decente...

Rindo do que acabava de ouvir, olhei para Dante que pareceu notar que aquele discurso da irmã, era uma nítida crise de ciúmes.

—Sabe bem que as coisas são diferentes para os homens...

—Ah, não! —Ana sibilou, assustando a mim e ao irmão. —Agora

quer vir com um discurso machista?

— Não fale besteiras, Ana Flávia! Eu não sou machista, só que de fato existe uma grande diferença entre os homens e as mulheres... Nós separamos sexo de sentimento, já vocês, parece que nasceram programadas para misturar os dois...

—Tenho que concordar com o seu irmão... —intervim e fui praticamente fuzilada pelo olhar da Ana. — Nós somos mesmo educadas, ou ainda, doutrinadas para nos apaixonarmos e nos casarmos, de preferência, com o primeiro homem de nossas vidas e, embora as coisas tenham mudado muito nos últimos tempos, e as mulheres venham conquistando cada vez mais espaço, não se trata disso, de igualde, ou qualquer outra militância de *empoderamento*, a verdade, é que a maioria de nós ainda espera pelo príncipe encantado, pela família perfeita e por um "*felizes para sempre*".

—Caramba! Já pensou em entrar para a política? —Dante encarou-me com um certo ceticismo.

—Só ouvi verdades... Dessa vez, eu tenho que concordar com você, amiga! No fundo, a maioria de nós quer alguém para ficar agarradinha no sofá, devorando todo o conteúdo da Netflix, numa tarde de domingo... —ela suspirou.

—E lamento te informar, irmãzinha, mas o Lorenzo nunca vai ser esse tipo de cara. —Dante apontou o garfo na direção da irmã, que tem seu rosto ruborizado instantaneamente.

—E quem disse que eu...? Acha mesmo que eu quero alguma coisa com aquele galinha do seu amigo? —ela se desmontou como um castelo de cartas.

—Não foi isso o que eu disse. —Dante piscou para mim e volta a comer.

—Gente, vamos mudar de assunto? Que tal adoçarmos essa conversa que azedou? Pudim de leite condensado. Quem vai querer?

—Minha sobremesa favorita! — O irmão de Anne arregalou os olhos como uma criança faminta.

Abri a geladeira e tirei de lá um belo pudim com calda escura. Servi uma fatia generosa para Dante e uma também para Ana, que ainda parece constrangida por ter sido pega no flagrante.

Por bem, meu doce é mediador da paz, em pouco tempo, aquele assunto é esquecido e ficamos os três reunidos na sala, assistindo a um filme

de terror muito mal- feito. Premonição, é o título escolhido por Ana e o que deveria nos causar medo, acabou arrancando boas risadas de nós três.

—É sempre assim, minha irmã escolhe o filme no meio dele já está roncando—Dante murmurou, querendo evitar acordá-la.

—Eu já percebi isso... —confessei, rindo baixinho.

Ele correu os olhos pela Ana e depois voltou-os para mim.

Não consegui evitar um sorriso, outra vez meu coração reage à presença dele.

—Bom, eu vou indo, amanhã, antes da sete eu tenho que estar no meu supermercado e, além disso, preciso me preparar para conviver com a minha mais nova funcionária. Ela é uma mulher decidida, de personalidade forte e isso pode me causar sérios problemas... —falou, enquanto caminhava rumo a garagem.

Ficamos parados perto do portão, frente a frente e o jeito com que Dante falava sobre mim, me deixou emocionada, porque antes, eu só me via como uma sombra de Richard. Notar que sem ele eu existia foi algo inspirador.

—Não terá problemas comigo... Na verdade, eu só quero agradecê-lo pela oportunidade. Você não tem ideia do que esse emprego significa para mim.

Dante deu um passo à frente e ficou mais perto de mim, na penumbra, seus olhos azuis brilhavam como uma estrela no céu. Ele sorriu, se inclinou e depositou um beijo delicado no meu rosto.

—Para mim também significa muito. —sua voz soou rouca e outra vez eu não consegui raciocinar. —Boa noite e até logo menos.

— Boa noite — respondi enquanto observava ele partir. — Anne... Tenha cuidado com isso o que está sentindo... —alertei a mim mesma, antes de voltar para dentro de casa.

Depois de deixar a cozinha em ordem, acordei a Ana e enfim fui me deitar. Com a janela aberta, a brisa leve que balançava as cortinas, fazia vez ou outra, que parte da lua cheia pudesse ser vista por mim.

Sempre gostei de observar o céu, só que naquela noite, tudo nele me fazia pensar em Dante, e, para ajudar, seu cheiro estava em mim, impregnado na minha pele, se fazendo notório a cada inspiração minha.

— Fala da Ana, mas está aí... Suspirando por alguém que nunca vai poder ser seu... — resmunguei, cogitando a hipótese de estar ficando louca.

Bônus I - Richard

Assim como todos os dias, eu estava ansioso para chegar em casa, afinal, tinha a mulher perfeita me esperando. Eu sabia que ela estava chateada, mas aquela coisa dentro da sua barriga poderia acabar com o nosso casamento e eu não permitiria que isso acontecesse.

Graças aos meus contatos, o problema em questão estava com os dias contados, eu havia marcado a consulta na clínica que faria o aborto. Um lugar muito discreto e com médicos muito capacitados, afinal, eu não colocaria a vida da minha bela Anne em perigo.

Eu sabia que tinha passado do ponto com ela, perdido a cabeça e por isso, como um meio de desculpar-me, passei em uma loja de flores, comprei o melhor arranjo deles, uma cesta cheia de flores coloridas.

Anne costumava dizer que as flores coloridas significavam vida. Junto das flores, coloquei uma caixinha de bombons de canela, havia pesquisado que essa especiaria poderia fazer com que a menstruação dela viesse, porque assim, se ela sofresse um aborto natural, tudo seria muito mais fácil.

Já em meu carro, dirigi em direção à nossa casa, sentia-me especialmente nervoso, afinal, teríamos uma conversa difícil, e eu precisava fazer a Anne entender que aquilo não poderia crescer dentro de sua barriga. Eu não aceitaria que uma coisa mudasse as formas da minha bela esposa, nem que depois de seu nascimento, roubasse a nossa paz.

Mas ela sempre foi uma boa esposa, portanto, eu nutria grandes esperanças de que Anne tivesse caído em si ou mesmo, que não relutasse diante da minha decisão.

Assim que entrei na minha casa, percebi que ela estava silenciosa demais, mais que o habitual. Àquela hora, eu ouviria o barulho das panelas, o som das porcelanas sendo postas à mesa para que depois do meu banho, nós dois desfrutássemos de uma deliciosa refeição.

Nada.

Ela não estava na cozinha, e também, não senti o rotineiro cheiro dos seus temperos. Imaginei que por causa do que acontecera, ela pudesse ter ficado indisposta, mas para mim, tudo bem, eu não brigaria com ela por isso, cogitei, inclusive, a hipótese de levá-la a algum restaurante da cidade.

Fui direto para o nosso quarto, certo de que a encontraria descansando.

Nada, também.

A cama estava intacta, toda arrumada. Procurei então no banheiro e foi outra decepção. Desesperado, percorri a casa inteira, enquanto gritava por seu nome a plenos pulmões.

Meu coração palpitava acelerado, o meu sangue parecia queimar dentro das minhas veias e, mesmo relutante, eu só consegui pensar em uma coisa... Anne tinha fugido.

Angustiado e sem conseguir respirar, voltei até a cozinha, imaginava que aquilo tudo podia muito bem ser apenas um pesadelo.

Eu só desejava chegar ao cômodo e encontrar a Anne mexendo em suas panelas, enquanto seu sorriso se escancarava quando seus olhos encontravam os meus.

Outro golpe. A cozinha, além de estar vazia, abrigava nela a confirmação do meu maior medo. Na geladeira, preso por um imã, um bilhete rabiscado com uma letra que eu conhecia muito bem.

Puxei a droga do papel e enquanto eu o segurava, as minhas mãos tremiam tanto, que atrapalhavam a minha leitura. Mesmo assim, a cada linha que meus olhos passeavam, uma certeza se fazia mais forte.

Minha esposa havia mesmo me deixado e o culpado era ele, aquele ser amaldiçoado. Mal tinha sido gerado e já estava me causando problemas.

Irado, jurei a mim mesmo que encontraria a minha esposa e que colocaria fim àquela vida que nem deveria ter começado. Anne era minha, e eu não permitiria que nada, nem ninguém atrapalhasse o nosso amor.



Depois de algumas doses de whisky, e também, após ter pensado muito em como eu começaria a procurar por ela, decidi que não poderia agir sozinho, eu precisava de ajuda.

Peguei o celular que estava no meu bolso e busquei pelo número da minha secretária, assim que encontrei, liguei e já no segundo toque ela atendeu, exatamente como eu gostava, com eficiência e rapidez.

— Boa noite senhor Richard, em que posso te ajudar? — indagou com a voz entrecortada.

— Eu preciso que você consiga o melhor detetive da cidade, preciso dele ainda hoje na minha casa! E se você não resolver isso em meia hora, considere-se uma mulher no olho da rua.

Desliguei assim que terminei, não quis dar a ela as chances de me negar ou colocar algum empecilho. Eu sabia que ela morria de medo de perder o emprego e também que temia a mim.

Se ela fosse uma mulher bonita, eu até consideraria torná-la algo além de uma secretária, mas Josiane não chamava a minha atenção, nem mesmo para passar meu tempo e satisfazer meus instintos masculinos.

De qualquer maneira, eu sabia que o que faltava em beleza, sobrava em eficiência e, sabendo que eu nunca aceitava nada menos do que perfeição, decidi tomar um banho, era certo que o meu pedido estava prestes a ser atendido.

Enchi a banheira, eu tinha que relaxar um pouco, tentar pensar nos lugares aonde a minha esposa conseguiria chegar sem dinheiro. Na casa de seus pais ela não estava, eu tinha feito uma ligação e aqueles velhos idiotas não prestavam nem para mentir, sempre foram tementes a Deus, portanto, se disseram que não sabiam do paradeiro da filha, é porque não sabiam.

Em meio a tantos pensamentos, acabei pegando no sono. Acordei com a campainha tocando em exaustão. Vesti-me apenas com um roupão e fui atender a porta, imaginava que poderia ser a minha esposa que talvez tivesse se arrependido. Ah... Se fosse mesmo, eu aproveitaria toda a minha raiva e a tomaria para mim. Anne teria que fazer amor comigo, da maneira que eu quisesse, afinal, ela teria que compreender quem é que mandava.

Para minha decepção, assim que abro minha porta, vejo um homem vestido de terno peto carregando uma mala prateada em uma das mãos.

— Boa noite, sou o Detetive Sanches, sua secretária me ligou me mandando vir até aqui. O que o senhor precisa de mim? — começou ele, mas vejo que ele não está muito confortável em me ver de roupão.

— Entre, espere na sala, vou me trocar, estava no banho quando o senhor ficou apertando essa campainha, como um doido. Agora me dê licença. — saí daquela sala e fui para meu quarto, vestindo-me com primeira roupa que encontrei.

Quando voltei, flagrei o detetive sentado ao sofá, observando o local com um ar de aprovação. Tudo mérito da Anne, minha esposa tinha realmente um bom gosto, a decoração era excelente.

— Vou ser rápido e claro. —sentei-me também. — Preciso que encontre minha esposa. Nós tivemos uma briga ontem e hoje ela fugiu de casa. Ela é tudo para mim, então preciso saber o paradeiro dela o mais rápido possível, não importa o quanto isso me custe.

O homem de meia idade, deixa escapar um sorriso, afinal, eu tinha acabado de falar as palavrinhas mágicas. Dinheiro sem reservas. De sua maleta ele tirou um caderninho de capa preta e uma caneta, começou então, a fazer umas anotações.

— Vou fazer o possível, mas preciso de algumas informações. Vou procurar saber primeiro se ela pegou um avião... Podemos rastrear os cartões de crédito, geralmente quem foge assim, acaba usando logo nas primeiras horas.

—Que seja! —rosnei. —Tudo o que quero é a minha Anne aqui, do meu lado.

—O senhor procurou a pessoa certa. Eu posso garantir que sou o melhor na minha área.

— Eu realmente espero isso! —inclinei o meu corpo em sua direção. — Estou confiando em você e se me decepcionar você não vai encontrar emprego em lugar nenhum, pois quando contrato alguém espero sempre o melhor.

— Okay, senhor Maldonato, fique tranquilo, eu vou achar ela — garantiu ele, estendendo a mão em minha direção, como se firmássemos um acordo.

Apertei-a de forma rude, queria mostrar que eu não estava brincando.



Capítulo 7

Anne

Só porque seria o meu primeiro dia de trabalho, minha madrugada não poderia ter sido pior. Enjoada, acabei vomitando tudo o que tinha e o que não tinha em meu estômago, mesmo assim, precisava fingir que estava bem, afinal, Dante não poderia nem sonhar que eu estava grávida.

Fazia uma manhã agradável, ainda não eram sete horas e o sol já brilhava com toda a sua força. Saí sem me despedir de Ana, ela estava dormindo e fiquei pena de acordá-la, embora a danada andasse dormindo demais.

Deixei a mesa posta, fizera café mais cedo, foi à única coisa que consegui engolir. Caminhei rumo ao supermercado, cheia de esperança, mas quando coloquei os meus pés na calçada do meu novo emprego, eu o vi. Parado, conversando com um senhor alto e magro e, quando ele notou a minha aproximação, seu sorriso se escancarou de um jeito que me arrancou o ar. Dante era mesmo lindo, tinha um jeito doce que me bagunçava por dentro, mas havia uma voz que gritava nos meus pensamentos, como uma alerta de que eu ainda me daria mal por estar permitindo que ele exercesse tamanha influência sobre mim.

—Bom dia, Dante, ou eu deveria chamá-lo de senhor Dante? —

Tentei descontraí, para disfarçar meu nervosismo.

Ele virou o corpo todo para mim, abriu os braços e quando dei por mim, já estava sendo envolvida por ele.

—Deixe de ser boba! Pode me chamar do que quiser... Uma mulher que faz um pudim como o que comi ontem, tem meu respeito e a minha admiração, eternas! — Ele beijou a minha mão de um jeito sedutor. — Jonas, está é a Anne, amiga da minha irmã e minha nova colaboradora.

Estendi a mão na direção do homem e ele a apertou dentro da sua.

—Prazer, Anne, sou Jonas Mascarenahs, o fornecedor dos produtos de limpeza do supermercado.

—O prazer é todo meu—respondi, achando que o olhar daquele homem sobre mim, fora um tanto malicioso. —Dante, eu posso entrar para ir conhecendo tudo? —Arrumei uma desculpa para sair dali.

—Claro! Pode ir, eu já terminei meu assunto com ele. —Dante lançou um olhar raivoso ao seu fornecedor e o homem se mostrou muito sem graça, tal qual uma criança que fez algo errado.

Passei pelos corredores e não pude deixar de notar como as prateleiras eram organizadas e tudo muito limpo. No ar, o cheiro de pão assando faz meu estômago roncar para logo depois enjoar novamente.

Atordoada, me apoiei em uma escada baixa, deixada ali por algum repositor. Puxei o e coloquei a mão sobre minha boca, eu não podia de jeito nenhum deixar transparecer meu mal-estar.

—Peço desculpas. —Dante surgiu na minha frente. —Aquele cara é um idiota e eu não suporto homens que...

—Tudo bem! —interrompi-o. —Mas agora, vamos ao que interessa... Aonde está o meu uniforme, ou melhor, o que vou fazer aqui?

Dante arqueou as sobrancelhas e entortou o queixo.

—Uniforme?

—Sim, os outros funcionários usam, então, eu pensei que...

Ele balançou o dedo indicador de um jeito negativo.

—Não vai usar uniforme, no máximo, eu posso pedir para uma costureira vir até aqui e confeccionar algumas peças que te agradem, mas se eu fizer você vestir o uniforme deste supermercado, a Ana será a primeira a me matar!

Não consegui segurar o riso, podia imaginar a irmã de Dante reclamando da blusa listrada de vermelho, o mesmo tom da calça.

—Acho que desse jeito começaremos mal... Os outros funcionários podem interpretar as coisas de maneira errada e tudo o que eu não quero, é fazer inimizades.

Seus olhos pararam nos meus, depois de um suspiro ele deu um passo à frente e cruzou os braços.

—Vai ficar no escritório. Comigo. Portanto, não precisa se vestir como os demais.

— No escritório? —indaguei, tentando não gaguejar. — Mas eu não entendo nada sobre o funcionamento de um supermercado, agora, fazer pilhas de latas, tirar a poeira das prateleiras. Isso eu posso fazer.

Dante franziu a testa e estreitou os olhos, demonstrando não ter gostado do que ouvira.

—Vai ficar comigo. —e estendeu a sua mão em minha direção. — Vem, vamos olhar o espaço que preparei para você.

Dante era mesmo um homem determinado, e lindo, incisivo, e lindo, mandão, e lindo... Segurei a sua mão e segui rumo ao seu escritório, um espaço que ficava ao fundo do prédio.

—Seu Dante! Acabou de sair o pão. —Um homem de meia idade, dono de um bigode e cabelos grisalhos, gritou e logo apareceu no balcão da padaria.

—Hummm... Pega dois para mim, hoje eu não vou resistir. — O homem me cumprimentou com certa timidez e entregou dois pães saindo fumaça, ao patrão. —Toma... Um para mim e um para você.

O cheiro de massa recém assada daquela vez abriu o meu apetite e ,vendo Dante devorar o seu pão, eu também comi o meu.

Continuamos caminhado e ao chegarmos, ele abriu a porta e sinalizou para que eu entrasse primeiro. Assim que transpus o lugar, meus olhos foram direto a uma mesa de canto. Sobre ela, um notebook, alguns blocos de papel e o que mais me surpreendeu: Uma placa metálica que levava o meu nome, sob ele, as palavras gerente de compras, fez meu coração disparar.

—O que isso significa? —apontei um tanto atordoada.

Dante caminhou e parou perto da mesa, sentou sobre ela com um charme sem igual e cruzou os braços contra o peito.

—Significa que vai me ajudar a comprar as mercadorias do supermercado. Você vai ser meu braço direito, entendeu? —piscou para mim.

Sem pensar em mais nada e mais feliz do que eu poderia imaginar que

ficaria, corri até ele e o abracei. Dante correspondeu e me apertou em seu corpo. O cheiro do seu perfume era bom mesmo bom e pude sentir como a pele do seu rosto era lisa e macia, quando roçou no meu.

Enquanto nos afastávamos, nossos olhos se alinharam e pela primeira vez pude notar no tom azul celeste que eles tinham. Eu queria desviar os meus dos dele, mas pareceu impossível, porque eram misteriosos e eu tinha a impressão de que queriam me dizer alguma coisa.

—Anne, eu... —ele engoliu em seco.

—Você...? —perguntei, curiosa e ansiosa pelo que ele tinha a dizer.

Dante abriu a boca por algumas vezes e eu parei de respirar.

—O que está acontecendo aqui? — Uma voz masculina fez com que nós dois nos assustássemos.

—Lorenzozzo! — Dante se levantou e parou ao lado dele. — O que você está fazendo aqui?

Lorenzozzo... A paixão secreta de Ana...

Olhei para ele, um rapaz, alto, de cabelos castanho claros e um físico forte. Ele era mesmo um homem muito bonito e eu entendi a razão de a minha amiga cair de amores por ele.

—Quem é a gata? —ele parou de frente para mim, um sorriso de canto e um ar de cafajeste que parecia ser sua marca registrada.

—Ela é amiga da Ana, Anne, minha nova gerente de compras — Dante respondeu seco.

— Sua nova gerente de compras? — piscou para mim. —É agora mesmo que eu vou pedir uma vaga de emprego aqui! —Passou um dos braços sobre os meus ombros e sorriu com malícia.

Eu podia estar enganada, mas algo me dizia que aquele cara estava dando em cima de mim, e, se fosse mesmo verdade, a minha vida corria sérios riscos, já que a Ana Flávia me mataria se desconfiasse disso.

—Lorenzozzo...Você é mesmo um folgado! —Dante pegou o braço do rapaz, tirando-o de cima de mim. — Mantenha as suas mãos longe dela, senão, será comigo que vai acertar as contas.

— A sua irmã tem razão quando te chama de Capitão... Às vezes, você parece o seu pai falando... —Lorenzozzo reclamou em tom de escárnio. — Anne... —voltou-se para mim. — Alguém já te disse que você tem um rosto lindo? Não, lindo é pouco, eu diria... Perfeito... Já pensou em ser modelo?

—Eu? Modelo? — Fiz uma careta, expondo todo o meu ceticismo

diante de seu comentário.

—Agora é sério, Lorenzo. —Dante se colocou entre nós dois. —Eu, diferente de você, que só trabalha de vez em quando, tenho muito o que fazer, então, se puder nos dar licença, vou ficar muito grato.

O rapaz pareceu se incomodar com a repreensão vinda do amigo. Com as sobrancelhas juntas, seu rosto ficou sério e ele franziu o nariz.

—Eu sou um fotógrafo muito respeitado aqui em Piracicaba... Não gosto que desmereçam meu trabalho, até porque, foi graças a mim que a sua irmã fez aquela campanha que a deixou com grana o bastante para que parasse de vir te pedir dinheiro toda semana.

Dante puxou o ar e o soltou como se estivesse buscando um ponto de equilíbrio.

—Tudo bem, cara. Eu sei que você é um fotógrafo muito respeitado, aliás, um dos melhores que eu conheço, mas a Anne, ela não vai trabalhar como modelo, afinal, se não entendeu, ela é a *minha*, nova contratada. — ele pegou a plaquinha sobre a mesa e a mostrou para o amigo, como se explicasse matemática a uma criança.

—Anne... Você tem boca? Ou melhor? Tem língua?

—Não entendi a pergunta. —balancei a cabeça, literalmente atordoada com toda aquela situação.

—Não, é porque o meu amigo Dante, parece que está falando por você... —Lorenzo continuou a provocação. Abriu o zíper de uma pequena mochila que estava pendurada em suas costas e tirou de lá uma câmera fotográfica. —Vou te mostrar uma coisa.

—Cara... Eu não vou falar de novo... Você está me atrapalhando... — Dante rosnou entredentes.

Como se ignorasse o amigo, o fotógrafo posicionou a câmera e disparou um flash que quase me cegou.

—Veja isto... Não, olha Dante, veja se eu não tenho razão... Essa menina tem uma beleza que pode encantar o mundo... Seria uma judiação deixá-la escondida atrás de sacos de arroz e pacotes de sal. —ele exibiu máquina fotográfica com uma imagem minha na tela.

—Ela é linda, e isso é indiscutível, mas nem toda mulher bonita deseja ficar pousando para tipos como você. —Dante parecia mesmo incomodado. —Mas eu não vou falar por ela, até porque, a Anne é muito decida, então, se ela quiser trabalhar como modelo... — Olhou direto para

mim.

—Não! — quase gritei. —Imagine... Eu, modelo... Honestamente, eu agradeço a sua proposta, mas prefiro os pacotes de arroz, sal, açúcar... Isso é mais a minha praia.

Ainda, como se não tivesse ficado satisfeito, Lorenzo enfiou a mão no bolso e tirou um cartão de visita, entregando-o em seguida para mim.

—Quando mudar de ideia, pode me procurar... Eu vou te mostrar qual é a sua praia. —apontou o dedo na minha direção e quando eu sorri, ele fez outra fotografia. —Já estou de saída. —Ele ergueu as mãos em rendição e correu para fora do escritório, sem dar chances de respostas, nem para mim, nem para Dante.

—Ele é maluco! —Balancei o cartão.

—De maluco esse cara não tem nada! Ele é mesmo um sem vergonha, e, apesar de ser um dos meus melhores amigos, não posso deixar de enxergar os defeitos que ele tem, por isso, me sinto na obrigação de alertá-la. —ele passou as mãos pelo rosto, como se estivesse cansado. — Anne, tome cuidado com ele, e eu não digo só por causa dessa proposta, digo, principalmente, por causa da minha irmã... Ela é apaixonada por ele, então...

— Eu sei. —Joguei o cartão de Lorenzo no cesto de lixo que ficava ao lado da minha mesa. —Eu posso não ser tão vivida ou experiente, mas conheço esse tipo de homem e mais, a amizade que tenho com a sua irmã, está acima de qualquer coisa... Eu nunca vou decepcioná-la.

Dante não tirou os olhos de mim, outra vez, o brilho que eles exibiam era capaz de atrair de um jeito arrebatador.

— Fico feliz que pense assim, porque com esse papinho furado, o Lorenzo costuma fisgar todas as mulheres que ele deseja...

A fim de quebrar aquele clima, caminhei até a minha mesa e me sentei na confortável cadeira de estofado vermelho.

— Eu sei que é só conversa... Imagine se eu acreditaria nessa história de que eu posso encantar o mundo. — ri, enquanto segurava uma caneta.

Dante caminhou até mim e apoiou as duas mãos sobre o tampo de madeira de um jeito que seus olhos se alinharam, nos meus.

— Com todo o respeito... Mas nessa parte, ele não exagerou. Você é mesmo uma mulher muito bonita, tem um rosto delicado, doce e é muito mais interessante do que muitas dessas garotas que saem em capas de revista. — sua voz foi quase um sussurro.

Agradei aos céus por estar sentada, porque senti as minhas pernas amolecerem diante de tamanho elogio.

— Bobagem. — Coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha e ela fervia, assim como o meu rosto e todo o sangue que corria por minhas veias. — Vamos ao trabalho?

Por certo Dante percebeu o meu desconforto e voltou à sua mesa. Confesso que ficar por horas presa na mesma sala que ele, só serviu para me deixar mais preocupada.

Ele era incrível, e esse era o maior dos problemas. Carente como eu me sentia, não seria muito difícil que meu coração começasse a misturar as coisas, e para piorar tudo, a cada minuto que eu passava junto dele, a mentira sobre a minha gravidez parecia mais e mais pesada.



Capítulo 8

Dante

A visita do Lorenzo não saía da minha cabeça. Cafajeste! Com aquele papinho furado de que Anne poderia ser modelo, quando nas entrelinhas, ele estava dizendo que a queria em sua cama.

Ele sempre foi assim, nunca deixava passar uma chance, e eu, nunca me incomodei de perder uma mulher para ele. Em festas, não foram raras as vezes que nos interessávamos pela mesma pessoa, mas, quando ele se apresentava como o melhor fotógrafo de Piracicaba, a maioria delas acabava se atirando sobre ele, e para mim, tudo bem.

Só que com a Anne era muito diferente, eu não deixaria que ele a tratasse como mais uma da sua coleção. Eu sabia que de boba ela não tinha nada, aliás, em nosso primeiro dia de trabalho juntos, tudo o que eu pude notar foi como ela era esperta, inteligente e empenhada.

Havia me dito que nunca trabalhara, no entanto, vinha se saindo muito bem. Ruim mesmo parecia ser a minha decisão de tê-la colocado na mesma sala que eu. A cada minuto que passava, eu me sentia mais encantado por ela.

Tentava me concentrar na pilha de documentos sobre a minha mesa, mas não tinha jeito, a beleza dela, o jeito como mordida os lábios quando estava pensativa e como sorria sozinha ao finalizar alguma tarefa.

Sim! Eu estava reparando demais nela, o que não passava de uma

loucura, afinal, ela era uma mulher casada. CA-SA-DA! E isso era perigoso demais.

— O que foi? — indagou ela, ao me flagra fintando-a.

— Nada... —Fingi um sorriso. —Eu... Acho que é um bom momento para você fazer seu horário de almoço, afinal, seu expediente termina às dezessete horas, então, não pode almoçar muito tarde.

— Eu já vou. Falta pouco para finalizar os pedidos de cada um dos estoques. — Ela voltou à atenção para os papéis, toda concentrada, e Deus, como ela ficava linda quando séria.

Perdendo o pouco do juízo que me restava, e, sem saber quais eram os planos dela, eu tinha muita certeza dos meus. A convidaria para almoçar comigo, seria uma oportunidade de saber um pouco mais sobre a sua vida.

Levantei-me e caminhei até ela que nem percebeu a minha aproximação.

—Isso pode ficar para depois. —Curvei-me e disse direto em seu ouvido, tão perto que o cheiro doce do seu perfume tomou conta do meu ar. — Não costumo fazer isso, mas como é seu primeiro dia de trabalho, gostaria que me viesse almoçar comigo. Me daria essa honra, Anne?

Pude notar o eriçar de sua pele, seus pelos se arrepiaram e ela deixou cair os envelopes que segurava.

—Desculpa, eu estava distraída com isso. — ela se ajeitou na cadeira, tentando disfarçar seu desconserto. —Eu não quero te incomodar, posso ir até a casa da sua irmã, aproveito e faço alguma coisa para ela comer também. Ela precisa parar de consumir só aquelas coisas instantâneas.

—Então, vamos nós dois. Eu te dou uma carona e em troca você me dá um prato de comida. O que acha? —Pisquei para ela, fazendo a minha melhor cara de pidão.

Anne pareceu pensar um pouco, segundos depois escancarou um sorriso de tirar o fôlego.

—Tudo bem.

—Mas não precisa ser nenhuma das suas receitas gourmet... Lembre-se que só temos uma hora. — Tive de alertá-la, afinal, eu não podia dar a ela mais privilégios que aos outros funcionários.

Ela se levantou.

—Sem problemas! Eu deixei tudo encaminhado. Pedi para que assim que desse meio dia a Ana colocasse a água do macarrão para ferver. Então,

irei só fazer um molho rápido. — Ela pegou a bolsa, seu telefone celular e voltou a olhar para mim. — Vamos?

— Vamos! — Coloquei instintivamente a mão em suas costas, guiando-a para fora da sala. A necessidade de tocá-la acabou vencendo o meu bom senso.

Assim que cruzamos os corredores do supermercado, pude notar que a maioria dos funcionários estava nos observando. Todos sabiam que eu não saía com ninguém que trabalhava para mim, essa era uma das regras que eu levava muito a sério, já que uma vez, quase tive graves problemas por causa disso.

Numa noite, onde eu bebi um pouco demais, acabei ficando com uma garota em uma festa, sem saber que ela era funcionária da padaria. Na época, essa era uma área terceirizada, então, eu não tinha um contato direto com quem trabalhava lá, no entanto, ela, que sabia bem quem eu era, acabou colando em mim e, no dia seguinte, criou toda uma situação. Quando eu disse que não poderíamos ter nenhum relacionamento, até de assédio, ela tentou me acusar.

Por sorte, eu tinha algumas mensagens que trocamos pelo celular e elas serviram como provas da minha inocência. Sem outra alternativa ela se retratou e acabou voltando atrás em sua versão.

De qualquer maneira, essa experiência me serviu como alerta e como era algo que todos tinham conhecimento, a razão de suas caras de espanto era compreensível.

Voltando a atenção a minha bela companhia, abri a porta do meu carro e gesticulei para que Anne entrasse.

Assim que tomei o meu lugar no banco do motorista, olhei para o lado e a vi afivelando o cinto de segurança. A cena era perfeita, aquele parecia ser um lugar pertencente a ela. Do meu lado.

As palavras foram se amontoando na ponta minha língua e eu não consegui mais segurá-las.

— Anne, eu sei que não é da minha conta, mas eu preciso perguntar. Por que razão está se separando? Esse cara deve estar se sentindo um otário por estar pendendo alguém como você...

Ela juntou as sobrancelhas e passou as mãos pelo rosto antes de suspirar.

— Olha, eu prefiro não falar disso no momento, quem sabe outro

dia... Mas agora eu estou tentando esquecer e me ajudaria muito se não me obrigasse a tocar nesse assunto — respondeu-me um tanto irritada. — Se temos apenas uma hora de almoço, acho melhor você não perder tempo.

"*Quem fala o que quer, ouve o que não quer...*", pensei, enquanto dava partida no motor. Decidi me calar, notei que ela, de fato, estava muito machucada. Tentando evitar o silêncio, ainda que o percurso fosse curto, liguei o rádio e uma canção romântica da AnaVitória começou a tocar, o CD era da Ana Flávia, e fora esquecido por ela da última vez que pegou o meu carro emprestado.

*"Encontrei descanso em você
Me arquitetei
Me desmontei
Enxerguei verdade em você
Me encaixei
Verdade eu dei também"*
Agora Eu Quero Ir - Anavitória

Quando paramos num semáforo, eu percebi lágrimas escorrendo por seu rosto, ela chorava discretamente, e eu me senti culpado. Obedecendo aos meus instintos, soltei o meu cinto de segurança, depois o dela e a puxei para mim.

Anne não relutou, nem se afastou, com o rosto em meu peito, ela chorou copiosamente, como se aquilo estivesse engasgado há tempos.

—Vai ficar tudo bem... Por favor, não chore... —amparei-a, permitindo-me tocar em seus cabelos, acariciando-os de forma terna.

Ela finalmente levantou a cabeça e seus olhos pararam nos meus... Como eram lindos... Naquele instante eu tive a convicção de que a queria para mim, só para mim.

Com seus lábios próximos aos meus, eu já não pensava em mais nada, tudo em mim era movido pela paixão, pelo desejo de poder experimentar um beijo seu. Mas, como se fosse um alerta espacialmente feito para mim, os carros que estavam atrás do meu começaram a buzinar e Anne se afastou, voltando ao seu lugar.

Não trocamos mais nenhuma palavra e quando chegamos à frente da casa da minha irmã, mal terminei de estacionar e ela já estava fora do carro e correu para dentro.

Tive a impressão de que ela queria fugir de mim, como se temesse

que eu a fizesse algum mal. Aquele pensamento me feriu.

Entrei e logo encontrei a Ana Flávia vindo na minha direção.

— Resolveu visitar sua irmã? Acho que não, não é seu ingrato? Só vem por causa da Anne e suas delícias, mas sinto lhe dizer, ela é só minha, irmãozinho. — começou a provocação, enquanto me abraçava.

— Convidei-a para almoçar e ela disse que não queria deixar você ficar comendo comida instantânea. — confessei, fazendo uma careta. Eu odiava comida semi-prontas, mas naquele momento, a alimentação da Ana Flávia não me preocupava. — Deixa eu perguntar... Você sabe o que ela esconde? Eu tenho a impressão de que ela guarda alguma coisa séria, que por trás dessa separação tem algo muito grave. Ela está machucada demais, agorinha mesmo ela chorou enquanto ouvia as músicas daquele seu CD.

— Carambolas! E eu que achei que a Anne estivesse melhor... —ela deu as costas para mim, pronta para ir atrás da amiga.

Segurei seu braço, impedindo que ela fizesse isso, sabia que a Anne precisava de espaço.

—Deixe-a sozinha... Dê o tempo que ela precisa —murmurei, ao ouvir o barulho de panelas vindos da cozinha. — Não toque nesse assunto, se ela não tocar — avisei, atrás da minha irmã.

Ao cruzar a porta, deparei-me com ela já recomposta, e, o único indicio de que havia chorado, eram os olhos levemente avermelhados.

— Peço minhas sinceras desculpas para você por aquela cena no carro. — ela corou. — Eu encontrei meu caminho quando conheci meu marido, eu me entreguei e confiei nele completamente. Mas, só agora o conheci ele de verdade. Acho que me precipitei por ter me entregado sem ao menos saber se o que tínhamos era mesmo amor, me doeie tanto para ele, que eu me esqueci de quem realmente eu queria ser. — ela puxou o ar, enquanto a Ana e eu apenas ouvíamos em silêncio. — Então... Vim para Piracicaba, para me descobrir, me reconhecer de volta, como diz a música. Eu um dia quero perdôá-lo, por mim, mas para isso eu preciso ficar longe dele.

— Isso significa que você pretende voltar com ele? — deixei escapar a pergunta que me torturava há dias.

— Jamais! —respondeu ela, com firmeza. — ele significou muito para mim, nós vivemos bons momentos, mas ele me decepcionou na mesma medida, ou mais. Quando eu digo que pretendo perdôá-lo, é porque não quero carregar nada de ruim dentro de mim. O ódio e rancor são sentimentos que

acabam com ser humano, e eu, só quero ser feliz.

—Bem, o que acham de comermos? Eu estou morta de fome! —Ana parecia querer encerrar aquele assunto.

—Boa ideia! — dissemos em coro.

Durante o almoço, as palavras de Anne iam e voltavam cada vez com uma interpretação diferente e, diante de tantas incertezas, a única certeza que eu tinha era a de que eu a ajudaria a recomeçar, e mais, desejava que sua nova vida se firmasse em Piracicaba, junto da minha família... Do meu lado...



Capítulo 9

Anne

Depois do dia em que chorei na frente do Dante, ele mudou comigo, não que já não fosse gentil e delicado, mas a impressão que fiquei, foi a de que ele criou comigo, um extinto protetor, sem contar que fazia questão da minha companhia.

Havia quinze dias desde que eu começara a trabalhar no supermercado Ferraz, e desde então, fazíamos nosso horário de almoço, juntos.

Às vezes era eu quem cozinhava, outras, quando a Ana tinha alguma viagem curta a trabalho, o Dante me levava a algum restaurante e nos fins de semana, ele se enfiava na casa da irmã e parecia relutante em partir, ainda que morasse a poucos metros de distância.

—Você jura que vai ficar bem, aqui, sozinha?—Ana arrumava as últimas peças de roupa dentro de uma mala pequena.

Sentei-me na beirada da cama e sorri, embora ela fosse doidinha, comigo parecia ter desenvolvido uma preocupação que pouco combinava com ela.

—Amanhã você estará de volta. Eu vou sobreviver uma noite sem você.

—Então... Se tudo der errado eu volto amanhã, mas se der certo, meu

retorno fica para o domingo. —ela piscou para mim com um olhar maroto modificando seu rosto.

Ergui as sobrancelhas e cruzei meus braços, não entendera sua colocação.

—Pode ser mais explícita?

Ela suspirou e sentou em cima da mala, enquanto lutava com o zíper.

— O Lorenzo vai estar lá, e, segundo fonte confiáveis, depois da sessão de fotos, vai acontecer um "after", na melhor casa noturna de São Paulo. As festas costumam raiar o dia e eu já fiz promessa para a nossa senhora desatadora de nós, que se ele me convidar para essa balada, eu vou ficar um mês sem comer pudim de leite condensado.

Coloquei uma das mãos sobre a minha boca e ri discretamente, imaginando que eu nunca me acostumaria com o jeito dela.

—Então, está fazendo uma promessa para ser convidada a uma festa numa boate?—não pude disfarçar meu ceticismo.

—Claro!—Ela se levantou. — Os santos estão aí para isso... Eles Esperam ansiosos por nossos pedidos, para que então eles possam manifestar sua bondade, realizando-os.

—Meu Deus! Você não existe, Ana Flávia.

—Existo e estou aqui, querendo muito que tudo saia como o planejado e que finalmente chegue a minha vez... Caramba! Eu estou nessa fila do Lorenzo há anos e parece que tem sempre alguém passando na minha frente —reclamou, se olhando no espelho, parecia analisar a própria aparência.

Não pude deixar de me lembrar do dia em que o fotógrafo foi até o supermercado e ficou tentando me convencer a ser modelo. Eu não contei nada à Ana e vendo como ela era mesmo apaixonada por ele, acreditei ter feito à coisa certa.

—Você é linda. —também me levantei e parei nas suas costas.—Para ser sincera, uma das mulheres mais bonitas que já conheci. Sem contar esse coração do tamanho do mundo, que você tem. Portanto, se o Lorenzo não enxergar isso, mande-o pastar.

Ele fez um beicinho e franziu a testa.

— Quer que eu chore?

Abracei-a, apoiando a minha cabeça na curva do seu ombro.

—Na verdade, isso é tudo o que eu não quero, por isso estou te

dizendo para ter cuidado e para não criar um monte de expectativas... Cair com a cara direto no chão pode ser bem doloroso.

Ela assentiu com a cabeça antes de sorrir, então, virou-se para mim e a Ana sapeca parecia estar de volta.

—Será que isso é um mal de família?

—Mal de família?— estranhei. —Hoje você está toda enigmática, não é dona Ana?

—Não tem enigma nenhum, para ser sincera, a coisa está bem escancarada, mais na cara que nariz. —ela tocou o meu com a ponta do dedo. — Estou falando sobre o Dante.

— O que tem ele?

— Pode parar, Anne... Comigo você não precisa fingir. — ela ficou séria.

—Fingir?

—É. Fingir, disfarçar, encobrir... — ela ergueu os braços.—Sei lá, seja o que for, comigo, não precisa manter, porque eu sei que está rolando alguma coisa entre vocês dois.

Senti meu rosto ferver, então, era certo de que minhas bochechas também tinham mudado de cor, por isso, dei minhas costas para Ana.

—Você e suas fantasias...

Ela deu alguns passos e parou em minha frente, no rosto, a expressão de quem quer dizer: *"Eu posso parecer boba, mas não sou!"*.

—Tudo bem Anne... Eu sou a louca que fantasia coisas, então, o meu irmão não está caidinho por você, nem você por ele, e aquele abajur ali — ela apontou para o objeto em formato de gato, sobre o criado mudo — Ele conversa comigo todas as noites...

— Quanto sarcasmo. —sorri, ainda sem graça.

— Vem, me ajuda com essa mala... O táxi já deve estar chegando. — Ana decidiu encerrar o assunto.

Como ela previa, bastou que nós saíssemos até a garagem e o carro encostou. Despedimo-nos com um abraço apertado e ela, como se fosse minha mãe, colocou a cabeça para fora da janela e começou a me dar avisos:

— Qualquer coisa, no chaveiro que fica no armário da cozinha, tem as chaves da casa do Capitão, se sentir uma dor na unha do pé, não hesite em chamar por ele, ou ainda, em ir invadindo a sua casa. Na gaveta do aparador, tem várias cartelas de todos os tipos de remédios, é quase uma farmácia e...

—Ana Flávia, acho que se esqueceu de que a amiga responsável sou eu, portanto, boa viagem! Curta bastante São Paulo. — interrompi-a, porque notei a cara feia que o motorista começou a exhibir.

—Tudo bem, mas se precisar de mim, pode ligar que eu volto na mesma hora.— mandou-me um beijo e eu retribuí.

Depois que o carro partiu, eu ainda permaneci um tempo parada no portão, olhando para o movimento da rua. Piracicaba era bem diferente da minha cidade, embora fosse também uma cidade interiorana, era bem desenvolvida, movimentada e eu estava adorando viver ali.

Ainda que sem querer, meus olhos foram direto até a casa do Dante. Eu sabia que o supermercado estava prestes a fechar, então, logo ele estaria de volta claro, se não tivesse um compromisso para a sua noite de sexta-feira.

A mim, parecia mesmo estranho que um homem jovem, bonito e tão bem-sucedido, não estivesse cercado de mulheres. Confesso que quando pensava assim, algo dentro de mim reagia muito mal, como se eu não quisesse mesmo que ele estivesse com alguém.

Sim, era mesmo confuso e até contraditório, afinal, ainda que a Ana estivesse certa e que o Dante queria ter algo comigo, como eu poderia? Eu estava grávida. Grávida de outro homem e isso era um motivo muito grande para que eu sequer pudesse sonhar com uma relação entre mim e ele.

Eu sabia disso, mas sabia também que mesmo tendo plena consciência de que o Dante nunca poderia ser meu, o meu coração parecia se fazer de bobo e como se tivesse vida própria, fazia questão de pulsar dentro de mim, em um ritmo criado apenas para alertar-me de que sim, eu estava mesmo apaixonada pelo irmão da Ana Flávia.

Melancólica, graças à mistura de todos os meus problemas, além da saudade que eu estava dos meus pais, resolvi tomar um banho. No chuveiro, era onde eu podia chorar as minhas dores, e essa mania eu não adquirira depois de minha fuga, ao contrário, isso me acompanhava desde a minha adolescência e se estendeu à minha vida adulta.

Grosserias do Richard, comentários dos seus pais sobre os meus, a dor por sentir o perfume de outras mulheres e até mesmo marcas de batom em suas camisas... Sim, eu sabia que meu marido não era fiel, mas como ele mesmo dizia aos amigos dele: *"As vagabundas da rua apenas satisfazem meus desejos masculinos, mas amor, paixão e devoção é só com a Anne, minha bela esposa."*

Eu passei anos ouvindo isso, na primeira vez que o confrontei, depois de encontrar um bilhete de motel no bolso de suas calças, Richard foi categórico em me dizer que sim, ele tinha mesmo casos na rua, mas que sequer sabia os nomes das mulheres que levava para cama, afinal, para ele, elas eram apenas um objeto de prazer.

Nesse dia, nós tivemos a nossa primeira briga feia, afinal, eu achava que além de cozinhar, lavar e passar, era eu quem tinha de dar prazer ao meu marido, mas quando disse isso para ele, Richard tomou-me nos braços e me levou até a nossa cama, rasgou minhas roupas e me tomou ali, como um selvagem, sem um beijo ou um carinho sequer.

"É assim que faço com elas... Prefere assim, ou como eu sempre fiz com você?", perguntou-me ainda ofegante.

Eu entendi o recado, ou melhor, achei que tivesse entendido e, levando em conta como me senti naquela noite, passei a acreditar que era mesmo melhor que ele libertasse o Richard irracional na rua e que sobrasse apenas o Richard bom para mim.

Ledo engano... Com o passar do tempo, ainda que eu soubesse que ele continuava tendo seus casos, por vezes e vezes eu tive que ceder aos caprichos do seu lado obscuro.

Às vezes ele aparecia no meio do dia e fazia sexo comigo aonde quer que eu estivesse. Cozinha, banheiro, lavanderia. Eu era obrigada e estar disposta, quantas vezes por dia ele estivesse a fim, sem se preocupar se para mim estava bom.

Por isso o filho.

Por isso decidi engravidar.

Além de eu sempre sonhar em ser mãe, eu acreditava que uma criança traria de volta a doçura do meu marido, que o fato de ser pai e de eu me tornar mãe, acabaria de uma vez por todas com o Richard ruim.

Como eu estava enganada... No fundo, ninguém tem dois lados, a verdade, é que algumas pessoas fingem ser o que não são, mas em algum momento, não conseguem sustentar mais a farsa e é aí que a real personalidade se revela.

A do Richard, era feia demais.

Com todas essas lembranças passeando por meus pensamentos, meu banho deve ter durado mais de uma hora. Eu só me dei conta, porque o banheiro estava branco de vapor.

Levantei-me do chão, lavei o meu rosto e vestida num roupão, abri a porta para permitir a entrada de ar. Em meu quarto, procurei pela minha escova, os meus fios finos e longos, embaraçavam com muita facilidade.

Sem encontrá-la, imaginei que as chances da Ana tê-la raptado, eram muito grandes, afinal, a irmã de Dante era campeã em perder as coisas, suas escovas e pentes sumiam todos os dias e era quando Ana corria até o meu quarto e pegava os meus.

Rindo de sua desorganização, caminhei distraída pelo corredor e, quando passei pela cozinha, um homem de costas com uma faca nas mãos me levou a gritar.



Dante

Passado o susto de Anne, e nós dois rimos como malucos. Ela chegou a chorar, tamanha as suas gargalhadas.

—Meu Deus! Dante, eu só consegui enxergar a faca...— disse ela, ofegante.

— E eu juro que não sabia que você estava sozinha, por isso entrei... Eu esperei um pouco na sala e nada, aí, pela demora no banho eu deduzi que fosse a minha irmã. Como Ana Flávia adora abacaxi, mas odeia descascá-lo, eu resolvi deixar fatiado para ela, ou melhor para vocês — expliquei-me, sem conseguir tirar os meus olhos do lindo rosto da Anne.

Com os cabelos molhados e o rosto avermelhado por culpa da água quente, ela ficava ainda mais bonita. Sem contar o cheiro gostoso de sabonete e shampoo que vinham dela, algo que me parecia tentador. Só não mais que aquele roupão branco.

Tudo bem que eu a respeitava demais, só que, eu não mandava nos meus pensamentos e eles insistiam em deduzir que por debaixo daquela peça felpuda, ela estava apenas usando uma lingerie.

— Quer uma fatia? Está um mel...— desviei a minha atenção ao fruto, do contrário, não sabia se teria forças para me segurar.

—Eu adoro abacaxi. — ela sorriu e covinhas afundaram as suas bochechas. Perdi o meu ar. — Hum... Está mesmo uma delícia, doce como se tivesse colocado açúcar.

"*Que mulher!*", pensei, sem conseguir disfarçar a minha admiração. Anne era mesmo muito interessante, e, não menos importante, sexy. Sim, desde o jeito que passava a língua pelos lábios, até o jeito de mastigar... Tudo, tudo era encantador demais.

—Então, a doida da Ana Flávia já está na estrada outra vez?— perguntei, tentando sair do transe em que me encontrava.

Ela terminou de engolir a fruta e então chupou os dedos, como uma menina. Aquilo parecia provocação.

—Sua irmã é piradinha, precisava ver o tanto de coisas que ela levou para ficar um dia fora de casa... Saiu daqui com um mala que tem muito mais roupas que eu tenho no meu guarda-roupa inteiro —contou-me, divertida.

—Isso é normal. —Inclinei-me na mesa de um jeito que me deixava mais perto da Anne. — Uma vez, minha mãe veio até aqui, abriu todas as gavetas dela e encontrou um monte roupas sem uso, todas novas, então ela obrigou Ana Flávia a dar tudo o que não usava para a ONG.

— Ela deve ter ficado uma fera!— Anne jogou a cabeça para trás enquanto ria.

— Acredita que não ficou? No começo ela choramingou um pouco, mas depois, ajudou a organizar as peças no dia do bazar e deu até uma palestra sobre moda para as voluntárias.

— Bem a cara dela. — ficou séria. — Eu nunca conheci alguém como ela... De todas as qualidades que sua irmã tem, a generosidade é a que fala mais alto. Quando eu entrei naquele ônibus, estava despedaçada, e ela ter se sentado ao meu lado, foi sem dúvida a melhor coisa que poderia ter me acontecido.

Os olhos de Anne ficaram marejados, ela se emocionara, com certeza alguma lembrança triste tinha se feito presente e o meu desejo era de poder abraçá-la, tudo o que eu mais odiava era ver a Anne triste.

—Sabe que eu concordo com isso... A minha irmã ter encontrado você, tê-la convidado para morar aqui, foi à coisa mais acertada que ela já fez na vida — confessei, o que acabava de pensar, enquanto olhava para ela, perdidamente apaixonado.

—Mas ela me disse que quando você soube, a chamou de louca... Ela me contou sobre o sermão que você passou nela, sobre colocar uma estranha dentro de casa.

Fiz uma careta, ela tinha razão, eu fiquei mesmo muito bravo quando

minha irmã me contou a história de como tinha conhecido a mais nova inquilina.

—Eu sou meio chato às vezes. —dei com os ombros.

Anne permaneceu me encarando, como se analisasse meu rosto, aproveitei para fazer o mesmo e a cada instante eu a achava mais bonita. De surpresa, ela tocou a minha mão que repousava sobre a mesa e foi como receber uma descarga elétrica.

—Você não é nenhum pouco chato... Para falar a verdade, é uma versão masculina da Ana. Dante, você é um homem muito especial e eu tenho certeza que esse seu jeito protetor, fará de você um ótimo marido e um pai fantástico. —disse com a voz rouca, antes que uma lágrima escorresse por seu rosto.

Eu não entendi. Aquilo que parecia ser um elogio para mim, havia a deixado triste. Anne puxou sua mão de volta e secou o rosto rapidamente.

— O que foi? Por que ficou triste de repente?— tive que perguntar.

Ela balançou a cabeça discretamente e se levantou, dando as costas para mim.

—Eu não fiquei triste de repente... Na verdade, essa parece ser uma situação permanente, mas é coisa minha, não precisa se preocupar, em algum momento eu vou ficar bem.

Levantei-me também e parei em suas costas. Ela virou-se com os olhos baixos.

— Dante, é melhor você ir...

—Anne, eu não vou deixar você aqui sozinha. —dei um passo à frente, desafiando a mim mesmo quanto a minha força.

Enquanto ela evitava colocar seus olhos nos meus, eu me sentia atingido por uma avalanche de boas sensações. Seu cheiro, o calor que emanava do seu corpo e que me atingia como se fosse um campo magnético, atraindo-me, puxando-me para mais perto e eu, Dante Ferraz, experimentava pela primeira vez na vida, algo inefável.

Outro passo.

—Anne... Não pense que estou faltando com o respeito, mas eu... eu... — eu não conseguia terminar minha frase. Tinha tanto que queria dizer, mas morria de medo de que ela se assustasse e fugisse de mim. Sem contar que eu era seu patrão, e aquilo poderia parecer abusivo. —Tudo bem, você está certa, eu vou para a minha casa e se precisar de mim, basta um telefonema.

Ela manteve a cabeça baixa, os cabelos cobriam seu rosto, parcialmente e eu me senti muito mal por tê-la exposto daquela forma. Muito sem graça, enfiei as mãos no bolso da minha calça e passei por ela, pronto para amargar a minha dor, sozinho, em minha casa.

—Dante... — ela murmurou e eu parei. Virei-me para encará-la e notei que seu rosto estava inteiro coberto por um tom carmim.

—Que droga!—praguejei em voz alta. —O que foi que eu fiz? Veja como eu a deixei... Eu peço desculpas, peço que me perdoe se eu.

—Não precisa se desculpar. —Aos prantos, ela me interrompeu e antes que eu pudesse tomar qualquer atitude, Anne estava com a cabeça em meu peito apertando-me contra o seu corpo.

Sem pensar em mais nada eu também a abracei, e foi bom. Pela primeira vez um abraço sem medo, sem reservas, mas também, cheio de revelações. Eu a queria para mim, a desejava e não sabia o que faria se não fosse correspondido.

—Confie em mim... —murmurei, fazendo-a a me olhar. Só que com seu rosto tão perto do meu, com sua boca ali, atrativa e sedutora, tal qual uma maçã a mim oferecida, eu desisti. Fechei os meus olhos e me inclinei minha cabeça, apenas desejando que ela me quisesse tanto quanto eu a queria.

Anne não relutou, não tentou fugir nem titubeou. Ela estava nervosa, mas eu também estava, então, tudo bem. Seus lábios tremiam e quando finalmente encontraram os meus, eu entendi um monte de coisas.

As letras do Roberto Carlos, as poesias de Shakespeare as histórias que eu lera em alguns livros, ainda que a contra gosto, e que confesso, achava que eram um monte de baboseiras fantasiosas, mas que durante aquele beijo estavam ali, pontuadas, fazendo todo o sentido do mundo.

Enquanto essas ideias e teorias faiscavam dentro da minha cabeça, meu sangue fervia, meu coração parecia querer saltar do peito e eu só desejava mais. Anne também parecia partilhar das mesmas sensações, porque quando eu, sem ar, precisei afastar um pouco o meu rosto ela me puxou de volta, engatando outro beijo voraz.

Caminhamos até o sofá da sala e nos deitamos, um ao lado do outro. A faixa do seu roupão estava ao alcance de suas mãos e eu, por vezes, ensaiei puxá-lo, mas com determinação, deixei meus braços na linha acima de sua cintura.

Só que enquanto eu, de olhos fechados, fantasiava o que estava por

debaixo daquele tecido felpudo, ao abri-lo, me deparei com seu corpo quase nu e com toda a certeza do mundo, posso afirmar que sofri uma parada cardíaca.

— Minha nossa!—deixei escapar.

Anne abriu os olhos e só então se deu conta da situação. Eu que imaginava já tê-la visto corada, fui apresentado a um novo tom de vermelho.

— Minha nossa digo eu!—ela levantou num salto e amarrou o roupão, dando um nó na faixa. —Dante, eu tinha acabado de tomar banho e... Como eu disse não sabia que você estaria aqui, então... Meu Deus! O que você deve estar pensando de mim...

Ah... Se ela soubesse...

—Anne, está tudo bem, e, para ser honesto, eu desejei que esse roupão se abrisse, na verdade, eu tive que me segurar para não puxar esse cinto.

Ela juntou as sobrancelhas e cruzou os braços.

— Dante!—repreendeu-me.

Eu me levantei.

—Anne, somos adultos, então...

—Então, eu vou me vestir. —ela apontou para o quarto.

Notando seu constrangimento e, embora não quisesse que aquele fosse o desfecho da nossa noite, caminhei até ela e segurei seu rosto dentro das minhas mãos.

— Eu entendo a sua situação. Mas quero que saiba que esse beijo, ou melhor, esses beijos, só serviram para provar algo que eu já sabia. Anne, eu te amo, e vou te respeitar... Tudo vai acontecer no seu tempo, como e quando você quiser.

Seus olhos se arregalaram e, depois de sorrir ela beijou rapidamente meus lábios, partindo para o quarto em seguida.

Você disse que a ama, percebeu? Pensei assustado comigo mesmo e desejando profundamente que esse sentimento não acabasse por me machucar.



Capítulo 10

Anne

Quando voltei para o quarto para me trocar, me toquei que eu não poderia fazer aquilo com o Dante, ele era um cara maravilhoso, eu não teria dúvidas se não tivesse um filho envolvido na história.

Era injusto que eu me envolvesse com ele, sem que Dante ao menos tivesse conhecimento da minha gravidez. Para piorar tudo, ele havia dito que me amava, e isso acaba por complicar ainda mais as coisas.

Eu também gostava muito dele, por isso, precisava colocar um freio em nossa relação.

Coloquei um vestido largo, eu não queria demorar. Assim que voltei à sala, encontrei-o sentado no sofá, ele parecia pensativo.

— Dante, sinceramente, isso não deveria ter acontecido. — Puxei o ar e me sentei ao seu lado. — Você é o homem dos sonhos de qualquer mulher, mas como você sabe, eu ainda estou casada, e você merece muito mais que isso — disse, enquanto colocava a mecha do meu cabelo para trás da orelha. — Eu adoraria ter te conhecido antes do meu marido, ou ainda, em outras circunstâncias... Eu tenho certeza que você me faria feliz, mas agora é melhor sermos só amigos.

Ele juntou as sobrancelhas, mordeu a lábio inferior e só então me encarou.

— Eu acho, Anne, que posso decidir por mim mesmo. Eu não sou uma criança, sei tomar minhas próprias decisões. — Foi ríspido. Com certeza sentia-se decepcionado, afinal, tinha se declarado, e eu, jogado sobre ele, um balde de água fria. — Eu vou respeitar a sua decisão, mas não pense que irei desistir. Só vou com calma, eu vou te conquistar e vou fazer ser completamente minha Anne, eu nunca tive tanta certeza de alguma coisa, como eu tenho agora.

Se eu obedecesse o meu coração, eu teria me jogado nos braços de Dante e ficado ali, aproveitando da sensação de paz que ele me transmitia, cheguei a pensar em contar toda a verdade, mas temia sua reação, temia que ele não me quisesse mais em seu supermercado e ainda, que me colocasse para fora de sua vida.

— Vou preparar algo para comermos. — quis mudar de assunto.

Ele fechou os olhos por alguns instantes e se levantou.

— Vou ajudar você, só me fala o que eu preciso fazer. — Ele ficou próximo demais e isso estava me matando.

Caminhei rumo à cozinha, Dante veio atrás.

— Você poderia lavar a salada, e cortar os tomates — sugeri, já pegando as coisas e colocando perto da pia.

Ele começou sem falar mais nada, isso de certo modo me incomodou, mas eu não podia fazer nada, eu tinha escolhido assim.

Também em silêncio, comecei a cortar o alho e assim que coloquei ele para ficar douradinho, o cheiro do tempero me fez senti um enjoo tão forte, que saí correndo para o banheiro.

Sem tempo de nada, ergui a tampa do vaso sanitário e coloquei tudo para fora. O abacaxi que comera minutos antes, parecia ter azedado dentro do meu estômago.

Ainda no chão, sentindo-me atordoada, percebi quando alguém invadiu o banheiro e ergueu meus cabelos. Por minhas costas, as mãos deslizavam com carinho.

Olhei para Dante assim que terminei, envergonhada, pedi para que ele me deixasse sozinha. Foi em vão.

Como se não tivesse me ouvido, ele se aproximou ainda mais de mim e me ajudou a ficar em pé.

— Anne você está muito pálida — murmurou ele, enquanto me sustentava em seu corpo. Eu me sentia fraca, por isso não recusei sua ajuda.

—Acho melhor eu te levar no hospital.

Logo após ele ter soltado essas palavras, eu me xinguei internamente, eu não acreditava que aquilo estava acontecendo, por isso resolvi reagir. Aproximei-me da pia e comecei a lavar minha boca e escovei os dentes, sob o olhar atento de Dante sobre mim.

— Eu estou bem, fique tranquilo Dante, eu não preciso de um hospital, eu preciso de um pouco de repouso. Assim que me recuperar eu termino o jantar... Pode me dar um momento? —pedi, e assim ele saiu do quarto me deixando sozinha, levei as mãos até minha barriga. — Filho não dê trabalho assim para mamãe... Comporte-se! A mamãe te ama demais, mas precisa manter a calma, pelo menos por enquanto...



Não sei em qual momento que acabei pegando no sono, nem por quanto tempo dormi, mas quando abri os meus olhos, encontrei os de Dante sobre mim, enquanto ele acariciava meu rosto.

— Minha linda, eu preciso que se sente e tente comer um pouco desta sopa. —pediu-me docemente, apontando para o prato sobre a escrivaninha.

Devagar, forcei-me a sentar e logo ele se aproximou com minha comida, só que em vez de ele me entregar o prato, ele colocou-o em seu colo, algo que me causou estranheza.

— Eu quero cuidar de você, por favor, não me negue isso. — A voz era quase uma suplica.

Perdida em meus próprios sentimentos, resolvi não discordar dele.

— Tudo bem, Capitão— chamei-o pelo apelido dado por Ana. Aquela maluca tinha me deixado em maus lençóis. — Por favor, me diga que não foi você quem fez?

— Relaxe, eu jamais te daria a gororoba que sei fazer... Na verdade, eu pedi para a dona Adriana Ferraz preparar, eu sei que você ainda não está bem, então optei por algo leve, para ver se para no seu estômago... — ele sorriu. — Mas agora chega de conversa e vamos ao que interessa. —disse ele, levando a primeira colherada da comida à minha boca.

Estava uma delícia. E a cara de preocupação que antes modificava seu rosto, diminuía a cada colherada que eu engolia sem fazer careta. Satisfeita, eu o agradei e foi quando Dante me entregou um copo de suco.

Por bem ele deixou que eu o tomasse sozinha.

—Agora sim. —Ele retomou o copo vazio. — Obrigado por ter deixado eu cuidar de você, eu adorei poder dar comida em sua boca e ver que

está bem melhor. — ele passava a mãos em meus cabelos, de um jeito carinhoso, desconhecido por mim. — Eu hoje irei dormir no quarto da minha irmã, para me certificar que você esteja realmente bem. Qualquer coisa, é só me chamar que eu apareço, ok?

— Muito obrigada pela preocupação, mas não é pra tanto. Pode ir para sua casa — insisti, mas pela cara feia que ele fez, eu sabia que ele não iria mesmo me deixar sozinha. - Tudo bem! Como sei que vai dormir aqui, tenha uma ótima noite, afinal, temos que trabalhar amanhã, bem cedo.

Dante se levantou e parou encostado no batente da porta.

— Reformulando... Eu tenho que trabalhar amanhã cedo. —Apontou o dedo para mim. —Você vai ficar em casa, descansando. -Piscou para mim. - Tenha uma ótima noite. - Fechou a porta sem me dar chance de argumentar.



Na segunda-feira de acordei bem cedo, o fim de semana de folga acabou por me dar um animo a mais. Eu me apressava para colocar a mesa, sabia que dentro de poucos minutos o Dante apareceria para tomar café comigo.

Foi um acordo que fiz com ele, uma forma de retribuir sua gentileza. No sábado, além de não ter me deixado trabalhar, fez questão de levar-me comidas saudáveis na hora do almoço. À noite ele também ficou comigo, juntos assistimos a uma maratona de Grey's Anatomy e no domingo, depois de ter falado com seu amigo Lorenzo e de ter se certificado de que a irmã estava bem, Dante me levou até a área de lazer.

Como prometido, ele não tentou nada, não excedeu seus carinhos e em momento nenhum forçou alguma situação. Isso só me deixava ainda mais apaixonada.

Perdidas em meus pensamentos, senti uma presença atrás de mim, mas nem olhei para ver quem era. Eu já esperava que fosse o Dante.

—Pode se sentar, eu vou tirar um bolo do forno... Precisa se alimentar bem antes de começar o dia de trabalho... Fala de mim, mas não se concentra nas refeições importantes, Dante.

— Nossa! Eu achando que esse bolo era para mim! Sem contar nesse sermão... Pobre Dante... Nem está aqui para se defender. Que feio, Anne!

Virei-me sentindo meu rosto ferver de vergonha.

— Ai sua louca! Você some e depois me assusta assim... —ri, muito

sem graça. — É que nesses últimos dias seu irmão tem vindo tomar o café aqui. Mesmo ele não querendo, eu insisto, afinal, você sabe que eu adoro cozinhar para alguém, então... Como está no horário do Dante vir, eu achei que fosse ele.

—Entendi! - ela pegou um cacho de uvas enquanto curvava os lábios de um jeito maroto. —Menina, você não sabe o que aconteceu... —disse com um tom misterioso.

— Se você me contar, vou ficar sabendo — falei, curiosa.

— Lorenzo aconteceu, e que homem que ele é... —ela se abanou.

Arregalei os meus olhos e quando ela ia começar a me contar, Dante apareceu na cozinha, interrompendo no momento *mulherzinha*.

— Olha! E não é que a criança voltou? Achei que ficaria por lá. Tive que dar meus pulos para cuidar da Anne e ainda administrar meu supermercado.—ele estava sério demais.— Eu fiquei sabendo que era para a senhorita vir a Piracicaba há alguns dias, mas eu sei que o motivo de sua demora foi um homem... Meu melhor amigo não quis dizer quem é ele, mas garantiu que você estava bem ocupada para falar comigo.

— Em algum momento eu tenho que desencalhar, não é mesmo? — zombou, encolhendo os ombros. —Espera aí! O que foi que disse? Como assim, teve que cuidar da Anne?

— Seu irmão é um exagerado e eu tive um mal estar, vomitei e ele não deixou me deixou trabalhar. Ficou cuidando de mim e queria ficar aqui. Eu praticamente o expulsei, para que ele criasse coragem de ir para o supermercado. — fiquei um pouco constrangida com a minha afirmativa, já que Dante não tirava os olhos de mim.

—Eis o motivo dele ser chamado de capitão. Ele é mandão demais. — Ela mostrou a língua como uma criança. — Mas e agora? Está melhor? — Confirmei com a cabeça. — Por bem hoje é o dia da sua consulta... Lembra que eu marquei médico para você? É hoje, na hora do seu almoço. —Ana avisou-me e de fato, aquela consulta fora marcada dias antes.

Ela vinha pegando no meu pé por conta do pré-natal.

— Pode deixar! Ela vai sim e eu faço questão de acompanhá-la — Dante interveio.

—Nada disso, irmãozinho... Eu vou com ela, afinal, é um médico de mulheres...

Ele ergueu as sobrancelhas e lançou-me um sorriso que não alcançou

os seus olhos.

— Claro, mas depois me conta como fez para convencer essa teimosa a ir ao médico, porque eu, na sexta-feira, pensei em levá-la a força. — ele se sentou e começou a comer.

— Desculpe, Capitão, mas eu tenho meus poderes de persuasão, que eu só conto se você não se meter nos meus namoros — disse, arrancando um riso genuíno do irmão. — É que a Anne queria ter marcado médico desde que chegou aqui, pelo que eu entendi, o marido dela era ciumento que nem deixava ela ir ao ginecologista.

— Ana Flávia! — ralhei com ela e a minha vontade era a de me enfiar debaixo da mesa.

Dante fingiu naturalidade.

— Então faça o seguinte, Anne... Vá ao médico na hora do seu almoço e depois que sair de lá, vá comer alguma coisa e assim que terminar de se alimentar, você volta, mas, por favor, não deixe de comer — ele implorou e logo em seguida virou para Ana. — Trate de levar ela a um restaurante saudável, eu não a quero comendo porcarias para depois passar mal como na sexta-feira.

Ele estava preocupado demais comigo, isso fazia dele ainda mais maravilhoso. Como não deixar me envolver por um cara assim? Sinceramente não sabia mais o que fazer para não cair em tentação. Precisava ser tão fofo, lindo e um perfeito cavalheiro?

— Tudo bem capitão! — respondemos juntas.

Pegamos nossas coisas, e como eu iria com ele para o trabalho, nos despedimos de Ana e seguimos rumo ao supermercado.



Na hora do meu almoço, eu estava pronta para chamar um táxi, quando Dante parou na minha frente.

— Eu vou deixar você na casa da minha irmã e de lá vou almoçar. Ok?

Encolhi meus ombros.

— Não tem como te contrariar não é mesmo? — Assenti.

Ele saiu me conduzindo para fora, com suas mãos em minhas costas, parecia que ele fazia isso para chamar a atenção, pois todo mundo nos olhava.

Assim que chegamos no carro, ele abriu a porta, e vi que ele se aproximou demais, quando achei que ele iria me beijar ele pegou o cinto me prendendo. Ele estava protetor demais após o meu mal-estar.

Tentando dissipar o clima, eu tentei tagarelar por todo o tempo, então, quando chegamos à casa de Ana, eu quis agradecê-lo com um beijo em seu rosto, mas acabou que naquele momento ele se virou e acabamos esbarrando nossos lábios, num beijo rápido.

—Des-Desculpe, não foi minha intenção. — Abri a porta e desci, sem sequer esperar uma resposta dele.

Ouvi somente o carro arrancar de forma que os pneus se derraparam, me virei para ver o carro partindo.

Nem ao menos precisei entrar, Ana já estava ali fora.

— O que fez com Dante para ele correr daquele jeito? —Dei com os ombros, como se falasse que não sabia. —Preparada?

Apenas sorri em resposta, então seguimos rumo ao consultório.



Estamos aguardando em meio a muitas grávidas, com barrigas de tamanhos diferentes. Tinha entregue meus documentos para poder fazer minha ficha. Como era horário marcado, logo eu seria chamada.

Assim que uma mulher saiu do consultório, o Dr. entrou de volta para a sua sala. Cinco minutos depois e apareceu na porta e me chamou com uma voz grave:

— Anne Maldonado.

Levante-me com a Ana em meu encalço, eu sabia que ela iria me apoiar em tudo.

Entramos na sala, e eu estendi ao a mão ao médico, um senhor de meia idade.

— Boa Tarde Dr. Jonas. —ele apertou minha mão de levemente.

— Boa Tarde Senhorita Maldonado, faz muito tempo que descobriu a gravidez?

— Não, faz cerca de um mês, mas estou ansiosa para saber como meu bebê está, meu sonho sempre foi ser mãe.

— Então vou pedir para que a Senhorita se troque naquela salinha,

vestindo esta camisola. — Disse ele pegando a peça e me estendendo. — Vamos fazer um ultrassom transvaginal, como seu bebê é pequeno e com toda certeza ainda está se desenvolvendo, veremos como tudo está correndo. Vou chamar a enfermeira para acompanhar o procedimento.

Fui à salinha e coloquei a camisola, quando voltei para o consultório, a Ana sorria para mim me passando segurança. Sentei-me na maca especializada e a enfermeira falou que poderia colocar as pernas no apoio. Chamei Ana para ficar ao meu lado, peguei em sua mão, eu tinha que ouvir que meu bebê estava bem, sentia que eu deveria ter procurado um médico antes.

Logo o exame de ultrassonografia começou, e a imagem do meu bebê apareceu na telinha, enchendo meu coração de esperanças.

— Anne, você entrou no terceiro mês de gestação... Para ser mais exato, 13 semanas, seu bebê está se desenvolvendo muito bem, nesse tempo, geralmente a barriga começa a crescer e o feto começa a se mexer, então não se assuste se algo se movimentar em seu ventre — explicou ele, concentrado na tela. — Você quer ouvir o coração do bebê?

— Sim, por favor, Dr. — Minha voz começava a falhar, tamanha a minha emoção.

A sala então foi preenchida com aquele som lindo.

Tum... Tum... Tum...

Só ouvi a Ana soluçar do meu lado, e eu não estava diferente dela. Era o som mais lindo que eu já tinha ouvido na vida.

Depois desse momento incrível, fui me trocar e o médico pediu para que eu fizesse todos os exames necessários, pois minha gravidez estava avançada e eu ainda não tinha realizado nenhum, ainda, ele receitou-me todas as vitaminas necessárias.

Sai de lá em êxtase, ainda mais quando o Dr. falou que os enjoos iriam passar, sem contar que saber que meu filho estava bem, era a melhor notícia que eu poderia ter.

Daquele momento em diante eu tinha uma certeza em minha vida... Eu amaria meu bebê mais que tudo e iria fazer o impossível para que nada acontecesse com ele... Ele era tudo o que eu tinha.



Capítulo 11

Anne

Eu vivia uma montanha russa de emoções, não cabia em mim de tanta felicidade, uma vez que com a minha gravidez corria tudo bem. Só que com o Dante, a situação ficava cada vez mais complicada.

Nós estávamos apaixonados, isso era inegável, e depois de termos nos beijado, a sensação que eu tinha era a de que dependia daquilo para sobreviver. Estar com ele, dividindo a mesma sala, fazendo refeições juntos e partilhando de momentos memoráveis, era praticamente uma tortura.

Sentia-me tão perturbada, que cheguei ao ponto de cogitar a ideia de fugir outra vez, só que acabei caindo em mim, porque, diferente do Richard, que era mesmo alguém de quem eu queria desaparecer, no caso do Dante seria em vão... Ele estava tão presente em mim que não importava para onde eu fosse, o levaria comigo, dentro da minha cabeça e do meu coração.

Para piorar tudo, diferente do que o meu médico me disse, meus enjoos não cessaram, e eu precisava fazer um esforço sobre-humano para não deixar transparecer isso no supermercado, mas não preciso dizer que era muito complicado.

A impressão que eu tinha, era a de estava sendo vigiada o tempo todo. Quase todas as meninas que trabalhavam no caixa estavam na casa dos vinte anos e noventa por cento delas tinha uma queda pelo patrão. Como eu era a "protegida", segundo elas, acabei virando alvo de fofocas e especulações.

Não era raro eu entrar no banheiro e ouvir numa rodinha, meu nome sendo citado, junto de algum comentário maldoso. Só que pensando na minha gestação, eu evitava tirar satisfações, até porque, em algumas das coisas elas tinham razão... O Dante não me tratava como uma funcionária normal.

—Anne, venha provar esses chocolates! — gritou ele, no meio do supermercado. —Como estávamos entrando no mês de junho, eu tinha dado a ideia de montarmos umas barraquinhas com os itens usados em festas juninas. Dante adorou a minha ideia e eu estava ajudando um dos funcionários a prender as bandeirolas. —Daniel, esta é a minha gerente de compras, Anne Maldonado... Eu só fecho negócio com o senhor, se ela der o aval.

—Anne, é um prazer conhecê-la. —ele estendeu-me a mão, para um cumprimento formal. — Eu estou contando com a sua generosidade, faz tempo que eu venho flertando com o supermercado Ferraz e agora eu trago um produto irresistível...

—Veja, Anne... Esses chocolates são artesanais, vêm direto de Gramado. — Dante apontou para uma cesta que fora colocada sobre o balcão de trocas. —Prove este aqui... Tem pedaços de castanha de caju... Eu adorei. — quebrou um pedaço e levou-o direto até a minha boca.

Para mim foi um ato normal, mas quando desviei a atenção ao nosso redor, dezenas de pares de olhos estavam sobre nós, observando a cena, e na maioria dos rostos, as expressões não eram muito agradáveis.

—É muito gostoso, mesmo. — engoli rapidamente. — E o custo? Foge muito do das marcas tradicionais? —Endireitei as costas, tentando parecer o mais profissional possível.

— Essa é a melhor parte! —Daniel sorriu e entregou-me uma folha. —Os preços são bem competitivos, embora o produto seja muito superior.

Dei uma olhada pela tabela e ele tinha razão no que dizia.

—Por mim, pode comprar. Podemos montar uma pequena ilha com todos os produtos da marca, bem perto dos caixas... Isso incentiva a compra por impulso... Podemos também fazer um dia de degustação... Quebramos essas barrinha em pedaços pequenos e oferecemos as amostras aos clientes.

Dante e Daniel me ouviam com muita atenção e ambos pareciam gostar das minhas sugestões.

—Viu só, Daniel? Eu não disse que ela é incrível? —Dante passou o braço sobre os meus ombros, instintivamente, meus olhos foram direto para

as meninas dos caixas e como eu previa, as que estavam desocupadas, me encaravam com desprezo.

—Bom, eu vou voltar ao meu trabalho, precisamos terminar de decorar as barraquinhas... —dei um passo para o lado, desejando poder fugir dali o quanto antes.

—Obrigada pela oportunidade. —Daniel me agradeceu antes de eu sair de cena. —É sua esposa? —indagou ele a Dante.

Acelerei os meus passos, eu não quis ouvir qual foi à resposta dele e eu rezei internamente para que ela não fosse comprometedora.

Ainda, naquele mesmo dia, Ana Flávia resolveu me fazer uma visita, eu não gostava que ela fosse até o supermercado, porque sempre me colocava em saias justas, mas não adiantava falar, ela era teimosa e não obedecia a ninguém.

—Vim buscar a minha amiga... Eu aproveitei que fui ao centro da cidade e fiz uma comprinhas... —Ela ergueu as mãos cheias de sacolas.

—E o monstro do consumismo volta a atacar... —Dante veio dos fundos e beijou o rosto da irmã.

—Fica quieto! Não comprei nada para mim, isso tudo é presente para a Anne.

—Para mim? — espantei-me, e quando observei as sacolas, quase tive uma parada cardíaca. Estampados em letras garrafais, as palavras "*MODA BEBÊ E GESTANTE*", apareciam na maioria delas.

—Pode ir, Ana Flávia... Eu ainda tenho que terminar algumas coisas por aqui e depois eu vou para casa. — Desesperei-me.

—Capitão... Pode liberar a Anne um pouquinho mais cedo, hoje? É por uma boa causa... —ela pôs-se a piscar com charme.

—Não! —Fui firme. —Eu já disse que ainda tenho trabalho...

—Pode ir, Anne. —Dante passou as mãos pelas minhas costas. — Hoje você trabalhou sem intervalos... Seja o que for, você termina amanhã.

Ana soltou as sacolas no chão e agarrou-se no pescoço do irmão, festejando como uma criança.

—Então vamos! —não contive a minha impaciência. —Eu vou pegar a minha bolsa.

—E eu vou com o seu carro... Depois você pega lá em casa. —Ouvi Ana intimando a Dante que não se opôs.



—Eu sabia que você era maluca, mas não a esse ponto —reclamei, assim que tomei meu lugar no banco do passageiro.

Ana ajustou o volante e deu partida no carro, no rosto uma expressão de quem não estava entendendo nada.

—Então eu gasto quase todo o meu cachê em roupinhas para o seu bebê, e é esse o agradecimento que eu recebo?

—Você ficou na frente do seu irmão, com aquele monte de sacolas de lojas de bebê... Já imaginou se ele percebesse? O Dante não é bobo, se ele somar um mais um, vai acabar descobrindo sobre a minha gravidez.

Ana aproveitou o sinal vermelho e me encarou.

—Tudo bem! Quer falar como uma adulta? Então vamos falar como adultas! —ela ficou séria. —Até quando acha que vai esconder sua gravidez? Sim, porque logo a sua barriga vai começar a crescer e eu lamento, não vai poder dizer ao meu irmão que engoliu uma semente de melancia... Anne, eu sei que tenho cara de idiota e que sou meio desligada, mas eu estou vendo o que está acontecendo entre você e o Dante... Depois da minha volta, eu percebi que os olhares mudaram, os sorrisinhos, a preocupação dele com você...

Cobri o rosto com as minhas mãos, ela estava certa, mas eu também tinha os meus motivos...

—Você não vai entender, porque não está na minha pele... —reclamei, chateada.

Ela me encarou com decepção, estacionou o carro e começou a tirar as sacolas do banco traseiro com muita ira.

—Claro! A idiota aqui não tem experiência nenhuma, então, como pode dar conselhos a alguém, não é? —ela abriu o portão e foi direto para o meu quarto.

Fui atrás dela.

—Não é isso, Ana... Só que eu... Eu...

Ela colocou as compras sobre a minha cama e cruzou os braços contra o peito.

—Você está sendo egoísta... Sabe que o Dante gosta de você, sabe

que pode confiar nele, em mim e na minha família, mas prefere seguir com as mentiras, aliás, uma mentira que vai se entregar sozinha. Eu posso não ser a melhor pessoa para te dizer isso, mas eu acho que deveria ser honesta com ele. —seu tom era mais ameno, mesmo assim havia muita mágoa em cada uma das palavras.

Comecei a chorar.

—Eu peço desculpas se estou passando essa impressão, mas tudo é tão confuso, tão novo, que eu me sinto perdida... —Sentei-me no chão e ela se sentou de frente para mim. —Ana, você sabe que o Richard foi o único homem da minha vida e eu achava que o amava, mas o seu irmão... O Dante... Ele me faz sentir coisas as quais eu desconhecia completamente.

—Está apaixonada por ele? — foi direta.

Respirei fundo e não precisei pensar para responder.

—Eu estou... —Abracei minhas pernas. —Na sexta-feira, antes de eu passar mal, nós nos beijamos e foi perfeito, foi como se ele tivesse ativado sentidos que eu nem sabia que tinha.

Ela deixou as sobrancelhas caírem e sorriu com um tom de tristeza.

— Se pudesse, teria guardado esse momento num potinho?

—Sim... —Balancei a cabeça.

—Eu sei como é isso... Só que ao contrário de mim, que quero, mas não posso ter, você pode viver outros momentos incríveis com o Dante, portanto, não desperdice essa chance.

—Tudo seria mesmo perfeito, não fosse por um detalhe... —Passei a mão pela minha barriga. —Esse filho é meu, é a ele que eu preciso me dedicar e o seu irmão não merece só uma parte de alguém, ele merece uma pessoa inteira...

Ela suspirou e se levantou.

—Eu acho que deveria deixar que ele decidisse isso... —ela saiu do quarto, deixando-me sozinha com o peso de sua afirmação.

Mais tarde, ela voltou para avisar que ficaria fora por algumas horas, tinha uma reunião sobre uma campanha publicitária.

Aproveitei para tomar um banho e de volta ao meu quarto, não resisti. As sacolas pareciam me chamar, então, sentei-me na cama e comecei a abrir uma por uma.



DANTE

Confesso que o fato de a minha irmã ter levado a Ana embora acabou sendo uma boa coisa. Naquele dia as funcionárias do supermercado me tiraram do sério.

Elas sempre deixavam escapar uma piadinha aqui, outra ali, mas naquele dia em específico, elas passaram de todos os limites e, eu sabia, se a Anne ouvisse o que elas andavam dizendo, por certo pediria demissão.

Para evitar que isso acontecesse, eu aproveitei a sua ausência e convoquei uma rápida reunião. Deixei bem claro que a minha vida pessoal não dizia respeito a nenhum dos funcionários e avisei, a primeira que comentasse sobre minha relação com Anne, seria demitida.

De tudo o que poderiam inventar, insinuar que eu havia engravidado a minha gerente de compras era algo inaceitável. Eu não sabia de onde elas tinham tirado aquilo, mas havia passado de todos os limites.

Ainda irritado, fechei o supermercado e acelerei meus passos para chegar até a casa da minha irmã. Meu carro estava mal estacionado e para variar, ela não tinha ativado o alarme. A minha sorte era a de que o nosso bairro sempre foi um dos mais tranquilos de Piracicaba.

De qualquer forma, tirei do bolso a minha chave reserva, só que antes de travá-lo, eu notei uma caixa no banco de trás.

Seria um presente para mim? Pensei e voltei atrás na mesma hora. A minha irmã não costumava me dar presentes nem em datas comemorativas, quiçá sem motivo algum.

Lembrei-me do monte de sacolas que ela carregava nas mãos, mais cedo e imaginei que fora algo que ela havia deixado cair. Debrucei-me sobre o banco e senti o ar me faltar quando eu percebi o que tinha dentro da caixinha branca.

Perplexo, encostei-me em meu carro e fechei os olhos. A impressão que eu tinha era de que alguém tinha acertado um belo soco em meu estômago. Dentro da minha cabeça, as informações se amontoavam como se

eu tivesse acessado um arquivo oculto no computador.

Frases, atitudes, cenas e enfim a conversa que eu tinha escutado das minhas funcionárias...

"A bonitinha está vomitando quase todo dia... Isso é coisa de mulher grávida...".

"Fico imaginando os dois naquela salinha... Aquilo deve pegar fogo!"

"Ela é magra, mas eu notei uma barriguinha saliente...".

Por Deus! Com aquele par de sapatinhos amarelos nas mãos, tudo parecia fazer sentido, todas as peças daquele quebra-cabeças pareciam encaixadas e o fato de a Anne estar fugindo de mim, mesmo quando eu sabia que ela também estava apaixonada, parecia ter finalmente uma boa explicação.

Ela estava grávida!

Atordoado, dei partida no carro e saí sem rumo, eu não sabia o que fazer, não tinha ideia de como agir e pior, não conseguia aceitar que ela tinha mentido para mim. Por minutos, senti-me um idiota, aquele que seria o último a saber.

Com todas aquelas informações gritando dentro da minha cabeça, eu liguei o rádio a fim de tentar silenciá-las, tentava distrair minha dor. Foi em vão.

A canção que tinha a feito chorar dias antes, começou a tocar, e, como se minha algoz consciência quisesse me punir, cenas da Anne comigo, dos seus mais bonitos sorrisos, dos nossos beijos e até mesmo de quando fugia de mim, foram compilados e exibidos como num clipe musical.

Estacionei o carro na praça da cidade e fiquei ali, por mais de uma hora, pensando e repensando em como eu faria para viver sem aquela mulher que parecia já fazer parte mim. Com os sapatinhos na mão, tomei minha decisão, a mais acertada a meu ver, então, convicto, dirigi até a casa da Ana Flávia, aquela conversa não poderia ficar para outro dia.

Bônus II – Richard

Lembrei-me do meu último fim de semana e que grande inferno! Aquelas sexta-feira e também o sábado, deveriam ser apagados da minha existência. Mas pudera, eu passei dos limites com a bebida, exagerei e então...

Mais uma para a conta da Anne, todas as merdas que eu fiz foram guiadas pela saudade que eu sentia dela... A minha doce esposa.

Por que ela tinha que me deixar?

Porque ela preferiu aquela criatura? Ela tinha o mundo comigo, eu sempre dei tudo o que ela quis e eu nunca amei ninguém como eu a amava.

Essas e muitas outras malditas perguntas me perturbavam, sem contar que eu já não tinha mais repertório para despistar o sumiço da Anne. Só que eu tinha uma festa, era desfile beneficente e eu precisava dar as caras, clientes meus de suma importância estaria lá e eu, embora estivesse deprimido, não podia demonstrar.

O idiota do detetive a quem eu contratara não tinha conseguido uma pista sequer da minha esposa e a fada de notícias estava acabando comigo.

De qualquer maneira, eu, Richard Maldonado, não poderia ficar enfiado dentro da minha casa, por isso, fiz a burrice de chamar a mais nova estagiária para ser minha companhia no evento.

A princípio ela negou, disse que não tinha roupa para ir a um ambiente tão chique, então, propus uma ida ao shopping da cidade, afirmei que compraria algo decente para ela e a bobinha prontamente me obedeceu. Ela sabia que eu não desistia de nada facilmente, esse era o meu jeito de resolver as coisas.

Quando chegamos ao shopping eu a fiz experimentar varias roupas, mas o que caiu bem para ela foi um vestido lilás, dono de um decote generoso e uma fenda lateral que a deixou muito sexy.

Para ser sincero, ela era bem bonitinha, e, se não fosse a sua voz de taquara rachada, eu já teria a levado para a minha cama... Só que ela tinha um timbre insuportável, então, só serviria de enfeite para mim, como um acessório, feito para chamar alguns flashes para um dos melhores advogados criminalistas do Brasil, afinal, eu esperava ser destaque nos jornais no dia seguinte.

Combinamos que eu a pegaria mais tarde em sua casa, da nossa cidade até a capital, seria mais de uma hora de viagem... Disse isso para ela e a anta não escondeu a empolgação.



Voltei para a minha casa e outra vez experimentei do gosto amargo que era a falta da minha esposa em nosso lar.

Depois de um longo banho, vesti um dos meus melhores ternos, assim que terminei de me arrumar ouvi a limusine que eu tinha contrato, chegar. Entreguei ao motorista um papel com o endereço da Sandra, eu odiava conversar com aquele tipo de gente.

Durante o trajeto, eu só conseguia pensar que a Anne ao certo buscava por notícias minhas e eu pagaria para ver a cara dela quando se deparasse com uma foto minha, acompanhado de uma bela mulher... Só não tão bela quanto ela...

Logo que chegamos à frente da casa da Sandra, nem precisamos esperar muito, ela logo veio com toda elegância até o carro, e estava linda. Eu só não diria isso para ela, afinal, ela não precisava saber a minha opinião, uma vez que eu notava todas as suas insinuações para mim.

O motorista abriu a porta e ela entrou, sentou-se meio amedrontada e permaneceu quieta até chegarmos ao evento, o que foi bom, porque eu não estava com a mínima paciência.

Ao chegarmos, eu fui ao primeiro a descer do carro e depois ajudei Sandra a sair, coloquei uma das minhas mãos em suas costas, conduzindo-a até o tapete vermelho na entrada do evento. Caminhamos devagar e ali começaram a disparar vários flashes em nossa direção e lá dentro, as fotografias também não cessaram.

Eu odiava fotógrafos, para mim não passavam de urubus, mas, às vezes precisamos servir de alimento para eles. Apesar de não simpatizar com a classe, Lorezzo, um fotógrafo de renome, havia ganhado a minha simpatia.

Ele trabalhava com modelos e sempre que nos cruzávamos, eu terminava a noite com um belo exemplar me dando prazer. A maioria das meninas que fazem poses por dinheiro, costumam fazer muitas outras coisas também... Não que eu fosse o tipo de homem que precisava pagar para ter sexo, só que às vezes eu preferia uma puta contratada, a uma idiota à procura de um príncipe encantado.

Mulheres pagas são como uma carreira de cocaína, você consome, se diverte um pouco e depois segue com sua vida sem lembrar-se do que usou.

Como eu precisava me distrair um pouco, aquela seria a noite perfeita para ele me apresentar uma gostosa que me fizesse esquecer, pelo menos por alguns momentos, da minha Anne...

Não precisei procurar muito, no hall de entrada, lá estava ele, acompanhado de uma loirinha deliciosa. Se ela fosse uma das suas conquistas, com toda certeza ele ficaria muito puto comigo, mas parecia que ele a respeitava e eu precisava saber o motivo.

— Boa noite, desculpe interromper meu caro amigo, mas vim te agradecer pelo convite, soube que você é um dos idealizadores deste evento... Preciso dizer que tudo está muito elegante. — congratulei-o, dando tapinhas em suas costas. Observei que a minha acompanhante tinha sumido do meu lado, então eu estava naquele exato momento, sozinho.

— Boa noite Richard. Quanto tempo! —ele sorriu. — Imagine, é uma honra ter um dos melhores advogados criminalistas em minha festa... Deixe-me os apresentar. —ele deu um passo para o lado. — Esta é Ana Flavia, a irmã do meu amigo Dante... Aquele de quem eu tanto falo.

— Prazer... Sou Richard. —segurei seus dedos, depositando um beijo no dorso de sua mão. Percebi que ela corou como era linda... Uma sobremesa e tanto... Não fosse o fato do meu amigo parecer gostar muito dela, ela poderia ser meu brinquedo da noite.

— Cadê sua esposa? —perguntou ele, parecendo enciumado. Essa era uma pergunta que eu esperava não ouvir de ninguém nessa festa, mas todos sabiam que eu era casado.

— Infelizmente hoje ela estava indisposta, ficou em casa descansando —menti. — Mas ela pediu para trazer minha secretária para que nenhuma mulher fique no meu encalço.

"Boa desculpa, Richard!", elogiei-me em pensamento.

— Será que vem um herdeiro por aí...? —disse a tal da Ana Flavia, sorrindo. — Tenho uma amiga que se encontra nessa mesma situação, está no início da gestação e como aquela menina passa mal...

— Tenho que certeza que não! Eu e a minha esposa não pensamos em ter filhos. Ainda. Queremos curtir nosso casamento e o nosso amor. —Não consegui disfarçar minha rispidez.

Mulheres e a maldita mania de ficar babando por bebês.

— Desculpe, mas como sou uma das modelos, tenho que ir me arrumar, se me der licença, foi um prazer te conhecer, eu tenho a certeza que sua esposa é uma mulher de sorte por tê-lo ao seu lado. — Ela nem esperou eu dizer mais nada e sumiu em meio à multidão.

Ela tinha uma bunda linda e eu só não me segurei.

— Me diz... Qual é a sua com a loirinha? Está pegando a irmã do seu melhor amigo?

— Claro que não! —ele fez uma cara feia. — Mas confesso que vontade não me falta.

— Devo admitir que achei ela linda, uma jovem cheia de vigor, deve ser um fenômeno na cama... De qualquer maneira, nenhuma mulher nesse recinto se compara com a beleza da minha mulher. —voltei a me entristecer.

— O bichinho do amor te pegou de jeito. —Ele esbarrou seu ombro no meu. — Espero que não seja um vírus. O meu amigo, Dante, também está assim, todo bobo pela nova funcionária, e eu já estou prevendo que vou perder meu companheiro de balada. Tudo bem que a mulher é linda, eu não tive a honra de conhecer sua esposa, mas essa paixonite do meu amigo é mesmo uma puta gata... Eu até queria fotografar ela, mas infelizmente ela não quer ser modelo, tenho fotos dela na minha câmera que esta no meu apartamento, se tivesse aqui, eu te mostrava. —ele cocou o queixo, e voltou a falar. — Precisamos marcar um jantar, eu gostaria de conhecer sua mulher...

Se eu não tivesse tão preocupado com o sumiço da Anne, eu teria arrebitado a cara do Lorenzo ali mesmo... Filho da puta! Conhecer a minha esposa... Só em sonho...

— Marcamos. — encerrei o assunto. — E numa próxima vez, lembre-se de me mostrar às fotos da tal moça... Vou pegar um whisky e procurar minha acompanhante, que era para estar ao meu lado. — Despedi-me com um aperto de mão e sai de perto dele.

Avistei Sandra numa roda de mulheres da alta sociedade, e imaginei que elas estavam jogando conversa fora, mas ao me aproximar, percebi que o papo era sobre o desaparecimento de minha esposa. A desgraçada, para não falar outra coisa, tinha aberto a boca.

— Sandra, será que poderíamos conversar por um momento? —pedi, tentando manter uma paciência desconhecida por mim! Percebi que ela ficou mais branca que um papel.

"Sim querida, você está ferrada!"

Arraste-a até um canto mais reservado e a minha vontade era a de apertar o pescoço dela.

— Sua vadia, a próxima vez que você abrir a boca para falar sobre minha vida pessoal ou até mesmo sobre a minha esposa, eu acabo com você! —ameacei, com o meu rosto bem próximo ao do dela. —Faço você não ser

contratada nem para faxineira. Estamos entendidos? —assim que ela assentiu, eu continuei: — Agora quero você somente ao meu lado. Não saia, ok?

— Ok. —ela estava trêmula e eu senti vontade de rir.

Por cima dos ombros dela, enxerguei um casal de amigos da minha família e me aproximei para cumprimentá-los.

— Boa noite.

— Boa noite — falou o senhor César, me estendendo a mão, que eu fiz questão de pegar e apertar. Ele era um dos meus melhores clientes.

— Onde está a sua esposa? Ela é um amor e muito simpática. Sinto a falta dela em eventos como este. — indagou-me sua mulher, Sophia, pondo a mão em sua cintura.

— Estava indisposta. Eu trouxe a minha secretária como acompanhante. Essa é a Sandra.

— Ela é linda, mas nada se compara a sua Anne, com todo o respeito. —César riu. — Diga a ela que mandei lembranças.

— Pode deixar. — Fingi um sorriso.



Aproveitei um garçom passando, peguei mais um copo de whisky e virei dentro da minha boca. Assim segui a noite inteira.

Lembro-me de acordar na manhã seguinte, com a Sandra esticada na minha cama. Flashes da madrugada surgiram em meus pensamentos e eu percebi que fora apenas uma ilusão por causa da bebida.

Enquanto eu beijava a Sandra, ainda na limusine, era na Anne que eu pensava e, cheguei ao ponto de vê-la, de sentir o seu cheiro e de acreditar que era com ela que eu fazia amor.

Desesperado, eu só a queria fora dali, fora da cama onde eu me deitava com a minha esposa... Aquele lugar era sagrado.

Acordei a mesma aos berros.

— Saia já da minha cama, sua vagabunda! — vociferei com ira. — O que pensa que está fazendo nela? Se coloque em seu lugar. —acordei-a aos berros e ela me olhava com espanto, como se não compreendesse o que estava havendo.

— Eu estou aqui em sua cama, porque você me chamou... —

argumentou com aquela voz irritante. — Richard, você disse que me amava. Eu... Eu me declarei para você, meu amor.

Eu sabia! Ela realmente era apaixonada por mim, seus olhos brilhavam quando estavam sobre mim. Era como eu olhava para Anne.

— Você acha que eu iria amar alguém como você? Nunca! Isso nunca ocorrera. Eu só amo uma mulher e ela se chama Anne. Ela é a mulher da minha vida. —Cuspi as palavras, queria ser cruel.

— Você mentiu para mim! —acusou-me aos prantos. — Eu te entreguei meu bem mais precioso, minha virgindade... Você é um grande desgraçado. —Puxou o lençol e se levantou. —Está explicado por que a sua mulher sumiu. Você merece estar sozinho, e espero que assim você continue.

Eu não aguentei , virei um tapa em sua cara com toda a força que existia em mim.

— Eu já avisei, sua vadia, não fale nem um " A " sobre a minha esposa. — Peguei todas as suas roupas, e joguei para fora do meu quarto. — Agora fora da minha casa, eu te vejo na segunda-feira no escritório e se não aparecer, eu acabo com a sua carreira que ainda nem começou.

Sandra saiu de cabeça baixa e sem retrucar. Sentado na ponta da minha cama, eu decidi que iria outra vez até a casa dos pais da Anne. Aqueles velhos tinham que me dar alguma pista, e seria por bem ou por mal...



Capítulo 12

Anne

A Ana Flávia era mesmo uma maluca, ao todo, tinha comprado cinco macacões, três pares de sapatinhos, dois vestidos para mim e um monte de toalhinhas, babadores e bichinhos de pelúcia.

Tudo bem, eu estava babando por tudo aquilo, as primeiras peças do meu bebê e como eu poderia não me emocionar?

Com lágrimas marejando meus olhos, coloquei-me em pé e como uma boba, fiquei parada por uns bons minutos, apenas olhando para tudo aquilo e imaginando o momento em que usaria cada uma daquelas roupinhas.

Acariciando a minha barriga, puxei o ar, inconformada ao pensar na reação de Richard... De qualquer maneira, eu me sentia em paz com a decisão de ter fugido, porque eu nunca me sentira tão plena.

De tudo o que havia sobre a cama, um coelhinho colorido de orelhas enormes foi o que mais me encantou. Curvei-me e o peguei, sua textura macia me levou a abraçá-lo. Distraída, não notei que não estava sozinha naquele quarto.

— Então, é mesmo verdade... Você... Você está grávida? — A pergunta veio das minhas costas, a voz de Dante tinha um misto de surpresa e decepção.

Eu sabia que não poderia esconder a verdade dele por muito tempo,

mesmo assim, eu não me sentia pronta e, talvez por isso, senti minhas pernas falharem, meus batimentos atropelados e a minha vontade era a de desaparecer.

—Sim, Dante... Eu estou grávida. —virei-me para ele, as lágrimas escorriam por meu rosto e instintivamente, uma das minhas mãos repousou sobre a minha barriga.

Ele deu um passo à frente, os olhos varreram as peças expostas sobre a cama e sem nada dizer, ele caminhou até chegar ao móvel, curvou-se e colocou, ao lado dos sapatinhos, um par na cor amarela.

Experimentando o dissabor da vergonha, o que mais me machucava era saber que eu havia o magoado, dava para ver em seus olhos, que relutavam em se voltar para mim. Sem saber o que dizer, deixei o coelhinho cair no chão e cobri minha boca com as mãos, eu queria gritar, aquilo doía demais.

— Eu confiei tanto em você, Anne... —ele encolheu os ombros e virou o corpo todo para mim.

— Acha que eu não sei? Pensa mesmo que tem sido fácil guardar um segredo dessa magnitude? —suspirei. — Não pense que eu planejei isso, Dante... Na verdade, desde que eu fugi da fúria do meu marido, tudo o que eu desejava era proteger essa criança daquele monstro a quem eu jurei fidelidade, mas as coisas fugiram do meu controle, eu o conheci e... Bom agora isso não vem ao caso...

—O que quer dizer com isso? O seu marido, ele não quer esse filho? —Dante mostrou-se cético diante do meu desabafo.

Puxei o ar e fechei meus olhos, outra vez eu estava visitando o meu passado, ou melhor, aquela noite quando eu realmente conheci o meu marido.

— Quer saber mesmo, Dante? Quer a verdade? O Richard enlouqueceu quando soube da minha gravidez... Assim que eu revelei que seríamos pais, ele me bateu... Eu fui humilhada, ele deu um soco na minha barriga e exigiu que eu abortasse — minha voz estava embriagada e a minha alma despedaçada por eu estar dizendo tudo aquilo em voz alta. — Se eu não tivesse fugido, a essa altura está criança —voltei a acariciar minha barriga — Ela não...

—Meu Deus! Isso é terrível, nojento... — Dante pareceu pensar alto.

—Eu me sinto tão envergonhada... —abaixei a minha cabeça e não contive meu choro —Como eu pude me casar com alguém como ele...?

Dante, eu juro que nunca quis enganar você, mas eu precisava do emprego, eu precisava me firmar em um lugar seguro, só que eu nunca imaginei que no meio de tudo isso, eu conheceria você e que eu me... Você é incrível e eu sinto muito por tê-lo decepcionado. —passei as mãos pelos meus cabelos, sentia-me perdida.

Dante não me respondeu nada, ele apenas oscilava olhares entre mim e a cama com peças do bebê.

—Deveria ter me contado... Eu jamais negaria o emprego para você, ainda mais se eu soubesse da sua história. —ele cruzou os braços contra o peito, parecia emocionado.

—Eu tive medo... Nem a Ana Flávia sabe de tudo, como eu disse, eu tenho vergonha, de alguma maneira sinto que tenho uma parcela de culpa por ter deixado que as coisas chegassem ao ponto que chegaram. Mas pelo visto esse deve ser um defeito meu, afinal, está acontecendo de novo, outra vez eu perdi o controle da situação. —Corri os dedos pela minha face, tentando secar minhas lágrimas — Eu peço perdão, Dante. Para você, para a sua irmã, enfim, para toda a sua família... Eu nunca quis magoá-los, e espero do fundo do meu coração que um dia vocês possam ao menos entender as minhas razões.

Ele juntou as sobrancelhas e estreitou os olhos, a veia em sua têmpora pulsava com agitação e ele engoliu em seco.

— Está falando de um jeito... Parece até que isso é uma despedida.

Assenti com a cabeça, eu sabia que não teria mais condições de ficar morando com a Ana, muito menos convivendo com o Dante.

—Eu acho que já abusei demais da hospitalidade da sua irmã. Como eu disse, e tenho uma quantia razoável e com ela eu posso recomeçar. Acho que já é hora de eu abrir meus caminhos, afinal, eu não estou sozinha... — tentei sorrir, mas pensar que eu não estaria mais todos os dias com o Dante e também com a maluquinha da Ana, estava acabando comigo.

Outra vez ele olhou para a cama, encarou-me e caminhou até ficar bem perto de mim. Sem falar nada, ele se abaixou e pegou o coelhinho nas mãos, colocando-se de joelhos em seguida.

—Você tem toda a razão Anne... Você não está sozinha... Tudo o que eu falei naquele dia em que nos beijamos, eu reafirmo aqui, diante de você e digo mais, se me deixar entrar em sua vida, eu prometo que vou cuidar de você e dessa criança, como se ela fosse minha. —Dante entregou-me o

coelhinho, e beijou a minha barriga, fazendo com que eu perdesse toda e qualquer ação.

—Isso... Isso é — abri a minha boca, mas não conseguia formular uma frase conexa.

—Anne, se me disser que a única coisa que a impede de ficar comigo, é a sua gravidez, então não tem com que se preocupar. —ainda de joelhos e ele segurou as minhas mãos. —Eu quero você para mim, como eu nunca quis ninguém e agora que eu sei de tudo, eu quero muito ser o pai que essa criança merece...

—Mas Dante, eu ainda sou casada — argumentei, tomada de emoção.

—Esse maldito homem nunca mais vai encostar em você, ele nunca vai te encontrar, mas se isso acontecer, eu vou estar ao seu lado, pronto para mostrar para ele como é que covardes devem ser tratados. —ele se levantou. —Só que agora, acaba com essa tormenta e me faz feliz... Diz que vai me deixar cuidar de você e que vai me dar à honra de ajudar a criar o seu bebê.

Seria um sonho?

Temendo que sim, não quis perder tempo. Morta de saudades dos seus beijos, circulei os meus braços em seu pescoço e forcei o seu rosto contra o meu e foi um dos melhores momentos da minha vida.

Saber que eu não escondia mais nada, estar com ele sem o peso daquele segredo foi libertador, por isso tão marcante.

— Vem comigo... — ele puxou-me pela mão e em minutos estávamos dentro do seu carro.

— Para onde estamos indo? —indaguei, rindo feito uma boba.

Antes mesmo que ele pudesse responder, o motor já desacelerava. Estávamos estacionados em frente à sua casa. Ele desceu, abriu o portão e guardou o carro na garagem.

Assim que eu desci, ele tomou-me em seus braços e me carregou até o seu quarto. A cama não era grande, tinha a medida de uma cama de casal normal. A cabeceira era de madeira clara e a colcha era num tom azul claro.

Assim que ele me deitou sobre rela, o cheiro do seu perfume invadiu o meu ar. Meu corpo todo se arrepiou, como acontecia quando eu recebia uma notícia boa.

— É aqui onde eu passo o tempo todo pensando em você... — ele fechou a porta e caminhou até uma prateleira que sustentava um rádio.

—Pensa em mim antes de dormir? — duvidei.

Ele lançou-me um sorriso discreto.

—Posso te confessar uma coisa?

—Deve! —Ajeitei o travesseiro em minhas costas, tentando disfarçar meu nervosismo.

—Eu tenho um gosto musical, meio diferente dos homens da minha idade... —Virou-se para o aparelho e apertou um botão, fazendo-o se iluminar com uma luz verde fosforescente. — Djavan é um dos meus cantores favoritos, e, essa música é a minha preferida... Desde que a conheci, eu coloco *Oceano* para repetir e deixo os meus pensamentos se perderem nas lembranças que eu guardo de você... Então eu costumava ficar aí, deitado bem onde você está, sonhando com o dia em que você estaria aqui comigo... — confessou, antes de tirar a camiseta que vestia.

Perdi o ar e comecei a suar frio. Que sorriso! Que olhos! Que tórax! Além de ser dono da personalidade mais incrível que eu já conhecera, ainda era perfeito, fisicamente.

—Dante, eu só quero dizer que... — comecei a falar, mas precisei me interromper quando ele curvou o seu corpo perto de mim e alcançou a minha boca outra vez.

Outro beijo e eu acreditava que poderia desaparecer a qualquer momento, consumida pelas chamas que me queimavam, em todos os sentidos. Sem reservas, eu explorava cada parte do seu corpo e me surpreendia com minhas descobertas.

Richard tinha sido meu primeiro e único homem, mas naquela noite, eu estava disposta a mudar isso. Não posso negar que me sentia mais nervosa do que na minha primeira vez, mesmo assim, quando ele quis tirar a minha blusa, eu não hesitei.

Ergui os meus braços para facilitar as coisas, depois, fui eu mesma a me livrar da calça que vestia. Pronta para livrar-me da minha lingerie e Dante segurou a minha mão, como se quisesse me barrar. De joelhos sobre a cama, ele ficou por alguns instantes apenas me observando, os dedos passeavam por todo o meu corpo, como se ele fizesse um reconhecimento.

Diferente do meu marido, que não perdia tempo, Dante parecia não ter pressa alguma. Cuidadoso, depositou beijos em meus dedos, e escorregou os lábios por toda a extensão dos meus braços. Com muita delicadeza ele desceu a alça do meu sutiã passeou sua língua pelos meus ombros, antes de morder meu pescoço de um jeito tão sedutor que me arrancava gemidos

involuntários.

Por alguns momentos eu me sentia como alguém que pisa na lua pela primeira vez. Eram tantas as descobertas, tantas as novas sensações que eu me perguntava em pensamento, como pude ter vivido sem senti-los, por tanto tempo.

Sem experiências, eu achava que sexo era aquilo que eu tinha com o Richard, algo que se resumia em alguns beijos e então ele sobre mim por alguns momentos antes de cair relaxado ao meu lado. Durante a relação ele dizia que me amava, que eu era a melhor mulher do mundo e isso bastava.

Só que com o Dante, não foi nada parecido. Nada.

Foram beijos em lugares onde eu nunca tinha sido tocada, abraços, carícias, desejo, declarações e eu conheci o céu. Pela primeira vez.

— Eu te amo, Dante... Esteja certo de que eu te amo... —murmurei com a voz entrecortada, experimentando de um relaxamento inédito.

Ele segurou o meu rosto dentro de suas mãos e beijou a minha testa, nariz e finalmente a minha boca. Puxou-me de encontro ao seu corpo e encaixou as minhas costas em tórax.

—Eu posso sentir, Anne. Espero que você também tenha sentido.

Eu tinha, e enquanto, pela décima vez Oceano era cantarolada, eu me identificava com cada verso daquela canção...

Amar é um deserto e seus temores
Vida que vai na sela dessas dores
Não sabe voltar, me dá seu calor...
Vem me fazer feliz porque eu te amo
Você deságua em mim e eu oceano
Me esqueço que amar, é quase uma dor...
Só, sei viver se for por você...



Capítulo 13

Dante

Vendo-a adormecida em minha cama, com seus cabelos espalhados no travesseiro, o rosto sereno e parecia um anjo, não tinha como deixar de admirá-la. Anne era linda demais, mas não era só isso, sua personalidade gentil e a bravura por ter tomado as redes da vida, sem sombra de dúvidas foi o que mais me encantou.

Sorri, estava feliz por minha decisão, certo de que não poderia ter feito outra coisa, que não assumi-la e junto dela, seu bebê.

Distraído com meus pensamentos, ouvi o roncar do meu estômago, sentia fome e com certeza a Anne também. Levantei-me devagar, não queria acordá-la, mas precisava comprar algo rápido e saudável para nós três. Sim, nosso filho precisava se alimentar também para crescer forte e saudável dentro da Anne.

Enquanto tomava um banho rápido, pensei na minha irmã, eu precisava avisá-la sobre o que tinha acontecido, eu sabia que apesar de ter uns parafusos a menos, ela se preocupava muito com a amiga.

Antes de sair, voltei ao meu quarto, a Anne continuava adormecida na mesma posição. Olhei para a minha mesa e tive a ideia de rabiscar um bilhete, para o caso de ela acordar antes da minha volta.

"Meu amor, fui a um restaurante comprar algo para comermos...

Peço que não vá embora, me espere, por favor...

Obrigado por me fazer o homem mais feliz do mundo!

Eu amo vocês...

Dante"

Deixei o pedaço de papel sobre o meu travesseiro e corri direto até a casa da Ana Flávia. Assim que passei pela porta, ouvi os soluços da minha irmã, ela estava no quarto da Anne e foi para lá que eu fui.

— Ana, pelo amor de Deus! O que aconteceu? — desesperei-me ao encontrá-la chorando desesperadamente.

— Ela me deixou... Assim como deixou o marido. —Agarrou-se a mim, segurando uma das roupinhas do bebê em suas mãos. — A Anne foi embora e eu não sei o que fazer. Capitão, ela está grávida e eu tenho medo que algo aconteça com ela e com o filho...

— Minha irmã, mantenha a calma... Ela não foi embora! —segurei seu rosto.

— Como você pode ter tanta certeza? — arregalou os olhos e me encarou com esperança.

Eu sorri.

— Ela está na minha casa... E eu acho melhor você ir se acostumando com isso. —Levantei-me.

—O... O que quer dizer com isso?

—Quero dizer que não vou querer ficar longe da minha mulher e do meu filho — declarei, muito à vontade por referir-me a eles dessa maneira.

Minha irmã abriu e fechou a boca, mas não conseguiu formular uma palavra, então com um pulo parou na minha frente e em seu rosto exibia a expressão de quem vira um extraterrestre.

— Minha nossa senhora do salto alto! Como você soube da gravidez? Vocês e a Anne, estão juntos? Você vai assumir o bebê dela? —ela disparou a falar, lançando-me pergunta atrás de pergunta.

—Vamos com calma, Ana Flávia... Uma pergunta de cada vez... — tive que rir —Sobre a gravidez, eu encontrei no banco traseiro do meu carro, um par de sapatinho amarelos. Aquele ali —apontei para a cama —Então, eu entendi a razão de a Anne estar fugindo de mim. Quanto a estarmos juntos, no que depender de mim, aquela mulher será minha, só minha, e eu estou sim, disposto a cuidar dela, do bebê e proteger aos dois, porque minha irmã,

você me conhece melhor do que ninguém e sabe que eu nunca tinha me envolvido a sério com ninguém, mas a Anne, assim que eu coloquei os meus olhos sobre ela... Foi arrebatador.

—Dante... Que declaração mais linda... —ela choramingou com lágrimas nos olhos. —Não sabe como eu torci por isso... A Anne merece mesmo alguém que cuide dela.

—Eu sei, e mais do que isso, de alguém que esteja preparado para enfrentar aquele mostro que é o marido dela... —Enfureci-me ao me lembrar das coisas que ela havia me contado sobre ele. — Que tipo de homem bate em mulher grávida? Que tipo de pessoa sugere que a mulher faça o aborto do próprio filho? Consegue imaginar como a Anne sofreu, tendo que passar por tudo isso?

— Essa parte eu não sabia. —ela começou a chorar. — Eu juro, Dante, que se um dia eu encontrar esse cara, eu mato ele! — Minha irmã estava mais nervosa ainda. — Me prometa uma coisa Dante Ferraz, você vai cuidar da Anne e amá-la a ela acima de tudo! Ela não merece passar por mais decepções.

Emocionado, puxei Ana Flávia de encontro ao meu peito, para abraçá-la com todas as minhas forças.

— Eu não preciso prometer a você, porque essa promessa eu já fiz a mim mesmo... No que depender de mim, a Anne será a mulher mais feliz deste mundo.

Ela apenas assentiu com a cabeça, então, depois de tranquilizá-la, eu fui direto até um restaurante que ficava bem perto dali e que servia uma comida natural.



Quarenta minutos depois e eu estava de volta, deixei a comida na cozinha e caminhei na direção do meu quarto, ansioso pelo reencontro com Anne. Tinha medo de como ela reagiria ao acordar, temia que ela pudesse voltar atrás e não querer mais ficar comigo... Sentia-me inseguro, afinal, ela era uma mulher ferida e isso poderia ter deixado nela algum tipo de trauma ou medo.

Com delicadeza empurrei a porta, mas para minha surpresa ela estava acordada. Quando me viu, escancarou um sorriso que me tirou o chão e que

fez meu coração reagir de maneira preocupante.

— Não precisava ter ido comprar nada, eu mesma faria um jantar para nós dois — disse ela brincando com seus dedos.

Sentei-me na beirada da cama, meus olhos não conseguiam se desgrudar dos dela.— Hoje eu não quero que você faça nada... Só quero te mimar e te amar do jeito que você merece, meu amor. — Inclinei-me para um beijo e ela retribuiu docemente.

— O que você trouxe? — indagou-me com as mãos percorrendo meu rosto.

— Macarrão ao molho branco. Sei que você gosta.

Ela voltou a sorrir, agora com certa timidez.

— Eu amo, mas posso te pedir algo? —Seus olhos brilharam.

—Pode pedir o que quiser. —Beijei a ponta suas mãos.

— Eu despertei com uma vontade louca de tomar sorvete de manga e chocolate... —Ela fez uma careta e conseguiu ficar ainda mais bonita.

— Sorvete de manga e de chocolate? —estranhei.

— Acho que é meu primeiro desejo... —encolheu os ombros.

—Claro, só pode ser. —levantei-me rapidamente. — Eu vou buscar, meu amor, diga ao nosso bebê que eu volto em um minuto...Sei que no supermercado tem sorvete de manga e no meu freezer tem o de chocolate. — Curvei-me para depositar um beijo em sua testa. — Mas, por favor, vá jantando, você deve estar com fome e precisa alimentar nosso filho.

— Fica tão bonitinho falando assim... —ela se derreteu.

Pisquei para ela e saí como um raio, não queria demorar.

Cheguei ao supermercado e os meus funcionários se preparavam para fechá-lo. Troquei duas palavras com os repositores e fui direto até a os freezers de sorvete. Só para garantir, peguei dois potes do bendito sorvete de manga. Quando estava pronto para sair, reconheci um homem que conversava com o meu gerente.

Ezequiel Sanches era um velho amigo, nossos destinos haviam se cruzado no passado, e há tempos não nos víamos. Ele era investigador particular e eu estranhei sua presença ali.

— Boa noite Sanches, a que devo a honra de vê-lo aqui no meu supermercado? — estendi a mão em sua direção e ele a apertou.

—Dante Ferraz! Meu caro amigo... —ele sorriu com satisfação. — Na verdade eu vim até aqui a trabalho. Estou seguindo uma pista e parece que ela

é quente... Seus funcionários acabaram confirmando que quem eu procuro trabalha aqui!

— Está procurando alguém que trabalha aqui? —estranhei. —Quem é a pessoa? —sinalizei para que meu gerente nos deixasse a sós.

— Anne Maldonado. —ele disse de uma vez e foi como ter levado um soco no estomago. —Ela fugiu do marido e ele está desesperado... Pagou-me uma fortuna para que eu a encontre com a máxima urgência e para minha sorte ela acabou se consultado em uma clínica aqui, nesta cidade... A maior coincidência foi saber que ela é sua funcionário, meu amigo.

Aquilo não podia estar acontecendo, era muito azar... Maldito seja esse Richard! Praguejei sentindo o sangue ferver dentro das minhas veias. Ele estava jogando pesado, afinal, o Sanches era o melhor em sua área. De qualquer forma, eu não permitiria que ele voltasse a encontrar a Anne.

Eu nunca fui o tipo de pessoa que fazia algo por interesse, muito menos gostava de cobrar favores, mas aquela era uma situação extraordinária, por isso eu não vi outra saída, que não jogar com as cartas que eu tinha.

— Poderia me acompanhar até a minha sala para conversarmos? — Adotei a minha postura mais séria.

—Claro que sim — Sanches concordou com empolgação. —Andréia, coloque, por favor esses sorvetes de volta no freezer, daqui a pouco eu os pego.

—Entreguei a sacola a uma das meninas do caixa e fui direto para a sala que dividia com a Anne.

Assim que chances entrou, eu puxei a cadeira para que ele sentasse, e fiz o mesmo, tomando meu lugar atrás da minha mesa. Antes de começar, meus olhos foram direto a mesa da Anne.

— Pode falar Dante, eu percebo que as coisas não são tão simples. Você está tenso. —ele cruzou os braços e me encarou. O cara era bom em captar as coisas no ar.

Puxei o ar e curvei-me sobre a mesa.

— Essa mulher, a Anne. O senhor sabe as razões pelas quais ela fugiu do marido?

—Não sei, esse tipo de informação é desnecessária no meu trabalho, afinal, os contratantes não costumam ser sinceros, então, eu apenas cumpro com o que é da minha alçada... Encontrar as pessoas que sumiram.

—Eu entendo, mas a Anne, ela é uma pessoa maravilhosa, uma

mulher incrível, e ela está grávida... O Senhor sabia disso? —ele apenas balançou a cabeça de forma positiva. —Então, mas o crápula do marido dela não deve ter contado que queria que ela fizesse um aborto, nem que bateu nela, que chutou sua barriga. Sanches, esse tal Richard Maldonado é o pior tipo de pessoa que paira sobre este mundo!

Ele franziu a testa e fechou os olhos por alguns instantes. Eu sabia que, embora seu trabalho fosse por muitas vezes destinados a favor de pessoas inescrupulosas, Sanches era um homem que presava muito pela família e seus filhos eram seu maior bem.

Nos conhecemos quando ele procurou a ONG da minha mãe, a filha, Julia, na época com apenas três anos, fora diagnosticada com um tipo de câncer raro nos ossos. Minha família moveu o Céu e a Terra em prol da saúde da pequena. Inclusive, eu mesmo promovi em meu supermercado uma campanha para arrecadarmos verbas para o seu tratamento. Nós conseguimos e graças a Deus a Julia se curou.

—Eu notei que ele é um homem desequilibrado e autoritário, mas não posso negar que o dinheiro oferecido para mim não permitiu que eu negasse o trabalho. — ele parecia envergonhado.

—Eu entendo, mas tem outra coisa que quero que o senhor saiba. — Bati uma das mãos sobre a mesa. —Eu amo essa mulher, eu amo o filho que ela espera e não vou deixar que nada de mal aconteça a eles, portanto, se ele está disposto a encontrá-la, eu estou dez vezes mais, para que isso nunca aconteça.

—Devo adiantar que ele é um homem perigoso. — alertou-me.

—Covarde, o senhor quer dizer. — puxei o chaveiro do meu bolso e destranquei minha gaveta. —Quanto ele pagou ao senhor? Estou disposto a pagar o dobro para que não revele o paradeiro da Anne. —Afirmiei com o talão de cheques sobre a mesa.

Sanches empurrou a minha mão.

— Vou fazer o que está me pedindo, mas não vai ser por dinheiro... Vou fazer isso em nome da nossa amizade e também por honra... Eu jamais ficaria em paz sabendo que colaborei com algo tão sujo e cruel. —ele se levantou. — Eu posso ver em seus olhos o quanto essa mulher é especial para você e pelo que vi daquele homem, ele não é do tipo que desiste fácil e é certo que vai acabar contratando outro investigador se eu não mostrar resultados, então, sugiro que você implante pistas falsas... Coisas como fazer

uma viagem rápida para outras cidades e comprar no cartão dela, pois toda semana eu passo relatório para ele. Isso vai despistá-lo.

Levantei-me também, emocionado com a sua pronta colaboração.

— Muito obrigado meu amigo! —abracei-o.

Antes de partir ele ainda me deu mais algumas dicas e combinamos que manteríamos contato. Ele tinha entendido como a Anne era importante para mim.

Finalmente em minha casa, guardei o carro na garagem e depois de procurar pela Anne em meu quarto e também na cozinha, encontrei-a apagada no sofá da sala de tevê.

Eu ainda estava nervoso por saber que aquele maldito homem havia chegado bem perto de encontrá-la. Abaixei-me na frente do sofá e voltei a me emocionar. Graças ao seu desejo maluco pelo sorvete manga, eu tive de ir ao supermercado e acabei encontrando com o Sanches. No fim, nosso filho tinha dado um jeito de proteger a mãe.

— Amor, preguiçosa... Precisa acordar... —sussurrei, acariciando seus cabelos.

Ela coçou os olhos e abriu-os em seguida.

— Desculpe Capitão, você demorou e acabei dormindo. —sentou-se.
— Trouxe o que eu pedi? —Ela parecia uma criança.

—Claro que trouxe! —Entreguei uma taça enorme com um monte dos dois sorvetes. —Eu peço desculpas por ter demorado um pouco, mas tive um probleminha no supermercado. — Sentei-me do seu lado.

— Alguma coisa séria? —perguntou depois de colocar uma colherada na boca.

—Não. — passei a mão em seus cabelos. —Eu estava atendendo a dedetizadora, parece que alguém relatou problemas com ratos na região, então eles foram checar. — Achei melhor não preocupá-la. A senhorita comeu?

— Sim, capitão. — Ela bateu continência. Balancei a cabeça e depois me curvei, colocando a cabeça na altura da sua barriga.

— Oi meu amor... Que bom que você cuidou da mamãe enquanto eu fui ao supermercado, o papai promete que vai proteger vocês dois... Eu sou capaz de tudo por vocês.

Anne me olhava com os olhos marejados.

— Ei, amor não chora... —sequei seu rosto com a ponta dos meus

dedos.

— Eu estou chorando de felicidade Dante, você está me fazendo mais feliz do que jamais sonhei que poderia ser... Você é um príncipe. —

aquilo fez meu coração acelerar, ela também a amava e escutar que eu a estava fazendo feliz foi uma das melhores coisas que eu poderia ter ouvido naquele dia. — Dante, agora eu preciso voltar para a casa da sua irmã, ela deve estar preocupada.

Neguei com o dedo.

— Não precisa se preocupar com a maluquinha, eu já avisei a ela que você seria minha essa noite! Fui até lá e contei sobre nós, falei que você vai dormir comigo hoje e se depender de mim, amanhã e depois e depois.... — Dei beijos rápidos em seus lábios enquanto falava.

— Isso é o quê, exatamente? Está me convidando para vir morar aqui? — seu tom era de brincadeira.

—Não somos mais crianças, e também, eu não quero perder mais tempo... Você me fez esperar muito. Agora que a tive em minha cama, ela nunca mais será a mesma sem você...

—Dante... Acho que é melhor irmos com calma.

—Não quero ter calma. Eu só quero você na minha vida, colorindo-a, alegrando-a... Eu quero me sentir todos os dias como eu me sinto agora... Completo. —abracei-a.

—Meu Deus! Você só pode ter ficado louco... E eu também, porque eu aceito. —ela riu. —Eu aceito embarcar nessa loucura com você. E obrigada por tudo, você e sua família estão me ajudando numa proporção tão grande...

— Nossa família, agora você faz parte dela. —levantei-me a e peguei no colo. — Eu te amo Anne. —Tomei seus lábios nos meus e me perdi neles.

Enquanto ela terminava de tomar o sorvete, como se fosse a oitava maravilha do mundo, eu planejava uma conversa séria com meus pais sobre o meu envolvimento com a Anne.

Eu sabia que eles adorariam a novidade, mas o que realmente me preocupava era aquele homem com quem Anne era casada, eles precisavam saber de toda a história, sem nenhum ponto ou vírgula a menos...



Capítulo 14

Anne

Eu tinha em minha frente uma pilha de notas fiscais, elas precisavam ser conferidas, para só então as mercadorias poderem ser colocadas nas prateleiras, um serviço que demandava grande atenção. Mas como eu podia focar naquelas notas, se a menos de um metro de mim, havia um homem lindo, dono de um sorriso arrebatador e que não tirava seus belos olhos azuis de mim.

Sim, o Dante vinha tornando o meu trabalho muito difícil, e apesar de termos combinado que no supermercado manteríamos uma relação profissional, essa missão era quase impossível.

—Senhor Dante Ferraz, contando com essa, é décima vez que eu tento definir o preço dos pacotes de arroz e não consigo. —Soltei minha caneta sobre a mesa, cruzei meus braços e o encarei em repreensão.

—Anne... Não faz assim... Quando junta as sobrancelhas dessa maneira, eu fico com vontade de me levantar dessa cadeira e de ir até você,

enchê-la de beijos e eu juro que não sei por quanto tempo vou conseguir me segurar—disse, com um sorriso enfeitando seu rosto.

—Dante...

—Anne...

—Dante... É sério...

—Eu sei que é sério, mas eu preciso fazer isso, do contrário vou enlouquecer. —ele se levantou e meu e deu a volta em sua mesa, parou em minha frente e a essa altura, eu já não raciocinava mais. —Um beijo. Só um beijo e eu prometo que vamos focar no trabalho.

Levantei-me também e caminhei até ele. Hipnotizada, eu não conseguia dizer não, porque ter os seus lábios nos meus, também era tudo o que eu mais queria.

De costas, Dante deu dois passos para trás e passou a chave na porta, tentei protestar, mas antes que eu pudesse dizer uma só palavra, ele envolveu seus braços em minha cintura e puxou-me de encontro ao seu corpo, eliminando qualquer espaço entre nós.

Em êxtase, apenas fechei os meus olhos e deixei que nossos lábios se encontrassem, que nossas línguas se reconhecem e que nossos corações batessem no mesmo ritmo.

Eu sabia que estávamos dentro do seu escritório e que a qualquer momento alguém poderia bater naquela porta. Passava do meio dia e o horário do almoço era o pico de movimento no supermercado Ferraz. De qualquer maneira, enquanto suas mãos percorriam as minhas costas, todas as vozes e sons que vinham do lado de fora daquele espaço, pareciam se distanciar, gradativamente e quando Dante sussurrou o meu nome, foi como se tivéssemos entrando em uma bolha, onde só existíamos ele e eu.

—Dante... Disse que seria apenas um beijo —sussurrei em seus lábios quando de um jeito hábil, ele me sentar sobre sua mesa e desceu o zíper da minha blusa.

Ele parou, seus olhos estavam nos meus e eles faiscavam. A respiração ofegante e no rosto uma seriedade que quase me preocupou.

—Eu te amo Anne... Eu nunca pensei que pudesse gostar tanto de alguém como eu gosto de você. Parece que dói. —ele vincou a testa, como se de fato, sentisse alguma dor.

Segurei seu rosto dentro das minhas mãos, emocionada com o que acabava de ouvir.

—Não precisa dizer, embora eu adore escutar... Eu posso sentir Dante... Eu posso sentir... —murmurei, terminando eu mesma de descer o zíper da blusa, enquanto que com uma prece silenciosa, eu pedia que ninguém viesse nos incomodar, porque naquele momento, tudo o que eu mais queria era ser dele.



Graças a nossa *imprudência*, não pudemos sair para almoçar, nossos trabalhos estavam atrasados e como teríamos um feriado municipal no dia seguinte, não poderíamos deixar nada para depois.

Para não perder tempo, fui até a padaria do supermercado e pedi que me preparasse dois lanches frios. A atendente, Graziela, era uma das poucas que não ficava cochichando sobre mim, e senti-me aliviada por ser ela a estar no balcão naquele dia.

— No meu, pode colocar apenas queijo branco e salada, agora no do Dante, coloque um pouco de tudo, só não pimentão, porque isso ele não gosta.

Ela sorriu para mim e começou a montar os lanches.

—Vai à festa na praça, amanhã? — perguntou-me.

— Vou sim... Eu ouvi falar tanto nessa festa de Santo Antônio, que acabei ficando curiosa. Sem contar que a irmã do Dante, quer por que quer comprar aquele tal bolo que faz casar, diz que dessa vez ela desencalha! — não segurei o meu riso.

— Você não vai precisar, não é Anne? —Juliana, uma das meninas que trabalhava no caixa, surgiu sei lá de onde e parou do meu lado.

Atendendo ao meu pedido, Dante e eu não havíamos assumido a nossa relação para ninguém no supermercado, embora eu soubesse que estava na cara o quanto nós estávamos apaixonados. Só que eu achava melhor, apenas para evitar muitos comentários, o que parecia não estar dando certo, afinal, fazia alguns dias que as funcionárias nem disfarçavam quando falavam sobre nós.

—Prontinho, Anne. — Graziela entregou-me os lanches, como se quisesse intervir no comentário da colega de trabalho.

—Não, eu não vou mesmo precisar do bolo... Graças a Deus o meu

coração está sendo muito bem cuidado... —acabei não resistindo à provocação. —Obrigada Graziela. —despedi-me indo direto a geladeira dos refrigerantes e, enquanto eu pegava duas latas de Coca-Cola, Juliana acompanhava com os olhos, cada passo meu.

—Que rápida! — Dante se levantou e pegou tudo o que eu segurava e colocou sobre sua mesa. —Que cara é essa? — perguntou com uma preocupação desnecessária.

—Não foi nada. —sentei-me. —Ou melhor, foi uma bobagem e eu acho que acabei falando demais.

—Anne, precisa ser mais clara.

—Uma das suas funcionárias me provocou e eu quase entreguei o nosso namoro. —encolhi meus ombros, enquanto abria a lata de refrigerante.

Ele suspirou aliviado.

—Eu já disse. Não vejo motivos para escondermos que estamos juntos... Cedo ou tarde todos saberão. Apesar de Piracicaba ser relativamente grande, alguém vai nos ver juntos em algum momento e isso não deve ser segredo.

Eu não respondi nada, apenas desembulhei o meu lanche e comecei a comer, estava morta de fome e preocupada com a pilha de papéis que me esperava.

Às oito horas da noite consegui terminar, pelo Dante eu teria ido embora antes, mas eu estava determinada e nada mudaria meus pensamentos.

— Agora sim... — preendi meus cabelos e endireitei minhas costas na cadeira. —Missão cumprida!

—Acho que você merece um prêmio pelo bom desempenho... —Ele se levantou e beijou minha bochecha. —Já foi até Minas Gerais?

—Minas? Não, eu nunca fui.

—O que acha de fazermos uma viagem rápida até lá neste fim de semana? Saímos no sábado bem cedo e voltamos no domingo... —Mordiscou meu pescoço.

—Mas assim? Sem mais nem menos... —Estranhei.

—Na verdade, eu vou unir o útil ao agradável, porque eu estou de olho em uns doces que são fabricados em uma cidadezinha de lá e acho que essa negociação pode ficar bem agradável se uma certa pessoa estiver comigo... —falou em meu ouvido e eu senti meu corpo todo reagir.

—Hum... Eu acho que essa certa pessoa tem sérios problemas me

dizer não para você. —girei minha cadeira e fiquei de frente para o Dante.

—Então... Estamos combinados... —ele se inclinou e outra vez me beijou de um jeito que me fazia enlouquecer. —Agora vamos, você já trabalhou demais... — Dante se puxou-me delicadamente.

Como sempre, todos os olhos estavam sobre nós, perto da hora de fechar, o supermercado estava vazio.

—Desligou seu computador? — questionei porque não lembrava de tê-lo visto o fazendo.

—Desliguei—respondeu ele de modo automático, enquanto olhava para o relógio na parede. — Pessoal, eu vou aproveitar que estamos prestes a fechar, para fazer um comunicado a todos os presentes. —sua voz se fez mais alto pegando tanto a mim, como os outros funcionários de surpresa.

—Espero que seja notícia boa... — Luciano resmungou, ele era um dos estoquistas.

—Na verdade, é uma notícia ótima... — Dante olhou nos rostos de um por um e a expressão de seus funcionários era de confusão. — Eu estou aproveitando este momento para colocar fim em algumas especulações e, embora eu tenha dito que a minha vida pessoal não diz respeito a ninguém deste supermercado, eu os tenho como uma segunda família e, é por isso que eu quero dividir minha felicidade com vocês... — colocou um dos braços em torno da minha cintura, enquanto a outra mão parou sobre a minha barriga. — Eu vou ser papai, a Anne está grávida... Ela é a mulher com quem eu escolhi passar o resto da minha vida.

Não sei dizer que o choque maior foi o meu, ou do pessoal que trabalhava para o Dante, o fato foi que sua declaração foi para mim tão impactante, que eu fiquei sem ação e, quando ele me beijou, na frente de todos, as palmas e vozes entravam em minha cabeça ecoadas e eu achei que fosse desmaiar.

— Está tudo bem, meu amor? —ele segurou-me pelos ombros.

—Sim... está tudo bem —respondi sem pensar, porque sem dúvidas, quando eu achava que não podia ser mais feliz, ele vinha e me mostrava que sim.



Capítulo 15

Dante

Antes de fazermos nossa viagem, eu tinha que conversar com meus pais, afinal, eu sabia que ter contado no supermercado sobre a Anne e o bebê, era o mesmo que ter colocado uma reportagem na Gazeta de Piracicaba, portanto, a visita não poderia ficar para outro dia.

— Amor, nós vamos até a casa dos meus pais, jantaremos e aproveitamos para e contar tudo a eles, afinal, não podemos deixar que saibam pela boca de outras pessoas. — comuniquei-a assim que chegamos no carro. — Eu sei o quanto você está cansada, mas precisamos conversar com eles, tudo bem para você?

Notei que ela ficou tensa, mesmo assim sorriu para mim.

— Claro que sim capitão, seus pais merecem saber. — concordou, entrelaçando os dedos.

Por todo o caminho eu tentei falar sobre assuntos diferentes, a fim de descontrai-la, mas Anne parecia mesmo nervosa, a todo o momento passava a mão pela barriga, como quisesse acalmar o bebê.

Mal estacionei meu carro e já ouvi o barulho do portão sendo aberto, minha mãe parecia ter um sensor que identificava a minha presença.

— Filho desnaturado... Só me procura quando precisa de mim — reclamou, agarrada ao meu pescoço.

— Imagine mãe! Eu venho sempre que posso, mas prometo que vou tentar vir mais vezes. — beijei-a no rosto. — E o meu pai?

— Está muito bem — respondeu enquanto abria os braços para a Anne. — Desculpe querida, eu estava com tanta saudade do meu filho que eu nem a vi. Como você está?

— Estou bem, senhora Ferraz. — Anne continuava incomodada, eu a conhecia bem, afinal, vínhamos passando muito tempo juntos e eu conhecia cada um dos seus olhares.

— Que bom, minha querida, mas não me chame de senhora, me sinto uma velha! — ela passou um dos braços em minha cintura. — Você pode me chamar de Adriana.

— Tudo bem Adriana! — Anne posicionou-se do meu lado e eu entrelacei meus dedos nos seus.

Seguimos dessa forma até o interior da casa, eu, entre as duas mulheres mais importantes da minha vida e, pelo olhar questionador que eu recebia da dona Adriana, eu teria mesmo que contar tudo para ela.

Meu pai nos recebeu na porta, enquanto a minha mãe continuava com aquele drama típico das mães, sobre como eu era fujão, ingrato e mais um monte de afirmações que eu sabia que eram da boca para fora.

— Oi Anne, vejo que conquistou de vez o coração do meu filho... — disse ele, apontado para as nossas mãos unidas. — Eu sabia que ele não a deixaria escapar. Bem-vinda à família, afinal, nós os Ferraz se apaixonamos uma vez só, e quando isso acontece levamos essa pessoa para o resto de nossas vidas.

— Senhor Carlos... Muito obrigada. — seu rosto estava vermelho e tudo piorou quando meu pai a abraçou.

— Ele está certo, eu também acredito que só se apaixona verdadeiramente uma vez, e você, Anne, foi à única mulher escolhida pelo meu coração. Você sempre será minha prioridade — declarei-me, olhando em seus olhos e pude ouvir um suspiro vindo do meio da sala.

Minha mãe nos olhava com admiração, ela sempre quis que eu encontrasse alguém e pelo visto a Anne estava mais do que aprovada, então, só me restava saber se as coisas continuaram da mesma maneira depois das minhas revelações.

—Filho... Que coisa mais linda... —ela abraçou-se ao meu pai, nos olhos, lágrimas se formavam.

—Bem, quero aproveitar todo esse clima romântico para anunciar que a Anne e eu estamos grávidos. Vocês serão avós! —disse de uma vez, já que a mão da Anne estava se transformando em uma pedra de gelo.

— Como assim Dante Ferraz? — indagou minha mãe, com os olhos arregalados, já meu pai não parecia surpreso.

Anne soltou-se de mim e caminhou até eles.

— Deixa eu explico... —começou e, antes que eu pensasse em interrompê-la, ela me lançou um olhar que me calou.

Com emoção, ela contou tudo pelo que tinha passado, desde a descoberta de sua gravidez, até sua vinda até Piracicaba.

Meus pais, por muitos momentos não conseguiram evitar seu pavor, mas foi minha mãe a mais chocada ao ouvir os relatos sobre a agressão que Anne sofreu do marido e quando ela falou sobre o aborto, dona Adriana começou a chorar.

Mas quando eu ouvi seus relatos sobre mim, sobre como ela havia se apaixonado, fui eu que quase fui às lágrimas.

Sem poder me conter por mais nenhum segundo segurei o seu rosto e a enchi de beijos antes de abraçá-la.

Minha mãe também veio até nós.

— O minha filha, não chore, eu faria picadinho do meu filho se não ficasse com você por causa de um bebê. Pode ter certeza que essa criança será muito amada por nossa família. Dante tomou a decisão mais correta, decidiu pelo amor — disse ela, abraçando nós dois e meu pai também juntou-se a nós.

— Sinto muito por tudo que passou Anne, mas têm coisas ruins que acontecem para que depois venha o bem... A tempestade já passou, então, agora, aproveite o sol! Filho eu nunca estive tão orgulhoso de você. Tomou a decisão certa. — Meu pai me saudou com tapinhas nas minhas costas.

— Obrigada pelo apoio, e como eu falei para o Dante, essa força é muito importante. Eu tenho certeza o Richard está me procurando e eu preciso estar preparada caso ele me encontre.

—Eu não vou deixar que nada de mal te aconteça. — afirmei.

Meus pais trocaram rápidos olhares.

— Assim que se fala... Mas antes de qualquer coisa, vamos alimentar

meu netinho! —Minha mãe guiou a Anne até a sala de jantar.



Logo após o jantar, eu chamei meu pai para conversar em seu escritório, aproveitei que minha mãe e a Anne conversavam empolgadas e quis dividir com ele a minha tormenta.

— Pai, por pouco o marido dela não a encontrou...

— Ele deve estar atrás dela como um louco, a Anne é linda, inteligente, dedicada... Que homem aceita perder uma mulher dessas?

— Ele contratou o Sanches—revelei. —O senhor sabe que ele é um dos melhores investigadores do país.

— Se não, o melhor. —Seu ar era preocupado. —Mas como soube?

Contei então para ele sobre a sorte que tive ao encontrá-lo e mais ainda, por ele ser grato ao que tínhamos feito em favor de sua filha. Expliquei também sobre seu plano para despistar o Richard.

— É uma boa ideia... Pelo menos ele vai achar que ela está em outro lugar e nunca imaginará que Anne veio para Piracicaba. Mas filho, de qualquer forma, eu vou me cercar de outras formas, e você, fique bem esperto porque esse homem não está para brincadeiras...

Antes de voltar até a sala, resolvi enviar uma mensagem ao Sanches, avisando sobre a minha viagem:

*Vou para Minas Gerais com ela, darei um jeito de ela usar o cartão,
Eu só peço que reporte isso ao Richard, apenas no domingo.*

Dante Ferraz!

Em menos de um minuto recebi a resposta:

Deixe comigo Dante, vou fazer isso que está me pedindo, Anne terá uma gravidez tranquila.

Sanches.

Uma gravidez tranquila... Era exatamente o que eu desejava que a Anne tivesse, por isso eu não queria que ela soubesse sobre o investigador, eu morria de medo que ela se assustasse e quisesse fugir.



ANNE

Enquanto arrumava a minha mala, era impossível não pensar na última vez que tinha feito aquilo. Despedaçada, de alma e coração e agora, enquanto dobrava algumas peças, eu não poderia estar mais feliz.

—Essa sua cara... Anne, você está parecendo uma vaca de presépio, com esse sorriso bobo que não sai do rosto por nem um minuto. —Ana Flávia, só para variar, estava me provocando.

— O amor faz bem para o humor, para a pele... Nunca te disseram isso? — eu revirava a minha nécessaire, em busca do batom que eu mais gostava.

A irmã de Dante se jogou sobre a cama e ficou com os olhos parados no teto.

— Isso mesmo! Joga na minha cara que você tem um homem para chamar de seu, enquanto eu estou aqui, jogada às traças, cheia de teias de aranha na boca e na...

—Ana! —gritei, interrompendo as suas besteiras. Ele girou o corpo e me encarou com uma carranca modificando seu belo rosto. —O que houve com o Lorenzso? Naquele dia você voltou tão empolgada que eu achei que vocês tinham se acertado de vez.

— O Lorenzo é um cretino. —Ela cobriu o rosto com as mãos. —Mas é um gostoso, e *Minha Nossa Senhora do Beijo Bom*, pensa em um homem que sabe como tratar uma mulher... Na cama pelo menos... —ela revirou os olhos.

—Tudo bem, vocês passaram uma noite juntos e...?

Ana sentou-se e abraçou as pernas.

—E nada! A verdade é que a todo momento o Lorenzo deixava claro que aquilo não passaria de diversão e eu fingi que tudo bem, só que eu não consigo tirar ele da minha cabeça... Por isso vou comprar aquele bolo, vou aproveitar que hoje é dia do santo casamenteiro e vou fazer umas vinte promessas, sem contar que a minha imagem de Santo Antônio já está lá, virada de cabeça para baixo e só sai quando aquele fotógrafo bonitão me pedir em casamento...

Puxei o ar, tentando colocar meus pensamentos em ordem.

—Ana, eu tenho uma coisa muito séria para te falar. —segurei-a pelos

ombros e deixei os meus olhos alinhados nos dela.

—Pode falar. —ela ficou atenta.

—Você é maluca! De verdade. —beijei sua bochecha.

Ela revirou os olhos e deu com os ombros.

—Ah... Isso eu já sabia, mas agora vamos. São quase nove da manhã e a essa altura, a fila naquela praça já deve estar quilométrica.

—Eu juro que se esse bolo não for incrivelmente delicioso, eu mato você!

—É um bolo de baunilha com goiabada e até que é gostosinho, mas o que importa mesmo não é o sabor, e sim, o que ele faz pelas pessoas encalhadas, pelas panelas sem tampa, pelos pés que ainda não encontraram um chinelo, pelas laranjas que estão sem suas metades...

—Eu entendi. —coloquei minha mão sobre sua boca, interrompendo-a outra vez. Naquela manhã a Ana estava mais tagarela do que nunca. —Agora vamos, hoje o supermercado fecha na hora do almoço e eu quero receber seu irmão com um almoço incrível.

—Claro! Agora tudo é para o Capitão... A pobre Ana Flávia além de não ter namorado, agora perdeu a amiga... Obrigada mundo! —Ela ergueu as mãos para cima, com uma dose de drama excessiva.



Das duas, uma... Ou o bolo de Santo Antônio era muito mais que uma simples massa de recheada com doce, ou em Piracicaba havia mesmo muita gente querendo se casar.

Quando chegamos na praça da catedral, avistei uma mesa gigante montada em frente à igreja. Sobre ela, o tal bolo, coberto por um creme esbranquiçado. Por bem, dezenas de pessoas trabalhavam no atendimento e a fila, que ninguém sabia onde começava e nem onde terminava, caminhava numa velocidade boa.

—Deveriam ter um atendimento preferencial para gestante, assim não precisaríamos esperar tanto.

—Claro, porque a minha barriga está enorme, não é? Todo mundo acreditaria...

—Por falar em acreditar... Minha mãe me telefonou ontem era quase meia-noite. A dona Adriana nem acredita que vai ser vovó.

—Ana, seus pais foram fantásticos comigo... Eu me senti tão acolhida. —voltei a me emocionar com as lembranças da noite anterior. — Quando souberam sobre a minha gravidez, eles agiram como se o filho fosse mesmo do seu irmão.

—E é... —ela me encarou com o cenho franzido. — Eu sei que é uma frase meio batida, mas pai é quem cria, quem cuida e não o dono do espermatozoide!

Para minha sorte, as pessoas em nossa frente e também atrás de nós estavam distraídas em suas próprias conversas e não ouviram o que a Ana Flávia acabara de dizer.

Sáímos de lá com três pedaços enormes de bolo, um para o Dante e eu, outro para seus pais e um para a Ana.

—O seu irmão quer vir à festa mais tarde... Ele disse que o pastel daqui é uma delícia e eu acabei ficando com vontade —comentei, notando que as barraquinhas estavam todas montadas.

— Eu gosto mesmo é do vinho quente... Ano passado eu bebi tanto que tive que voltar para casa carregada. —ela riu.

—Como eu não posso beber, vou ficar com o pastel e os doces... Adoro aqueles de batata. A minha mãe faz um doce de batata roxa que é de comer rezando, como ela mesma diz — falei, e logo fui assolada por uma tristeza precedente.

—O que foi? —Ana percebeu.

—Eu sinto falta dos meus pais, mas morro de medo de me comunicar com eles e de o meu... Bem, de o Richard descobrir o meu paradeiro — confessei meu terror.

Ela passou a mão em meu ombro, confortando-me.

— Eu posso imaginar como isso é complicado, mas espere um pouco mais, eu tenho certeza de que encontraremos uma maneira de você se comunicar com eles sem correr risco nenhum.

—Sim, encontraremos... —Respirei fundo, desejando que aquilo fosse mesmo verdade.

De qualquer maneira, eu jamais arriscaria. Arditoso como Richard era, por certo já havia grampeado o telefone da minha família, sem contar que eles eram muito religiosos e não mentiriam quando fossem questionados.

Resignada, tive de admitir que naquele momento, para proteger o meu filho eu tinha de me perder dos meus pais.



DANTE

Estava tudo certo, como eu esperava, Sanches estava mesmo do meu lado e vinha me comunicando cada passo do crápula do Richard, em seu último e-mail, enviou-me uma fotografia do tal homem, afinal, eu precisava conhecer a cara do meu pior inimigo.

Tudo bem que eu tinha também um pouco de curiosidade, por vezes me peguei pensando como seria aquele que por tempos foi dono do coração da minha Anne.

Assim que coloquei os olhos sobre a sua imagem, uma descarga de adrenalina percorreu todo o meu corpo. O cara era alto, forte... Como foi que teve coragem de levantar a mão para uma mulher tão delicada como a Anne?

— Covarde! —esbravejei com os olhos sobre ele. No rosto um sorriso que enganaria a qualquer um... Era o clássico lobo em pele de cordeiro. —Se cruzar o meu caminho, vai se arrepender do dia que nasceu! —rosnei antes de desligar meu notebook.

Eu tinha muito o que fazer. Anne e eu almoçamos em nossa casa. Sim, nossa casa, afinal, embora não tivesse se mudado para lá de vez, ela passava mais tempo comigo do que na casa da minha irmã e meus planos eram que depois da viagem ela migrasse em definitivo.

Ainda naquela noite, aconteceria a festa junina da praça, e ela era fantástica, eu tinha ótimas recordações dela. Na minha infância, não havia um só ano que passávamos sem ir, colocar a Anne dentro daquele cenário, também era algo que eu desejava muito fazer.

Bons momentos. Essa era uma missão que eu mesmo tinha me dado. Eu queria encher a vida dela de boas lembranças, de experiências memoráveis, para que tudo o que de ruim que ela passara nas mãos daquele crápula, fosse de alguma maneira apagado, ou ao menos, esquecido.

Dia após dia e ela vinha se revelando a melhor coisa que poderia ter

me acontecido. Eu não cansava de dizer, mas sempre estava buscando um jeito de fazer com que isso ficasse claro.

Naquela tarde, depois de almoçarmos uma torta deliciosa feita por ela, nos trancamos em meu quarto e passamos horas conversando. Havíamos combinado com meus pais e com a Ana Flávia, de nos encontrarmos às sete da noite na praça, e meu pai acabava de me ligar para confirmar o horário.

Assim que desliguei, fui até o banheiro onde a Anne tomava seu banho. Como a porta estava destrancada, eu a abri devagar e pelo box pude vê-a de perfil. Distraída, lavava os cabelos e a cena não poderia ter me marcado de um jeito mais profundo.

Sua barriga já começava a aparecer com mais evidência, e aquela foi a primeira vez que notei tal mudança. Ainda mais linda! Incrivelmente, ela tinha conseguido...

Perdi um pouco de tempo observando-a e pensando em como eu era um cara sortudo. Nem em meus melhores sonhos eu poderia imaginar que conheceria alguém como ela, perfeita em cada detalhe e minha dona, ainda que não quisesse ser.

—Pode dividir esse chuveiro comigo? — perguntei, já não aguentando mais a distância.

Ela passou a mão pelo vidro que aparecia um pouco embaçado e presenteou-me com um sorriso largo. Sem nada dizer, apenas sinalizou com as mãos, indicando a sua permissão.

Desvesti-me com rapidez, eu tinha urgência de estar com ela, de respirar o mesmo ar e de tocar suas novas curvas.

—Eu nem percebi que você tinha entrado. —ela virou o corpo para mim e afagou o meu rosto.

—Já faz um tempo... Eu fiquei te observando. —beijei seus lábios rapidamente. —Nosso bebê está crescendo rápido, eu nem tinha notado que sua barriga já aparece. —Passei as mãos sobre seu ventre, voltando a me emocionar.

—De roupa não parece... —ela encolheu os ombros como uma menininha.

—Anne, eu já falei que eu te amo por sei lá quantas vezes, mas é essencial que você saiba o que isso significa. —Segurei seu rosto entre as minhas mãos e ela ficou séria.

—Dante, eu entendo.

—Então sabe que se sair da minha vida vai acabar comigo, que se um dia me deixar, eu não vou suportar e que essa família que está me dando, hoje é tudo para mim, tudo... — confessei um pouco perturbado por causa da foto de Richard.

—Por que está me dizendo essas coisas, Dante Ferraz?

Engoli em seco.

—Você conhece aquela música do Roupas Nova... Dona?

Anne sorriu com confusão. Sem nada dizer eu a beijei, depois, tomei a espora em minhas mãos e virei-a de costas, ensaboando todo o seu corpo.

— A minha mãe gostava muito deles... Eu cresci ouvindo suas músicas.

—A minha mãe também gosta... Meus pais não perdem um show quando eles estão aqui na região.

—E o que é que tem a música Dona, Capitão?

Passei as mãos por seus cabelos, a fim de livrá-los do resto de espuma. Com seus olhos brilhando de encontro aos meus, eu suspirei, conformado com a ideia de que não tinha mais volta.

— Se conhece a letra, saiba que ela retrata como me sinto diante de você... Você, Anne, manda em tudo, domina tudo... Eu sou seu.

—Hummm... Então eu estou bem de propriedade... — ela Deu a volta em torno de mim, enquanto sorria com malícia.



À noite com a minha família foi extraordinária. Nos divertimos como há muito tempo não fazíamos. A minha mãe não cabia em si, primeiro por ver como a minha irmã tinha mudado, graças à Anne e ao bebê, ela parecia um pouco mais responsável e já se intitulava madrinha da criança.

Meu pai era outro, orgulho era seu nome do meio e, assim que encontrou seus amigos do batalhão onde trabalhou por muitos anos, não poupou elogios à nora e fez questão de dizer que seria avô.

Quem mais ficou espantado com a notícia, foi o Lorenzo. Ele que não sabia de nada, mal disfarçou seu espanto quando soube por minha irmã que eu estava praticamente morando com a Anne e que ela estava grávida.

Combinamos que, para todos os efeitos, eu era mesmo o pai, de sangue. Não que o fato me incomodasse, mas eu não queria expor a minha mulher, portanto, decidimos que apenas meus pais e a minha irmã saberiam da verdade.

—Espere aí! Ficamos sem conversar por vinte dias e você me vem com essa bomba, Dante! —ele veio até a nossa mesa. Estava na festa a trabalho, fotografando a apresentação de dança.

—Sabe como é... As coisas acontecem sem aviso prévio... —Passei um dos braços sobre os ombros da Anne, eu odiava o jeito que o meu amigo olhava para ela.

—Pensa que todo homem é galinha como você, Lorenzo...? Alguns ainda honram as bolas que tem no meio das pernas. — Minha irmã não disfarçou sua contrariedade.

—Ana Flávia Ferraz! —minha mãe se enfureceu. —Que modos são esses, menina? Que boca suja é essa?

—Tudo bem, dona Adriana... Eu estou acostumada com a boca da sua filha... — ele, como sempre, cafajeste, lançou sua frase de duplo sentido, fazendo com que o rosto da minha irmã, ficasse vermelho.

— Lorenzo... Você é meu amigo, mas eu não vou deixar que fale assim da minha irmã. —tive de repreendê-lo.

Ana, como uma criança contrariada, sentou-se emburrada ao lado da Anne.

—Vamos lá... — o fotógrafo posiciona sua câmera em frente ao rosto. —Serei o primeiro a fotografar a família Ferraz, agora com mais dois novos membros.

—Eu não quero foto nenhuma. — Ana resmungou.

—Pare de graça... Vamos, coloque um sorriso nesse rosto lindo, Aninha... E você Dante, olhe para a Anne com essa cara de bobo... Quero dizer... De apaixonado...

Todos riram, afinal, o Lorenzo era o tipo de pessoa que não merecia ser levado tão a sério. No fim, acabamos, a Anne e eu, fazendo quase um book, meu amigo se empolgou tanto que tirou algumas dezenas de fotografias nossas.

— Vou revelar todas elas e montar um álbum bem bonito para vocês.

—Obrigada. —Anne pareceu empolgada.

—Bem, agora eu vou, tenho mais trabalho... Quer ser minha

assistente, Ana? —Lorenzo piscou para ela.

Olhei para a minha mãe, depois para a minha mulher e a impressão que tive foi de que partilhamos do mesmo pensamento. Assim que ela se levantou e correu atrás do meu amigo, nós três acabamos caindo na gargalhada.

—Qual foi à piada? —meu pai juntou-se a nós.

—Nenhuma meu amor... —ela disfarçou, distraíndo-o com um beijo.

Aproveitei para beijar a minha mulher também, então, como partiríamos bem cedo, nos despedimos deles e voltamos para a nossa casa, ansiosos pelo fim de semana que nos esperava.



Capítulo 16

ANNE

Quando saímos, ainda não havia clareado, mesmo assim eu sabia que faria um dia lindo. Olhei para o céu antes de entrar no carro e ele estava incrível, em meio a escuridão, raios alaranjados pareciam brigar por um espaço. Não pude deixar de sorrir, a imagem lembrava muito a minha vida.

Sombras... Luz...

—O que foi? —Dante perguntou-me depois de me flagrar encarando-o sem cessar.

— Você me traz paz, Dante Ferraz... — Inclinei-me para beijar o seu rosto, ele mantinha a atenção na estrada e eu não queria distraí-lo.

Por culpa minha, precisamos parar por mais de três vezes em postos de gasolina, eu vinha sentindo muita sede, em consequência, precisava ir ao banheiro com mais frequência.

Ainda assim, chegamos a Monte Verde, antes do almoço. A temperatura na cidadezinha era bem mais baixa que a de Piracicaba, Dante sabia disso, tanto que me instruiu a levar peças mais pesadas.

Embora fizesse muitas viagens com o Richard, nós nunca tínhamos ido a Minas Gerais, mesmo assim, ainda que eu tivesse conhecido lugares esplêndidos, enquanto passeávamos por uma das avenidas principais do

nosso destino, eu não conseguia conter os elogios aos prédios bem arquitetados.

Alguns se pareciam com casas de bonecas e eu fiquei encantada.

—Aquela é a nossa pousada. —Dante apontou para um imóvel ao fim da rua, que ocupava o quarteirão inteiro.

A fachada tinha um estilo europeu, assim como tudo ao seu redor.

— Dante, eu estou boba com a beleza desta cidade. — elogiei, antes de descer do carro.

—Parece um bom destino para uma lua de mel, não parece? — Ele saiu e abriu a porta para mim.

—Sim... Este é um ótimo lugar para... —Comecei a falar e ative-me quando me deparei com o sorriso torto de Dante. —Disse que esta era uma viagem de negócios, Capitão...

Ele puxou o ar e deu um passo à frente. Seus olhos nos meus e seu calor me tiraram o chão.

—Não deixa de ser, mas eu queria que fosse um presente também... Um presente de Dia dos Namorados... —ele encolheu os ombros.

—Dia dos Namorados! —Surpreendi-me. —Claro, dia doze de junho... Dante, a data passou e eu nem me atentei. —Cobri meu rosto, envergonhada.

—Eu também me esqueci... Com tantas coisas na minha cabeça e, com esta viagem planejada, acabei deixando passar —ele segurou o meu rosto. —Eu nunca tive um namoro sério, então, posso não ser muito bom nisso, mas prometo que vou recompensar minha falha da melhor maneira possível.

—Eu também não tive muitas experiências, mas posso te contar um segredo? —levei meus lábios até o seu ouvido. —Você é o homem mais romântico do mundo...

Ele não me respondeu nada, apenas segurou a minha mão direita e a levou direto ao seu peito.

—Olha como você me deixa. —juntou as sobrancelhas. —Uma frase, um toque e meu coração resolveu atropelar os próprios batimentos.

—Viu só, Dante Ferraz? Meu Capitão sempre falando a coisa certa... — Puxei seu rosto para perto do meu e apenas fechei meus olhos, esperando que ele me alimentasse da única coisa que eu precisava para sobreviver... Seu amor.



Ele não estava brincando quando classificou aquela viagem como uma lua de mel. A começar pela nossa suíte, que tinha sobre a cama um coração feito em pétalas de rosas vermelhas, além de velas que adornavam todo o ambiente.

O banheiro era outro lugar cinematográfico, ostentando uma banheira enorme, com torneiras e acessórios em tons dourados, eu conseguia me imaginar dividindo-a com Dante.

Aroma, sons e cores, tudo parecia ter sido feito para seduzir, atrair e relaxar.

—Eu poderia viver neste quarto... —virei-me para ele que apenas me olhava, enquanto eu explorava tudo, igualzinha uma criança em fase de descobertas.

— Concorde. —mordeu seu lábio inferior sem tirar a atenção de mim. —Só que com você, eu viveria em qualquer lugar deste mundo.

—Pare com isso... Você está me deixando sem graça. — Cobri meu rosto com as mãos e me sentei em uma bela poltrona de veludo vinho.

Dante caminhou até onde eu estava e se abaixou com os braços apoiados em minhas pernas.

— Talvez eu tenha mesmo que me controlar, mas a verdade é que depois de você, minha vida ganhou outro sentido. Nada mais tem importância, ou melhor, tem, mas de um jeito diferente. —puxou uma de minhas mãos e levou-a até sua boca. — Agora eu gosto de tudo. Dia, noite, frio, calor, doce, salgado... Desde que tenha você.

Por culpa dos meus hormônios, ou ainda, pelo fato de estar descobrindo aquele tipo de amor, tudo o que fiz depois de ouvir mais uma das belas declarações de Dante, foi chorar.

Dobrei meu corpo e apoiei minha cabeça em seu ombro, desabando ali de um jeito como há tempos eu não fazia.

Sentia-me desarmada, livre daquela armadura que me obrigava a ser forte. A mim, pareceu-me ser a primeira vez que meus olhos foram abertos para as mudanças que a minha vida havia sofrido. De verdade.

Dante e Richard, dois homens tão diferentes, e ambos me ofereciam amor.

Amor... Teria esse sentimento maneiras tão opostas de se manifestar?

—Eu prefiro o seu amor... Esse, que me deixa leve, que me deixa livre e que exatamente por isso, consegue me aprisionar... — confessei, enxugando meu rosto com as mãos.

Nada mais poderia ser dito, Dante e eu sabíamos o quão sortudos nós éramos e, exatamente por isso, nos calamos, felizes por podermos partilhar de algo tão grandioso... Um amor que não podia ser descrito em palavras, que não se encaixava em nenhuma explicação e que embora fosse assustador, não causava medo.



Passamos a tarde toda caminhando pela cidade, conhecemos belos lugares e eu experimentei tantos doces, que achei que fosse passar mal. Voltamos a nossa pousada e me joguei na cama, sem ter ânimo para trocar minhas roupas.

—Amor, eu acabei de receber a ligação do gerente daquela doçaria que eu quero representar no meu supermercado... Ele está disponível agora. Quer vir comigo?

Minhas pernas estavam pesadas, em meus braços uma moleza esquisita e o tempo frio parecia piorar tudo.

—Importa-se se eu ficar aqui descansando? — indaguei, enquanto acariciava seu rosto.

—Claro que não. —Beijou rapidamente meus lábios. —Eu vou resolver tudo bem rápido, depois, podemos pedir uma comidinha bem gostosa para jantarmos.

—Perfeito, Capitão! — Sorri, sentindo-me exausta.

Dante caminhou até a porta e antes de sair disse que me amava. Pelas minhas contas, aquela seria a centésima vez, apenas naquele dia.

Entre piscadas, ouvi meu telefone tocar e estranhei, como estávamos numa serra, o sinal era ruim. Na tela, o nome da Ana apareceu e eu imaginei que ela deveria estar tentando falar comigo há tempos.

—Fala, cunhada mais linda do Universo.

—Está puxando meu saco, porque se esqueceu de mim... Poxa Anne, custava ter avisado que chegaram bem?

Fechei um dos meus olhos, eu sabia que havia pisado na bola com a minha amiga.

—Mil desculpas, só aqui o sinal é péssimo... Mas a cidade é linda, então, acabamos nos distraindo... —tentei me explicar.

—Sei... Acabou se distraindo com a cidade ou com um gatão de olhos azuis que atende pelo nome de Dante Ferraz?

—Seu irmão é mesmo um gato... Precisa ver como as mulheres daqui se derretem por ele... — comentei.

Ana riu alto.

— Ainda bem que ele só tem olhos para você.

—Ainda bem. —suspirei, já ouvindo o telefone chiar.

—Anne, eu vou desligar, a ligação está ficando ruim e eu não quero atrapalhar os pombinhos... Dê um beijo no Capitão... Diga que fui eu que mandei.

Antes que eu pudesse responder, a ligação foi encerrada. Notei que estava ficando sem bateria, então coloquei meu celular para recarregar. Quando voltava para a cama, passei em frente a um espelho e o tamanho da minha barriga chamou-me a atenção.

Parecia enorme, muito maior do que eu imagina estar.

Seria a roupa ou os doces em exagero?

—Amor da mamãe... Será que você está crescendo tão rápido...? — Acaricieei o meu ventre, de olhos fechados tentando imaginar a carinha do meu bebê.

Ainda distraída, três batidas secas na porta me fizeram voltar à Terra.

—Serviço de quarto — anunciou uma voz abafada.

Imaginei que o Dante havia se adiantado e pedido à comida, por isso, não pensei duas vezes antes de atender ao chamado.

Entusiasmada, destranquei a fechadura e quando meus olhos se encontraram com os dele, escuros e vazios, meu coração parou de bater.

—Anne Maldonado... Minha doce Anne... Enfim nos encontramos, meu amor. — Richard caiu de joelhos aos meus pés. — Que saudade... —ele murmurou de cabeça baixa, como um adorador.

Eu queria gritar, pedir por socorro, mas não conseguia. Olhei por tudo

ao meu redor e não avistei nada que pudesse me ajudar a escapar dele.

Eu precisava fugir, só que primeiro, precisava respirar.

—Vamos... Eu vou te levar para a nossa casa. — Ele se levantou devagar, eu podia sentir o seu ar sendo expirado em minhas pernas até que parou em minha barriga. — O que é isso? Não me diga que está deixando essa coisa crescer dentro de você... —Ele deu um passo para trás, observando-me com pavor.

Eu abria e fechava a boca, eu tentava gritar, eu queria chamar pelo Dante, mas não conseguia. Minha garganta tinha se fechado, minha voz, desaparecido.

—Anne, eu disse que era para ter se livrado dessa coisa... —ele cerrou os punhos, estreitou os olhos e veio para cima de mim. —Vamos resolver isso agora mesmo...



DANTE

—Anne, pelo amor de Deus! Diga o que houve, você está me assustando. — Eu tentava despertá-la, mas minha mulher parecia estar dentro de um pesadelo profundo. —Anne... Anne...

—Dante? —ela sentou-se na cama, dos olhos, lágrimas vertiam em bicas e seus braços me apertaram de um jeito que demonstrava todo o seu temor. —Dante... Eu... O Richard... Ele... Ele tentou... —ela gaguejava e chegava a se afogar com o próprio choro.

—Anne, precisa me ouvir. —segurei-a pelos ombros. —O seu marido, ele não esteve aqui... Nós passamos a tarde toda juntos, você ficou cansada, quis se deitar um pouco e pediu que eu preparasse a banheira para nós dois.

Ela respirou fundo, olhou para os lados e depois voltou-se para mim.

—Então... Foi só um sonho ruim? —questionou, ainda melancólica.

Encostei minha testa na sua.

—Sim, meu amor. Foi apenas um sonho ruim. — fiquei em pé, antes

de tomá-la em meus braços. — Agora vamos, a banheira está pronta e isso vai ajudá-la a relaxar...

Anne apenas assentiu com a cabeça, enquanto eu a levava até o banheiro. Nos despimos e eu me sentei com as costas rentes à porcelana. Ela ajeitou-se entre as minhas pernas e repousou a cabeça em meu peito.

— Eu tive tanto medo... Parecia tão real... — murmurou, já mais calma.

Beijei o topo de sua cabeça, certo de que teria de colocar meu plano em prática. No dia seguinte eu daria um jeito de fazer a compra em seu cartão. Sabia que dessa forma ganharíamos um pouco de tempo.

—Fique tranquila... Eu estou com você e vou te proteger... Custe o que custar... —afirmei, desejando poder mandar o tal Richard para o inferno.

Bônus Richard – III

Mais uma semana sem a minha Anne, mais dias de sombra e escuridão e para piorar, desde que a idiota da Sandra havia dormido em minha cama, eu não conseguia mais entrar naquele quarto. Parecia que o perfume barato dela estava impregnado em todas as partes e, temendo que minha esposa percebesse quando voltasse, mandei trocar tudo. Cama colchão, lençóis...

Ah... Ficar sem ela era torturante, e nem mesmo o meu mais fiel, o álcool, conseguia me ajudar.

Perturbado, olhei para aquele convite sobre a minha mesa e já tinha decidido por não ir a outra droga de evento, no entanto, ficar dentro daquela casa sem a minha esposa parecia sufocante. Num rompante, enfiei-me dentro do meu carro e parti, a cidade era vizinha, então, o que eu tinha a perder?

Embora odiasse chegar desacompanhado a uma festa, não me restava outra opção... Nem para isso a besta da Sandra servia... Sim, tinha que ter misturado às coisas, se aproveitado da minha vulnerabilidade.

Aquela mulher era tão estúpida, que encarnou o papel de vítima e queria porque queria se demitir, só não o fez, porque eu deixei bem claro que uma pessoa só deixaria de trabalhar para mim se assim eu quisesse.

Era por essas e outras que eu dava valor à minha Anne... Céus! Como ela me fazia falta...

Afundado numa lama de dor, eu sabia que um homem como eu não

poderia transparecer o quanto estava mal, por isso, assim que cheguei ao estacionamento do evento, abri o porta luvas do meu carro, tirei de lá meu cantil e tomei um longo gole de whisky, aproveitei e peguei o convite que fora enviado por alguém a quem eu não conhecia.

Para ser honesto, eu nem tinha lido sobre o que se tratava aquela festa beneficente e só descobri que era em prol de crianças carentes, naquele momento.

"Droga... Droga... E droga!", praguejei-me mentalmente. Se soubesse que era uma festa que arrecadava dinheiro para malnascidos, eu nunca teria ido.

Sentindo uma ira indominável, esmurrei o volante do meu carro, pensando quem tinha sido o idiota que me convidou para aquela merda de festa e, cheguei a uma conclusão que me irritou ainda mais: Anne... Claro! Minha doce esposa e o seu coração de manteiga derretida.

Ela adorava ajudar mortos de fome, animaizinhos de rua e médicos sem fronteira... Esse era seu único defeito, achar que o mundo tinha jeito.

Decidido a dar meia volta e me enfiar no primeiro puteiro que eu encontrasse na estrada, vi, cruzando a entrada, aquela amiga do fotógrafo Lorenzo.

Puta que o pariu! Ela era gostosinha mesmo e, se ela estava ali, talvez a minha noite ainda tivesse salvação.

Outra vez abri o convite e nele constava o roteiro da festa, dentre as atrações, um desfile beneficente foi à luz no fim do túnel. Desfile era sinônimo de belas modelos e isso acabou por me acalmar.

Como aquele não era o meu habitat natural, imaginei que não encontraria muitas pessoas do meu círculo de amizade, o que era bom, já que não teria que ficar me explicando sobre onde estava a minha esposa, além do mais, se alguém questionasse o fato de eu estar sozinho, eu deixaria o intrometido falando sozinho, afinal, eu não estava nem aí para a opinião alheia.

Animado, caminhei rumo ao salão principal, buscando encontrar rostos conhecidos, e confesso, senti-me aliviado por não tê-los. Eu não estava nem um pouco a fim de falar sobre negócios e trabalho, só queria alguém que me distraísse um pouco, então, quando vi novamente a namoradinha do Lorenzo, decidi me aproximar dela. Não que eu pretendesse ficar com a garota, mas a loirinha podia muito bem me apresentar para uma de suas

amigas.

— Boa noite, Ana Flávia! Você está belíssima esta noite — elogiei, antes de beijar o dorso de sua mão.

— Boa noite... — ela fechou um dos olhos, parecia não se lembrar do meu nome.

—Rich, para você, afinal, não precisamos de formalidades.

—Rich... Como sempre um galanteador. — ela sorriu e eu não pude deixar de reparar em sua beleza estonteante.

—Naquela noite, você não foi à social... A esposa não deixou?

—Na verdade eu acabei exagerando na bebida, sem contar que ela me esperava em nossa casa, então... — Menti, desejando que ela não se estendesse naquele assunto.

— E hoje, ela não o acompanhou novamente?

—Não que seja da sua conta, mas a minha esposa é muito requisitada em eventos como este, e como ela receberia uma homenagem esta noite, pediu que eu a representasse neste aqui... —proveitei que um garçom se aproximava e peguei uma taça de champanhe para mim e outra para a moça.

—Obrigada, mas eu não posso beber, ao menos até que eu desfile. Embora esteja aqui como voluntária, eu gosto de ser profissional — comentou ela, sem tirar a atenção do hall de entrada.

Curioso, acompanhei seus olhos e entendi a razão da sua distração. Lorenzo conversava bem de perto com duas loiras muito bonitas, o assunto não parecia ser nada profissional.

—Hoje... Na hora que isso aqui acabar, vamos todos para um clube. Só os VIPS. —Ela escorregou uma das mãos sobre o meu peito. — O que acha de ir como meu acompanhante?

Aquilo me pegou de surpresa, ela me olhava com lascívia, mas eu sabia bem qual era o seu objetivo. Com toda certeza queria me usar para fazer ciúmes ao Lorenzo... Logo eu...

— Não vá por esse caminho Ana... Você parece ser uma moça que qualquer cara gostaria de ter na cama... Sem contar que, pelo pouco que conheço do fotógrafo, ele não vai te levar à sério... Você é irmã do amigo dele e nós homens não gostamos de complicar as coisas. — resolvi aconselhá-la, porque algo nela despertava meu lado humano e, de alguma maneira ela me lembrava a Anne. — Quanto a te acompanhar, considere que hoje é seu dia de sorte... Eu vou a essa social, mas, não pense que algo vai

acontecer entre nós, porque não vai.



— Tudo bem! — ela pulou no meu pescoço me abraçando. A garota, de fato, era meio louca.

No fim das contas, acabei ficando sozinho naquela droga de festa, como eu já imaginava, foi um tédio ouvir uma das donas da ONG fazendo o seu dramalhão sobre as diferenças sociais e, para minha decepção, as modelos desfilaram uns trapos feitos por uma cooperativa de mulheres que eram espancadas pelos maridos.

O mais interessante, foi que as tais roupas foram vendidas por preços exorbitantes e eu, para fazer uma média, comprei um vestido ridículo que a Ana Flávia desfilou.

— Fique para você. — entreguei o pacote para ela, enquanto seguíamos até o meu carro.

—Achei que tivesse comprado para a sua esposa. — ela encolheu os ombros. Àquela altura, tinha bebido um pouco demais, uma vez que o Lorenzo a ignorou durante todo o evento.

—Posso te pedir um grande favor? —Virei-me para ela antes de dar partida no motor do meu carro.

—Até dois... — ela sorriu toda animadinha.

— Sem perguntas sobre a minha vida, meu trabalho e principalmente, sobre a minha mulher. — segurei o seu queixo e deixei os meus olhos nos seus. —Pode ser ou você vai querer ir sozinha para o clube?

—Claro... Sem perguntas sobre você —concordou ela, sem se importar com meu tom.

"Ah... Se eu não estivesse tão mal, adoraria gastar algumas horinhas com ela..."

—O que houve entre você e o Lorenzo? —perguntei, a fim de quebrar o silêncio que ficou depois do meu aviso.

—Ele é um idiota... Me chamou para esse evento e depois que eu contei que tinha comprado o bolo que faz achar marido, ele ficou puto comigo e não quis mais nem olhar na minha cara.

—Bolo que faz achar marido? — estranhei.

—É uma tradição da minha cidade... Lá em Piracicaba, vendem esse bolo no dia de Santo Antônio. Eu como todo ano, mas para mim parece que não funciona... Na verdade, eu já fiquei para tia! Para o meu irmão deu certo, ele, além de descobrir que vai ser papai, está até em lua de mel, isso porque comeu o bolo ontem. —Ela disparou a falar e a certa altura eu já nem ouvia mais nada.

—Chegamos! —comemorei, fazendo-a calar um pouco a boca.

— Olha lá o Lorenzo, cheio de mulheres ao seu redor... Parece uma piriguete de calças... Eu tenho vontade de matar ele.

— Melhor deixar a morte para depois, Ana... Agora, vamos nos divertir um pouco — disse, enquanto descíamos do carro.

Ana colocou-se do meu lado e enlaçou seu braço no meu. Com um sorriso orgulhoso nos lábios, ela se desmontou quando viu o fotógrafo parado em um canto com a língua dentro da boca de uma morena muito gostosa.

Olhei para a cara da loirinha e cheguei a sentir pena. Por mais que um homem tenha seus passa tempos, chega uma hora que ele precisa encontrar alguém para amar e algo me dizia que o otário do Lorenzo ainda iria se foder na mão da Ana Flávia.

Essa brincadeirinha de pegar sem se apegar, costuma funcionar quando você não conhece a pessoa que está te dando prazer. O que não era o caso deles.

—O que acha de jogarmos sinuca com aqueles caras? — ela apontou para uma mesa cheia de marmanjos.

Antes que eu pudesse responder, ela saiu na minha frente, rebolando de um jeito sensual, pegou uma dose de bebida e virou na boca, de uma só vez.

Aquilo ia dar merda, pensei.

De todas as mulheres ali presentes, ela era de longe a mais bonita, por isso, logo se viu cercada por vários homens e até mesmo algumas garotas que jogavam no outro time, mostraram-se cordiais demais.

Entrando no seu jogo, enquanto ela, muito desajeitada pegou um dos tacos, eu a segui e peguei um para mim, também.

Uma das mulheres sugeriu uma partida em pares e como a Ana jogava mal para caralho, havia vários homens a fim de ensiná-la, mas como ela estava comigo, eu não quis deixar barato e, assim que um mulato alto

segurou-a pela mão, eu intervim.

— Por favor, deixe que ensino. —avisei, chegando perto dela e enlaçando a sua cintura, para que nenhum homem se aproximasse.

Ficamos nessa brincadeirinha por um tempo e juro que precisei me segurar para não sucumbir às suas investidas.

— Você é intenso demais, Rich, se não fosse casado, seria um forte candidato — elogiou com a voz embriagada, as mãos acariciavam meu braço. — Você é tudo o que eu pedi em homem... Simpático, cavalheiro e parece ser bem companheiro.

— Queria que a minha mulher também achasse isso... — Acabei pensando alto e por sorte ela nem percebeu.

Aos poucos as pessoas foram dispersando, por certo os homens acharam que nós éramos um casal, portanto, foram em busca de outras vítimas.

Jogávamos eu contra ela e é claro que Ana perdeu de lavada. O que não deixava de ser bom, porque ela fazia um biquinho sexy a cada vez que eu encaçapava uma bola.

— Já sei! Vamos fazer uma brincadeira diferente? — indagou, depois de outra dose.— Diz que aceita, por favor...

— Ana, eu nem sei o que é, mas eu aceito.

— Quem perder a rodada tira uma peça de roupa. — Ela deu-me um sorriso cheio de malícia.

Notei que o Lorenzo nos observava. A morena agora estava sentada em seu colo e as coisas estavam de fato ficando divertidas.

Logo na primeira rodada ela perdeu e sua blusa foi pelos ares, revelando um sutiã vermelho que abraçava seus seios delicados. A cor realçava a sua pele e não houve um só par de olhos que não se voltou para o mesmo lugar.

Para igualar as coisas, deixei que ela ganhasse a segunda rodada e desfiz o nó da minha grava, livrando-me da minha camisa em seguida. Foi minha vez de admirado pelas mulheres do local.

A cada rodada intercalávamos quem tirava uma peça de roupa e depois algumas perdas e ganhos, a loirinha estava apenas de calcinha e sutiã, e eu, coberto apenas por uma cueca box.

Pedi mais uma dose de bebida e dei minha última tacada.

— Você ganhou... — pisquei para ela, sabendo que a brincadeira

tinha acabado por ali.

— Obrigada por fazer a minha noite mais feliz. — ela saltou em meu colo, como se não percebesse que aquilo era tentação demais.

Um tanto atordado, fui pego totalmente desprevenido quando a Ana segurou o meu rosto e colocou sua boca na minha.

Se eu retribuí? Claro que sim... Enfiei a minha língua bem fundo e apertei-a contra o meu corpo. Eu podia ouvir os comentários, as pessoas nos olhavam como se fossem voyeurs, e aquilo me excitava ainda mais. Só que tinha a Anne, e eu não queria me envolver com uma garota por quem eu sabia que corria o risco de querer mais.

Coloquei-a no chão e virei-me de costas.

— Droga, Ana Flávia! Eu disse que não poderia rolar nada entre nós, você e seus joguinhos para querer provocar o Lorenzo — reclamei entredentes, enquanto recebia olhares fuzilantes do fotógrafo — Tem um monte de caras solteiros por aí, além do mais, eu tenho uma consideração pelo seu amigo. —caminhei para um canto, onde a nossa roupa estava.

Ana veio atrás de mim, com a mesma cara de um cãozinho que caiu da mudança.

— Desculpe Rich. Juro que não foi minha intenção. Eu realmente não pensei, apenas fiz... — ela encolheu os ombros e eu me desarmeí.

Entreguei as roupas dela sem dizer mais nada.

Um tempo depois e cruzei com o Lorenzo, não preciso dizer que ele tinha sangue em seus olhos.

— Pelo visto, seu casamento naufragou... —ele me provocou.

Levantei meus punhos, mas respirei fundo, dando a ele um crédito. Eu tinha mesmo agido errado.

—Foi mal, colega... Mas a loirinha é um pedaço de mau caminho... Só que eu resisti, foi difícil, mas resisti.

— Resistiu enfiando a língua dentro da boca dela?

—Foi com respeito. —dei dois tapinhas em suas costas e me preparei para ir embora.

—Eu vou te avisar... —ele segurou-me pelo braço e eu senti o meu sangue ferver. —Não pense que ela é aqueles brinquedinhos seus... A Ana não é esse tipo de mulher... —rosnou para mim.

Lancei para ele um sorriso cheio de ironia.

— Claro... Ela é um brinquedinho apenas seu, não é? —Lorenzo se

irritou de verdade, dava para ver em seu olhar.— Sua sorte é que eu estou muito bem-casado e que eu amo a minha mulher, do contrário, a loirinha seria uma companheira perfeita para mim. —saí sem deixar que ele me respondesse mais nada, mas voltei alguns passos. —Quer um conselho de amigo? Deixe ser otário...Você pode continuar tendo em sua cama, todas as mulheres que quiser, mas é essencial que tenha apenas uma, dentro do seu coração.... Ah! Tem outra coisa... Seu eu achasse que a Ana Flávia é esse tipo de mulher com que nos divertimos, a essa hora, nós não estaríamos tendo essa conversa.

Ele não foi homem o bastante para me responder, nem revidar, sabia que eu tinha razão. Essa foi a minha deixa, segui direto para o meu carro, alimentando a esperança de que chegaria em casa e encontraria a Anne de volta ao nosso lar.



Acabei dormindo por todo o domingo, acordei bem tarde e não senti fome. Pensei em ir outra vez até a casa dos pais da minha esposa, afinal, da última vez eles tiveram muita sorte. A casa daqueles velhos insuportáveis estava cheia de gente.

Eu havia me esquecido que eles faziam umas rezas algumas vezes por semana e, se eu não estivesse enganado, naquele dia haveria também.

Um banho... Talvez um banho melhorasse o meu aspecto geral. Fui até o meu closet e não consegui resistir, as roupas dela tinham seu perfume, delicado e discreto, mesmo assim, meu olfato conseguia identificá-lo.

Peguei um de seus vestidos, lembrei-me de quando ela o usou. Era azul-claro e Anne estava vestida nele em nosso primeiro aniversário de casamento. Abracei-me àquela peça e fechei os meus olhos, aproveitando-me das boas memórias que surgiam em minha cabeça.

Meu telefone tocou.

— Inferno! —Praguejei em voz alta e quando vi no identificador, quem era o dono daquela ligação, atendi no mesmo instante. —Fala Sanches...Espero que tenha alguma novidade.

— Boa tarde, senhor Maldonado... Estou ligando para avisar que a sua

mulher movimentou a conta... Ela usou o cartão de crédito... Em Minas Gerais. — Ele foi direto.

— Como assim, em Minas Gerais? Achei que ela estivesse mais perto daqui, em alguma cidadezinha da região.

—Ao que tudo indica, ela está mesmo disposta a fugir do senhor.

—Que lugar de Minas Gerais? Quero a cidade, o bairro, a rua... — esbravejei, sentindo o meu sangue se tornar lava vulcânica.

—Estou providenciando todas essas informações. Fique atento ao seu e-mail, enviarei tudo para ele.

—Eu vou esperar, mas me ligue quando tiver algo concreto, pois faço questão de eu mesmo viajar para buscar minha esposa.

Ele desligou e eu mal podia conter a minha ansiedade. Corri para o meu escritório e prostrado em frente ao computador, aguardava a notícia que me faria viver novamente.

Meia hora mais tarde e como prometido, o tal relatório chegou.

— Sandra, eu preciso de uma passagem para Monte Verde em Minas gerais —vociferei, assim que minha secretária atendeu.

—Para quando, senhor Maldonado? — a sonsa teve coragem de perguntar.

—Se eu pudesse esperar, não ligaria para você em pleno domingo! — vociferei, irritado além do que eu gostaria de estar. —Eu quero para hoje, agora de preferência.

—Tudo bem... Eu vou providenciar a passagem, imediatamente. — Sua voz exprimia pavor.

Eu sorri, adorava ver a minha secretária com medo.

—Ficarei no aguardo. —desliguei, abafando a gargalhada que explodiu quando eu me imaginei junto da minha esposa outra vez.



Capítulo 17

DANTE

Enquanto estávamos na sala de espera, em minha volta, várias mulheres grávidas permaneciam sentadas, trocando dicas e compartilhando suas descobertas. Os volumes das barrigas eram variados, algumas apareciam bem discretas enquanto outras davam a impressão de nem serem de verdade.

Admito que antes da Anne, eu não costumava reparar na grandeza daquele acontecimento, no entanto, todas as experiências pelas quais eu vinha passando, abriram meus olhos e me fizeram admirar ainda mais as mulheres e a sua exclusiva capacidade de gerar uma vida e, embora eu estivesse cada vez mais curvado à beleza de uma grávida, a minha era a mais bela de todas.

Anne estava mais bonita a cada dia. O brilho nos olhos, o sorriso fácil e seu novo corpo me faziam adorá-la sem reservas.

—Anne Maldonado, pode entrar... — anunciou um senhor de cabelos fartos e brancos, ao aparecer em uma das portas do consultório.

Ajudei-a a se levantar e juntos seguimos para a sala do médico dela.

—Boa tarde, doutor... —ela cumprimentou o homem com um aperto de mão, seguida por mim que fiz o mesmo.

—Então, hoje o papai vai acompanhar a ultrassonografia? —ele sorriu e agradeceu-me com sua simpatia.

—Sim, eu vou... E confesso que não vejo a hora de ouvir o coraçãozinho do meu filho. —admiti, sentindo-me ansioso.

Anne virou-se para mim, acariciou meu rosto e sorriu.

—Achei que estivessem ansiosos para descobrir se vem aí uma menina ou um menino. —O médico fechou a porta atrás de nós.

—Estamos, mas ainda que possamos ver hoje, o senhor terá de manter segredo... A minha cunhada é quem virá buscar o resultado da ultrassonografia... A Ana Flávia quer fazer um chá revelação, portanto, o Dante e eu só descobriremos neste dia.

—Hum... Isso vem se tornando cada dia mais comum, mas se prepare, porque a curiosidade vai acompanhá-los até o dia desse bendito chá... —ele riu e Anne e eu nos entreolhamos, concordando com o que ele acabara de dizer.

Então, depois de fazer perguntas rotineiras, ele preparou tudo para o exame ao qual eu não via a hora de participar. Assim que uma enfermeira juntou-se a nós, a Anne foi guiada até a maca e teve sua barriga coberta por um gel.

—Eu nunca vou me acostumar com isso... É gelado... —ela fez uma careta.

Posicionei-me ao lado dela e afaguei seus cabelos.

—Ivone, eles são do time que não quer saber o sexo do bebê, portanto, não se manifeste, ok? —o médico brincou com sua auxiliar, que balançou a cabeça em uma negativa bem-humorada.

—Deixe comigo doutor... Diferente do senhor, eu sou boa com segredos. —ela voltou-se para mim. —Há dois dias ele deixou escapar para um casal que também não queria saber o sexo do filho, que eles teriam um menininho...

—Acontece. —ele encolheu os ombros, arrancando risos de todos nós. —Mas prometo que com vocês não vai acontecer. —afirmou, já ligando o monitor.

Como a Anne havia entrado na vigésima sexta semana de gestação, optamos por fazer a ultrassonografia 3D, e isso nos deixou ainda mais

emocionados, porque veríamos o rostinho do nosso bebê com detalhes.

Então, assim que ele apareceu na tela, um formigamento tomou conta do meu corpo, senti minhas mãos esfriarem e suarem ao mesmo tempo, enquanto a Anne apertava-a com força.

O bebê tinha o nariz igual ao da minha mulher, arrebitado e pequenino e demonstrando estar no lugar mais seguro do mundo, ele, sereno, aparecia com o dedinho dentro da boca.

—Vou ligar o som. — avisou o doutor com a voz bem baixa. A impressão que eu tive foi a de que ele não queria interromper nosso momento.

Olhei para a Anne e ela não conseguia tirar os olhos do monitor. Dobrei o meu corpo e levei meus lábios até o seu ouvido.

—Nosso filho é tão lindo quanto você, meu amor.

Ela juntou as sobrancelhas e virou a cabeça para mim. Anne chorava, mas eu podia sentir o quanto estava feliz.

Eu também me sentia em estado de graça, algo que foi confirmado quando conheci o mais belo dos sons que um homem pode ter o prazer de ouvir.

Era rápido, uma frequência diferente de todas e mesmo assim, familiar. Sim, o pulsar do coraçãozinho do nosso filho parecia ser algo conhecido por mim, ainda que aquela fosse a primeira vez que tivesse o ouvido, e foi um encontro de almas, uma comunicação espiritual e um alinhamento de vidas.

—Eu amo vocês. — afirmei, sem mais conseguir segurar o meu pranto.



ANNE

Uma semana depois...

O salão de festa estava decorado todo em tons de rosa e azul. Eram as toalhas das mesas, as centenas de balões, os ursos espalhados por todo espaço

e o enorme bolo, decorado também com as duas cores. No topo, feitos em biscoito, bonecos que representavam a mim e ao Dante e nós dois segurávamos um ponto de interrogação.

Minha cunhada era mesmo exagerada, mas devo admitir, tinha muito bom gosto.

—Pode falar... A Ana Flávia aqui, é ou não é a melhor organizadora de festas desta cidade? — ela parou ao meu lado, pegando-me distraída com cada detalhe que eu vinha descobrindo.

— Quando se cansar de fazer poses, pode mesmo trabalhar com isso. —esbarrei meu ombro no dela. —Uau! Como vocês está bonita! — elogiei-a admirada com o vestido que ela usava.

Ana deu alguns passos e girou na minha frente, para que eu pudesse vê-la de todos os ângulos.

— Gostou do modelo? Eu ganhei naquele desfile beneficente de meses atrás.

—É lindo... Diferente.

—Precisa ver as outras peças... São feitas por mulheres vítimas de agressão de seus companheiros. Elas se uniram e montaram uma cooperativa, visando independência financeira e, podendo assim, ter forças para sair de relacionamentos abusivos.

— Que máximo. —uma ponta de tristeza me afligiu. Não pela história, nem por mim, mas por todas as mulheres, de um modo geral. — Então, esse é o presente daquele tal cara que causou o rompimento entre você e Lorenzo?

—Não fala desse idiota, para mim! — o rosto de Ana se fechou em uma carranca. —Aquele fotógrafo dos infernos...

—Sabe que é ele quem vai fazer as fotos do chá, não sabe?

—Claro que sei, mas ele vai ter uma surpresinha... Se o Lorenzo acha que pode me fazer de trouxa, ele vai ver só o que eu tenho guardado para ele. —seu tom de ameaça me preocupou.

—Por favor, Ana não vai fazer barraco aqui não meu chá...

Ela sorriu com o canto dos lábios, tal como uma garotinha marrenta.

—Fique tranquila, Anne, não vai haver barraco algum... Eu só vou mostrar para o Lorenzo que se ele não me quer, tem quem queira.

— Eu sabia! —Dante surgiu e meu mundo voltou a ter sentido. —Eu tinha certeza de que você e aquele fotógrafo filho de uma mãe, tinham

cruzado a perigosa linha da amizade...

—Eu também sabia que deveria ter dado um gato de presente para você, Capitão. —Ana fez uma careta.

Ele parou atrás de mim e passou os braços em torno da minha ampla cintura, depositando um beijo delicado em minha bochecha.

—Um gato? —Dante fez a mesma pergunta que faiscava a ponta da minha língua.

—Sim, um gato... Porque aí você vai ter sete vidas para cuidar e vai deixar a minha em paz! — saiu batendo o pé e eu não contive a minha gargalhada.

—Viu só, amor? A minha irmã está cada vez mais impossível... — reclamou ele.

—Releve... Veja a festa que ela organizou para o nosso filho.

—Ou filha. —ele arregalou os olhos.

—Ou filha. —dei de ombros, porque realmente não me importava.

Dante segurou o meu rosto e fechou os olhos, esperando por um beijo.

—Isso... Agora coloque a mão sobre a barriga da Anne e olhe em seus olhos.

—E por falar no diabo... —Dante zombou da aparição dele, Lorenzo.

Ele estava fazendo fotografias nossas, sem que soubéssemos.

—Diabo? Logo eu... — aproximou-se de nós e estendeu para mim uma maleta.

—Um presente? —indaguei, confusa.

—Pode ser... Na verdade eu trouxe fraldas também, mas esse é o álbum que eu prometi fazer para vocês... Sei que estou um pouco atrasado, só que sou um fotógrafo muito ocupado, então...

Eu tinha até me esquecido de sua promessa, mas quando Lorenzo falou sobre o álbum, eu enlouqueci. Abri o luxuoso estojo que fora revestido de veludo preto e quando me deparei com uma bela fotografia minha abraçada a Dante, lágrimas escorreram pelo meu rosto, sem que eu as quisesse ali.

Comecei a virar as páginas e as fotos da festa Santo Antônio agraciaram meus pensamentos e ativaram a minha memória.

—Veja amor, a minha barriga mal aparecia.

—Tem razão, mas agora, você está ainda mais bonita.

— Por Deus, vocês não se cansam dessas declarações? — Lorenzo

interveio —Já faz cinco meses que estão juntos e ainda parecem adolescentes apaixonados... —reclamou e nós não demos ouvidos a ele. —Por falar em adolescente... A sua irmã, aonde está?

— Se eu fosse você, não a provocaria... —achei melhor avisá-lo, sem ter ideia de que "surpresa", Ana preparava para Lorenzo.

— Isso mesmo... Deixe a minha irmã em paz, afinal, eu já estou sabendo o que houve entre vocês dois.

—O que houve entre nós dois? —O fotógrafo empalideceu. —Seja lá o que for que a doida da Ana Flávia tenha dito, eu adianto que é mentira.

—Sim, o Lorenzo tem razão... Nada aconteceu entre nós dois, nada além de amizade... Vocês estão *viajando*, mas, já que estão tão curiosos sobre a minha vida amorosa, posso adiantar que finalmente meu coração está sendo cuidado como merece e hoje vocês vão conhecer a pessoa que é responsável por isso.

Não sei dizer de quem foi o maior choque, se do Dante ou do Lorenzo. Ambos arregalaram os olhos e se emudeceram.

Por Deus, os convidados começaram a chegar e isso acabou jogando água sobre aquele início de incêndio.

Os pais de Dante, algumas pessoas do supermercado, amigos da família Ferraz e aos poucos, todas as mesas do salão vinham sendo ocupadas.

A Ana parecia mesmo ansiosa e, a cada cinco minutos seus olhos iam para a porta de entrada.

—Filha, eu acho que você pode acabar com esse suspense... Revela logo se eu vou ter uma neta ou um neto. —Adriana mostrou-se mais impaciente do que eu.

—Sua mãe tem razão, Ana Flávia, eu não me aguento mais de curiosidade. —foi a vez do meu sogro cobrar.

—Assim que meu convidado chegar eu dou início ao ritual de revelação... —ela olhou diretamente para o fotógrafo que capturava imagens nossas. —Ah! Olha ele ali! —ela saiu correndo e todos nós a seguimos com nossos olhares.

Alto, encorpado e sobre o rosto, óculos escuros. Com certa timidez ele transpunha o salão e, ainda que eu só conseguisse vê-lo por entre pessoas e balões, pude notar que se tratava de um homem bem-vestido e apaixonado, porque quando a Ana Flávia o alcançou, seus lábios foram tomados, então, Carlos, Adriana, Dante, Lorenzo e eu assistimos a um beijo que durou

alguns minutos.

— Quem é o cara? — seu pai se incomodou.

— Calma, meu bem, a nossa filha já é bem grandinha... — Adriana tentou abrandar a situação.

— A Ana não toma jeito, mesmo... Eu nunca vi uma garota tão desajuizada... — Lorenzo exibia no rosto um tom avermelhado e ele continuaria com as críticas, não fosse o fato de a irmã de Dante estar voltando para onde estava, trazendo com ela, seu par.

— Pessoal, este é o André Matarazzo... Meu namorado. — Ela sorriu como se carregasse um troféu.

— Prazer André. — estendi minha mão para ele. — Eu sou Anne, cunhada dessa maluquinha.

O rapaz, era muito bonito, parecia ter saído da capa de uma revista, por isso imaginei que era algum modelo.

— Eu sou o Carlos Alberto Ferraz, pai da Ana Flávia e, ao que me consta, para namorar a minha filha, deveria ter vindo conversar comigo antes.

— Pai! — Ana gritou. — Pelo amor de Nossa senhora da vergonha alheia... Estamos no século vinte e um... André, não liga para o meu pai, agora vem me ajudar a preparar o baú. Em minutos todos saberão o sexo do novo integrante da família Ferraz — disse e praticamente arrastou o rapaz dali.

Não tinha jeito, aquela era a Ana Flávia e sabendo disso, todos nós resolvemos mudar o foco, aliás, voltar ao foco, que era a razão daquele chá.



— Eu quero chamar o meu irmão e a minha cunhada até aqui, porque antes de sabermos se teremos uma " Annezinha" ou um "Dantezinho", eu quero prestar uma homenagem a esses dois que me mostraram o verdadeiro significado do amor — discursou ela, antes de apontar o controle remoto para o aparelhinho abaixo de um telão.

Lorenzo veio com duas cadeiras e gesticulou para que nós nos sentássemos. Ao som de Esse Amor, um compilado de fotografias minhas com o Dante, começaram a ser exibidas e, a maioria delas eu nem me

lembrava. Em meio as profissionais, havia também as feitas pelos celulares de alguém da família, capturadas em jantares, churrascos e passeios onde todos nos reuníamos.

—Você sabia disso? —inclinei minha cabeça na direção do Dante.

—Claro que não... —ele beijou meus lábios rapidamente.

Continuamos então acompanhando aquele pequeno filme de nossas vidas e ao final da exibição, uma fotografia onde eu estava em pé e Dante de joelhos, beijando a minha barriga que fora pintada com um ponto de interrogação. Ela tinha sido feita dias atrás, depois de muita insistência da minha cunhada.

Visivelmente emocionada, ela caminhou até nós e abraçou-nos ao mesmo tempo.

—Eu amo vocês três — murmurou, enquanto éramos aplaudidos — Agora sem mais delongas, vamos ao que interessa... O Sexo do bebê — afirmou, entregando para mim um molho de chaves penduradas por um chaveiro de pompom azul, para o seu irmão foi à mesma coisa, no entanto, o chaveiro era cor- de- rosa. —Dentro daquele baú está trancada a resposta, agora, resta vocês encontrarem a chave certa.

Dante e eu demos as mãos e caminhamos até um enorme baú. Fechando-o, um cadeado grande e restava a nós, abri-lo. Olhei para o meu chaveiro e respirei fundo, antes de testar a primeira das vinte chaves.

Nada.

Ficamos alternando, Dante e eu e, a cada falha, meu coração subia um ritmo. Faltavam cinco chaves para mim e seis para ele.

Nada.

De novo a minha vez e no rosto de cada um dos presentes, apreensão. Outra tentativa minha e ouvi o clique do cadeado destravando.

Meu coração parou. Enfim eu saberia se seria mãe de uma menina ou de um menino.

Dante me encarou e seus olhos pareciam espelhos de sua alma, mostravam para mim como ele estava emocionado. Segurei a sua mão e juntos soltamos o cadeado e erguemos a tampa do baú.

Azul.

Tudo o que eu via voando de dentro daquele baú era azul.

Balões em formatos de carrinhos de bebê, de chupetas, de ursinhos e os mais esclarecedores eram redondos, estampados com a frase: *É um*

menino!

Não posso descrever a sensação, mas saber que seria mãe de um garoto acabou por me fazer sentir ainda mais protegida, porque eu sabia que seria ele um dia cuidar de mim.

—Parabéns, meu amor. —Dante, abraçou-me quando conseguiu se livrar de todas as pessoas que vieram comemorar conosco.

—Um menino, Dante... Um menino... — eu chorava. —Ele será educado para ser um homem igualzinho ao pai... Bom, integro e honesto, assim como você.

Ele sorriu, garantindo dessa forma que pensava como eu.



Capítulo 18

Anne

Era para ser mais um dia comum de descanso, Dante não deixava mais que eu fosse trabalhar, dizia que era para eu aproveitar o final da minha gravidez em casa, e, apesar de não ter gostado muito, eu aceitei, afinal, minha barriga parecia uma melancia de tão grande e pesada, com oito meses de gestação eu tinha engordado muito e o pouco que eu andava era o bastante para que meus pés inchassem e ficassem idênticos a pães.

— Sua sortuda... Passei a noite toda pensando que nem ao menos começamos a montar o quarto do bebê, mas... Eu estive aqui hoje de manhã e o Dante liberou o cartão para comprarmos tudo ao *tchutchuco* da madrinha... — Ana entrou no meu quarto com um sorriso de orelha a orelha. — E então, vamos às compras?

— Eu não queria gastar o dinheiro do seu irmão, eu já dei trabalho demais e ele está me fazendo feliz, isso basta... Sem contar que eu tenho um bom dinheiro guardado, posso usar um pouco com o bebê.

Ela revirou os olhos e suspirou.

— Aí é que você se engana. Vocês não dão trabalho nenhum, são da nossa família e nesses meses juntos, você deveria ter percebido como

transformou nossas vidas para muito melhor... —Ela se aproximou de mim com um largo sorriso no rosto. — Fique tranquila cunhadinha, meu irmão é capaz de tudo por você e por esse bebê. —Abraçou-me e assim transmitiu-me força.

—Obrigada... Eu acho que essa reta final da gravidez tem me deixado meio melancólica —confessei, chorosa.

— Deve ser... Mas agora, levanta essa bunda gorda dessa cama e vamos montar o quarto do meu afilhado.



Estávamos em uma das maiores lojas de bebê da cidade, tudo era lindo e eu babava pelos berços que eram um mais bonito que o outro. Depois de muito tempo decidi-me pelo americano.

Dante e eu tínhamos planejado que a decoração seria de ursinhos, quanto aos tons, todos claros, combinando com as paredes verdes que já haviam sido pintadas.

Em meio a tantas novidades, fui tomada por uma animação inspiradora e, com a ajuda da minha cunhada, acabei comprando todos os móveis necessários para o quarto do meu filho.

—O que é isto? —Balancei o papel cumprido que Ana entregara em minhas mãos.

—Isso é uma lista... Uma lista de todos os itens que uma mãe precisa ter para cuidar bem do filho.

Corri os olhos pela letras miúdas e Santo Deus! Eram muitas coisas descritas ali como necessárias. Confesso que estava vivendo dentro de uma bolha de amor que por isso, detalhes como aqueles acabaram ficando esquecidos.

— Olha esse body que fofinho: Eu sou da madrinha —Ana olhava, encantada, para a peça que tinha a tal frase bordada— Esse eu que vou comprar, está muito lindo, viu meu meninão? Vai ser um presente da madrinha para você, aí, quando puder sair sozinho com a madrinha, eu vou pegá-lo no colo e ficar me exibindo pelo shopping, mostrando você com essa roupinha. — Ela conversava com meu filho, colocando a mão sobre a minha

barriga ao mesmo tempo que se curvava para deixar a boca mais próxima do meu ventre.

— E o André...? Aonde ele entra nesse passeio? —Resolvi provocá-la, porque algo me dizia que aquele namoro não era apenas um namoro.

— Ele é lindo, não é? Pode falar... É um homão para ninguém botar defeito... —esbarrou seu ombro no meu, enquanto enfiava um monte de babadores dentro da cestinha que carregava nos braços.

—Tem razão! É um homem para ninguém botar defeito.

Ana parou e fez um beicinho...

—Pelo amor do Santo Pinóquio! Anne... Jura que você não percebeu?

—Percebi? O que eu deveria ter percebido? — Fiquei confusa.

— Amiga! Da fruta que eu gosto, o André chupa até o caroço e para piorar, ele tem o mesmo gosto que eu... Achou o Lorenzo um pedaço de mal caminho... —ela riu alto.

Arregalei os meus olhos, incrédula com a sua audácia.

—Não posso acreditar que você fez isso... O pobre do fotógrafo ficou fuzilando vocês dois durante toda a festa... Eu juro, Ana Flávia, os beijos e carícias que vocês trocaram foram muito reais...

—E foram reais... Só que não passa disso... Na verdade eu combinei tudo com ele, eu queria dar uma lição naquele traste do Lorenzo... Isso é para ele não se meter nunca mais com uma Ferraz...

—Tudo bem... Eu nem deveria me surpreender com nada do que você faz, mas, isso...

—Isso, deu muito certo, porque desde o dia do seu chá, o fotógrafo do mal não para de me mandar mensagens, me convidando para trabalhos em outras cidades... Ele acha que eu não sei que isso é um pretexto para ficarmos à sós...Mas eu sou fiel ao André...Agora, o Lorenzo vai comer na minha mão antes de comer a...

—Tudo bem! —tapei a boca dela, imaginando a besteira que vinha pela frente.

—Desculpa, bebê... Mas a titia perde alinha quando fala daquele cafajeste! —acariciou a minha barriga, como se meu filho pudesse entender as sandices que ela dizia.

No fim das contas, passamos mais de quatro horas dentro daquela loja e saímos de lá tortas de tantas sacolas e mais, com a definição do nome do meu bebê.



Eles entregariam tudo, logo na manhã seguinte. Com tantas compras, teríamos muito trabalho pela frente, inclusive, eu tinha mandado fazer uma faixa personalizada, com o nome do meu filho e os mesmo ursinhos que compunham a decoração.

De olhos fechados eu era capaz de imaginar como tudo ficaria... Um belo quarto, digno de um príncipe... O meu príncipe...

Despedi-me da Ana Flávia, ela sairia com o André, para se divertirem na noite. Enquanto fingiam ser namorados, ambos saíam na vantagem, e, segundo ela, quando estavam juntos, choviam os pretendentes, para ambos.

Ainda rindo das maluquices da minha cunhada, estranhei a maneira como encontrei a casa de Dante, ou melhor, a nossa casa. O silêncio imperava e eu sabia que ele já deveria ter chegado.

Com muita sede, segui direto até a cozinha e enchi um copo com água gelada. Tomei tudo, até a última gota e, antes de sair dali notei um bilhete sobre o balcão.

Com o coração batendo de maneira preocupante, peguei o pedaço de papel, algo me alarmava, eu precisava lê-lo com urgência:

Meu amor,

Você foi uma das melhores coisas que aconteceram em minha vida, obrigado por estar deixando que eu restaure seu coração. Quero cuidar e amar muito você e o nosso filho.

PS: Venha me encontrar no quintal, estou ansioso, aguardando a sua chegada.

Te amo muito!

Dante.

Eu li aquelas poucas palavras por mais de uma vez e, a cada uma delas a mais e mais emoção. Sem mais esperar, acelerei meus passos até o lugar indicado por ele. Ao fim do corredor, abri a porta que levava ao nosso quintal e me surpreendi com um caminho de pétalas de rosas, iluminadas por pequenas velas e acompanhadas por balões em formato de coração.

Sem pensar, segui por aquela trilha de amor e deparei-me com uma tenda coberta com um tecido sedoso que caía em camadas formando uma

espécie de cortina. Sob ela, um tapete branco felpudo, repleto de almofadas fofas e ainda, uma mesa baixa recheada de coisas saborosas.

Tudo parecia um sonho, e eu buscava por ele, o causador de tamanha fascinação.

Onde Dante estaria?

Caminhei mais alguns passos e me abriguei debaixo daquele pequeno pedaço de paraíso. Meus olhos urgentes, tal qual o meu coração... Onde ele estava?

— Anne, quando eu te conheci... — sua voz surgiu nas minhas costas e não quis me virar. Eu podia sentir o calor de sua aproximação, então, quando seus lábios encontraram meu ouvido, eu estremeci. — ... Eu não esperava viver um amor assim, sentia-me perdido, mas você me mostrou que existe sim "*a pessoa*", aquela que é especial, a que tanto esperamos, ainda que sem saber. —ele buscou minha mão e ao encontrá-la, me fez virar para encará-lo. —Seu sorriso me encantou, o seu jeito doce me aprisionou e eu, mesmo sem saber se seria recíproco, já não conseguia imaginar minha vida sem você.

—Dante... —murmurei sem saber o que dizer, ele tinha me deixado sem palavras.

— Anne — disse, desejando ter de volta a palavra. Eu me calei. — Enquanto você fugia de mim e eu não entendia, achava que era por teimosia, ou medo de se entregar, então, eu descubro a razão da sua retração e confesso que quase enlouqueci. Mas depois de tudo, maior do que todas as incertezas havia uma certeza soberana... A de que eu faria e faço tudo por vocês... Pelos dois, que agora têm cada um, uma parte do meu coração — ele se ajoelhou na minha frente e tirou uma caixinha escura do bolso — Eu sei que já disse por no mínimo um milhão de vezes, mas não custa reafirmar. Eu amo você. — Estendeu-me a caixa com um belo par de alianças.

—Dante Ferraz, o que é isso? — As palavras mal saíam da minha boca.

—Ainda não é um pedido de casamento, porque sabemos que a sua situação nos impede, mas eu quero firmar um compromisso, algo que não se limita a papéis, porque o meu sentimento é mais, muito mais valioso que um documento.

Meu filho se agitou e começou a chutar, eu sorri e peguei a mão de Dante colando-a sobre a minha barriga. Ele sorriu como um bobo e a

acariciou com toda a delicadeza do mundo.

— Acho que o Anthony quer participar desse momento também — sussurrei, ainda surpresa com a sua atitude. A cada dia que passava eu me apaixonava mais ainda por Dante, e queria ser dele para sempre.

— Anthony? — ele juntou as sobrancelhas e aquele nome que tanto me agradava, ficou ainda mais bonito quando dito por ele.

— Sim, esse é o nome do nosso filho, meu amor... Eu acabei escolhendo-o hoje e não me pergunte o por que. — declarei meio sem graça, eu não sabia se ele gostaria de ter participado da decisão.

— Oi garotão do papai... — seus olhos foram para a minha barriga. — Anthony Ferraz, espero que seja um grande homem, pois um nome forte você já tem — ele distribuiu beijos por todo o meu abdômen. —, mas ainda não tivemos resposta da mamãe, será que ela deve aceitar firmar esse compromisso com o papai? Se sim, mexe duas vezes.

Acabou que meu filho como era obediente, até mesmo na barriga, mexeu-se as duas vezes, e agora Dante me olhava com expectativa.

— Se até mesmo meu filho aprovou nosso relacionamento, você acha que eu iria contra ele? Jamais, claro que eu aceito. — ele se levantou do chão e pegou minha mão, fazendo rolar o anel no meu dedo, em seguida fiz os mesmos gestos com ele.

Nos beijamos como se fosse o nosso primeiro dia e enquanto buscávamos por ar, Dante voltou a falar em meus ouvidos:

— Dança comigo? — eu assenti, ele pegou em minha mão me puxando para o meio, tirou um controle remoto do bolso e apertou na direção do equipamento de som. No mesmo instante uma bela canção começou a tocar.

All Of Me - John Legend.

Enquanto nossos corpos balançavam lentamente, Dante recitava a tradução da música, seus olhos nos meus e eu, entregue à magia daquele momento.

Tudo de Mim

O que eu faria sem a sua boca inteligente

Puxando-me, e você me chutando para fora

Tenho a minha cabeça girando, sem brincadeira, eu não posso te prender

O que está acontecendo nessa bela mente

Estou no seu misterioso passeio mágico

E eu estou tão tonto

Não sei o que me atingiu

Mas eu vou ficar bem...

Ele me rodou e me colocou de costas para ele, segurando minha cintura. Ele continuava a falar a tradução em meu ouvido, calma e pausadamente, no ritmo da música. Ele me virou novamente, olhando em meus olhos e continuava a falar.

Ao fim da canção, lágrimas escorriam pelo seu rosto, mas ele ainda exibía um sorriso, como se estivesse prestes a me revelar um segredo.

— Amor, eu tenho medo de te perder, é com você eu quero tudo, mas tenho medo de que você queira voltar com seu marido e me deixe... Se eu te perder, não sei o que fazer, eu vou ser alguém sem direção.

Abracei-o bem forte, ou tão forte o quanto pude, afinal, tínhamos entre nós uma barriga enorme.

— Você nunca irá me perder meu amor, meu coração agora é seu, eu te amo mais que tudo.

— Eu também te amo. — nós nos beijamos e eu só tinha uma certeza; Iria lutar pelo nosso amor, porque Dante simbolizava meu recomeço, e tinha, também, se tornado meu tudo.



Capítulo 19

Anne

—Respire...Vamos meu amor... Só mais um pouco. —Dante estava ao meu lado, segurava a minha mão direita e, mesmo não estando com os olhos nele, eu podia sentir seu apoio, seu amor e sua paz.

As contrações pareciam rasgar minha barriga, vinham cada vez com menos intervalos e eu sabia que era nesses momentos que eu tinha de forçar, mas, pelas conversas que eu ouvira entre as enfermeiras, eu acabava de entrar na terceira hora do meu trabalho de parto e as minhas forças pareciam estar se esgotando.

— Se não conseguirmos o parto normal, teremos que partir para uma cesárea. —disse o médico, direto para Dante.

Eu ouvi, um tanto ecoado, mas ouvi e, embora eu soubesse que independente de como um filho vem ao mundo, nada muda a essência de ser mãe, meu desejo era trazer o Anthony da maneira mais natural que eu conseguisse, por isso falei com ele em pensamento:

"Vamos meu amor... Ajude a mamãe. Eu não vejo a hora de ver seu rostinho e de sentir o seu cheiro... Ajude a mamãe...".

O suor lavava o meu corpo, minha pele gelada e meus lábios

trêmulos, então, como se me respondesse, eu senti meu filho se movendo e durante outra contração e eu gritei, apertei a mão de Dante e com toda a força que eu nem sabia que tinha, eu o empurrei.

—Vamos Anne! Está quase... —meu médico animou-se.

—Isso, meu amor... Só mais um pouco. —Dante continuava me ajudando.

Aos poucos, tudo a minha volta pareceu estar acontecendo em câmera lenta, os sons foram se distanciando até silenciarem de vez. A impressão que tive, foi de que a minha alma deixou o meu corpo por alguns instantes, uma fração de segundos talvez, mas, quando o choro do meu filho ecoou por toda a sala, eu voltei, abri os meus olhos e tudo pareceu ter mais cor.

—Ele é lindo... Nosso filho é lindo... —Dante vibrava aos prantos.

Eu queria falar, mas minha boca parecia travada e quando ele finalmente foi colocado sobre mim, eu entendi tudo.

Aquilo era de fato um milagre, nossa conexão, mesmo não estando mais ligados pelo cordão umbilical, me levou a sorrir. Sobre meu colo, eu tentava capturar cada um dos seus pequenos detalhes e tudo em meu filho era incrivelmente lindo.

Dante inclinou-se sobre nós e suas lágrimas molharam a mim e ao Anthony. Levantei um dos meus braços e toquei o seu rosto.

— Obrigada por me fazer sentir dessa maneira... Essa, é sem dúvida, a melhor experiência da minha vida. — depositou um beijo delicado em minha testa.

—Somos nós que temos que agradecer... Você é fantástico, meu amor.



Já no quarto, a primeira visita que recebemos foi de Ana Flávia. Quando se deparou com Anthony, ela chorou como uma criança, levando Dante e eu juntos e mesmo já estando tudo certo, naquele momento eu tive certeza de que nunca meu filho encontraria uma madrinha mais perfeita.

Adriana e Carlos também se reuniram conosco e eles eram os típicos avós babões.

—Veja só, meu amor... Olha o narizinho dele... Parece com o meu — apontou a mãe de Dante.

Ana e eu nos entreolhamos e confesso que estranhei aquela comparação.

—Mãe... A louca aqui sou eu. Sabemos que não tem como o Anthony parecer com a senhora.

Adriana que segurava meu filho, juntou as sobrancelhas e ficou séria.

—E por que não?

Ana Flávia esticou o braço, recebendo o pequeno com muito cuidado.

— Por um motivo bem óbvio... Ele se parece comigo. É lindo igual a tia! —mostrou a língua como uma criança, levando todos às gargalhadas.

Dante, que segurava a minha mão, curvou-se em minha direção e deixou seus lábios alcançarem meus ouvidos.

—Não dê ouvidos a elas... Nosso filho é a sua cara, lindo como você e aquele narizinho arrebitado é idêntico ao seu.

Ele tinha razão, confesso que enquanto amamentava meu bebê pela primeira vez, não tive como evitar buscar alguma semelhança com o Richard e, tudo bem se eu encontrasse, afinal, não havia como brigar com a genética, mas ele se parecia mesmo muito comigo, Anthony tinha em seu rostinho a reprodução do meu.

—Pessoal, sabem que não poderíamos estar todos aqui, então, o que acham de deixarmos o papai e a mamãe curtirem o filhote sozinhos? — Carlos, como sempre sensato, sugeriu.

—Tudo bem... Mas eu volto mais tarde. —Ana beijou a minha testa antes de beijar outra vez seu afilhado.

Assim que Dante e eu ficamos a sós, ele sentou-se na poltrona que ficava ao lado da minha cama e eu entreguei nosso filho para ele. Anthony dormia, e seu semblante era calmo.

Ficamos em silêncio por um bom tempo e, enquanto ele admirava o pequeno em seus braços, eu admirava os dois homens mais importantes da minha vida, sentindo-me extremamente abençoada.

No fim, ter entrado naquele ônibus que me levou a conhecer a Ana Flávia Ferraz, foi a melhor decisão de toda a minha vida. Era estranho pensar que se Richard tivesse aceitado a minha gravidez, como eu achava que seria, naquele momento seria ele a estar ninando nosso filho, no entanto, ao imaginar a cena, eu não tive dúvidas de que não queria que fosse diferente.

Dante era o pai. Dante era o homem. Dante era o meu grande amor.

—O que foi, minha princesa? —ele sorriu e encheu aquele quarto de luz.

—Não foi nada — respirei fundo, tentando conter minha emoção. — Apenas estou agradecendo a Deus por ele ter feito tudo certinho. Sabe, eu nunca imaginei que pudesse existir um sentimento tão pleno, tão engrandecedor e olhando para vocês dois, eu só consigo me considerar a mulher mais sortuda de todo esse mundo.

Ele se levantou, colocou Anthony em meus braços e se afastou, ficando bem em frente à minha cama. De braços cruzados, ele apenas nos olhava com um lindo sorriso enfeitando seu rosto.

— Quer falar sobre sorte? Nesse quesito, ninguém ganha de mim.



DANTE

Retornar para a nossa casa, agora, com nosso filho nos braços, foi um momento marcante para mim. A minha irmã, como sempre, transformou o que era para ser uma simples recepção, num evento.

Montou uma mesa, espalhou vasos de flores em todos os ambientes e preparou um dos quartos para que ela pudesse ficar por lá.

—Vou estar aqui para ajudá-los no que precisarem, então, achei mais fácil me acomodar bem ao lado do quarto do Anthony, assim, quando ele chorar eu nem preciso da babá eletrônica — comunicou-me como se aquela decisão só dependesse dela.

—A Anne sabe disso?

Ela olhou para cima e depois para a amiga que conversava com a nossa mãe.

—Sei lá... Mas acho que ela já imagina que eu não vou conseguir ficar longe daquele pacotinho de amor que é o meu sobrinho-afilhado — disse, com a voz infantilizada.

Balancei a cabeça porque sabia que não teria como fazê-la mudar de ideia.

—Aproveitando que a minha mulher está distraída... Eu tenho notado que quando ela fala dos pais dela, não consegue disfarçar a tristeza. Ela comentou alguma coisa com você?

Ana fez uma careta e me puxou para a cozinha.

—A Anne é uma rocha, mas não está mais conseguindo disfarçar... Só que já são mais de seis meses sem vê-los, sem falar com eles.

—Sim... Na verdade, quando estivemos em Minas Gerais, eu mesmo sugeri que ela fizesse uma ligação, afinal, se o tal Richard tivesse como rastreá-la, seria até bom para despistá-lo, mas a Anne ficou com medo de que ele fizesse algo de mal com seus pais.

Minha irmã coçou a cabeça e eu sabia que isso significava estar preocupada.

—Eu evito pensar nisso, só que é inevitável... Eu tenho tanto medo de que uma hora esse monstro a encontre — choramingou.

—Eu também tenho, mas uma coisa eu garanto a você... Ele jamais vai tocar um dedo da Anne... Nem nela, nem no meu filho. —abracei a minha irmã, a fim de consolá-la.

Em meio a tanta felicidade, não tinha jeito, as ligações do Sanches vinham acontecendo cada dia com mais frequência. Sete meses desde a sua contratação e o marido da Anne começava a pôr em dúvida o seu empenho para encontrá-la.

Eu continuei fazendo tudo o que o investigador me indicava, só que eu sabia que não daria para ele enganar o Richard por muito tempo então, quando o meu celular se iluminou com o nome dele na tela, um frio percorreu a minha espinha e me causou um calafrio inédito.

—*Fala, Sanches. — Segui até o quintal, não queria que a Ana Flávia ouvisse a minha conversa.*

—*Dante, eu tenho péssimas notícias... O senhor Maldonado acabou de me demitir. Ele encerrou o contrato comigo e me classificou como o pior detetive do Brasil — declarou com a voz carregada de tristeza.*

Fechei os olhos, derrotado.

—*Eu sinto muito, meu amigo... Sinto que tenha o feito passar por isso... — desculpei-me, verdadeiramente consternado com a situação.*

—*Não se sinta culpado, Dante... Eu não me arrependo de tê-lo ajudado. O que me deixa muito preocupado, é que agora, pode ser uma questão de tempo para que o Richard encontre a Anne, afinal, eu não mais*

como intervir.

Senti uma pontada em meu peito.

—Eu vou ver como vou fazer daqui para frente, afinal, as pistas falsas estão aí, rodando o mundo... Eu fiz como o senhor me falou, comprei uma passagem no nome da Anne para a Europa, então, acho que ganhamos um pouco de tempo.

Ouvi quando ele suspirou do outro lado da linha.

—À propósito...Meus parabéns...

—Obrigada—agradei instantaneamente, afinal, era algo que eu vinha fazendo direto nos últimos dias. —Espere aí, como o senhor sabe?

—Eu estou investigando a vida da Anne, esqueceu? O fato de ela estar usando os documentos de casada nas consultas e no hospital, é muito perigoso, portanto, daqui para a frente isso vai ter que mudar.

—Eu já tinha pensado nisso... Cada vez que eu vejo alguém a chamando por Anne Maldonado, eu perco o ar.

— Nós tivemos muita sorte, meu amigo... Deu tempo da criança nascer... Bom, de qualquer forma, você deve estar recebendo entre hoje e amanhã um envelope. Esse é o meu presente para a sua nova família.

—Presente? —Estranhei seu tom misterioso.

—Sim... Nesse meio em que eu vivo, acabo conhecendo todo o tipo de gente entre elas, o melhor falsificador de documentos da América latina. O cara é quente... Anne Christine Ferraz, este é novo nome da sua esposa, porque sim, vocês estão casados, a certidão chegará junto aos demais documentos. Eu sei que você tem condições, então, mude o plano de saúde dela, faça uma nova conta bancária, enfim, a existência de Anne Maldonado deve se encerrar, o quanto antes.

Eu demorei algum tempo até conseguir assimilar todas as informações. Ainda confuso, eu tinha de admitir que a iminência de Sanches.

—Meu caro amigo... Ao contrário do que o Richard Maldonado afirmou, o senhor é sim, não só o melhor investigador, como também, é uma das melhores pessoas que eu já tive o prazer de conhecer...

—A recíproca é verdadeira... —disse, antes de desligar.

Como prometido, na manhã do dia seguinte, recebi a visita de um homem de meia idade, no meu supermercado. Sucinto, ele apenas entregou-me o envelope e partiu sem mais delongas.

Voltei ao meu escritório e tranquei-me ali, não queria ser

incomodado. Enrolados em um plástico filme escuro, estavam ali todos os documentos da Anne, ou melhor, os novos documentos e eles eram perfeitos.

Embora fosse totalmente avesso a ilegalidades, naquele caso, eu senti-me feliz por poder dar à minha esposa, uma chance real de recomeço.

De volta à nossa casa, encontrei o Lorenzo que chegou junto comigo. Fazia algumas semanas que não nos víamos e algo me dizia que seu afastamento estava diretamente ligado ao namoro da minha irmã com o André.

—Então, agora ele é oficialmente um pai de família... —recebeu-me com três tapinhas nas costas. —Para você... —entregou-me uma caixa de charutos.

—Obrigado, eu vou guardar, afinal, sabe que eu não fumo...

—São cubanos, daqueles bem caros...

—Claro... —não contive meu riso, o Lorenzo não perdia a mania de contar vantagens. —Mas e aí? Pronto para conhecer meu garotão?

Ele juntou as sobrancelhas e ficou sério.

— Eu não vou encontrar o namorado da sua irmã, vou?

Não respondi nada, apenas abri o portão e sinalizei para que ele entrasse. Eu estava certo, Lorenzo vinha se mordendo de ciúmes da Ana Flávia e eu, dava graças a Deus por ela estar em outra, afinal, como cunhado o Lorenzo era um bom amigo e eu esperava que ficássemos apenas assim.

—Sente o cheirinho? Minha casa agora tem esse perfume... — sussurrei todo bobo ao respirar o aroma de perfume de bebê.

— Dante Ferraz, o garanhão de Piracicaba... Quem diria... — Lorenzo resmungou.

—Boa tarde, meus amores... — fui até a poltrona onde a Anne estava, mas era no colo da minha irmã que o Anthony repousava.

Ela virou-se para nós e colocou o dedo indicador sobre os lábios.

—Shiii... Eu estou tentando fazer ele dormir —sua voz era um murmuro.

Levantei minhas mãos em rendição e beijei a minha mulher, estava morto de saudades dela.

— O Lorenzo veio conhecer nosso príncipe.

—Olha só a cara dele... —Anne estranhou e eu olhei imediatamente para a direção da porta, onde o meu amigo permanecia estagnado.

No rosto, uma expressão inédita, mas era algo próximo de quando ele

comprou sua primeira câmera fotográfica profissional e veio me mostrar. Lorenzo olhava para a Ana Flávia ninando o Anthony e sequer piscava.

—Pode chegar mais perto... Bebês não mordem... Ainda... —minha irmã o chamou.

Ele balançou a cabeça e voltou a respirar. Com passos lentos, se aproximou dos dois enquanto a Anne e eu apenas observamos tudo em silêncio.

—Nossa... Ele é muito bonito...

—Sim... Puxou a tia. —Ana Flávia sorriu. Lorenzo concordou com a cabeça, acho que sem perceber. —Quer segurar um pouquinho?

—Se for, passe um pouco daquele álcool gel nas mãos... —adiantei-me, já entregando o fraco para ele.

—Não... Eu acho que não levo jeito para isso...

—Deixa de ser bobo, todo mundo é capaz de segurar um bebê... —Ana discursou.

O fotógrafo atendeu a minha ordem e desinfetar as mãos, aproximou-se da minha irmã e com delicadeza, recebeu meu filho em seu colo.

Anthony ensaiou acordar, deu uma mexida nas pernas, mas logo se aquietou.

— Não precisa ficar com essa cara... Ele é um bebezinho e não uma granada... — desdenhou Ana.

Lorenzo fez uma careta e voltou à atenção ao meu filho.

— Dormindo assim, nem parece que dão tanto trabalho...

— Não temos do reclamar ainda, não é meu amor? — sentei-me ao lado da Anne. —O Anthony só mama e dorme.

—Verdade mesmo... Eu já estava preparada para focar noites sem dormir, mas até agora está tudo bem... —Anne sorriu com seus olhos nos meus.

— No mais, quando um homem nasce para dar trabalho, não importa se ele é bebê ou adulto... Para alguns, isso nunca passa... —minha irmã não conseguiu ficar perto do Lorenzo sem provocá-lo.

—Ou talvez seja apenas uma fase... Às vezes esses homens só precisam de alguém que os mostre o quanto estavam sendo idiotas...

—Ihhh, sinto cheiro de D.R. , no ar... —Anne cotovelou-me.

—Bem, se vão lavar as roupas sujas, que seja longe do meu filho... — levantei-me e finalmente tive de volta a paz que eu só encontrava no rostinho

dele.

—Aprenda uma coisinha, Capitão... Só se discute relação, quando se tem uma, e a minha é com o André, o meu namorado incrível...

O rosto de Lorenzo se coloriu de vermelho e ele bufou, outra vez troquei olhares com a minha mulher e nós rimos, porque sabíamos do possível desfecho daquela situação.

De qualquer forma, a visita de Lorenzo, além de nos render muitas gargalhadas, acabou por nos dar um grande presente. Ele fez questão de garantir a fotografias do primeiro ano de vida do nosso bebê. Entregou-nos um cartão de uma renomada fotógrafa especialista em *Newborns*, seria ela quem acompanharia nosso filho mês a mês.

—Eu quero participar desses ensaios... Vou logo avisando... —Ana tomou um cartão para si.

—Claro que vai. —Anne abraçou-a, e eu, não conseguia imaginar outra vida que não aquela que eu estava tendo.

Bônus Richard – IV

Fazia dois meses desde que eu havia demitido o idiota do Sanches e contratado outro investigador, mas o Capucci parecia ser outro incompetente.

Nada! Nada de concreto, nenhuma pista eminente e a impressão que eu tinha era a de que minha esposa tinha sido engolida pela terra.

Como alguém com tão pouca vivência poderia ter desaparecido assim?

Eu começava a achar que ela tivera ajuda de alguém, porque não era possível, a Anne sempre foi uma boba, só saía de casa comigo e nunca havia feito uma viagem sequer, sozinha.

Sem contar que eu tinha certeza, os pais dela também não sabiam de seu paradeiro, afinal, depois do que eu fizera para o Antônio e a Benedita, aqueles velhos burros e, mesmo assim eles não disseram nada...

Confesso que eu passei dos limites, contratar alguém para sequestrá-los e deixá-los presos em um porta malas apertado, por mais de meio dia, foi um tanto cruel, mas eu estava arruinado e eu tive que usar de todas as minhas armas.

Eu sabia que futuramente teria que me explicar com a Anne sobre isso, mas eu recompensaria os velhos. Planejava comprar um carro novo para

o pai dela e uma máquina de costura de última geração para a sua mãe, assim, eles me perdoariam pelo descontrole, afinal, eu era um homem apaixonado que tinha perdido o que de mais importante tinha na vida.

Sentado em minha cama, pensando em uma maneira mais eficaz de buscar por minha esposa e meu telefone tocou. Fazia dois dias que eu não pisava no meu escritório e o meu pai não parava de encher o meu saco.

Atendi, mas só depois de olhar o identificador e notar que não era ele, mas sim um velho amigo meu, Rodolfo Santiago. O cara tinha montado uma produtora de filmes pornô no início dos anos 2000 e fez sucesso, depois, expandiu os negócios para revistas e enriqueceu, só que como tudo na vida, depois de gozar dos frutos do seu negócio, vieram os caroços difíceis de engolir.

Uma pilha de processos abertos pelos atores e por modelos que trabalharam para ele e o cara quebrou. Embora eu tenha advogado a seu favor e conseguido vencer algumas causas, o escândalo envolvendo seu nome acabou por reduzir seu império a um mísero estúdio de fotografias em São Paulo.

Tudo bem que ele batia no peito que era o melhor deles, e, que na sua área, ninguém conseguia fazer igual a ele. Talvez fosse verdade, uma vez que ele acabou assinando contratos com grandes empresas e fotógrafos conhecidos no show bizz. Uma das revistas mais famosas do Brasil, que produzia fotos nuas de modelos e atrizes, fazia toda a produção em seu estúdio e eu Richard Maldonato, cheguei a ver em primeira mão e sem retoques, muitas das famosas, peladinhas, antes que suas revistas estivessem nas bancas de jornal.

Por essas e outras que quando ele precisava de mim, eu não hesitava em atendê-lo. Naquela manhã de sexta-feira, meu amigo disse que necessitava da minha ajuda para redigir e analisar alguns contratos, eu até poderia fazer da minha casa, mas como a minha vida estava uma entediante droga, decidi que ir até a capital serviria para me distrair.

Dirigi com calma, ainda quebrando a cabeça em como eu faria para encontrar a minha mulher... Quase dez meses sem ela e eu nem sabia como ainda estava vivo.

Perdido em minhas próprias perturbações, nem vi o tempo passar. Fotografias & Cia... Só o Rodolfo para me fazer rir. Estacionei em frente a sua loja e o nome na fachada só comprovou o que eu sempre achei: ele era

uma puta cara sem imaginação. Colocar um nome tão obvio em sua empresa, dava a mim uma ideia de por que ele tinha experimentado o dissabor do declínio.

Em posse da minha pasta, parei em frente à porta de vidro fumê, era giratória, igual a dos bancos e eu odiava esse tipo de coisa, por isso, fiquei ainda mais mal-humorado.

Assim que entrei, ouvi a voz do Rodolfo e não foi só a dele que meus ouvido reconheceram.

—Ora... Ora... Ora... E não é o grande fotógrafo Lorenzo Rizzati... — Parei ao lado dele e não estranhei a coincidência, afinal, foi ali onde nos conhecemos e eu sabia que ele era frequentador assíduo daquela empresa.

—Richard... —Lançou-me um sorriso amarelo e eu me lembrei da noite em que acabei passando do ponto com a loirinha gostosa da Ana Flávia.

—Olha só! Os três mosqueteiros reunidos... Poderíamos aproveitar essa sexta-feira, terminando-a de um jeito bem divertido... —Rodolfo inclinou-se no balcão e sorriu com malícia.

—Hum... Para mim não vai dar. —Lorenzo, que tinha nas mãos um enorme envelope, respondeu sem tirar os olhos dele.

—Não vai me dizer que entrou para o clube dos homens comprometidos? —perguntou Rodolfo em tom de escárnio.

—E o que isso tem a ver? Eu sou muito bem casado, mas mesmo assim dou as minhas escapadas. —dei de ombros. —Isso é vital para nós, machos. É da nossa natureza.

Lorenzo retirou um punhado de fotografias de dentro do envelope e passou a olhá-las com fixação. Não que eu estivesse curioso, mas enquanto ele parecia separar algumas, pude ver que a maioria era de um bebê, no entanto, a que mais me chamou a atenção foi uma imagem onde aparecia a Ana Flávia segurando a criaturinha.

—Só não vou perguntar se esse bebê é da loirinha maluca, porque a vi à menos de quatro meses e eu posso garantir, ela não estava grávida, pelo contrário, o corpo da Ana Flávia parecia uma pintura, tudo no seu devido lugar. —decidi provocá-lo.

—Richard... Hoje você não vai me tirar do sério. —ele sorriu com sarcasmo. — Essa coisa fofa aqui, é o filho do Dante, irmão da Ana Flávia e advinha quem vai ser o padrinho? —gabou-se, entregando uma das fotografias para mim.

Balancei as mãos, sentindo-me enjoado. Eu não me conformava com o fato de as pessoas ficarem babando por uma coisa insuportável que só chora e faz cocô.

—Você pode me julgar, mas eu realmente não vejo graça nessas criaturas carecas e feiosas... Todas têm a mesma cara — continuei e acabei arrancando risos do Rodolfo que apenas observava o meu diálogo com o Lorenzo.

— Olha que eu vejo aqui muitas fotos de bebês, mas de fato, o afilhado do nosso amigo fotógrafo é muito bonitinho... —ele resolveu abrir a boca para falar uma grande merda.

—Não só meu afilhado... Veja a família que meu amigo Dante construiu. —estendeu-me uma outra fotografia.

Respirei fundo, aquele papinho estava me dando sono, mesmo assim eu peguei-a. Na imagem aparecia um rapaz de olhos claros, abraçado à Ana Flávia. Os dois eram muito parecidos e nos braços deles estava o bebê.

—A loirinha é mesmo linda... —devolvi a fotografia para ele. — Ela já está fazendo você comer na mão dela? Sim, porque a cara de idiota que você fica quando olha para essas fotos...

—Como você é engraçado, Richard...

—Olha, eu sei que é antiético comentar sobre as fotografias que eu revelo, mas a moça, a mãe do bebê... Richard... Pensa numa mulher bonita... —Rodolfo era mesmo um tarado e seu comentário comprovava isso.

—Hum... Deixa eu ver essa tal garota monumental de que tanto falam... Essa não é a primeira vez que elogiam a mulher do seu amigo. Você fez a maior propaganda dela, depois a Ana Flávia e agora o Rodolfo...

—É... Ela é mesmo uma bela, mulher... —Lorenzo escolheu entre alguns dos retratos e entregou-me um deles. —Veja se não temos razão.

Eu nunca havia levado um tiro, mas naquele instante, quando meus olhos passearam pela imagem de uma mulher que sorria abraçada ao irmão da Ana Flávia, enquanto ele a olhava de maneira apaixonada, acabou por me tirar o ar, me arrancar o chão e fazer o meu sangue ferver.

Era ela. A MINHA ANNE.

Com o corpo todo trêmulo, puxei o bolo de fotografias das mãos do Lorenzo e passei a olhá-las com urgência. Elas eram muitas.

Havia imagens da minha mulher grávida, em outras, ela aparecia com aquela maldita criatura nos braços, amamentando-o e também existiam as

românticas.

Anne, a minha esposa, aos beijos com um homem que não era eu. Abraçada a um homem que não era eu. Sorrindo para um homem que não era eu.

Ira... Ódio... Repulsa... Torpor... Todos esses sentimentos faziam rodízio dentro de mim enquanto as imagens daquelas fotografias pareciam ganhar vida, projetando-se diante dos meus olhos como se fossem um filme.

Eu precisava de ar, precisava sair daquele lugar e também precisava matar alguém para ver se a minha raiva se abrandava.

Sem nada dizer, passei pela porta giratória, levando comigo, um dos retratos. Entrei no meu carro e esmurrei o volante, tanto, que só parei quando senti minhas mãos doerem.

Ainda cego de ódio, engatei uma ré e acabei batendo no carro que estava parado atrás do meu. Sem me importar, arranquei dali sem respeitar um sinal sequer, nem as placas e nem mesmo um agente de trânsito que tentou me interpelar.

Aquilo não podia estar acontecendo...A minha Anne, minha doce Anne havia me traído. Duplamente.

No fim das contas, ela tinha mesmo insistido naquela amaldiçoada gravidez e para piorar, ficado com outro homem, se entregado para ele.

Maldito Dante! Como ele ousou tocar nela? Uma mulher casada!

Eu não me conformava, não conseguia aceitar tamanha decepção e eu sentia como se o meu mundo tivesse desabado sobre a minha cabeça.

Sem condição alguma de continuar dirigindo, parei no acostamento e tentei me organizar.

—Vamos, Richard! Você não vai deixar que te façam de idiota, não é? —disse a mim mesmo.

Eu não deixaria! Decidi naquele instante que me acalmaria e tentaria agir com a frieza necessária.

—Sandra! —gritei, assim que ela atendeu. —Eu preciso que você alugue um carro para mim, e também, que esteja pronta dentro de uma hora. Arrume uma mala, coloque alguns de seus trapos, enfim, se organize para ficar por dois ou três dias fora.

—Mas senhor Maldonado... Eu tenho compromissos para o meu fim de semana — choramingou. — O meu sobrinho vai fazer três anos e eu tenho que estar na festa dele.

—E você acha que eu estou me importando com a droga do seu sobrinho? —vociferei — Eu quero mais é que o seu sobrinho morra! —Tirei o telefone do meu ouvido e coloquei-o com o falante direto na minha boca — Esteja pronta em uma hora, e, quer um conselho? Se eu fosse você, eu não me contrariaria num dia como o de hoje... —Desliguei sem querer ouvir aquela voz irritante da minha secretária.

Só que eu precisaria dela, eu tinha de contar com alguém e a anta era perfeita para o meu plano, ainda que eu não tivesse um. De qualquer maneira, de uma coisa eu estava certo.

O irmão da Ana Flávia estava com algo que me pertencia e eu não deixaria aquilo barato. Para a minha sorte, eu tinha uma memória muito boa e me lembrava perfeitamente de todas conversas que eu tivera com o Lorenzo e também com a loirinha. Sem contar que, com um ou dois telefonemas e eu levantaria a ficha da família inteira do tal Dante.

Todos... Todos eles pagariam muito caro por terem tirado a minha Anne de mim. Sobraria para todo mundo, no entanto, o homem que havia ousado tocar na minha esposa era quem eu mais ansiava encontrar.

Olhei para a fotografia dos dois e arfei.

—Você vai se arrepender, idiota! Eu vou te ensinar a nunca mexer com Richard Maldonado e essa sua imprudência vai lhe custar a vida. — prometi, antes de voltar a pista.

Bônus I - Lorenzo/Ana

Confesso que a atitude do Richard pegou tanto a mim quanto ao Rodolfo de surpresa. Ele ter saído como um maluco depois de ver aquelas fotografias me deixou muito confuso. De qualquer forma, eu sempre achei que ele tinha um parafuso a menos e aquilo só acabou por comprovar minha teoria.

Além do mais, o que realmente me incomodava, era o fato do cara ter ficado com a Ana Flávia... Aquele beijo ainda perturbava a minha cabeça, mas a irmã do Dante também tinha sua porção de culpa e sabia que naquela noite, tudo o que ela queria era me provocar.

"Você achava o quê, Lorenzo? Que depois de ter passado uma noite com ela poderia mandar na vida dela e com quem ela se envolve? Claro que não! Ela é decidida demais e você sabe que foi exatamente por isso que ela

chamou tanto a sua atenção... Só que ela é irmã do seu melhor amigo e isso é um grande problema...".

É, lá estava eu... Dentro do meu carro, falando sozinho. Quem em sã consciência faz isso? Sim... Eu sabia que estava ficando louco.

Conformado, coloquei a minha câmera no banco do passageiro e dirigi de volta a Piracicaba. Queria chegar cedo, descansar um pouco e depois ver se a vida de balada da Ana Flávia tinha mesmo acabado, afinal, ela estava namorando aquele babaca do André.

"E não seria ele quem deveria estar preocupado com a vida dela?", pensei e logo me arrependi. Eu precisava mesmo era de um pouco de paz e só tinha um lugar onde eu poderia encontrar...



Acabava de estacionar em frente à casa da minha mãe, ela amava quando eu fazia visitas surpresas, mas naquele dia eu apostaria mil reais que ela não iria gostar. De qualquer maneira, eu tinha de aproveitar meus dias de folga, então, ainda que pudesse me deparar com alguma cena desagradável, eu entrei sem anunciar.

Logo que passei pela porta da sala, o cheiro do bolo de fubá invadiu minhas narinas e eu me vi enfeitiçado pelo aroma. Eu amava o bolo de fubá da minha mãe, por isso fui direto para a cozinha, eu sabia que ela estaria lá.

— Boa noite, Dona Tamires! — disse eu e acabei assustando-a.

— Seu malcriado de um figa... Custa avisar enquanto entra em nossa casa? —ela levou as mãos ao peito.

— Juro que meu intuito não era te assustar, mãe... Eu apenas vim atraído pelo cheiro do seu bolo.

— Eu também não ouvi seu carro chegando, eu estava distraída, mas venha aqui dar um beijo na sua velha. — aproximei-me dela de forma carinhosa e beijei sua testa. — Como você está querido?

— Estou levando, e a senhora?

Desde de a morte do meu pai em um acidente, quando eu tinha dez anos, e ela nunca mais foi a mesma. Ainda assim, mesmo com toda a dor, ela nunca me deixou faltar nada, nem mesmo nos estudos. Ainda que sozinha, ela

cuidava de mim e me deu sempre o melhor.

Ela era o meu maior motivo de orgulho e de amor, a única mulher a quem eu nunca machucaria... A vida por si só tinha feito ela apanhar muito e mesmo assim seu sorriso sempre estava no rosto.

—Então, filho... Você sabe que eu fico muito sozinha, por isso convidei nosso vizinho, o senhor Liceu, para comer um pedacinho desse bolo... Espero que não se incomode. — ela pareceu-me muito sem jeito.

Eu até pensei em ter um dos meus ataques de ciúmes, mas eu sabia que ela se privara de romances por tantos anos, colocando-me sempre em primeiro lugar, que resolvi deixar meu orgulho de lado.

— Mãe, já disse para a senhora que a sua felicidade é a minha felicidade, então, fique à vontade para trazer o senhor Liceu aqui... Você sabe que eu te amo mais que tudo, não sabe?



— Claro... Você é a coisa mais importante da minha vida. Abracei-a e ficamos unidos por um tempo, deixando que nossos sentimentos falassem por si só.

Olhei no meu relógio e ele marcava onze horas da noite, como a maioria das minhas roupas ficava na casa da minha mãe, acabei tomando um banho lá mesmo. Escolhi minhas peças preferidas, queria estar bonito.

Assim que desci os degraus, deparei-me com a minha mãe aos beijos com o tal vizinho e, assim que notaram a minha presença, os dois deram um jeito de disfarçar, como se fossem dois adolescentes.

— Como eu estou sem tempo para apresentações, vou logo avisando, se machucar a minha mãe, eu sei onde o senhor mora. — vi ele engolir em seco.

— Peço para os dois terem juízo e...Não façam nada do que eu não faria. Tenham uma boa noite.

Dei um beijo no rosto da minha mãe, peguei as chaves que estavam na mesa da sala e saí porta à fora, eu não queria atrapalhar o romance da minha mãe.

Apressado, acelerei rumo a Sensações, uma casa noturna que não

ficava muito longe dali e que era uma das mais badaladas de Piracicaba. Eu tinha certeza que se Ana Flávia fosse sair, seria para lá que iria e, eu adoraria encontrá-la e poder provocá-la um pouquinho. Talvez com uma loira, morena, ruiva. Não sei, mas iria dar um jeito de me destacar.

Graças ao meu trabalho, eu tinha alguns privilégios e nem precisei pegar fila para entrar. Assim que passei pela portaria, ajeitei a gola da minha camisa e segui para a área VIP.

Enquanto subia as escadarias, meus olhos passeavam pela pista de dança e, como eu imaginava, lá estava ela, a minha loirinha, linda como sempre...

"Minha loirinha? Eu disse, minha? Droga, ela não é minha!"

Debrucei-me no guarda-corpo e não consegui tirar os meus olhos dela... Ana Flávia estava linda dançando. Usava um vestido preto, simples, mas que nela caiu como uma roupa de gala.

Suas curvas foram todas realçadas e a cor escura contrastava com o tom da sua pele.

Embora houvesse muitas mulheres perto dela, nenhuma se igualava, então, aproveitando que ela não sabia que eu a observava, pedi uma dose de whisky e fiquei assistindo ao seu show...

**Que eu te amo muita gente sabe
Já dei prova em forma de buquê
Quem olha pra mim não vê maldade
Maldade só na hora do prazer**

"Eu a amo, mas eu não posso entregar meu coração novamente, eu prometi a mim mesmo que não me envolveria a sério com ninguém."

"Sem falar que ela é irmã do meu melhor amigo... Não posso sequer sonhar em me envolver com ela, ainda que tenha caído em tentação uma vez..."

"Mas ela dançando desse jeito... Ahhh... É uma provocação a minha sanidade! Quer saber? Eu vou beijar ela agora!"

"Mas e o tal namorado? Aonde será que o idiota está?", pensei enquanto caminhava na direção dela. Não que eu me importasse, afinal, se ele me flagrasse aos beijos com ela, por certo aquele namorico subiria no telhado..."

Para minha surpresa, tudo aconteceu ao contrário do que eu previa. Em um canto mais reservado, eu avistei o tal de André, trocando beijos com outro homem.

Meu sangue ferveu, fiquei puto da vida. Eu não permitiria que ele fizesse a Ana Flávia de otária e por isso, avancei sobre ele, segurando-o pelo colarinho.

— Seu desgraçado! — proferi com toda raiva. — É isso o que você faz quando está longe da sua namorada? Se você não gosta de mulher, beleza, mas nunca tente enganar a Aninha! Ela é boa demais para isso.

O cara empalideceu, sem ação apenas levantou guarda a fim de se defender.

Preparava-me para dar um soco na cara dele, uma vez que o André não abria a boca, e foi quando a razão daquela briga se juntou a nós.

— Pelo amor de Deus, não faça isso, Enzo! — ela me chamava assim quando ainda era um pirralha. — O André é gay. — encolheu os ombros. — Desculpe-me pelo mal-entendido.

— Mal-entendido, Ana Flávia... ? Eu juro que estava prestes a matá-lo por estar enganando você — soltei-o e os seguranças já estavam ali, prontos para me colocarem para fora — Você vem comigo! — segurei-a pela mão.

— O que você quer, Lorenzo? — Ana perguntou-me quando já estávamos no estacionamento.

Ela estava com raiva de mim? Eu tive a porcaria de ciúmes à toa, pois ela queria brincar comigo.

Olhei bem para ela e resolvi atender aos meus instintos.

— Quero você na minha cama, te dar todo o prazer que você merece... Mas é só por essa noite... — enlacei sua cintura e ela se desmanchou. — Será que é pedir muito?

Preparei-me para receber um belo tapa na cara, e se ela me batesse, seria merecido, mas a Ana Flávia era a Ana Flávia... Surpreendente.

— Tudo bem... — aceitou antes de me beijar.

Seguimos para o mais requintado hotel da cidade, como prometido, eu dei o melhor de mim e foi incrível, a melhor noite da minha vida.



Ana Flávia

Acordei procurando o motivo do meu sorriso naquela manhã, virei-me para o lado e encontrei a cama completamente vazia. Levantei e me enrolei no lençol, fui em busca dele no banheiro, mas nem sinal do Lorenzo.

Olhei para o travesseiro, onde ele deveria estar e havia uma rosa, junto dela um bilhete escrito com a sua caligrafia perfeita:

Ana Flávia Ferraz...

Obrigado por uma das melhores noites da minha vida, mas sei que nunca daríamos certo juntos. Eu não aguentaria olhar na sua cara e ver você decepcionada comigo. Eu tive que sair antes de você acordar, mas confesso que está sendo uma das piores coisas que estou fazendo.

Eu prometi que não envolveria emocionalmente com ninguém e preciso continuar com isso.

Encontre alguém que te mereça, pequena, e viva intensamente feliz.

Desculpe por tudo, mas um dia você irá me agradecer por isso.

Assinado: Lorenzo Rizzato.

Ele tinha ido embora depois daquela noite maravilhosa... Naquele momento eu me permiti chorar, eu o amava mais do que tudo.

Entrei no chuveiro e tomei um banho, lavando também minha alma, assim que vesti as roupas da noite anterior, as lembranças me preencheram completamente, ele tinha me amado da melhor forma possível.

Peguei a rosa, eu iria guardá-la para sempre, para lembrar-me todos os dias que ele havia me machucado e despedaçado meu coração.

Sentia-me destruída, mas eu deveria esperar por aquilo. De qualquer forma, eu precisava me recompor... Eu tinha um festa de batizado para organizar e já estava atrasada.

Na recepção, avisaram-me que a conta estava paga. Entrei no primeiro táxi que encontrei e segui certa de ainda teria o meu final feliz.



Capítulo 20

Anne

—Eu sei... Eu sei... Estou atrasada, mas eu juro que só saio daquela chácara quando tudo estiver na mais perfeita organização. —Ana Flávia entrou em nossa casa com a cara de quem tinha acabado de acordar.

Olhei para o relógio, era quase onze horas da manhã e nós havíamos combinado de nos encontrarmos bem cedo, no dia seguinte seria celebrado o batizado do Anthony e após o ato religioso, faríamos uma recepção na chácara de um amigo da família Ferraz.

—Porque será que eu acho que esse seu atraso tem a ver com o padrinho do meu filho? —decidi provocá-la.

Minha cunhada arregalou os olhos e depois fez uma careta antes de se afundar em meu sofá.

—Culpada! —ela levantou um dos braços.

—Certo... E o André? Como o seu NAMORADO fica nessa história?

—Bem... Digamos que ontem o Lorenzo o flagrou em uma atitude suspeita e acabou descobrindo toda a minha mentira. —Ana cobriu o rosto com as mãos.

—E aí você se declarou para ele e ele admitiu que também está apaixonado, então, vocês se acertaram em definitivo, como dois adultos que são. — endireitei as minhas costas e encarei-a de modo desafiador.

Ana se levantou e pôs-se a andar pela sala de um lado para o outro.

—Anne, na verdade ele me propôs apenas uma noite... Mais uma noite, só que enquanto a gente... Bem, você sabe... —ela ruborizou. — Então... Ele disse que me amava.

Levantei-me também com um salto.

—Ele disse com todas as letras? —duvidei.

—Com todas as letras.

—E você? O que fez?

—Eu fiquei quieta... Tive que morder a língua para não confessar que eu também sou apaixonada, louca, maluca, surtada por aquele desgraçado, afinal, eu sabia que ele tinha dito da boca para fora...

Suspirei, sentindo-me cansada, Ana Flávia e Lorenzo tinham de ser estudados pela NASA, porque estava na cara que os dois estavam apaixonados, mas a guerra de egos acabava colocando tudo a perder.

Até o Dante já tinha se conformado, ou melhor, aceitado que seu amigo poderia entrar para a família e quando convidamos os dois para serem padrinhos do nosso filho, achávamos que estaríamos dando um empurrãozinho... Tipo uma operação cupido.

—Você sabe o que eu penso sobre isso, portanto, nem vou repetir mais. —abracei-a. —Agora, vamos para a chácara. O pessoal da floricultura já está lá, eles me enviaram uma mensagem há mais de uma hora.

—E o meu afilhado? Está dormindo?

—Acabei de amamentá-lo e o seu irmão saiu daqui não faz nem quinze minutos... Ele ia tirar o dia de folga, mas tem alguém que quer comprar o estoque todo de água sanitária do supermercado e ele foi lá para resolver... Depois nos encontra.

—Hum... Posso pegar o Anthony?

—Pode, mas eu queria que você fosse dirigindo, pode ser?

—Tudo bem, só que precisa perder esse medo do volante! Ganhou um carro novinho do meu irmão, é bom aproveitar...

Apenas sorri, eu sabia que a Ana tinha razão, mas o meu trauma em dirigir era mais uma para a conta do Richard, que não se cansava de dizer que a única coisa que uma mulher deveria pilotar era o fogão e, mesmo tendo me

permitido tirar carteira de motorista, eu nunca pude tocar em um carro.

—Eu prometo que vou perder o medo, mas não vai ser hoje.



Embora tenha chovido durante a madrugada, a manhã daquele domingo não poderia ter sido mais bela. O céu coloriu-se de um azul tão vibrante, que parecia uma pintura. Acordei bem cedo e fui direto até o quarto do Anthony, a Ana já não dormia mais em nossa casa, não que ela não quisesse, na verdade, no que dependesse dela, teria se mudado de vez para lá, só que depois do primeiro mês, eu quis viver a experiência de cuidar do meu filho, sozinha, ou melhor, só o Dante e eu.

Ele também pensava igual a mim, acreditava que esse contato estreitaria a nossa relação e criaria uma conexão ainda mais forte. Estávamos certos. Quando ficávamos apenas nós três, era como se fôssemos levados para uma outra dimensão. Um lugar onde os nossos olhares, sorrisos e toques significavam muito mais do que pareciam... Aprendemos a decifrar cada tipo de choro do nosso filho e também, o que seus ansiosos olhinhos buscavam. Por vezes ficávamos nós dois na beirada do seu berço, apenas olhando-o dormir e naquela manhã de domingo, foi esse desejo que me fez seguir até ele, mesmo não tendo feito nem duas horas desde a sua última mamada.

Embora o dia estivesse claro, o corredor e os cômodos ainda não haviam se iluminado, mesmo assim, não acendi nenhuma luz e meus passos foram lentos, eu não queria fazer barulho.

Parada em frente à porta do quarto do meu bebê, interrompi a minha respiração, tentando ouvir qualquer sinal de que ele estivesse acordado. Não escutei nada, o silêncio era predominante e o único som audível era o dos pássaros cantarolando do lado de fora.

Envolvida por um manto de paz, caminhei até o berço e meu coração já batia com mais vigor, assim como meus lábios que se curvaram involuntariamente.

Ele dormia. A respiração calma e o semblante sereno externavam que tudo estava bem. Sem conseguir controlar meu desejo, estiquei um dos meus braços e toquei o seu rosto com a ponta dos dedos. Anthony era lindo e de

novo eu só conseguia pensar que ele fora um milagre. O meu milagre. Distraída, só me dei conta de que não estava sozinha quando tive a minha cintura envolvida por dois braços que me puxaram de encontro ao seu dono.

—Achou que podia fugir de mim? — a frase foi dita diretamente em meus ouvidos e eu senti os meus joelhos amolecerem.

—E por que eu faria isso? —virei-me para ele e me deparei com seus olhos claros, que fulgiam como se tivessem luz própria.

—Eu queria ter acordado antes de você, preparado um belo café da manhã, o levado na cama e a despertado com muitos beijos... — Dante acariciou meu rosto.

—Do café, eu até abro mão, mas esses beijos... Deles eu faço questão. —Passei meus braços sobre seus ombros e coloquei-me na posta dos pés. Ele entortou a cabeça para observar nosso filho.

—O meninão está dormindo?

—Profundamente.

Dante suspirou e sem que eu pudesse reagir, tomou-me em seus braços e me levou de volta ao nosso quarto.

—Acho que temos um tempinho antes de seguirmos até a igreja, não é mesmo? —indagou-me, assim que me colocou sobre a cama.

—Temos bastante tempo, na verdade — afirmei, depois de roubar-lhe um beijo.

Dante puxou a camiseta de malha clara que cobria seu corpo e a jogou no chão. Seus olhos correram por todo o meu corpo e pararam em meu rosto.

—Isso é muito bom, porque eu quero te amar com calma...



A cerimônia foi linda, e junto ao Anthony, outras doze crianças também foram batizadas. Sobre o altar, enquanto o padre jogava a água benta na cabecinha do nosso filho, Ana Flávia e Lorenzo foram às lágrimas, assim como o Dante e eu e também os seus pais.

Durante o sermão sobre a importância e o significado da família e do batismo, eu não tive como não pensar nos meus pais. Minha mãe adoraria

participar daquele momento, e doía o meu coração e a minha alma que eles, avós do meu filho, estivessem sendo obrigados a abdicar de seus direitos, porque eu tinha em meu encalço um ex-marido insano.

Sim, ex-marido, já que para mim, Richard não significava mais nada e eu só queria esperar um pouco para entrar naquela briga.

Sabia que uma hora eu teria que encarar aquela situação. Eu queria o divórcio, queria meus pais convivendo com meu filho e sabia que isso demandaria de uma energia e disposição que eu não poderia usar naquele momento.

Morria de medo do meu leite secar, portanto, teria de deixar para depois tal embate.

—Eu sei que você está pensando neles, mas logo seus pais vão poder aproveitar o neto e, com o tanto de fotografias que temos do nosso pequeno, eles vão, de alguma maneira, poder participar de cada um desses momentos. —Dante me amparou enquanto eu observava os padrinhos pousando com nosso filho.

—Você me conhece tão bem, não é meu amor? —cerquei seu rosto com as minhas mãos. —Parece que lê meus pensamentos.

—Na verdade, você é muito transparente. —beijou-me rapidamente.

Dante estava lindo, vestindo roupas claras parecia até um anjo e eu, deixei aquela igreja sentindo-me muito sortuda.

Seguimos todos para a chácara, passaríamos o domingo inteiro nela. Ana Flávia foi de carona conosco, mas eu sabia a razão dela querer ir em nosso carro.

—Eu nunca vi uma tia tão babona... —dobrei meu corpo para encará-la no banco de trás.

—Tia, não! Madrinha... Agora, oficialmente, Ma.Dri.Nha.

Dante e eu nos entreolhamos e rimos satisfeitos com tamanha dedicação.

—E o Pa.Dri.Nho? Parece que também se derrete cada dia mais por nosso bebê... —Dante interveio, fitando a irmã pelo retrovisor.

—É. Parece que aquele lá está tomando jeito... Eu devo admitir que aquele traste adora o Anthony e até já me ajudou a trocar as fraldas dele, uma vez — desdenhou Ana Flávia.

—Irmãzinha... Estamos a sós, portanto, não precisa ficar fingindo que odeia o Lorenzo.

—Dante Ferraz! Por que é que você não cuida da sua vida?

—Mas eu cuido... Agora, que culpa eu tenho que me sobra tempo para cuidar da sua também...? —ele piscou para mim, sabia que estava querendo provocá-la.

— Olha Tony, ainda bem que você é um menino, porque se fosse uma menina, seria encalhada igual a sua madrinha... Seu papai é um chato de galocha... — disse, com a voz infantilizada, enquanto fazia cocegas na barriga do afilhado que repousava do bebê-conforto.

Por sorte havíamos chegado, do contrário, os dois persistiriam com as provocações.

—Irmãos... —Dante deu com os ombros enquanto caminhávamos rumo ao salão onde seria servido o almoço.

—Eu sou filha única, portanto, não sou acostumada com isso... —Ri.

—Já o Anthony vai ter mais dois ou três irmãos... —Dante disse em alto e bom som.

—É isso aí, Capitão, vamos fazer a família Ferraz crescer.

— Eu vou adorar ser mãe de mais três ou quatro filhos seus, meu amor. —parei em sua frente não resisti, eu precisava beijá-lo.

—Esses dois... Eu nunca vi uma casal mais apaixonado. —Adriana veio de encontro a nós.

— Como eu posso não ser? Olha para a minha mulher, mãe... Diz se eu não tenho razão de ser completamente apaixonado por ela...

—Você tem mesmo toda a razão, um filho... —Adriana beijou o meu rosto e todos nós seguimos juntos.



Se classificasse a nossa tarde como perfeita, ainda assim o elogio ficaria aquém do que merecia. Desde as flores brancas que enfeitaram as mesas até o cardápio delicioso providenciado pelo mesmo buffet que cuidou do meu chá revelação e eu me sentia cada vez mais encantada pelas festas organizadas pela Ana Flávia.

—Veja as lembrancinhas... São aromatizantes com cheiro de bebê, assim todo mundo vai ter em sua casa o perfume do meu afilhado. —ela veio com um belo frasco de vidro nas mãos. —Viu só? Tem as iniciais AF feitas

em metal dourado.

—Ficou lindo, Ana... Aliás, como tudo o que você faz. —Lorenzzo chegou logo em seguida.

—Você já está contratada para organizar nossa festa de casamento... —Dante apontou o dedo para ela.

—Hum... Eu vou adorar!

—E a festa de um ano do Anthony... —sugeri.

—Ou podemos fazer uma festa só... Já imaginaram? Um ano do Tony e o casamento de vocês? —a irmã de Dante se empolgou.

— E eu serei o fotógrafo oficial de todas essas comemorações. — Lorenzzo fez mais uma fotografia.

—Veremos... —ajeitei o Anthony em meu colo e ele acabou golfando um pouco de leite talhado sobre mim.

—Hum... Ainda bem que eu trouxe um troca de roupa... —passei uma fraldinha para me limpar, mas o cheiro não era nada agradável.

—Deixa ele comigo, amor... Pode ir trocar de roupa. —Dante esticou os braços e tomou o Anthony para si.

—Eu vou junto. —Ana Flávia se ofereceu.

—Na verdade, eu queria conversar um minutinho com você, pode ser?—Lorenzzo segurou-a pela mão.

—Gente, eu volto em um minuto! —pisquei para ela e antes de partir beijei meu marido e também meu filho.

Caminhei alguns passos e senti um aperto no peito, algo sem explicação, mas que me tirou o ar. Virei-me para encará-los novamente e me deparei com uma das mais belas cenas que meus olhos poderiam ver. Dante segurava Anthony e ao fundo, os raios de sol que se punham, pareciam sair de suas costas, como se fossem asas feitas de luz.

— Eu amo vocês! — afirmei. Dante sorriu.

—Nós também te amamos... Muito, muito, muito...



A casa era enorme, os móveis rústicos e havia muitos cômodos. Passeando por ela, ative-me a um grande piano que ficava no canto de uma

das salas. A peça parecia me chamar e eu até pensei em me aproximar para admirá-lo mais de perto, no entanto, o cheiro de azedo começava a me incomodar e eu segui direto para o quarto onde havia deixado as minhas coisas. Dentro de uma das minhas bolsas estava outro vestido, eu sabia que acidentes poderiam acontecer, por isso a minha precaução. Desvesti-me rapidamente, passei um lenço umedecido sobre o meu colo e voltei a me vestir, agora com uma peça limpinha, ao menos até que meu bebê desse um jeito de sujar-me de alguma maneira.

Sorri com esse pensamento, lembrando-me outra vez de Dante e do meu querido Anthony. Dez minutos ou nem isso, esse era o tempo em que estávamos afastados e eu já sentia a falta deles.

Arrumei minha pequena bagunça, louca de vontade de me reunir ao dois e foi esse momento que o som de passos fizeram que eu me voltasse à porta. Imaginei que seria o Dante, uma vez que ele adorava me surpreender. Respirei fundo e esperei.

Nada.

A impressão que tive foi de que a pessoa voltara ou simplesmente havia entrado em outro cômodo.

Sem muito me importar, fui até o banheiro da suíte, apenas para passar uma água em minhas mãos e checar a minha aparência no espelho. Ainda ajeitava os meus cabelos quando ouvi o ranger da porta.

—Dante... — murmurei, imaginando os planos que ele tinha para nós dois —Estou aqui, no banheiro! —gritei, terminando de prender meus cabelos em um rabo de cavalo.

Eu não ouvi resposta nenhuma, mesmo assim, os passos podiam ser ouvidos por mim, cada vez mais próximos e, antes mesmo que eu pudesse reagir, eu o vi, pelo espelho, parado atrás de mim com um semblante indecifrável, mas seus olhos falavam muito mais do que palavras... Havia ira, raiva e eu... Bem, eu literalmente congelei.

—Anne... Anne Maldonado... —sua voz entrou em meus ouvidos causando-me um calafrio, ou algo além disso, no entanto, o choque e o torpor eram tão grandes que não sobrava espaço para sentir nada além de medo.

—Richard... —mexi os lábios sem emitir som algum. Minha garganta se fechou e por isso o ar não alcançava meus pulmões.

Dante... Anthony... Dante... Anthony... Como num curto circuito, era só o que meu cérebro conseguia pensar. Eu não temia por mim, temia por

aqueles que eu amava mais do que tudo, que a minha própria vida e, talvez por isso, por temer que algo acontecesse a eles foi que eu mantive-me em pé e reuni forças para virar-me e encará-lo, olhos nos olhos.

Quase um ano e estar diante dele não era como eu imaginava. Era pior.

Não sentia ódio, no fim, o ódio era um sentimento muito eminente para alguém como ele. Por Richard Maldonado eu sentia repulsa.

— Enfim, você está de volta... — disse com os olhos marejados.

Balancei a cabeça instintivamente, rejeitando a sua afirmação.

—Eu não estou de volta, Richard... Você veio atrás de mim, mesmo depois de tudo o que me fez. —quis lembrá-lo sobre o papel de cada um naquela história.

Ele engoliu em seco e juntou as sobrancelhas.

—O que fiz? —riu com sarcasmo — Eu sempre amei você, Anne. Sempre cuidei de você e qual foi a sua retribuição? —a voz branda, assustava-me mais do que se ele estivesse aos berros. —Anne, minha doce Anne... Você me traiu quando engravidou, mas ter se envolvido, se entregado a outro homem... Ah... Isso foi inclassificável... Eu ouvi todas as promessas entre vocês dois... Casamento? Mais filhos?

Aquilo começava a piorar, eu sabia que seu equilíbrio era encenado e por isso dei um passo para trás.

—Eu não vou discutir esse assunto com você... Não, depois de ter sido agredida da forma que fui e se alguém tem de falar sobre traição, esse alguém sou eu, que fui enganada, casada com um homem a quem eu nunca verdadeiramente conheci.

Ele fechou os olhos.

—Você mudou. —deu um passo à frente reavendo nossa proximidade.

— Está achando que pode escolher...

—Fique onde está... —ordenei entre dentes. —Estamos em um lugar cheio de gente e a qualquer momento alguém virá me procurar. — Richard gargalhou, tão alto que eu senti meu corpo estremecer.

—Está se referindo àquele loirinho, idiota com quem você anda se esfregando como se fosse uma qualquer?

—Não fale assim do Dante! —rosnei com o dedo em riste.

—Dante... o finado Dante Ferraz... — Richard sorriu, divertindo-se com o que acabava de dizer.

— Desgraçado! —descontrolei-me, partindo para cima dele. — O que você fez com o Dante?

Ele me segurou, Richard era muito maior do que eu, portanto, dominar-me foi muito fácil para ele.

—Calma... Eu não matei o seu amante. Ainda. Mas se ele é mesmo tão importante para você, é melhor que volte a me respeitar, do contrário, eu corto a cabeça dele... — ameaçou-me com os lábios direto em meus ouvidos.

— Pelo jeito você já sabe de tudo. Sabe que eu estou com o Dante e que juntos estamos construimos uma família... A família que você rejeitou, então, o que você quer de mim, Richard?

Senti sua respiração ficar curta e suas mãos apertando meus braços cada vez com mais força. Eu havia o provocado e sabia que aquilo não ficaria barato.

—Você é a minha esposa e o que eu quero é que tudo volte a ser como era antes, mas primeiro, nós precisamos acertar algumas coisinhas... — ele segurou o meu rosto e enfim deixou a máscara cair. Em minha frente, o mesmo Richard do dia em que revelei minha gravidez. — Sandra! —ele gritou e em segundos uma jovem mulher entrou no quarto, nas mãos, ela segurava um pano e antes de entregá-lo a ele, passou os olhos rapidamente por mim.

—O que vai fazer...? —perguntei, temendo por minha vida pela primeira vez.

Sem nada me responder, ele colocou o pano sobre a minha boca e nariz, o cheiro forte queimou minhas narinas, minha garganta, cortou o meu ar e por fim, ainda que eu tivesse lutado com todas as minhas forças, não consegui me manter acordada por mais tempo.



Capítulo 21

Dante

—Como assim, ela não está em lugar nenhum? — Estranhei, quando a Ana avisou-me que não encontrava a Anne.

Ela saiu dizendo que iria apenas trocar o vestido e já havia se passado mais de quarenta minutos. Deixei o Anthony com a minha mãe e fui até o casarão, imaginando que ela pudesse ter se deitado um pouco e pagado no sono.

Como não a encontrei, acionei a minha irmã e acabei interrompendo uma discussão acalorada entre ela e o Lorenzo.

Ciente da minha preocupação, ela saiu em busca da amiga de imediato.

—Eu olhei em tudo. Cada um dos duzentos cômodos da casa, na área da churrasqueira, piscina, nos banheiros e nada! —Ana roía as unhas e isso me deixou ainda mais nervoso. Eu sabia que ela só fazia isso quando ficava muito preocupada.

— Gente, não há com que se preocupar... Vocês acham que a Anne sairia sem dizer nada? Ela não fica longe do Anthony por mais de quinze minutos —Lorenzo ponderou.

Passei as mãos por meu rosto enquanto milhares de suposições faiscavam em meus pensamentos.

—É exatamente isso que me preocupa... Ela jamais iria até a esquina sem antes me dizer, ou ainda, chamar a Ana para ir junto...

—Calma, meu irmão... Ela deve ter adormecido...O nosso príncipe tem a deixado bastante cansada, este lugar é enorme, portanto, precisamos procurar com mais afinco. —ela passou a mão por meus ombros e eu pude sentir que estava gelada.

—Então, vamos nos dividir... E pessoal, sem alardes, eu não quero preocupar nossos pais à toa.

—Gente, pelo jeito que falam, até parece que a Anne poderia mesmo ter desaparecido... —Lorenzzo, alheio a verdadeira história sobre ela, não tinha ideia de que sim, algo de muito ruim poderia ter acontecido com a minha mulher e, só de pensar na hipótese, senti meu coração parar de bater.



Troquei rápidos olhares com a Ana Flávia, ela me entendia e naquele momento eu tive a confirmação de que também partilhava das mesmas tormentas que eu.

ANNE

Eu tentava abrir os meus olhos, mas a minha cabeça doía muito, meu corpo parecia gelado e eu sentia muito frio. Havia também um cheiro forte de cloro... Estaria eu em uma piscina?

Confusa, enquanto flashes do meu encontro com o Richard perturbavam a minha mente e eu nutria a esperança de que tudo daquilo não havia passado de um terrível pesadelo... Mais um...

—Ela está acordando... —ouvi uma voz feminina comentar.

—Isso é muito bom, porque eu quero acabar com isso o quanto antes.
—Richard decretou.

Impactada e temendo pelo que estava por vir, esforcei-me para me mexer, no entanto, meus braços estavam presos, assim como as minhas pernas. Desesperada, comecei a me debater e outra vez, abrir os meus olhos

era uma missão impossível, eles queimavam, mesmo assim eu insisti.

Ainda que embaçados, Richard e a mulher foram ganhando forma. Eles me observavam, cada um com um semblante. Ela parecia assustada, já meu ex-marido, sorria como se estivesse satisfeito.

Olhei em minha volta, tentando identificar onde eu estava. Parecia a suíte de um motel, porque eu estava dentro de uma banheira que ficava de frente para uma cama redonda. Ainda, notei que o que cobria meu corpo nu, não era água, ou apenas água, o cheiro forte e a sensação densa davam conta de que aquilo era água sanitária.

—Richard... Por que está fazendo isso comigo? —indaguei, sentindo a minha garganta queimar.

Ele caminhou com calma e sentou-se na beirada da banheira.

—Você se entregou a outro homem, portanto, está impura e eu não posso voltar a tocar você, até que você volte a ser incólume... —ele esticou o braço e ameaçou afagar minha cabeça.

Instintivamente eu me retraí e ele recuou.

—Richard... Você é maluco... —murmurei, sentindo a queimação percorrer todo o meu corpo.

—Sim, claro que sou... Afinal, minha esposa foge de casa e se deita com o primeiro homem que encontra e eu tenho que aceitar, aplaudir... —ele se levantou e começou a desabotoar sua camisa —Ou melhor, eu deveria me oferecer para ser o padrinho do casamento de vocês dois, não é mesmo? — Sandra, traga mais uma caixa...

A mulher, que ainda permanecia com a mesma expressão de espanto, girou sobre os calcanhares e em menos de um minuto voltou com uma caixa de papelão nas mãos.

Eu reconheci a embalagem, era de um dos nossos fornecedores exclusivos de produtos de limpeza. Richard se abaixou e pegou dois frascos branco e como eu imaginava, era mesmo água sanitária.

Ele voltou a se aproximar de mim e despejou todo o conteúdo sobre a minha cabeça.

De novo meus olhos queimaram e a minha cabeça parecia pronta para explodir. Mas Richard não se deu por satisfeito, até ter esvaziado todos os doze litros daquele desinfetante.

—Logo você vai voltar a ficar pura, meu amor... Então, nós poderemos voltar a sermos felizes, como antes — repetia com a voz amena

enquanto se despia. —Sandra, tire suas roupas também. — bradou com os olhos nos meus que vertiam lágrimas por diversas razões.

A mulher, como se fosse um robô programado, obedeceu-o de pronto tirou toda a roupa que vestia, ficando apenas de lingerie.

—Richard... Pelo amor de Deus... Não faça nada de que possa se arrepender... —implorei, sem ter a mínima ideia de quais eram seus planos.

Eu não raciocinava direito, mas sabia que as chances de eu não sair viva dali eram muito grandes.

—Foram mais de dez meses... Em todos eles, por quantas vezes você transou com aquele cara? —ele se curvou para ter o seu rosto bem perto do meu.

— Para com isso, Richard... Nós podemos resolver isso de outra maneira...

— Vinte? Trinta? Cem? —ele me ignorava completamente. —Vamos Anne... Conta para mim...

—Richard, por favor... —eu implorava aos prantos, ele realmente estava me assustando.

Sem nada me responder, ele avançou sobre a mulher, jogando-a sobre a cama. Com fúria, rasgou sua calcinha e a jogou na minha direção. Eu me debatia e aquilo piorava a minha situação.

Por conta da química, minha pele ardia e coçava sem que eu pudesse fazer nada para abrandar meu sofrimento.

Enquanto ele a tomava como um animal selvagem, eu fechei os meus olhos e virei a minha cabeça, eu não queria ver nada daquilo.

—Vamos Anne, que quero você assistindo enquanto eu faço sexo com a Sandra... Quero que se sinta como eu me senti vendo você trocando beijos com aquele maldito idiota! —ele gritou, fazendo com que eu me assustasse. —Olha para mim, Anne!

Eu não o obedeci, mas Richard tinha um plano, um roteiro e não queria que nada fugisse da sua programação. Entendi isso quando ele se levantou e voltou até mim com uma arma em punho.

—O que você vai fazer? —perguntei, sentindo o cano gelado sendo forçado contra a minha têmpora.

—Você vai ficar de olhos bem abertos... Quero que olhe para mim enquanto eu "como" aquela vadia. —ele apontou para a cama onde estava a Sandra — Quero que você me assista ficando com outra mulher e se virar a

cara, eu juro que no lugar da minha secretária, vai ser a sua amiguinha Ana Flávia, quem vai ter de me satisfazer... Estamos combinados? —Voltou a forçar o cano do revólver contra a minha cabeça.

—Sim, Richard... —murmurei ente uma fungada e outra.

Ele retornou para a cama e segurou a Sandra pelos cabelos. Aquela mulher parecia estar dopada, uma vez que se submetia às mais insanas investidas dele. Por vezes ensaiei descumprir sua ameaça, mas ele havia tocado no nome da Ana e eu jamais permitiria que ele tocasse um dedo nela.

Assim, valendo-me de toda a força que eu nem sabia que tinha, deixei meus olhos sobre os dois, mas desliguei-me. Dei um jeito de olhar sem enxergar, do contrário eu não suportaria.

Não porque vê-lo com outra mulher me afetasse de alguma maneira, e sim, por saber que um dia eu amei aquele homem.

Pensar que beijava seus lábios, que acariciava seu rosto e que eu tinha planejado ter um filho com ele, acabou por me causar um enjoo tão grande que eu vomitei.

—Anne! O que está acontecendo? —ele praticamente voou para perto de mim, parecia preocupado, e, quando o cheiro que vinha do seu corpo alcançou o meu olfato, misturando-se com o do cloro, meu estômago reagiu outra vez. —Anda, Sandra! Ajude-me a soltá-la.

Ela, outra vez, como se fosse um robô programado, correu até a banheira e pôs-se a desamarrar os meus pés ao mesmo tempo que Richard soltava as minhas mãos, então, quando ele me puxou, tirando-me de dentro daquela água, tudo em minha volta começou a girar, perder o foco e outra vez eu desmaiei.



DANTE

Fazia exatamente uma hora e quarenta minutos sem ao menos um sinal de Anne. Desesperado, cheguei a ir até a nossa casa, imaginando que ela pudesse ter voltado para lá, ainda que aquilo não fizesse o mínimo sentido.

Nem sinal dela, parecia que a minha mulher tinha virado fumaça e,

mesmo travando uma luta entre o que queria acreditar e o que parecia ser verdade, a dura e algoz realidade venceu.

A mim, só havia uma explicação para o seu desaparecimento. Richard. Sabendo disso, mesmo odiando valer-me das influências do meu pai, graças aos anos de dedicação ao militarismo, eu segui para a delegacia e me apresentei como filho do Tenente Coronel Ferraz.

Claro que fui bem atendido, mas eles não podiam fazer nada, afinal, precisavam seguir o protocolo e nele, nenhum adulto pode ser considerado desaparecido, antes que se completem vinte e quatro horas.

Eu sabia que funcionava assim e, só não saí de lá mais derrotado do que quando entrei, porque o delegado me garantiu, depois de ouvir meu relato emocionado sobre a situação de Anne, que abriria uma exceção e mexeria seus pauzinhos para que as investigações começassem o quanto antes.

Eu quis colocá-los em contato direto com o Sanches, no entanto, ele não me atendeu. Por sorte eu havia guardado a fotografia do desgraçado do Richard e passei para os investigadores, todas as informações que eu sabia sobre ele.

Ciente de que não teria mais como esconder a gravidade da situação, liguei para a minha irmã e pedi que ela se reunisse aos meus pais em sua casa. Eu precisava coloca-los a par de todos os fatos.



Ana havia conseguido fazer o meu filho dormir, ele repousava em seu carrinho, sem ter ideia de que estávamos no olho de um furacão. Dobrei o meu corpo e beijei sua testinha com muita delicadeza, depois, voltei-me a eles, meus pais, minha irmã e o Lorenzo, que parecia não entender nada.

Antes de começar as explicações, fiz um breve resumo da história verdadeira da Anne, afinal, meu amigo desconhecia grande parte dela.

— Casada? Então foi o marido dela que a levou? — perguntou Lorenzo, demonstrando todo seu estarrecimento.

Passei as mãos por meus cabelos, minhas mãos tremiam.

— É o mais provável... Afinal, quem mais poderia querer o mal da

minha Anne, que não aquele monstro? — sentia-me muito nervoso. — Eu juro que eu mato o Richard Maldonado se ele tocar num fio de cabelo dela.

Ao fim da minha acalorada afirmação, o rosto de Lorenzo empalideceu e Ana também pareceu assustada. Eles se entreolharam e eu imaginei que isso era culpa do meu descontrole.

— Você disse... Richard Maldonado? — indagou Lorenzo e eu assenti. Ele se levantou com os olhos perdidos. — Meu Deus! Não pode ser...

—Você não está achando que o Rich... Aquele Rich pode ser o marido da Anne? —minha irmã correu para o lado do fotógrafo.

—Alguém pode me explicar o que está acontecendo? —eu voei para junto dos dois.

—Ana, Dante... Nós não estamos entendendo nada... —minha mãe, já chorosa, abraçou ao meu pai que permanecia atento a tudo.

—Na sexta-feira eu estava numa loja em São Paulo, revelando as fotografias para dar a vocês... Eu estava tão feliz por ter recebido o convite de ser o padrinho do Anthony, que fiquei comentando com todos os meus conhecidos... O Richard estava lá e quando viu a fotografia da Anne com você... —ele cobriu o rosto com as mãos —Por isso ele saiu correndo daquela forma — lamentou-se.

Ana Flávia sentou-se no chão, ela parecia derrotada.

—Não... Não pode ser... Não é possível que seja a mesma pessoa. Isso seria muita maldade do destino...

— De quem exatamente estão falando? —perguntou meu pai, chamando a atenção para ele.

— Se eu não estiver engando, estamos falando do mesmo Richard Maldonado.

—Mas como vocês poderiam conhecer o marido da Anne? —meu pai continuou com as indagações.

Sem mais querer deixar dúvidas, saquei meu celular e abri, outra vez, a galeria de fotos onde estava uma do carrasco de minha mulher.

—Este é o marido da Anne. Richard Maldonado. —Apontei na tela para Lorenzo e Ana puxou meu braço para poder ver.

Ela não disse nada, apenas desabou a chorar.

—Cara, eu juro que nunca pensei que ela pudesse ser casada! Eu nunca imaginei uma história como essa... Pelo amor de Deus, cara, me perdoe. Juro que não foi minha intenção. - Lorenzo se lamentava em

desespero.

—E eu? Eu beijei esse cara uma noite dessas... Eu peguei uma carona com ele... Falei tanto sobre as nossas vidas... —Ana Flávia soluçava. —Eu também tenho culpa...

Em meio a tantas descobertas e lamentações na mesma proporção, e eu só conseguia ouvir meus próprios pensamentos.

Richard tinha descoberto mesmo sobre o paradeiro de Anne e isso, graças ao Lorenzo. Minha irmã falava, mas eu não prestava atenção em nada.

Para onde ele teria a levado?

O que estaria fazendo com a minha mulher?

Eu veria Anne outra vez?

A cada pergunta feita por mim, para mim e meu coração parecia estar sendo arrancado do meu peito. Eu sabia que insano como era, o fato de ter descoberto que ela e eu havíamos nos envolvido, culminaria em uma tragédia, sem sombra de dúvidas.

—Calma! —a voz grave e o tom austero do meu pai, fez com que todos se voltassem para ele. —Agora, com todas essas cartas na mesa, precisamos que todos mantenham a calma, do contrário, tudo pode ficar ainda pior e, o descontrole não leva a nada.

—Seu pai tem razão —minha mãe caminhou até mim. — Filho, por favor, mantenha a calma, nós vamos achar a sua mulher. —afirmou ela, alisando as minhas costas.

Seus toques sempre livraram as minhas dores, desde que eu era pequeno, mas naquele dia, quando o meu mundo parecia ter parado de girar, nada parecia ter o poder de me tranquilizar.

Eu queria socar o Lorenzo, mas eu não poderia o culpar, ele não sabia de nada, se ao menos eu tivesse aberto a droga da minha boca para todos que eu confiava, talvez ele não tivesse conseguido capturá-la.

—Se algo acontecer à Anne... Eu não vou suportar... —dei-me o direito de esmorecer.

—Eu vou ligar para o pessoal da polícia, ver se eles já têm alguma novidade... A maioria deles me deve favores, eu não gostaria de cobrar, mas a Anne se tornou da nossa família, e família a gente protege e cuida —ele ensaiou um sorriso. — Fique tranquilo, filho, nós vamos achá-la sã e salva.

Olhei para o carrinho do nosso filho, o Anthony ameaçava despertar.

— Que assim seja, meu pai... Só que eu não posso ignorar o fato de que estamos tratando de um psicopata... — abracei-o, tentando buscar forças naquele rochedo de homem.

— Filho! Não vamos pensar no pior. Pensamento positivo, atraindo coisas boas — disse dona Adriana, enquanto ninava o Anthony.

Aproximei-me dela e tomei meu filho em meu colo, o levei para o quarto onde antes a Anne dormia. Eu precisava daquele momento a sós com ele, afinal, aquele bebê era um pedacinho do grande amor da minha vida, da melhor parte dela.

— Meu pequeno... O papai promete que jamais vou deixar que o mal te alcance e eu prometo que vou salvar a sua mãe... — declarei com meus olhos nos dele, colocando toda a minha força naquelas palavras.

"Seja forte, Anne... Seja forte por nós três...", pensei, tentando não chorar na frente do nosso filho.



ANNE

Não sei por quanto tempo eu fiquei desacordada, mas quando abri os meus olhos desejei poder continuar apagada. Daquela vez eu não me senti confusa, sabia exatamente o que tinha acontecido.

Richard havia me encontrado, me raptado para deixar-me submersa em uma banheira cheia de água sanitária, me fez assisti-lo transar de forma asquerosa com sua secretária, ameaçou-me com uma arma e naquele instante eu me vi, deitada em uma cama, tendo meus pés presos com uma fita plástica e na minha boca uma fita adesiva que me impedia de gritar.

Ainda assim, nada daquilo era mais doloroso do que imaginar como o Dante deveria estar preocupado, e o Anthony... Meu Deus! Pensar no meu bebê sem mim, acabava por me deixar à beira da loucura.

Desesperada, olhei a minha volta e não vi nenhum dos dois. Impulsionei o meu corpo e virei-me na direção do banheiro... Nada também.

Teria o Richard fugido e me deixado ali, para ser encontrada por alguém?

Antes mesmo que eu pudesse me animar com aquela hipótese, eu ouvi o estalo de passos que pareciam vir na minha direção, sem saber como agir, fingi que ainda dormia.

—Sim... Sim... Eu entendo, mas comigo as coisas funcionam dessa maneira. Ninguém que passa Richard Maldonado para trás, fica vivo para contar a história, portanto, eu quero que aquele investigadorzinho de merda, coma grama pela raiz, entendeu? — ele bradou ao telefone e em seguida, lançou o aparelho sobre a cama.

—O... O... O senhor mandou matar o Sanches? — Sandra gaguejou.

—Não que seja da sua conta, mas é bom que você saiba como é o fim de quem me traí. Eu descobri que aquele desgraçado tem uma estreita relação com a família daquele maldito Dante, portanto, está explicada a razão de a minha esposa estar tão perto e mesmo assim eu não ter conseguido encontrá-la antes.

"Investigador? Sanches?" , pensei, lamentando seu iminente final, ainda que não soubesse quem era ele.

Pelo que eu entendera, o pobre homem teria sua vida abreviada, porque de alguma maneira havia me ajudado. Richard era mesmo um psicopata sem limites, e concluir isso me fez temer pela vida de Dante, afinal, ele não o pouparia.

Em poucos minutos, centenas de milhares de pensamentos fomentaram dentro da minha cabeça. Eu sabia que precisava fazer alguma coisa para mudar os rumos daquela situação e, me preparava para tal iniciativa, quando ouvi uma campainha tocar.

—É a comida — Sandra avisou.

—E o que está esperando para ir buscar? Anda logo sua múmia inútil... Minha esposa precisa se alimentar. Não viu que ela colocou tudo para fora? — em segundos, o cheiro de comida ocupou cada centímetro cúbico de ar, Richard tocou os meus cabelos e eu não consegui, acabei me retraindo. — Eu vou tirar essa fita da sua boca, mas se gritar, eu a coloco de novo e isso vai me deixar muito bravo. Ok?

Assenti, balançando a cabeça, a sensação de ter os lábios grudados era terrível.

—Quem garante que ela não vai fazer um escândalo? —Sandra perguntou.

Como se a ignorasse, ele, com muito cuidado, puxou a fita que me

mantinha calada e só então se voltou para ela.

—E quem é que mandou você abrir essa sua boca, hein, sua idiota? Agora vai, esvazie aquela banheira e prepare outro banho desinfetante para a Anne...

—Richard, por favor... Não me coloque dentro da água sanitária de novo... —implorei, porque a minha pele ainda queimava e só de me lembrar de como me sentira naqueles momentos de desespero e meu corpo ameaçou se desligar.

Ele puxou o ar e tomou um dos pratos para si.

—Não pense que eu fico contente com isso, mas é necessário... — Pegou um pedaço de carne e levou até a minha boca.

Eu sabia que precisava comer, mas não sentia fome alguma, ao contrário, o cheiro de alho me fez enjoar.

—Eu não quero comer... Quero um pouco de água, e também, que me deixe sentar... —avisei com a voz entrecortada.

Ele sorriu e eu achei que Richard fosse me atender, no entanto, ele jogou a carne no chão, pegou o rolo de fita e me amordaçou novamente.

— Se não quer comer, não vamos perder tempo. — tomou-me nos braços —Voltemos à sua purificação. —caminhou a até a banheira e por mais que eu tenha lutado, ele me colocou dentro dela outra vez.

Enquanto eu chorava, pelo medo, dor e tudo mais o que me afligia, Richard e Sandra desfrutavam do jantar, assistindo ao meu desespero, como se vissem uma série de tevê.

"Por você Dante, meu amor e por nosso filho... Eu juro que resistirei o quanto puder...", prometi em pensamento, tentando encontrar uma maneira de me desligar, do contrário, não suportaria por muito tempo.



Capítulo 22

Anne

Havia perdido a noção do tempo, não conseguia abrir meus olhos e meu estômago não aceitava nenhum tipo de alimento, minha pele queimava quando eu era colocada dentro da “*banheira de purificação*”, como Richard insanamente a classificou e, quando eu estava fora dela, sentia muita coceira, mas com os braços e pernas amarradas, não podia fazer nada.

Eu sabia que teria de ser forte, só que eu começava a duvidar que veria meu filho, meus pais, minha amiga e meu grande amor, Dante, novamente e isso me causava imenso desespero.

—Richard, por favor... Não me coloque novamente lá, não vê que vai me matar se insistir com isso...? —implorei, quando ele me tomou em seus braços e, ainda que não estivesse vendo nada, o cheiro, aquele maldito cheiro, dava conta de me avisar sobre o que estava por vir.

—Anne, já estamos terminando... Mais um pouco e você vai estar pronta para retomar sua vida comigo... —ele beijou o meu rosto e no mesmo instante o meu organismo reagiu, me fazendo colocar para fora, a água que tomara minutos antes.

—Ah, não! Vomitando novamente! —ele me levou de volta para a cama e eu continuei enjoada, tendo ânsias, mais não havia mais nada dentro

do meu estômago.

— Ela deve estar intoxicada... —ouvi Sandra alertando-o.

—Você é medica agora, idiota? —Richard riu com sarcasmo. —É tão burra que não consegue nem lidar direito com a máquina de xerox, agora vem querer diagnosticar a minha esposa...Era só o que me faltava.

—Desculpe-me, senhor, eu só quis...

—Anda! Cala essa sua boca, porque eu não estou mais suportando ouvir a sua voz e pega um copo de leite para a Anne.

—Eu não quero... —murmurei e foi um sacrifício conseguir falar três míseras palavras.

—Mas precisa se alimentar, meu amor... Eu quero você bem forte para a nossa nova lua de mel... Eu pensei em fazermos um tour pela Europa. Adoraria voltar a Veneza... Se lembra? Foi lá que eu a pedi em casamento e você disse sim. Nossa, aquele foi o dia mais feliz da minha vida...

Comecei a chorar, enquanto ele narrava aqueles momentos como bons, eu só conseguia amaldiçoá-los, afinal, eu desejava nunca tê-lo conhecido e nunca ter aceitado me casar com ele.

Eu me odiava por ter sido tão cega, tão tola e tão negligente comigo mesma. Richard sempre deu sinais de seu desequilíbrio, mas eu achava que era normal, que ele era apenas um pouco estressado por conta do seu trabalho, e agora eu estava ali, à beira da morte enquanto ele declarava seu amor.

Que tipo de amor era aquele? Que tipo de amor machuca, tortura e se regozija do sofrimento do outro?

Aquilo era doença, obsessão. Richard odiava perder, ser contrariado, e se eu quisesse sair daquele lugar viva, precisava entrar no seu jogo doentio.

—Lembra-se da canção que o gondoleiro cantarolou para nós? Era linda, eu chorei como uma criança, tamanha a minha emoção. — arrisquei.

—Sim, Anne! — ele se empolgou. — Ah... Como fomos felizes naquela viagem...

—Fomos... —engoli minha saliva, minha boca tinha um gosto metálico.

— E não foi só nesse dia, tivemos tantos outros momentos lindos... Você sempre me deu tudo, e eu, eu acho que não soube agradecer-lo... — forcei-me para abrir meus olhos, eu queria ver o rosto dele, comprovar que ele estava acreditando em mim...

—Que bom que finalmente está percebendo... Anne, você foi tão ingrata... Tanto, que se eu não a amasse como a amo, teria a matado assim que a encontrei...

—Você é bom, Richard... —menti. —Você é o homem que qualquer mulher desejaria ter ao lado. Veja o que fiz, e mesmo assim, você me perdoou... No fundo eu acho que foi tudo culpa da minha gravidez, os hormônios mexeram com a minha cabeça... Peço perdão se o fiz sofrer...

—Anne... Meu amor... Que bom que você está caindo em si... —sua voz estava embriagada.

—Richard! —Sandra gritou, e eu ouvi seus passos em nossa direção. —Não vê que ela está mentindo...? A sua esposa está querendo enganar você!

—Não... Não estou... Eu penas acordei para a burrada que estava fazendo. Tive tempo de refletir... —discursei com a minha respiração curta. —Olhe para você, está aí, querendo roubar o meu marido...

Richard saiu da cama e foi para a frente da Sandra, que exibia no rosto, uma expressão próxima a de pânico.

—Quem você pensa que é, para insultar a minha esposa? —colocou o dedo em riste —Uma secretariazinha que não sabe nem preparar um café direito... Sabe o que eu deveria fazer com você? — ele segurou-a pelo pescoço —Enfiar uma bala no meio da sua testa, mas munição é cara, e você não vale nem isso... —empurrou-a com tanta ira, que a mulher se estatelou no chão.

Sandra abafou seu choro e se arrastou para um canto do quarto. Eu não conseguia entender sua relação com Richard. Ele a tratava da pior maneira possível, mas mesmo assim, ela se mantinha fiel às suas loucuras, servia de instrumento para as suas atrocidades e ainda aceitava toda e qualquer humilhação.

Observando-a naquele instante, concluí que Sandra e Richard eram iguais, doentes e dementes na mesma proporção e isso me dava mais medo, porque ela o amava, o venerava, e eu não sabia quanto isso era perigoso para mim.

De qualquer forma, eu precisava usar a loucura dos dois a meu favor, nem que para isso eu precisasse agir como uma louca também.



DANTE

Três dias... Setenta e duas horas de terror e tortura e a cada minuto que passava sem notícias da Anne, eu me sentia morrendo, pouco a pouco. A única coisa que me acalentava era o Anthony, e graças a Deus, meu pequeno havia se adaptado bem com a mamadeira e a minha irmã estava se saindo uma bela madrinha... Cuidava do meu filho como se fosse seu.

O Lorenzo também não saía do nosso lado. Eu vi a culpa em seus olhos e a raiva também. Perdi as contas de quantas vezes ele pediu perdão para mim e por mais que fosse melhor ter alguém a quem atribuir o que tinha acontecido, todos sabíamos que o único culpado era aquele marido maluco da Anne.

A polícia tinha localizado a família dele e o escritório onde advogava. Ninguém sabia de nada, ou dizia que não sabia. O que me deixou mais aterrorizado, foi quando eu soube que além do Richard, sua secretária também estava desaparecida.

Eu não sabia o que pensar e, enquanto todos à minha volta temiam por mim, por minha vida, eu só conseguia me preocupar com a minha mulher.

—Dante, meu filho... Eu nem sei como dizer isso para você... —com os olhos marejados, meu pai entrou no escritório onde eu me reunia com dois dos investigadores particulares que havíamos contratado.

Com o coração acelerado, saltei da cadeira e parei em sua frente.

—Não, pai... Não me diz que aconteceu algo de ruim com a Anne, porque eu juro que não vou suportar — amedrontei-me, ainda que não soubesse qual seria seu comunicado.

Ele estendeu um dos braços e apertou o meu ombro, o cenho franzido e a expressão dura denunciavam a gravidade do assunto e, mesmo que meu pai tivesse trabalhado por muitos anos na polícia, ele nunca conseguiu adotar uma postura fria, como a área costumava exigir.

—O Sanches... O Sanches foi encontrado morto, meu filho... —antes

de terminar o anuncio ele já me abraçava.

Não sei por que quanto tempo ficamos ali, unidos em nossa dor, chorando, um no ombro do outro. Eu pensei em sua família, suas filhas, a esposa que lhe era tão dedicada e acabei por me sentir culpado.

—Pai... Esse homem é um monstro... Esse Richard Maldonado é a personificação do demônio! —bradei, certo de que a minha Anne também corria risco de vida... Se ainda estivesse viva. — Isso só pode ser um pesadelo... —afundei o meu rosto no peito do meu pai.

—O pior é que se foi mesmo ele, o cara faz tudo muito bem feito... Todos disseram que foi um assalto, que o Sanches reagiu e por isso foi morto.

—Estamos lidando com um homem ardiloso... Eu acabo de receber a ficha criminal dele e nada consta, portanto, isso nos faz deduzir que ele se esconde atrás de criminosos que não têm nada a perder... —Leonel, um dos investigadores aproximou-se de nós, com o celular nas mãos.

—Claro que é isso... Um homem que bate em uma mulher grávida, só pode ser mesmo um grande covarde. —foi a vez de meu pai se revoltar.

—Eu juro... Juro que quando o encontrar, eu vou mostrar para ele, como um homem de verdade age! —revoltei-me.

—O que aconteceu? —Lorenzo reuniu-se a nós.

—O Richard agiu novamente... —cerrei os punhos. —O Sanches foi assassinado e eu tenho certeza de que ele está envolvido nesse crime.

Meu amigo levou as mãos até a cabeça.



—Cretino! Esse louco não tem limites... Santo Deus... Eu nunca imaginei que ele pudesse ser tão perigoso. Alguém tem que dar um jeito de parar esse crápula.

Todos nós nos entreolhamos, sabíamos que ele merecia mesmo ter um final digno de suas maldades, no entanto, não era prudente verbalizarmos isso, ainda mais diante de membros da polícia.

ANNE

—Senhora Anne Maldonado... A senhora vai receber alta, mas precisa

ter mais cuidado quando for manejar produtos de limpeza. Em anos de enfermagem, eu nunca vi uma intoxicação e alergia tão graves... — A enfermeira que cuidou de mim, chamou minha atenção.

—Pode deixar... De agora em diante a minha esposa não vai chegar perto nem de um detergente. —Richard dobrou o corpo sobre mim e beijou a minha testa. —Vou contratar quantas empregadas forem necessárias para que você não precise lavar um copo sequer em nossa casa.

A mulher de meia idade nos encarou com um sorriso no rosto.

—Você tem muita sorte, menina... Queria eu ter um marido como o seu. Esse homem não saiu do seu lado por nem um minuto.

Tive de me segurar para não dizer o que acabava de pensar... Se ela imaginasse que o culpado por eu ter chegado tão mal naquele hospital, era o mesmo homem que se desmanchava em gentilezas para mim, ela jamais teria me chamado de sortuda.

Mas o Richard era mesmo dissimulado, e não era de se espantar que enganasse as pessoas com tamanha facilidade, principalmente quem ele acabava de conhecer.

Em tempo, meu plano vinha dando certo. Depois que eu fingi estar arrependida, ele desistiu de me colocar na banheira, e quando eu fingi ter uma crise de ciúmes da Sandra, ele, além de expulsá-la do motel, acabou por concordar em me levar até um hospital.

Claro que eu tive de fazer mil e uma promessas, entre elas, a que mais me perturbava e que, com a minha liberação do hospital, se fazia mais iminente. Ele sabia que me tinha nas mãos, Richard, apesar de louco, era extremamente inteligente.

Ele havia descoberto sobre meus documentos falsos e além disso, sabia tudo sobre a vida da família Ferraz e deixou bem claro que não hesitaria acabar com a vida de cada um deles, se eu tentasse enganá-lo.



Dentre muitas de suas exigências, a pior delas feriu a minha alma e partiu meu coração, no entanto, eu não tinha outra opção, ao menos naquele momento.

DANTE

O funeral de Sanches foi muito triste e minha família e eu ficamos por pouco tempo, temíamos que Richard pudesse deduzir que estaríamos lá, já ele não sabia até onde ia a nossa ligação.

Voltei arrasado, as duas filhas não saíram do lado do caixão e a esposa chegou a passar mal por três vezes. Saímos de lá prometendo que as ajudaríamos no que precisassem, e de fato o faríamos, só que independentemente de quantia de dinheiro que doássemos a elas, o principal, que era companhia de Sanches, a presença dele em datas especiais e mais, no dia a dia, isso, nós nunca poderíamos devolver para elas.

Por essas e outras tantas razões, a cada segundo a minha raiva pelo Richard se multiplicava e a sensação de impotência parecia me sufocar.

—Eu sinto que vou enlouquecer, meu pai... Eu só queria acordar e ver que tudo isso não passa de um pesadelo... — levei minhas mãos até meus cabelos, enquanto expunha a minha tormenta.

Ele nada me respondeu e minha mãe chorava em silêncio.

Chegamos em minha casa por volta das oito da noite, eu fui direto ao quarto do Anthony. O Lorenzo e a Ana estavam lá, bem como um dos seguranças que guardavam a minha residência, vinte e quatro horas por dia.

—Ele chorou muito... Acho que está sentindo falta da mãe... —minha irmã deu com os ombros, os olhos vermelhos denunciavam que ela havia chorado.

—Deus... Como alguém pode ser tão cruel...? Como um ser humano pode carregar em si, tanta maldade? —minha mãe sentou-se na poltrona de amamentação. Estava destruída.

—Eu sinto tanto... Sei que já disse isso, mas quero reiterar... — Lorenzo afundou o rosto dentro das mãos.

Todos sentíamos, mas naquela noite em específico, eu entendi perfeitamente o meu amigo, afinal, ninguém se sentia mais culpado pela morte de Sanches, do que eu.

—Ouviram o portão? —Ana Flávia alertou-nos.

—Deve ser o Silveira, ele foi jantar e disse que já voltava... Eu vou até lá, nem era para termos deixado a entrada da casa sem vigia.

—Faça isso Amadeu... —meu pai ordenou, mas antes que ele pudesse dar o primeiro passo, a voz que vinha da sala chamando por meu nome, fez

meu coração parar de bater por instantes.

—Anne? —murmurei, ao mesmo tempo que corria até lá, seguido por todos que pareciam também tê-la ouvido. Em vinte e oito anos de vida, eu, Dante Ferraz acreditava ter passado por algumas experiências bem marcantes... A maioria delas, e, as mais importantes, foram causadas ou proporcionadas pela Anne.

A forma como eu me apaixonei por ela, nosso primeiro beijo, a primeira noite que ela foi completamente minha, a descoberta sobre sua gravidez e por fim, o nascimento do Anthony... Ainda, o seu desaparecimento e toda a angustia graças a falta de notícias, no entanto, nada, nada se comparou, nem se aproximou em como eu me senti ao chegar até a sala da nossa casa, quatro dias depois do seu sumiço e deparar-me com a Anne, de mãos dadas com o Richard.



Capítulo 23

Anne

Olhar para o homem que eu amava e ter de me segurar para não correr até os seus braços, encarar cada olhar de decepção vindo daqueles eram tão importantes para mim, e ainda, ter de suportar o cinismo e deboche vindos do Richard, me fizeram entender que eu era sim, muito mais forte do que imaginava.

No entanto, de todas as dificuldades que me cercavam, saber que meu bebê estava a poucos metros de mim e não poder ir até ele, isso, sem sombra de dúvidas, foi a pior dor de toda a minha vida.

—Esse é o cara, não é, senhor Ferraz? —um homem desconhecido por mim, levou a mão até sua cintura e eu imaginei que estivesse armado.

Dante permanecia estarecido, parecia paralisado, incrédulo ou anestesiado.

Por um instante eu me imaginei gritando todas as atrocidades pelas quais havia passado e pedido que ele acabasse com a vida daquele homem que ganhara o meu mais profundo ódio. Só que o Richard também estava armado e mais, ele tinha se calçado, se algo acontecesse com ele, seus capangas o vingariam. Ao menos era isso que ele me havia me dito.

Temendo que a casa de Dante virasse um cenário de guerra, respirei

fundo e continuei com o meu teatro.

—Este é o senhor Richard Maldonado... —engoli em seco. —Meu marido. —Encarei cada um dos que estavam na sala, menos o Dante.

—Anne... Eu... Eu... Meu Deus, Anne! Como você pode estar ao lado desse homem? Como pode dizer que ele é seu marido? —Ana Flávia parecia atordoada. Ela levou as mãos até a cabeça, os olhos giravam na própria órbita.

—Você não presta, Richard! Nem deveria estar neste mundo, respirando o mesmo ar que nós! —Lorenzo colocou o dedo em riste e se aproximou de nós. —Anne, eu o conheço de outros carnavais, mas não sabia que ele era... Que ele era seu marido...

—Ora, ora, ora... Lorenzo Rizzatti... Quem é você para me julgar? Está aí, comendo a irmã do melhor amigo, sem querer nada sério com ela e quer vir apontar o dedo para mim? —Richard, puxou-me para mais perto dele, passando a clara mensagem de que eu era o seu escudo.

— Você não vai falar assim da minha irmã... —Dante cerrou os punhos, seu rosto se avermelhou e seus olhos se estreitaram. —Anne, pode me explicar a razão de ter trazido esse covarde para dentro da nossa casa?

—Senhor Ferraz, o que devo fazer? —O homem, que deveria ser um segurança, manteve a mão sobre algo em sua cintura e não tirou os olhos de Richard.

—Anne... Diga alguma coisa... —Ana Flávia implorou. —Você sabe que está segura aqui...

—Anne, meu amor... —Dante murmurou, com olhos nos meus e, santo Deus! Como era difícil vê-lo tão despedaçado, o sofrimento aparecia estampado em cada gesto seu.

Richard apertou-me mais, além disso, cada uma das palavras ditas por ele no caminho até aquela casa, ainda rutilavam em meus pensamentos.

—Ana... Dante... Eu sei que agi errado, que deveria ter falado com vocês, mas eu estava confusa... A gravidez e tudo mais acabou mexendo comigo e, quando o Richard apareceu... Nós conversamos e eu vi que — abaixei os meus olhos. — Bem, eu exagerei um pouco... Ele é meu marido e eu o amo.

Dizer essas frases, declarar amor ao Richard de frente para o Dante e, outra vez meu coração foi arrancado do peito.

—Amadeu... —Dante virou-se para ele, que, como eu imaginava,

sacou uma arma apontando-a diretamente para a direção do Richard.

—Não! — eu gritei, sabia que meu marido revidaria e aquilo terminaria em uma desgraça. Nosso acordo era que ele não fizesse nada contra o Dante e sua família, entretanto, numa possível troca de tiros, ele não hesitaria em descontar sua raiva naquele ele tanto odiava. — Eu imploro... Abaixе essa arma. Eu sei que devem estar pensando que o Richard está me obrigando a algo, mas eu juro que não, eu estou com ele, fiquei com ele por todos esses dias, porque eu quis, porque eu precisava desse tempo para organizar a minha cabeça e agora eu tenho certeza... É com ele que eu quero ficar. —fui firme.

—Isso não pode ser verdade... —Lorenzo resmungou.

—Está na cara que ele, de alguma maneira, está a obrigando... —Ana Flávia chorava.

— E o Anthony? —Dante cruzou os braços contra o peito. Seus lábios tremiam.

"Eu estou fazendo tudo isso, por ele... Por nós, meu amor...", pensei e desejei intimamente que a nossa conexão fosse o bastante para que ele me entendesse.

—O nosso... —Interrompi-me, sendo praticamente fuzilada pelo Richard. — A criança... Eu não quero ficar com ela. —verbalizei a mentira mais profana que meus lábios já haviam ousado pronunciar.

Só que eu não poderia, nunca, jamais, deixar que meu pequeno Anthony tivesse qualquer contato com o Richard, e, por mais que afastar-me dele, ainda que momentaneamente, estivesse me matando por dentro, era a única forma de mantê-lo protegido.

—Está querendo dizer que vai abandonar o seu filho? —Lorenzo arregalou os olhos, enquanto Dante me encarava aficionado.

—Se ela escolheu voltar com o marido, é melhor que deixe a criança aqui —Ana interveio.

—Minha irmã tem razão... É melhor que ele fique conosco, afinal, a Anne tomou uma decisão, e isso só mostra que tipo de pessoa ela é. —Dante puxou o ar e com muita mágoa desferiu suas palavras sobre mim, como se fossem punhais.

—Olha só... Acabo de me surpreender com tamanha maturidade! — Richard muniu-se com todo seu sarcasmo. —Eu achei que teríamos um grande problema por causa daquela... do... Bem, da criança... —ele ergueu

uma das mãos e o desprezo que usava para falar do próprio filho me causava calafrios. —No entanto, vejo que chegamos a um acordo bem plausível... Vocês ficam com fraldas sujas, vômitos azedos, choros irritantes e noites mal dormidas, enquanto eu, eu fico com a minha bela esposa.

Ao fim do seu deboche, ele curvou para tentar me beijar, mas tal abuso era demais para mim, por isso, virei o rosto instintivamente. Notei que Dante cerrou os punhos, mas Ana Flávia segurou-o pelo braço.

Por um segundo meu olhar encontrou-se com o dela e, de alguma maneira eu achei que ela estava me entendendo.

—Quer se despedir dele? —perguntou ela, a voz entrecortada denunciava o seu sofrimento.

Claro que eu queria, abraçar o meu filho, sentir o seu cheiro, a textura macia da sua pele era só o que eu precisava para exorcizar-me de tantas tormentas e, saber que ele estava ali, a poucos metros de distância, pensar que algumas paredes nos separavam, era torturante. Mas, por mais que eu estivesse me valendo de uma força sobre-humana para aguentar tudo o que vinha aguentando, se eu olhasse para ele, eu não conseguiria partir dali e confesso, saber o Richard também estava a poucos metros do meu bebê, era um grande motivo para querer sair dali o quanto antes.

—Não quero me despedir... —afirmei sem conseguir respirar. —Só quero a minha mala, nela eu tenho algumas coisas muito importantes... Está no quarto dele... —Apontei com a mão na direção de Dante.

Ana Flávia assentiu com a cabeça.

—Eu pego. —disse ela, já caminhando.

—Não precisa levar nada daqui, Anne. —Richard reclamou.

—São roupas e meu dinheiro... Quero levar —insisti e antes que eu terminasse de falar, a Ana retornava à sala, arrastando a minha mala.

—Está aqui. —ela cruzou os braços e me olhou com firmeza. —Agora pode ir, você já não é bem-vinda aqui.

Richard se adiantou e puxou a mala para ele e eu aproveitei seu momento de distração para colocar sobre o aparador da sala, um minúsculo bilhete que explicava toda aquela loucura e mais, que pedia para que ninguém agisse de forma impensada.

Ana Flávia foi a única que viu e era essa mesma a minha intenção.

—Bom, se todas as partes estão de acordo, eu acho que não temos mais nada a fazer aqui, não é meu amor? —Richard acariciou o meu rosto e

para mim, foi o mesmo que ter minha pele atingida por agulhas.

Diante do silêncio de todos, aproveitei, para rapidamente, olhar para cada um deles. O investigador mantinha no rosto uma expressão dura, Lorenzo mantinha-se cético, como uma criança que tem seu castelo de areia destruído pela onda do mar, Ana Flávia era só preocupação e Dante, o meu Dante, poderia ser descrito como um eclipse solar, porque em meio a toda escuridão que o assolava naqueles instantes, havia luz, e era naquela luz que eu iria me agarrar.

Então, estilhaçada, partida em milhões de pedaços, sem alma e sem coração, eu saí daquela casa que era minha, deixando para trás tudo o que de bom havia em mim.

Enquanto passava pelo portão, ouvi o choro do meu filho, alto, estridente e parecia me pedir que não o deixasse. Minha visão se fez turva, meus joelhos falharam e meu estômago reagiu como se acabasse de ser golpeado.

—Por favor, vamos sair logo daqui... —implorei, com as mãos sobre meus ouvidos.

—Não precisa pedir duas vezes, meu amor. —Richard abriu a porta do carro e eu me ajeitei no banco do passageiro, encolhida e recolhida na minha própria dor.

Eu não tinha um plano, não sabia como faria para me livrar do Richard, no entanto, a medida que Piracicaba ia ficando para trás, tudo o que eu pensava era que não suportaria muito tempo junto dele. De tudo o que eu tinha para me agarrar, em meio àquele furacão, o bilhete parecia ser minha única salvação.



Capítulo 24

Dante

Entorpecido, alienado, sem direção. Assim eu me sentia enquanto a mulher que eu amava partia com seu marido.

Foi um golpe e tanto vê-la de mãos dadas com o mesmo homem o qual ela havia relatado tantas atrocidades. Um covarde que bateu em uma mulher grávida! Grávida de um filho dele e, que ainda, desejava que aquela inocente criança não existisse.

Eu amava a Anne acima de qualquer coisa, seria capaz de dar para ela o mundo, se assim ela desejasse, no entanto, ao vê-la escolhendo voltar para o Richard Maldonado, depois de desaparecer sem dar nenhuma satisfação, e pior, abrindo mão de um filho que ela dizia amar... Isto eu jamais poderia perdoar.

No fim, fazendo um balanço do pesadelo que meu sonho havia se tornado, foi melhor a decisão ela ter deixado o Anthony comigo.

Ele era meu filho, ainda que meu sangue não corresse em suas veias, meu amor estava impresso em sua alma e isso ninguém poderia tirar. Eu o amava, e se Anne tivesse o tirado de mim, eu não teria mais motivos para viver.

Não seria fácil, eu sabia que minha vida jamais seria a mesma, mas com o apoio da minha família, Anthony teria tudo... Eu o educaria para ser um homem de verdade e não como aquele projeto mal sucedido que era o seu progenitor.

— Cara... Parece que ele fez uma lavagem cerebral na Anne, ela estava diferente, parecia um robô falando — disse Lorenzo, tirando-me do poço de mágoas onde eu me afogava.

Olhei para ele e assim como eu, meu amigo parecia não estar entendendo nada. A Ana Flávia também permanecia atordoada, prostrada junto ao aparador, não sabia como agir.

Do quarto, o choro do Anthony se fez mais alto e antes que eu desse o meu primeiro passo, ela correu na direção das escadarias.

— Eu pego. — avisou passando por mim.

Ela estava devastada, era nítido. Ana Flávia sempre foi uma menina muito doce, seu coração era puro e ela costumava se entregar por inteiro em qualquer que fosse a relação. Na amizade com a Anne, foi ainda mais profundo, ela não cansava de dizer que aquela mulher que conhecera num ônibus, era uma irmã enviada por Deus e por isso eu imaginava como ela estava se sentindo.

Para completar, meus pais juntaram-se a nós, imaginei que fora o Amadeu quem os avisou, porque assim que transpôs a sala, seus braços se abriram para mim em consolo.

— Filho eu não quero que você fique triste, por favor, eu não vou aguentar ver você sofrendo... — minha mãe falava com raiva, e essa era uma condição muito rara, algo que não pertencia a ela. — Como essa moça teve coragem de fazer isso? Como ela pôde ter nos enganado dessa forma?

—Adriana... Nós precisamos ir com calma antes de julgarmos. —meu pai deslizou a mão por minhas costas.

—Ela partiu e deixou o filho! Essa prova é incontestável—continuou ela.

—Meu amor, você sempre foi bom, um homem integro, honrado... Nossa família acolheu essa moça, fizemos dela uma parte de nós e ela retribuiu dessa forma?

—Eu também não entendo... Mas o que eu posso fazer? —encolhi os meus ombros. Claro que minha vontade era de ter quebrado a cara daquele desgraçado, mas ela estava tão convicta e ainda... Disse que o amava, e sua

afirmação me tirou de órbita.

— Conte conosco para tudo... — minha mãe chorava. — Nós vamos te ajudar com esse menino... Vamos cuidar dele e se quiser, pode se mudar para a nossa casa, ao menos por um tempo... Até que ele cresça um pouquinho.

Segurei-a pelos ombros, embora eu estivesse quebrado, não podia simplesmente esmorecer.

— Mãe não precisa ficar preocupada comigo... Eu amo a Anne, mas se a felicidade dela é com aquele desgraçado, que seja muito feliz, vou cuidar sim do meu filho, ele vai ser o principal objetivo de eu acordar todos os dias, mas pretendo ficar na minha casa, Ana Flávia também vai precisar de mim... Vai ser muito difícil esquecê-la, apagarmos tudo isso.

— Eu sinto muito filho, por tudo o que está passando, sei que está doendo, mas uma hora vai passar e você sairá mais forte de tudo isso.

Passar...? Não, definitivamente, as marcas deixadas pela Anne, tanto as boas como as ruins, permaneceriam em mim cravadas no meu coração e jamais se apagariam.

— Com a ajuda de todos vocês, nós vamos conseguir seguir em frente... — murmurei, sendo abraçado por meus pais e também pelo Lorenzo.

Ana Flávia

Meu coração acelerava a cada passo meu, minhas mãos tremiam e suavam. Nem mesmo naqueles desfiles cheios de gente, ou quando eu ficava quase nua na frente da câmera de um desconhecido, eu me sentia tão nervosa. O pequeno pedaço de papel deixado discretamente pela Anne, sobre o aparador, parecia crescer entre meus dedos, mesmo assim eu resisti até chegar no quarto do meu afilhado. Ele chorava e não era de fome, porque não fazia nem meia hora que eu havia o alimentado.

Tomei-o em meus braços e sabia que ele, de alguma forma, sentira a presença da mãe ali.

— Meu anjinho... A mamãe deve ter um motivo muito forte para ter feito o que fez e algo me diz que você, meu pequeno, é a parte mais importante dessa loucura cometida pela Anne... — sussurrei, enquanto o balançava.

Aos poucos ele foi se acalmando, então, consumida por uma curiosidade genuinamente minha, sentei-me na poltrona e cuidadosamente

desdobrei o pedaço de papel.

Era a letra dela, igualzinha nos bilhetes que fazia quando saía para trabalhar e deixava para mim, algo no forno ou na geladeira.

Antes mesmo de começar a ler, lágrimas se formaram e meus olhos e um nó parecia crescer dentro da minha garganta.

Puxei o ar e deposei um beijo delicado na testa do Anthony.

Ana Flávia,

Sei que nesse momento você e a sua família devem estar morrendo de raiva de mim, mas eu não vou suportar que a pessoa que mais me ajudou quando eu estava sem um norte, faça mal juízo de mim.

Em primeiro lugar eu preciso te agradecer por tudo, poucas pessoas têm um coração como o seu, minha irmã... Você trouxe luz para a minha vida, quando tudo era escuridão e, foi graças a você que eu conheci o verdadeiro amor.

Com a sua ajuda, e também com o apoio da sua família, eu encontrei razões para lutar, não só pelo meu filho, mas por mim, pela minha vida e por uma história que eu merecia ter.

Se encontrar esse bilhete, é porque eu tive coragem e fazer o que é certo, mas não está sendo fácil... Peço que independente do que venha a acontecer, você cuide do meu filho e também do Dante... Eles são meus dois grandes amores, as pessoas mais importantes da minha vida e por isso estou agindo dessa forma, para protegê-los.

O Richard é muito mais perigoso do que eu jamais imaginei que fosse. Ele é frio, louco e não age sozinho. Ele tem capangas, bandidos que trabalham com ele e por isso eu não posso arriscar. Ele acha que me ama, mas o que sente por mim é uma doença, mesmo assim, eu preciso me aproveitar disso para tentar ganhar tempo.

Não conte nada a ninguém e nem faça nada, por favor, eu vou, de alguma forma encontrar uma saída, por enquanto, cuide de tudo para mim e se algo vier a me acontecer, diga ao seu irmão que ele me salvou ao me amar e ao deixar que eu o amasse...

Eu te amo minha irmã...

Anne.

Encerrei aquele bilhete com muitas lágrimas escorrendo por meu

rosto, uma dor cortante atingiu meu coração e tudo o que eu pensava era que estava certa. Minha amiga, minha doce amiga havia se sacrificado pela minha família, pelo amor que sentia por meu irmão e o pior... Ter deixado seu filho, seu amado filho a quem tanto ela se dedicou, foi sua maior prova de amor.

Por mais que as pessoas me considerassem meio maluquinha, eu sempre fui dona de um sexto sentido bem apurado para detectar o caráter das pessoas — tudo bem que ele tinha falhado com o maldito do Richard —, mas foi a primeira vez que eu tinha me enganado, mas com a Anne não.

Assim que ela colocou os pés naquela sala, seu olhar para mim, dizia muito mais do que qualquer palavra. Seu rosto externava um pedido de socorro e mesmo calada, eu podia ouvir os seus gritos.

Por bem eu tomei a decisão mais acertada, enfiei naquela mala o meu telefone celular... Sim, se tudo desse certo eu poderia rastrear a Anne e consequentemente encontrar o Richard.

Naquele momento, enquanto eu olhava para o meu pequeno afilhado, tão inocente, e também, ao lembrar-me do meu irmão, sôfrego, destruindo-se a olhos nus enquanto a Anne dizia ter escolhido ficar com aquele cretino... Eu não costumava alimentar-me de raiva, mas aquele homem era merecedor de cada pensamento ruim, de cada desejo perverso e mais, como minha própria amiga havia o definido em seu bilhete, seu marido era perigoso, portanto, se eu quisesse mesmo fazer alguma coisa para ajudá-la, teria de me igualar a ele.

—Meu amor... Saiba que a sua dinda é capaz de qualquer coisa para trazer sua mamãe de volta — sussurrei para o pequeno Anthony, que mantinha seus olhinhos fixos em mim, como se estivesse me entendendo.

—Ana...? Posso entrar? — a voz de Lorenzo me colocou em alerta, assustada, enfiei o papel dentro da minha blusa e sequei minhas lágrimas com as mãos.

—Entra.

— Ana, por favor, não chore, minha menina...— ele veio até mim. — Eu sei que tudo o que está acontecendo é terrível, mas precisamos ser fortes —esticou o braço e acariciou a bochecha de Anthony. — Por este garotão.

—Eu sei... Precisamos mesmo de força e coragem para enfrentar essa tormenta. —levantei-me e coloquei o meu afilhado em seu berço.

Quando me virei, Lorenzo permanecia encarando-me com pena. Não pensei duas vezes antes de me afundar em seu peito. O calor do seu corpo, seu perfume doce, o mesmo que ele sempre usou. Tudo nele me acalmava,

mesmo causando um alvoroço em meu interior. Por alguns instantes eu me desarmeí e deixei que Lorenzo cuidasse de mim.

Suas mãos subiam e desciam por minhas costas e seus lábios por vezes tocavam o topo da minha cabeça. Eu permaneceria daquela forma por mais tempo, mas o choro do Anthony acabou por nos separar.

—Eu... Eu vou ver se alguém precisa de mim... —disse ele, já caminhando até a porta.

— Tudo bem — concordei com meu sobrinho nos braços. Eu precisava fazê-lo dormir para começar a pôr meu plano em prática.

Não demorou muito e Dante se juntou a nós, em seu rosto, uma expressão desconhecida por mim.

—Ele ficou agitado, não é? —Cruzou os braços e fechou os olhos. Coloquei o bebê de volta no berço e concordei com um movimento de cabeça.

— Você está bem com isso, Ana? Ela, além de ser minha namorada, era sua amiga... — indagou-me, cauteloso. Puxei o ar. Eu sentia vontade de dizer toda a verdade para ele, de entregar-lhe o bilhete, mas eu sabia que Dante se descontrolaria e que todo aquele pesadelo poderia acabar de uma forma ainda pior.

— Eu estou bem... —menti — Se ela quis ficar com ele, não nos cabe questionar, afinal, só ficam em nossas vidas aqueles que realmente merecem fazer parte dela. —virei-me de costas, eu odiava ter de enganar meu irmão.

—Eu sei que você tem razão, mas eu juro, minha irmã... Eu não reconheci a Anne. —ele fungou. —Eu olhava para ela e a impressão que tinha era a de que estava diante de um personagem... Não parecia ser real, tanto, que eu fiquei sem ação.

Mordi meu lábio inferior, tentando não chorar, mas tal missão parecia ser impossível.

— Eu também a achei esquisita... Só que a Anne deve estar confusa. —encolhi meus ombros e precisei virar-me para ele. Dante chorava, tanto ou mais que uma criança.

— Confie em mim, Capitão. —abracei-o. — Nossa família voltará a ser feliz... Ou eu não me chamo Ana Flávia Ferraz!



Eu sabia que a bateria do meu celular não duraria mais do que um dia, por isso eu não tinha tempo a perder. Era madrugada, e eu não havia pregado os meus olhos. Minha mãe fez questão de ficar no quarto com o Anthony, o Dante havia cochilado na sala, assim como o Lorenzo, e meu pai, ele foi o único a ocupar uma das camas.

Eu precisava sair, mas para isso, precisava de uma desculpa para despistar o Amadeu, que continuava de guarda em nossa casa.

—Dona Ana Flávia! Aconteceu alguma coisa? —ele, que estava sentado dentro do seu carro, levantou-se imediatamente ao meu ver passar pela garagem.

—As... As fraldas do bebê... Elas acabaram e eu vou até uma farmácia vinte e quatro horas. — inventei na hora.

—Sozinha? —Ele estranhou.

—Fica no quarteirão de baixo, em dois minutos eu estou de volta.

Ele fez uma careta e por um instante eu achei que fosse se opor.

—O Ferreira acabou de fazer uma ronda no quarteirão e está tudo tranquilo... A senhora vai de carro?

—Sim, o do Dante está na rua... Eu vou com ele. Vai ser rápido. — Fingi um sorriso e notei que meus lábios tremiam.

Ele me acompanhou até o portão, empunhou-se de sua arma e depois de se certificar de que tudo estava bem, ele fez sinal para que eu saísse. Entrei no carro do meu irmão e só voltei a respirar quando virei a esquina.

"Ana Flávia... Precisa se acalmar...", pensei, enquanto meus joelhos imitavam britadeiras.

Olhei para o relógio no painel, faltavam quinze minutos para as três da madrugada e eu sabia exatamente para onde estava dirigindo.

—Ana Flávia Ferraz! —ele arregalou os olhos e sorriu com malícia. —Da última vez que estive aqui, você não vestia nada por debaixo desse sobretudo.

—Mas hoje eu estou muito bem vestida, portanto, Michel, tire esse sorrisinho dos lábios... —dei um tapa leve em seu braço e fui logo entrando em seu apartamento.

Michel Carrano, meu ex-namorado. Fazia dois anos desde o fim do nosso "relacionamento" e ele chegou ao fim por dois grandes motivos... O

primeiro, tinha nome e sobrenome: Lorenzo Rizzato. O Michel morria de ciúmes dele e com razão...

O segundo motivo foi um pouco mais sério. Michel também era policial, aliás, eu acabei o conhecendo em uma das confraternizações da corporação que meu pai fazia parte.

Um belo mulato de músculos definidos e eu não resisti, mas nem ele foi capaz de me fazer tirar o maldito fotógrafo da cabeça, sem contar que se meu pai descobrisse que eu tinha me "engraçado" com um PM, ficaria furioso.

Embora fosse policial, ele sempre deixou claro que não queria uma filha envolvida com um militar.

Nem preciso dizer que eu não o obedeci e, por muitos meses o apartamento do Michel foi meu lugar preferido, só que ele queria um relacionamento sério e eu não estava pronta para um passo tão importante.

—Se não está em busca de diversão... Por que viria bater na minha porta às três da manhã? —perguntou-me com a voz grave.

Olhei em minha volta e sentei-me em uma das poltronas da sala.

—Michel, a história é longa e eu não tenho tempo, mas para resumir... —Passei as mãos por meus cabelos e o encarei, olhos nos olhos. — Eu preciso que rastreie um celular para mim e preciso também que me consiga uma arma... Ah, e se não for pedir demais, que me dê umas dicas de como atirar...



Capítulo 25

Anne

Durante todo o trajeto, Richard conversava comigo como se tudo estivesse normal entre nós. Falava sobre sua estúpida ideia de uma nova lua de mel, dizia que voltaríamos a Veneza e mais um monte de loucuras que só poderiam estar saindo da sua mente insana.

Eu nada respondia, por vezes, mal o escutava, tudo o que eu pensava era no bilhete... Eu precisava que a Ana o encontrasse. Ela e apenas ela, porque sabia que se fosse o Dante a achá-lo, ele não hesitaria em ir atrás de nós e isso era tudo o que eu não queria.

— Vamos parar nesse hotel, eu odeio dirigir de madrugada. —avisou-me, já saindo da pista.

A ideia de voltar a ficar com aquele homem, sozinha, presa em um quarto acabou por me deixar ainda mais nervosa, principalmente, porque eu imaginava o que ele iria querer comigo e eu não deixaria que ele me tocasse.

—Estamos perto da nossa casa... Por que não vamos direto para lá?

Richard fingiu não ouvir, manobrou o carro em uma das vagas e só depois de desligar o carro voltou-se para mim.

—Não vamos para a nossa casa... Acha que eu vou ser idiota de levar você para lá? —ele cruzou os braços e sorriu com um ar vitorioso. —Agora

vamos, estou ansioso por um banho... A dois. —Richard desceu, deu a volta no carro, abriu a porta e estendeu-me a mão.

Olhei para ele, depois para os lados, desejava encontrar uma forma de fugir, mesmo sabendo que não poderia.

"Anda Anne... Faça, pelo seu filho!", pensei, antes de segurar na mão de Richard, que praticamente puxou-me para fora do carro.

—Pegue a minha mala... Quero trocar de roupas —aproveitei para falar mais alto, quando um valete se aproximou de nós.

—Boa noite, eu posso pegar para o senhor. —O rapaz uniformizado, escancarou-nos um sorriso.

—Eu mesmo pego. —Richard girou sobre os calcanhares e em menos de um minuto, voltou com a minha mala.

Eu nem me lembrava se havia mesmo roupas dentro dela, mas o meu dinheiro me deixava mais segura, ainda que eu não tivesse nada planejado.



O hotel era luxuoso, o piso de granito escuro e os lustres de cristal, suntuosos. Richard escolheu a melhor suíte, ela ficava na cobertura e dispunha até de uma piscina.

No elevador, enquanto subíamos, Richard me encarava como um predador, prestes a atacar sua presa, por sorte não estávamos sozinhos, um dos funcionários nos acompanhava e por vezes o peguei me fitando.

—A senhora está bem? —perguntou-me, assim que chegamos à suíte.

—E por que ela não estaria? —Richard arrancou a mala da mão dele e puxou-me para o seu lado.

—Desculpe-me senhor, mas não é raro passar mal dentro de elevadores... Por isso perguntei...Notei que sua esposa ficou meio pálida — o rapaz se explicou, mostrando-se assustado com a reação de Richard.

—Isso significa que ficou olhando para ela? —ele colocou o dedo em riste, a voz ameaçadora.

—Não é isso senhor... Eu... Eu sou apenas observador. —foi a vez do valete empalidecer.

—Richard! —aumentei o volume da minha voz. — Não precisamos

disso, além do mais, eu fiquei mesmo um pouco atordoada, sabe bem que eu tenho problemas com altura.

Ele bufou, segurou-me pelo braço, abriu o quarto e bateu a porta na cara do rapaz, assim que nós entramos.

—Está pensando o que, Anne? —ele segurou-me pelo queixo e me prensou contra a parede. —Acha que pode me desrespeitar na frente de um estranho e que vai ficar por isso mesmo?

Eu arfei, não conseguia respirar e minhas pernas pareciam ter mudado de estado, moles, não eram capazes de me sustentar.

—Vai me bater de novo? —provoquei-o.

Ele arregalou os olhos e encarou-me sem piscar.

—Eu nunca bati em você! —vociferou, dando as costas para mim.

—Então está com a memória ruim, porque eu jamais me esqueci do que fez no dia em que eu contei sobre a minha gravidez. —continuei, porque estava em meu limite, por mais que eu soubesse que deveria agir de forma racional, o meu lado passional falava mais alto.

Sentia-me esgotada, não suportava ser tocada por ele, olhar para a sua cara a até mesmo a sua voz me causava repulsa.

—Naquele dia... —virou-se para mim — Eu bati em sua barriga, por que era a única forma de atingir aquela coisa... Aquela maldita criatura que no fim, a tirou de mim, exatamente como eu previa. —seus olhos ficaram estreitos.

—Maldito é você, Richard! —esbravejei. — Olha como fala de um bebê inocente!

—Inocente? —ele voou para cima de mim e segurou-me pelos ombros. —Essa merda de criança a levou para longe, roubou você de mim por quase um ano e pior, acabou por colocá-la nos braços de outro homem — ele começou a chorar. —Você não tem ideia de como eu odeio esse bebê... Se pudesse, eu o mataria, com as minhas próprias mãos.

Aquilo foi a gota d'água, as cruéis palavras de Richard foram o bastante para me fazerem perder o pouco de controle que ainda me restava e, munida por uma força que não era minha, eu parti para cima dele, atacando-o com socos e xingamentos que escapavam da minha boca sem que eu tivesse controle.

A princípio ele apenas se defendia, mas quando eu acertei um murro forte em seu queixo ele se irritou de verdade e me empurrou com tanta força

que eu fui parar na porta do banheiro.

—Viu o que me obriga a fazer? —ele caiu de joelhos. —Eu não quero machucá-la, Anne.

—Pode fazer o que quiser comigo, Richard... Até mesmo me matar, mas se encostar um dedo no meu filho, eu mato você —levantei-me. —Eu juro que mato você! —Encarei-o, externando toda a minha raiva.

—Está me ameaçando, Anne? —ele engatinhou na minha direção.

Embora minhas costas estivessem doendo de forma absurda, eu consegui me levantar rapidamente, abri a porta do banheiro e entrei, trancando-me em seguida.

—Não é uma ameaça, Richard, é uma promessa... Faça algo ao meu filho, ou mesmo a alguém da família Ferraz e você vai ir ser apresentado a uma Anne que não vai gostar de conhecer. — berrei através da porta.

Richard calou-se, mas ficou mexendo na maçaneta de maneira insistente.

—Vai ficar trancada aí? Anne... Sabe bem que hora outra vai ter de sair e eu, não tenho pressa nenhuma. —ele riu com sarcasmo.

Encostei-me em uma das paredes e escorreguei até me sentar. Richard estava certo, eu não poderia ficar presa ali, no fundo, eu só postergava algo que eu não tinha como evitar.

Ele era um homem louco, sem palavra e poderia voltar atrás a qualquer momento. Ele sabia tudo sobre o Dante, seus pais e sobre a Ana e, com ódio que sentia do meu filho, não havia garantia alguma de que ele de fato os deixaria em paz.

Pensando friamente, a única forma de parar o Richard, seria acabando de uma vez por todas com ele.



DANTE

Senti-me a ponto de enlouquecer... Não bastasse tudo pelo que eu vinha passando e a vida colocava outra bomba sobre o meu colo.

Às três e meia da manhã, fui acordado pelo Amadeu, que, desesperado, relatou-me que fazia mais de quarenta minutos desde que a minha irmã havia saído, dizendo que ia até a farmácia buscar fraldas para o Anthony e não voltará.

—E você é uma criança, para acreditar numa desculpa esfarrapada como essa? —Lorenzo desesperou-se e estava a um fio de partir para cima do Amadeu. —Ser enganado pela Ana Flávia, só demonstra o tamanho do seu despreparo.

—Eu sei que não deveria ter confiado nela, mas a dona Ana me pareceu tão sincera... —ele cobriu o rosto com as mãos, o desespero era explícito.

—Eu tenho certeza que foi aquele desgraçado! O Richard deve ter ligado para a Ana e a feito sair assim, na calada da noite... — continuou, Lorenzo.

—Eu fui até a farmácia, mas a sua irmã não esteve lá — Amadeu lamentou.

Meu amigo, tal qual um animal enjaulado, andava de um lado para o outro da sala.

—Se alguma coisa acontecer à Ana, a culpa será sua! —ele apontou para o segurança.

—Eu vou chamar o meu pai — avisei, já indo em direção ao quarto onde ele estava. — A situação estava fugindo do controle e eu não tinha mais estrutura para suportar tantos problemas.

Ainda no corredor encontrei-me com ele, e, como eu conhecia bem o meu pai, notei, apenas por seu jeito de me olhar, que ele sabia que acabávamos de sermos atingidos por outra onda de preocupações.

—Eu achei isso no quarto da sua irmã... —ele entregou-me um papel dobrado e assim que o abri, reconheci a letra. Era da Anne. —Eu acordei angustiado, e mesmo sem saber de nada, fui direto ao quarto da Ana e me deparei com isso sobre a cama dela.

Enquanto ele falava, eu lia cada uma das palavras escritas por ela e à certa altura, eu não pude suportar. Aquele bilhete explicava tudo e, tomar conhecimento do que a minha mulher estava passando, foi como voltar ao inferno, principalmente porque eu, dominado pelo ciúme e pela decepção, acabei fechando os meus olhos para os pedidos de socorro que ela fazia em silêncio.

—Meu pai... Eu estou me sentindo um idiota... —abracei-o em desespero.

—De nada adianta ficarmos aqui tentando encontrar culpados, disso ou daquilo — disse, segurando meu rosto entre suas mãos. —Agora, o que temos que fazer é encontrar nossas duas meninas e tenta livrá-las das garras desse doente!

—Mas pai, como vamos achá-las? Eu não faço ideia de para onde podem ter ido, uma vez que eu imagino que o Richard não vai ser tolo de voltar para a sua casa.

—Sua irmã deve ter levado o celular... Vamos rastreá-lo — avisou-me, já com seu telefone nas mãos.



O caos estava instaurado. O Anthony chorava, a minha mãe também, o Lorenzo e o Amadeu pareciam dois cães de briga, rosnando um para o outro e eu... Bem, eu no meio de tudo isso, apenas tentava prestar a atenção na conversa do meu pai com um de seus amigos que trabalhava na delegacia.

—Tudo bem... Certo... Albuquerque, eu agradeço por tudo. Fico te devendo mais uma — disse ele, antes de encerrar a ligação.

—E então, pai? Conseguiu descobrir alguma coisa? — fui para o lado dele.

Ele puxou o ar e fixou seus olhos em algum ponto atrás das minhas costas.

—O número da sua irmã foi rastreado há pouco tempo, e foi a pedido de um policial que fazia parte da minha equipe... —Juntou as sobrancelhas, realmente preocupado.

—Então... Acha que... Acha que esse Richard tem pessoas infiltradas em nosso meio? —senti uma pontada no peito, enquanto Lorenzo, num ato rápido, segurou Amadeu pela gola da camisa.

— O que é isso? Ficou maluco, cara? —Amadeu foi pego de surpresa.

—Você é quem vai me dizer se eu estou maluco ou se estou agindo corretamente... —meu amigo aproximou seu rosto bem perto do rosto do segurança. —Está agindo a mando daquele filho de uma puta do Richard

Maldonado?

Todos voltamos nossa atenção para eles.

—Claro que não! De onde tirou essa ideia? — questionou com as mãos altas, em rendição.

—Lorenzo! —meu pai colocou-se entre os dois. —O Amadeu é de total confiança.

—Mas e esse tal policial da sua equipe que rastreou o celular da Ana? —duvidou ele.

—Não temos como saber a razão, mas de qualquer forma, eu consegui a localização do celular e, não foi por meios lícitos, uma vez que essas coisas não são tão rápidas, portanto, deixemos os pormenores para depois, agora, precisamos focar no resgate da Ana e da Anne.

— Eles estão aqui, em Piracicaba? — minha mãe perguntou depois de uma fungada.

— Não. Eles estão perto da capital, próximos do shopping Madrid, portanto, eu tenho algumas horas de viagem.

—Você? —intervim. —Nada disso, eu vou junto.

—Eu também vou! —Lorenzo veio para o meu lado.

—Eu fico aqui com a dona Adriana e o pequeno Anthony — avisou Amadeu, endireitando sua postura.

Meu pai nos encarou, os olhos estreitos e o queixo trincado explicitavam sua contrariedade.

—Isso não vai ser um caso para amadores. Eu vou cuidar disso. — decretou, sem nos dar chance de uma réplica.

Ficamos todos estarecidos, então, quando ouvimos o som do carro dele se distanciar, voltamos a raciocinar.

—Mãe... Sabe que eu não vou conseguir ficar aqui de braços cruzados.

—Ouvii o que seu pai falou... — ela se levantou, tinha conseguido acalmar meu filho. —Isso não é coisa para amadores, portanto, obedeça-o e fique aqui... Eu não vou suportar se algo acontecer com alguém da minha família... Vocês são tudo para mim.

Aproximei-me dela e dobrei meu corpo, depositando um beijo na testa do Anthony, em seguida beije o rosto dela.

—Eu a entendo e é por isso que vou atrás deles... Agora eu tenho uma família e não vou permitir que um louco tente destruir isso...

—Dante, eu vou com você... Sei que sempre disse o contrário, mas a verdade é que a sua irmã... Bem, hoje eu tive a certeza de que eu amo a sua irmã e eu preciso dizer isso para ela.

Para mim não foi nenhuma novidade, eu sabia que o meu amigo estava apaixonado pela minha irmã, mas, ele teria de esperar para se declarar para ela.

—Eu não gostaria de ter que pedir isso, até porque, seria mesmo bom ter alguém comigo, mas eu preciso que faça companhia a minha mãe e a ajude com o Anthony. Eu prometo que vai ter tempo de ter essa conversa com a Ana Flávia.

Ele fechou os olhos e puxou-me para um abraço.

—Tudo bem, meu amigo... Eu fico, mas você promete que traz a maluca da Aninha de volta?

—Tem a minha palavra — garanti, já com as chaves do carro da Anne nas mãos.

Ao olhar para o chaveiro em formato de coração, voltei a me emocionar.



"Eu prometo meu amor, você nunca mais vai sentir medo desse monstro...", pensei antes de partir.

ANNE

Acordei um pouco confusa, meu corpo doía, minha cabeça latejava e foi quando eu me lembrei do empurrão que recebi do Richard.

Aos poucos meus pensamentos foram se reorganizando. Eu havia me trancado no banheiro, Richard insistira por diversas vezes que eu saísse de lá e diante da minha resistência, acabou desistindo. Claro... No fim das contas eu acabei pegando no sono ali, no banheiro daquele quarto de hotel.

Banheiro? Embora tudo estivesse escuro, a textura sob meu corpo não era a do chão de piso frio, e sim, algo macio e muito confortável.

Atordoada e sem entender nada, tateei o meu entorno e certifiquei-me, eu não estava no banheiro, mas não me lembrava do momento em que havia

saído de lá.

Minha respiração ficou curta, meus batimentos acelerados, pisquei algumas vezes e os meus olhos foram se acostumando com a falta de luz, assim, algumas coisas foram tomando forma.

Eu estava sobre uma cama, em minha frente uma poltrona e uma mesa... Itens os quais eu não me lembrava de ter visto quando chegamos àquele quarto.

Imaginei que Richard estivesse dormindo, por isso, tentei me mexer o mínimo possível, desejava evitar despertá-lo.

Passo a passo e outra vez o quarto parecia muito diferente do que eu me lembrava, de qualquer forma, como cobrar coerência de alguém que vinha enfrentando tantas tormentas?

Parada no meio do quarto, eu tentava me localizar, queria voltar para o banheiro, não para me afugentar outra vez, mas para tentar colocar meus pensamentos em ordem.

Com meus olhos fixos naquela cama, ela parecia vazia, e, se assim fosse, onde Richard estaria?

Perguntas, perguntas e mais perguntas... A cada instante aquela situação ficava mais assustadora. Eu tinha medo de me mexer, tinha a impressão de que ele apareceria a qualquer instante, de surpresa, então antes que eu pudesse pensar no que fazer, uma claridade invadiu aquele quarto, quando a porta foi brutalmente aberta.

—Mãos ao alto! —uma voz grossa exigiu. Sem conseguir abrir meus olhos, eu obedeci, mesmo se saber quem era. — Anne Maldonado? —A mesma voz indagou-me.

—Sim... Sou eu — respondi, piscando, a fim de entender o que estava acontecendo.

Era um policial e ele não estava sozinho... Os dois apontaram uma arma para mim.

—Alguém pode me explicar o que está havendo? — perguntei, encarando-os.

Um deles avançou na minha direção.

—A senhora está sendo detida. —Fui avisada pelo que estava na porta do quarto, quarto, que de fato não era o que eu estive com o Richard e, que eu não sabia como tinha ido parar ali.

—Detida? — duvidei. —Isso só pode ser um engano.

Com a arma apontada na minha direção, o segundo policial franziu o cenho e manteve os olhos em mim.

—Pode algemá-la. —ele instruiu seu parceiro.

—Algemar-me? — questionei com a voz entrecortada.

Ele puxou os meus braços, juntando-os em minhas costas, o metal frio das algemas contra a minha pele, causaram-me um arrepio que percorreu a minha espinha, terminando na minha nuca.

—A senhora está sendo detida como suspeita do assassinato do seu marido, Richard Maldonado.



Capítulo 26

Anne

Eu não conseguia entender o que estava acontecendo, diferente de quando cheguei àquele hotel, quando subi junto do Richard ao último andar do prédio, o quarto onde eu estava ficava no térreo e do corredor o qual eu era guiada pelos dois policiais, dava para ver parte da recepção, nela, um amontoado de pessoas permaneciam agitadas atrás de uma fita de isolamento que as impedia de chegar ao elevador.

—Que merda! Por mais que façamos de tudo para manter o sigilo em casos como esse, parece que as pessoas surgem do nada... — reclamou um dos homens.

—Pelo amor de Deus! Eu não fiz nada... Eu não matei o Richard... — argumentei por diversas vezes.

— Pode guardar suas explicações para o delegado... Nós só estamos fazendo o nosso trabalho. —O homem que tinha me algemado, respondeu secamente.

—Não sei como vamos tirá-la daqui... Olha o tanto de gente curiosa, e mais, esse lugar já está cheio de jornalistas. —um senhor alto, dono de um bigode farto e vestido com roupas sociais, juntou-se a nós. — Dá para acreditar que as fotos do corpo já estão circulando nas redes sociais?

—Ao certo foram os funcionários... Não entendo a razão de as pessoas gostarem tanto de ver essas atrocidades... Eu subi até a suíte e em todos esses anos de trabalho, posso afirmar que foi uma das cenas mais fortes que já vi. —Ele lançou-me um olhar reprobatório, como se acreditasse que eu fosse mesmo a culpada.

—Alguma pista do cúmplice? —um deles perguntou ao tal Vargas.

—Estamos vasculhando todos os quartos... Mas se a mocinha colaborasse, ficaria mais fácil. —ele parou na minha frente. —Sabemos que você não agiu sozinha, portanto, o que acha de nos dizer quem a ajudou a matar seu marido?

—Eu já disse... Eu não fiz isso! — comecei a chorar.

—Os funcionários e outros hóspedes relataram uma discussão acalorada. Horas depois seu marido é encontrado boiando na piscina do suíte, em condições que... Bem você sabe o que fizeram com ele. A senhora vai precisar de um bom advogado... Assim que chegarmos à delegacia, poderá contatá-lo.

—Eu vou até o hall de entrada, vamos tentar passar com ela sem que a imprensa possa fazer muitas imagens. —o policial mais jovem adiantou-se.

—Traga um lençol... Uma toalha para cobri-la, essa roupa ensanguentada vai dar mais *pano pra manga*... —Vargas resmungou.

Voltei imediatamente a atenção para a minha blusa, ou melhor, uma camiseta que não era minha. Amarela clara, exibia marcas avermelhadas e borrifadas, como se fosse sangue seco.

Desesperada, eu não sabia o que pensar. Eu sabia que não havia matado o Richard, mas tudo apontava para aquilo e o que me causava mais medo era o fato de que uma parte da minha madrugada havia sido apagada de forma misteriosa de dentro da minha cabeça.

Como eu podia não me lembrar do que tinha acontecido depois que me tranquei no banheiro?

Como me defender de algo sem um álibi, ou pelo menos uma boa explicação?

No fim, enquanto era envolvida por um lençol e levada para a garagem daquele hotel, tudo o que eu conseguia pensar era que estava muito encrencada, porque, até mesmo eu comecei a duvidar da minha sanidade e, conseqüentemente, da minha inocência.



Dante

Em frente ao Shopping onde o celular da Ana Flávia fora rastreado, eu fazia a vigésima ligação para o meu pai e nada! As chamadas iam direto para a caixa de mensagens e eu havia a enchido de recados.

Olhei para o relógio em meu punho, passava das oito da manhã e na placa o aviso esclarecia que o horário de atendimento do lugar tinha inícios às nove horas.

Preocupado, resolvi ligar para o Lorenzo e, apenas para me irritar ainda mais, ele também não me atendeu.

— Até que enfim eu consigo falar com alguém! — reclamei, assim que ouvi a voz da minha mãe.

— Filho... Graças a Deus! Eu já estava entrando em colapso. — suspirou aliviada. — Ligo para o seu pai e nada... Sua irmã e nada...

— Eu também não consegui falar com ninguém e liguei justamente para saber se vocês tinham alguma notícia... Estou em frente ao shopping, mas acho que é uma pista furada.

— Dante, meu filho... Eu sinto tanto medo... Parece que estamos dentro de um filme de terror. — a voz embriagada.

Puxei o ar, eu não podia me descontrolar também, embora estivesse por um fio.

— Mãe, me deixe falar com o Lorenzo — pedi.

— Ele não está aqui... Aliás, aquele irresponsável saiu logo depois de você. Eu o vi fazendo uns telefonemas e assim que o outro segurança chegou ele partiu sem dizer nada.

— Filho de uma... — fechei os olhos, imaginando-me esganando o Lorenzo e foi nesse instante que ouvi o som de sirenes que desviaram a minha atenção para o outro lado da rodovia — Mãe, meu filho está bem? — perguntei já ligando o motor do meu carro.

— Sim, ele se alimentou e adormeceu.

— Então, tente manter a calma, eu vou tentar falar com o papai e

tendo qualquer novidade eu te ligo... Faça o mesmo se alguém entrar em contato com a senhora —Meus olhos estavam fixos nas viaturas que chegavam em alta velocidade.

—Tudo bem, Dante... Eu vou esperar, afinal, é só o que eu posso fazer. —ela desligou resignada.

Com meu coração saindo pela boca, joguei o telefone sobre o banco do passageiro e fiz o retorno na pista, a fim de descobrir o que estava acontecendo, mas algo me dizia que tinha a ver com a Anne.



Em frente a um hotel, centenas de pessoas se espremiavam e se cotovelavam. Estacionei o carro no gramado que cercava o luxuoso prédio e desci, logo misturando-me a elas.

—O que está acontecendo aqui? —perguntei a uma mulher vestida em um roupão de banho.

—Eu também não sei. —ela encolheu os ombros.

Sem querer perder tempo, fui enfiando-me no meio das pessoas e as informações que chegavam aos meus ouvidos eram as mais variadas, ou ainda, as mais assustadoras, mas, quando eu ouvi, em meio tantas especulações, a palavra assassinato, tive a impressão de que a minha vida mudaria para sempre.

"O corpo de um homem foi encontrado, boiando na piscina da cobertura...".

"Parece que ele foi degolado...".

"Teve todos os dentes arrancados...".

"Ele foi morto com mais de trinta facadas...".

Meu sangue gelou dentro das minhas veias, a minha boca secou e eu precisava saber a verdade dos fatos. Descontrolado, costurei o aglomerado de curiosos e consegui chegar até a frente do hotel Mont Blanc.

Uma fita preta e amarela isolava o local, além de um cordão humano formado por policiais, que impediam a passagem de qualquer pessoa.

— Por favor! —gritei — O que está acontecendo aqui? —perguntei com as mãos em torno da boca, para que me minha voz se fizesse mais alta.

Um dos policiais se voltou para mim, ignorando-me completamente.

—Atenção... Eles estão saindo... —uma voz masculina ecoou pelo rádio do mesmo policial que havia se aproximado de mim.

Poucos segundos depois e uma viatura veio do estacionamento, atrás dela, outras duas. Na do meio, sentada no banco de trás eu a vi.

No rosto, uma expressão de medo, nos olhos, o pânico se fazia visível.

—Anne! — bradei a plenos pulmões. —Anne! —insisti, tentando vazar a barreira humana.

Ela me viu. Nossos olhos se encontraram por apenas uma fração de segundos, então, eu fui empurrado e o carro onde ela estava partiu.

Anne

Eles queriam me colocar na parte de trás da viatura, como se eu fosse uma criminosa perigosa, por sorte, o policial mais jovem, sugeriu que eu fosse no banco traseiro junto com ele e, seu pedido foi acatado.

Havia muita gente em frente ao hotel, além de curiosos estavam também as pessoas da imprensa com suas câmeras e seus microfones posicionados.

Imaginei que aquela história sórdida já tinha se espalhado aos quatro cantos do Brasil, afinal, o Richard era um homem bem posicionado, de família tradicional e a sua morte teria uma repercussão estrondosa.

Meus pais... Ao certo já sabiam, assim, como o Dante e todos da família Ferraz.

Pensar na decepção deles, era devastador.

Enquanto a viatura avançava em direção a rodovia, levantei meu rosto a fim de tentar entender como as pessoas estavam lidando com tudo aquilo. Em meio a tantos rostos desconhecidos, um deles fez meu corpo estremecer.

Dante... O meu Dante, em carne e osso, gritava por meu nome e ainda que eu não pudesse ouvir a sua voz, seus lábios se expressavam com perfeição. Encarei-o, temendo enxergar alguma nuance de decepção e, se assim fosse, eu não saberia o que fazer da minha vida ou do que restara dela.

Mas não, ainda que eu não pudesse descrever sua expressão, não havia mágoa como em nosso último encontro, mas o medo era notório e isso era perfeitamente compreensível.

Como eu queria poder abraçá-lo... Ali, diante de tanto terror, como sempre o Dante surgiu como um raio de sol em meio as sombras e, tê-lo visto, ainda que por alguns poucos instantes, serviu-me de alento e doou-me uma dose extra de forças para continuar...

Durante todo o trajeto, enquanto as informações sobre o crime chegavam através dos rádios, eu tentava me lembrar, mas nada. A impressão que eu tinha era a de que eu tinha deixado de existir por algumas horas.

—Para onde estão me levando? — indaguei ao policial que insistia em manter seus olhos sobre mim, como se analisasse meu comportamento.

—Para a delegacia de Serra Verde. É a mais próxima daqui. —foi sucinto.



Ao contrário do que eu imaginava, a entrada do local parecia tranquila e sem maiores movimentações. Fui levada diretamente para a sala do delegado e assim que entrei nela, fui recebida por um homem de aparência intimidadora.

Os olhos castanho escuros, uma barba grisalhes e as sobrancelhas altas, davam conta do seu humor, ou melhor, mau humor.

—É ela, soldado Moratto? —a pergunta foi feita depois que ele fitou-me dos pés à cabeça.

—Sim, esta é Anne Maldonado, esposa da vítima.

O delegado voltou para trás de sua mesa e sentou-se novamente, com as mãos sobre uma pilha de papéis.

— Eu sou o delegado Joacir Alves e fui designado a cuidar inicialmente desse caso — disse, sem me encarar. —Sabe que tem direito a um advogado e se não puder pagar por um, o estado vai disponibilizar um defensor público.

—Eu... Eu tenho direito a um telefonema, não tenho? — questionei, sem saber se aquilo era mesmo um direito meu ou apenas coisa de filme.

O delegado e policial se entreolharam e depois ele voltou sua atenção para mim.

—A senhora tem direito, sim, no entanto, eu gostaria de fazer

algumas perguntas, informalmente. —ele cruzou os braços contra o peito.

— Se eu puder responder. —dei com os ombros.

—Pode me dizer o seu nome completo, idade e endereço?

—Sou Anne Maldonado, tenho vinte e seis anos e estava vivendo em Piracicaba, no interior do estado.

—Bem, senhora Anne... Eu e a minha equipe assumimos esse caso, porque gostamos que a justiça seja feita, iremos investigar e destrinchar essa história, até que a verdade seja revelada, portanto, seria muito bom se nos contasse o que aconteceu na madrugada passada.

Fechei os meus olhos, sentia-me derrotada.

—Eu cheguei ao hotel acompanhada do Richard, nós formos encaminhados até a cobertura e eu acabei adormecendo no banheiro... Depois disso, eu não me lembro de mais nada. —deixei meus olhos nos dele.

—Dormiu no banheiro? —ele inclinou o corpo na minha direção.

—Sim... Nós acabamos discutindo e...

—Discutiram? Então isso confirma a declaração de alguns funcionários do hotel, que relatam a visível insatisfação da senhora, para com o seu, até então, esposo.

—Sim, eu... Bem, a verdade é que o Richard e eu não estávamos vivendo como marido e mulher, então, eu, de fato, não queria estar aqui com ele.

—Senhora Maldonado... Isso fica mais confuso a cada instante...

Puxei o ar e notei que o soldado Moratto me observava com pena.

— Para que possam me entender, eu preciso contar como tudo começou... —funguei, tentando conter as minhas lágrimas.

Ele gesticulou com a mão.

—Estou ouvindo.

—A minha história com o Richard tinha tudo para ser um conto de fadas, ou melhor, eu achava que tinha... Eu acreditava que meu marido era um bom homem e mesmo diante de alguns atos de desrespeito para comigo, eu achava que ele era o melhor marido do mundo... Só que quando eu engravidei, o Richard se enfureceu, tanto, que chegou ao ponto de me agredir... Ele queria que eu tivesse recorrido a uma clínica de aborto e foi por isso, para defender a vida do meu filho, que eu fugi para Piracicaba — funguei. — Naquela cidade eu recomecei a minha vida do zero, fiz amizades, consegui um trabalho e também, acabei me apaixonando pelo homem que

decidiu assumir o meu filho.

—Então a senhora manteve um caso extraconjugal?

—Não! —Assustei-me com sua colocação.

—Mas a senhora acabou de dizer que se apaixonou por outro homem e que ele assumiu o filho que era do senhor Richard Maldonado...

—O Richard nunca quis a criança! —argumentei, num volume mais alto.

O delegado se levantou e veio para o meu lado.

—Continue, senhora Anne.

—Como eu disse... O Richard nunca quis ser pai, já o Dante... O Dante assumiu tanto a mim quanto o meu filho, como se ele fosse o pai, e nós estávamos tão felizes... —não contive meu choro. — E estava esperando que meu bebê crescesse um pouco mais para procurar meu marido e assim formalizarmos o divórcio... Só que no dia do batizado do Anthony, ele me encontrou e fez comigo tantas coisas horríveis...

—Que tipos de coisas?

Eu sentia vergonha só de pensar em tudo pelo que tinha passado nas mãos do Richard, mas eu precisava falar...

—Com a ajuda de sua secretária, ele me sequestrou... Eu fui levada para um motel e fui obrigada a presenciar cenas de sexo entre ele e a secretária... —mordi meu lábio inferior depois de respirar fundo — Eu fiquei mergulhada em uma banheira cheia de água sanitária, para purificar-me, segundo o meu marido... Isso acabou me fazendo parar em um hospital, tamanha a minha intoxicação — eu podia sentir aquele maldito cheiro, enquanto relembrava alguns dos piores momentos da minha vida. — O Richard me obrigou a procurar o Dante e dizer que eu não queria mais o meu filho e nem ele, e, eu o obedeci, porque ele ameaçou a vida da família Ferraz, assim como disse que tinha vontade de acabar com a vida do meu bebê.

—Então, a senhora está afirmando que estava em companhia do seu marido, hospedada da mais luxuosa suíte, contra a sua vontade?

—Sim... Por isso me tranquei no banheiro... Ontem, o Richard queria me tocar, para evitar que isso acontecesse eu fugi para o único lugar onde eu podia manter alguma distância... —eu chorava copiosamente. —Ele ficou furioso, mas eu não sucumbi e acabei adormecendo ali mesmo.

—E depois?

—Eu já disse... Depois disso, eu acordei em outro quarto, com outras

roupas e não sei como isso aconteceu...

O delegado dobrou o seu corpo e deixou seu rosto alinhado ao meu. Os olhos brilhavam, ele parecia fissurado.

—Então, a senhora sempre foi torturada por seu marido engravidou, fugiu de casa, formou outra família e para poder viver essa nova vida, a senhora o matou?

—Não! Eu não o matei.

—O senhor Richard Maldonado foi torturado, levou dezenas facadas e foi jogado dentro da piscina do hotel... Isso se encaixa perfeitamente com um crime de vingança.

— Eu jamais teria coragem de fazer isso... Tenho certeza que não seria capaz disso, senhor.

— Como pode ter certeza? A senhora alega não se lembrar de como foi parar em outro quarto, portanto, a senhora pode ter tido um surto psicótico e ter matado Richard, depois simplesmente ter apagado isso da sua memória.

Estaria ele certo?

Em minhas roupas havia sangue, a minha memória estava avariada, sem contar todo o estresse pelo qual eu vinha passando... Eu começava a duvidar da minha sanidade mental, eu, mais do que ninguém, queria ver o Richard morto, pois somente assim eu teria um pouco de paz.

—Eu... Eu... —olhei para o soldado, depois para o delegado e então vi alguém entrando na sala sem ao menos bater na porta.

— Boa tarde, senhores... Ao que me consta, é proibido colher depoimento de um suspeito, sem a presença do seu advogado. Estou errado, delegado Joacir? —ele estendeu a mão ao homem que me interrogava. — Prazer, sou Adilson Ramos Filho, advogado da senhora Anne Maldonado.

Enquanto formalizavam os cumprimentos, o delegado encarou-me.

— Vejo que a senhora foi rápida em conseguir um advogado.

— Eu não faço a mínima ideia de como ele veio parar aqui... — confessei minha surpresa.

— Dante Ferraz me mandou para ajudar à senhora. —ele sorriu para mim. — Ele acredita que você jamais seria capaz de fazer qualquer coisa contra Richard Maldonado.

—Então o Dante... Ele... Ele acredita na minha inocência?

Adilson ergueu as sobrancelhas e colocou sua pasta sobre a mesa do delegado.

—Sim, e nós vamos provar isso.



Capítulo 27

Dante

As horas pareciam se arrastar dentro daquela delegacia, fazia muito tempo desde que o doutor Adilson havia entrado para falar com a Anne. Os comentários pareciam vindos de um telefone sem fio, a cada instante uma versão nova sobre o crime aparecia naqueles noticiários virtuais.

Meu celular acusava os últimos cinco por cento de bateria e eu precisava avisar a minha mãe sobre a morte do Richard, isso, se ela já não soubesse.

— Filho, me diz que tudo isso é mentira... — atendeu-me aos prantos.

— Eu queria que fosse, mas é verdade, mãe... O marido da Anne foi assassinado e ela é a principal suspeita — falei com amargor. — Como soube?

— Não se fala de outra coisa na tevê, no rádio e seu pai, ele me telefonou...

— Eu não consigo falar com ele, mãe, nem com Ana, estou muito preocupado com a minha irmã.

— Seu pai me disse que está indo até a delegacia... Eu não entendi direito, mas ele sabe para onde a Anne foi levada.

— Ela está aqui, em Serra Verde e eu já contratei um advogado para ela, dizem que ele é o melhor da região — expliquei-me rapidamente, meu celular desligaria a qualquer momento.

— A Ana Flávia é mesmo uma irresponsável, mas a culpa é minha, eu nunca coloquei limites para ela e veja no que deu... — revoltou-se depois de bufar.

— Eu sei mãe, mas agora temos que lidar com esse furacão pelo qual nossas vidas estão passando e precisaremos nos manter unidos... Eu preciso desligar antes que a bateria do meu telefone termine de vez.

— Mais essa, Dante?

— Mãe... Eu dou um jeito de falar com a senhora, por hora, apenas cuide do meu filho...

— Não precisa nem pedir. — disse, antes de encerrar a ligação.

Sufocado, enfiei o telefone no bolso da minha calça e saí em direção ao estacionamento da delegacia, nele, havia um banco de ferro, daqueles que vemos em praças e um homem estava sentado nele.

— Posso? — apontei para o lugar vazio.

— Claro — respondeu-me sem tirar os olhos de seu aparelho celular — Que coisa horrorosa esse assassinato, não é? Acabaram com o homem... — engoli em seco, não sabia o que responder. — Nossa, como uma mulher pode ter coragem de fazer isso? — ele continuava com os olhos vidrados na tela do seu telefone.

— Eu não acho que tenha sido a esposa... — não consegui me conter. Ele encarou-me.

— Sabe por que estou aqui? — sorriu-me com sarcasmo. — Vim fazer um boletim de ocorrência contra a minha mulher... Acredita que ela pegou uma barra de ferro e quebrou todo o meu carro? Quase vinte anos de relação e não conhecemos bem a pessoa com quem dormimos todas as noites.

— Mas por que ela fez isso? Deve ter havido alguma razão... — interessei-me em seu relato.

Ele puxou o ar e deixou os olhos pedidos nos meus pés.

— Eu saí do trabalho e fui com uns amigos até um bar... Tudo bem, que eu exagerei um pouco e me atrasei para o jantar, ou melhor, eu cheguei na hora do café da manhã... — ele encolheu os ombros. — Ela ficou uma fera e então, fez o que fez...

Passei as mãos por meus cabelos, no fundo, eu não discordava da

esposa dele, afinal, o cara não era nenhum moleque para agir com tamanha irresponsabilidade.

Pensei em dizer isso a ele, no entanto, um grito chamando por meu nome acabou levando a minha atenção para um carro de vidros escuros que acabava de estacionar atrás de mim.

— Ana Flávia! — levantei-me e corri em sua direção.

— Capitão! Me diz que a Anne não está sendo acusada dessa barbaridade... — ela chorava em meu ombro.

— Sabe que não foi ela, não sabe? — segurei seu rosto dentro das minhas mãos.

— É claro que sei... Eu tenho certeza de que não foi a Anne quem matou o desgraçado do Richard — afirmou, trocando rápidos olhares com um rapaz que se colocou do meu lado.

— Quem é ele? — questionei-a, tendo a impressão de conhecê-lo de algum lugar.

A Ana deu um passo para trás e limpou as lágrimas com as mãos.

— Ele é Michel Carrano... Policial militar, trabalhou com o papai.

— É um prazer conhecê-lo, embora já tenhamos nos visto em outras ocasiões. — o forte mulato estendeu-me a mão num proposto cumprimento.

— O prazer é meu, e, de fato, você não me parece estranho...

— Participamos juntos de algumas confraternizações da corporação. — ele colocou uma das mãos nas costas da minha irmã.

— Ele e eu... Bem... Nós tivemos uma amizade colorida por alguns meses, mas o papai não pode saber disso de jeito nenhum — confessou-me, um tanto sem jeito.

— Ana, eu tenho muito mais com que me preocupar, do que os seus rolos... A minha mulher está lá dentro, sendo acusada de assassinato e eu não tenho ideia de como isso aconteceu.

— Não foi ela — afirmou convicta.

— Eu sei, mas é a polícia que precisa acreditar nisso... Só que a imprensa parece que já condenou a Anne e colocou o Richard como um santo.

— Infelizmente, pelas informações que eu consegui com meus colegas de trabalho, para a polícia, não restam dúvidas de que foi a moça — Michel interveio.

Fechei meus olhos por alguns instantes, eu precisava encontrar forças

para lidar com tudo aquilo.

— Como souberam? Como descobriram que ela está aqui? Porque pelo visto a imprensa ainda não sabe, do contrário, já estariam aqui como abutres.

— Ontem, quando a Anne me pediu a mala, eu coloquei o meu celular lá dentro, imaginando que daria para rastrear o aparelho. Então eu me lembrei do Michel, eu sabia que ele poderia me ajudar por conta do seu trabalho.

— Então foi isso... — as primeiras peças começavam a se encaixar. — Tem ideia, Ana Flávia, que se tivesse nos contado o seu plano, nós poderíamos ter encontrado a Anne antes e evitado que tudo isso estivesse acontecendo? — irritei-me ao extremo.

— Ou não! — ela cruzou os braços. — Tudo que pensei foi numa maneira de salvar a minha amiga e eu sabia que se contasse a você ou ao papai, isso terminaria em uma desgraça — choramingou como uma criança.

— E acha que isso não é uma desgraça? A Anne sendo acusada de assassinato, e pior, com requintes de crueldade.

— Mas o cara mereceu! — Michel se pronunciou.

— Você o conhecia? — estranhei.

— Não... Só que a sua irmã me contou tudo sobre ele.

Ana Flávia concordou com um movimento de cabeça, os olhos marejados davam indícios de que ela voltaria a chorar.

— Eu sei que para todos da nossa família eu sempre fui considerada a ovelha negra, a maluquinha que nunca leva nada à sério, mas Dante, eu juro, pela Anne e pelo nosso Anthony, eu sou capaz de qualquer coisa... Ela já sofreu tanto, passou por tantas tristezas, e eu não vou permitir que ela pague por um crime que não cometeu... Se for preciso, eu assumo a culpa, eu assumo esse crime... Eu digo que fui eu quem matou o Richard.

Sua declaração tocou o meu coração e eu a puxei para um abraço... Choramos juntos.

— Não vai ser preciso, Ana... Eu tenho certeza de que a verdade virá à tona. — tentei consolá-la.

— E o nosso pai? Ele veio com você?

— Na verdade ele veio antes, mas eu ainda não consegui falar com ele.

— Então a mamãe ficou sozinha?

— Não... Ou melhor, ela está com os seguranças. Era para o Lorenzo

ter ficado com ela, só que para variar, ele não atendeu o meu pedido e desapareceu — reclamei, tentando ligar meu telefone, sem êxito. — Droga! Fiquei sem bateria... Ligue para ela, a nossa mãe estava morrendo de preocupação com você.

Ela puxou o ar e me obedeceu, e, enquanto ela tentava se explicar com a dona Adriana, os primeiros carros da imprensa começaram a chegar, portanto, o circo estava armado de novo.

Anne

— Anne, eu preciso que seja totalmente sincera comigo... Embora o senhor Dante esteja convicto de sua inocência, a investigação preliminar aponta para uma só pessoa... No caso, você.

Estávamos à sós em uma sala, o doutor Adilson e eu. Havia contado e recontado todos os acontecimentos das últimas vinte e quatro horas do meu dia, mas por mais que eu me esforçasse, nenhuma novidade surgia em minha memória.

— Eu sei o que parece, e vou ser honesta com o senhor, se eu estivesse de fora e escutasse essa história, também desconfiaria da esposa, mas eu posso garantir que, apesar de ter muitos motivos, eu jamais teria coragem de matar o Richard ou qualquer outra pessoa.

— E a senhora, tendo convivido por tanto tempo com ele, saberia me dizer se alguém teria motivos para fazer algo tão terrível ao seu marido? Ele tinha inimigos? — Adilson começou a fazer anotações em um bloco de papel.

— Ele era um advogado criminalista, portanto, o senhor sabe que essa profissão lida com todo tipo de gente, mas se eu precisasse apontar alguém, seria a secretária dele, Sandra... A mulher que o ajudou a me sequestrar e que pelo visto, nutria uma espécie de paixão doentia por ele, uma submissão desmedida, enquanto ele a tratava como um objeto.

— Sabe o sobrenome dela? Há quanto tempo ela trabalhava para o senhor Maldonado?

Eu não sabia, Richard não gostava que eu fosse até seu escritório e nem que eu me envolvesse com nada do seu trabalho, portanto, eu não tinha ideia de nada sobre a vida de Sandra, muito menos, se aquele era o seu nome verdadeiro.

Embora Adilson tivesse sido contratado para me defender, suas

perguntas pareciam me colocar contra a parede. Sentia-me sufocada, a ponto de explodir.

— Não tenho nada a acrescentar, mas peço que o senhor não desista do meu caso— implorei. — Doutor Adilson, sei que todo criminoso se diz inocente, mas eu realmente sou uma vítima, porque se eu tivesse feito isso, não ficaria no hotel, esperando ser pega.

Ele balançou a cabeça instintivamente, concordando.

— Devo admitir que seu caso é muito complicado, ainda mais por causa da repercussão... Esse crime tem ares de roteiro hollywoodiano, no entanto, eu acredito na senhora e sou o tipo de pessoa que odeia injustiças. — ele se levantou.

— Obrigada — agradei, emocionada. — Agora, se não for abusar da sua boa vontade, será que poderia tentar promover um encontro meu com o Dante... Eu sinto que preciso disso para me energizar.

Ele estalou a boca e caminhou até a porta.

— Vou ver o que posso fazer — respondeu-me e saiu, sendo substituído pelo policial Moratto, aquele que vinha me acompanhando desde o hotel.

— Vou ser levada para uma cela? — indaguei, notando que ele, assim como em todas as outras vezes, insistia em me encarar de uma forma estranha.

— Ainda não — respondeu depois de limpar a garganta. — Por enquanto, a indicação é que eu fique aqui com a senhora.

Meus braços estavam sobre a mesa, algemados e aquilo era muito humilhante.

— O senhor esteve na cena do crime, não esteve?

Ele endireitou as costas e desviou os olhos de mim.

— Eu não posso ter esse tipo de conversa com a senhora. — Foi firme.

— Eu entendo, mas queria saber a opinião de alguém acostumado com esse tipo de situação. — expliquei-me.

Ele virou a cabeça na minha direção.

—Não que a minha opinião conte, mas eu não acho que uma mulher sozinha seja capaz de fazer o que foi feito com aquele homem — declarou com a voz baixa e os lábios pouco se movimentaram.

Não sei dizer se sua afirmação era a meu favor ou se ele insinuava

que eu agira com um cúmplice. Estava prestes a perguntar, quando a porta voltou a ser aberta, era o delegado que cuidava do caso.

— Senhora Anne Maldonado... A senhora tem cinco minutos, e nem um segundo a mais.

Sem entender sobre o que ele se referia, tive, naquela tarde, a mais grata das surpresas quando Dante transpôs a sala, com os braços abertos, prontos para me receber.

Eu o amava e cada célula do meu corpo sentia a sua falta, então, quando ele me tocou, envolvendo o meu corpo junto ao seu, o calor que vinha da sua pele e o perfume que eu tanto adorava, criaram uma atmosfera de aconchego, tornando aquele momento especialmente marcante.

Tudo ao nosso redor desapareceu, toda a dor, preocupação e tristeza foram embora. Dante era o meu lugar, meu ar e também o que corria em minhas veias.

— Meu amor... Eu preciso te pedir perdão... — murmurei quando ele segurou o meu rosto entre as suas mãos.

— Sou eu quem tem que pedir perdão... Eu deveria ter confiado nesse sentimento eminente que existe entre nós. — ele chorava.

— Sabe que eu não fiz isso o que estão dizendo, não sabe? — encostei minha testa na sua.

— Eu sei... E vamos resolver isso, meu amor, mas agora, eu preciso fazer uma coisa.

Não perguntei o que era, mas imaginava que Dante sentia a mesma necessidade que eu, por isso, fechei os meus olhos e deixei que ele tomasse as rédeas da situação.

Em menos de um segundo e seus lábios já tocavam os meus, calmos e delicados, contrariando a urgência de suas mãos que corriam pelas minhas costas, como se quisessem se certificar de que aquele momento era real.

Não era hora, nem lugar, muito menos a circunstância mais indicada, mas eu não podia perder a oportunidade de estar com ele, de sentir os batimentos do seu coração e por alguns instantes eu me desconectei daquele horror e ignorei a treva onde fora jogada.

— Cinco minutos, por favor, senhor, retire-se da sala. — O policial nos interrompeu.

Foi difícil me afastar dele, mas eu não tinha outra opção. Abracei-o pela última vez e dei um passo para trás.

— Eu te amo, Anne, e eu vou dar um jeito de tirar você daqui. —
Dante caminhou de costas e as lágrimas banhavam seu rosto sem reservas.

— Eu sei disso, e independente do que aconteça, esteja certo de que eu não me arrependo de ter entrado naquele ônibus, porque ter te conhecido foi muito maior do que isso pelo que estou passando... Você é meu sol, Dante...

Ele suspirou e enrugou a testa, sofrendo.

— Você vai ter um céu inteiro, Anne... Eu prometo. — garantiu, antes de sair.



Capítulo 28

Dante

Ainda tentava absorver o pouco tempo que tive com a minha mulher, eu queria poder cuidar dela, era notório como seu estado psicológico estava abalado.

Diante de tantos problemas, havia também o sumiço do meu pai, assim como o do Lorenzo. Eu precisava muito falar com eles, precisaríamos alinhar nossas decisões, deliberar sobre como faríamos diante de tamanha bagunça, já que eu não sairia daquela cidade sem que a situação da Anne estivesse resolvida.

Tive uma breve conversa com o doutor Adilson e ele foi muito honesto comigo. A situação da minha mulher se complicava a cada instante e, como se não bastasse à acusação de assassinato, os investigadores haviam descoberto sobre os documentos falsos que o Sanches providenciara para ela, portanto, o crime de falsidade ideológica era mais um anexo ao seu processo.

Para piorar tudo, o detetive estava morto e nós não sabíamos como faríamos para provar a verdadeira razão daqueles documentos.

Sentindo-me com o peso do mundo em minhas costas, voltei para a frente da delegacia, eu precisava encontrar um hotel para me hospedar,

Adilson alertou-me de que a qualquer momento eu seria intimado a depor, afinal, eu também era uma peça daquele quebra-cabeças de horrores.

A Ana Flávia e o Michel continuavam no estacionamento e eu nunca vi a minha irmã mais estranha. Eles conversavam e ela parecia alterada.

— Olha aqui, você sabe que precisamos relatar o que vimos, não sabe? — reclamou ela.

Michel passou as mãos pelo rosto, parecia cansado.

— Eu sei, só que se falarmos isso, nos tornamos os principais suspeitos. Você quer ser mantida presa numa delegacia ou você salvar a pele da sua amiga? Eu sou policial, sei como esse sistema funciona, portanto, acredite em mim, nós não podemos simplesmente entrar lá e dizer o que estávamos fazendo na cidade... Esses caras estão como abutres em busca de comida, eles precisam resolver esse caso o quanto antes e tudo o que cair na rede é peixe, entendeu?

— Sim, eu entendi, mas não aguento ver meu irmão sofrendo e muito menos a Anne lá dentro, sendo tratada como uma assassina... Fora que estão falando atrocidades dela. — vi minha irmã suspirar. — Não é possível que nenhum funcionário daquele maldito hotel tenha visto o que nós vimos.

— O dinheiro compra tudo, inclusive silêncio, Ana! Vamos... Não seja ingênua, você é bem mais inteligente que isso.

— Já sei! Vamos oferecer o dobro para a pessoa.

— Mas como vamos descobrir quem foi que ajudou? Você acha que a pessoa vai chegar e falar: *"Oi, fui eu que não abri a boca, porque ganhei tal quantia..."*. Claro que não.

— Podemos tentar jogar um verde. —ela cobriu o rosto com as mãos. —Sei lá, agora que estamos envolvidos nisso até nossos fios de cabelo, vamos terminar...

Michel segurou minha irmã pelos ombros.

—Eu sei que posso me ferrar, mas por você, Flavinha, eu faço qualquer coisa.

—Pelo que entendi, vocês estão sabendo muito mais do que falaram... —abordei os dois. —Quando pretendiam me contar isso?

Minha irmã se assustou, tanto, que chegou a estremecer.

— Droga Capitão! Ninguém falou para você que é feio se meter aonde não foi chamado e, mais feio ainda, ouvir conversas dos outros?

Sem a mínima paciência, passei as mãos por meus cabelos e bufei.

— Ou vocês me contam, agora, tudo o que sabem ou eu juro que entro agora mesmo naquela delegacia e falo para eles o que eu ouvi, afinal, toda e qualquer informação é muito importante para as investigações.

— Tudo bem. —Michel levantou as mãos em rendição. — Nós contamos...

—Estou ouvindo —disse, com os olhos vidrados na Ana Flávia.
Ele limpou a garganta.

— Quando sua irmã me procurou em busca de ajuda e, depois que me explicou toda a história da sua namorada, eu decidi que daria sim, todo o suporte para ela, afinal, você a conhece bem, sabe que a palavra " não", é mal aceita por ela... Sem contar que eu odeio covardia e pensa num homem mantendo uma mulher junto dele a força... Cara... Isso me revoltou...

—Pode deixar... —Ana Flávia parecia mais confiante em falar. — Ontem, quando chegamos ao hotel, estranhamos o fato de haver apenas uma mulher, grávida, por sinal, na recepção... Perguntamos para ela o valor da hospedagem e dissemos que pensaríamos, mas que primeiro aproveitaríamos o bar do lugar. O Michel e eu sentamos em uma mesa e ficamos observando a movimentação. Nada pareceu estranho, até que nós o vimos... O demônio do Richard saiu do elevador, parecia irritado, falava ao telefone, em seguida, conversou com um funcionário que chegou momentos depois e os dois entraram no elevador.

— E o que mais? —insisti, esperando que sua revelação fosse mais relevante.

—Nós ficamos ali por mais de uma hora e nenhum sinal do Richard, então, a mulher da recepção recebeu uma ligação e ela se mostrou muito descontrolada, tanto, que deixou o posto sozinho por minutos... Centenas de coisas passaram por minha cabeça, menos isso o que aconteceu.

—Mas ela voltou? —sentia meu coração atropelando os próprios batimentos.

—Sim— Michel interveio. — Então sua irmã e eu decidimos pedir por um quarto e ela parecia bastante desconsertada, sequer pediu nossos documentos, o que foi muito bom, porque para a polícia, nós nunca estivemos naquele hotel.

— E as câmeras? Acham mesmo que um lugar luxuoso como aquele, não é monitorado vinte e quatro horas por dia? Agora é que eu acho melhor irmos até o delegado e contarmos isso tudo, porque se eles encontrarem

imagens de vocês, podem imaginar que os dois são cúmplices da Anne.

Minha irmã arregalou os olhos e parou de respirar.

—Eu não havia pensado nisso, mas se podemos ser colocados como suspeitos, eu prefiro arriscar todas as minhas fichas antes... Devemos voltar até o hotel e dar uma prensa na grávida. Para mim, ela pode ser uma testemunha comprada.

—Já eu, voto no funcionário que subiu com o Richard... Cara, depois disso, ele desapareceu... —Michel opinou.

A cada instante o caso ganhava nuances de um filme policial, e com isso, ficava mais difícil acreditar que a Anne conseguiria sair daquela situação.

Eu tinha duas opções bem desenhadas... Poderia seguir meu coração, entrar naquela delegacia e compartilhar aquelas informações com eles, ou seguir a minha cabeça, que parecia gritar o contrário... Uma voz interna me dizia que era eu quem deveria tomar a frente da situação e agir por conta própria.

— Em primeiro lugar, eu quero agradecer você por ter vindo junto com a minha irmã... Por certo a sua experiência evitou que o cenário dessa desgraça ficasse ainda mais tenebroso... — dei dos tapinhas amistosos em suas costas.

—Imagine! Eu gosto muito dela, e jamais deixaria a Flavinha sozinha numa dessa...

Ele realmente gostava dela, ou, algo além disso, a deduzir-se pela maneira que seus olhos brilhavam quando estavam sobre a Ana.



— Tudo bem... Mas Agora que as cartas estão na mesa, como é que seguiremos com o jogo?

Decidimos sair da frente da delegacia, afinal, nossa decisão dispensava toda e qualquer desconfiança extra e, ficar ali na cara deles, confabulando sobre nossos próximos passos, chegava a ser provocativo.

Seguimos, a Ana Flávia e eu, até uma lanchonete e de lá ligamos para a minha mãe. Explicamos a situação por alto e nem preciso dizer que

ouvimos um sermão da dona Adriana.

Depois de gastar quase cinco minutos nos dizendo sobre deixar que a polícia cuidasse do caso e mais um monte de conselhos que eu sabia que eram os mais acertados, mas que não seriam seguidos, eu desliguei com o comunicado de que meu pai não voltara a dar notícias.

O Michel ficara incumbido de ir até o hotel, para verificar como as coisas estavam por lá e, para nossa surpresa, eles continuavam atendendo normalmente.

—Tirando nós, que temos uma boa razão para estarmos aqui, o que essa gente toda faz num lugar onde um homem foi brutalmente assassinado? —indaguei, assustado com a quantidade de pessoas que disputavam um quarto no Mont Blanc.

—Você não tem noção de como um crime desse tipo desperta a curiosidade das pessoas. —Michel voltou-se para mim. —Não é à toa que esses sites que divulgam fotos de defuntos são acessados por milhões de vezes... O ser-humano tem um lado sombrio e ele parece ser ativado em situações como essas.

—Que horror! —Ana Flávia fez uma careta. —Eu odeio ver esse tipo de coisa... Prefiro ver imagens de unicórnios, fadas e arco-íris.

Michel olhou para mim e deu com os ombros.

—Fantasias à parte, vamos ao que interessa... Temos que dar um jeito de nos hospedarmos por uma noite que seja... Eu sei que a polícia deve estar em nosso encalço, mas por hora, precisamos desafiá-los.

— Você está certo, Dante... Eles vão monitorar você e toda a sua família, mas não hoje. Por hora eles estão muito ocupados com a Anne e com o amontoado de informações as quais eles estão sendo bombardeados... Vai levar um ou dois dias até conseguirem alinhar tudo.

— Então, Michel, vamos aproveitar essa brecha—disse, já caminhando até o balcão — Movimentado isso aqui, não é? —dirigi-me a uma mulher que parecia perdida no meio de um monte de papéis.

Ela suspirou.

— O senhor tem assistido ao noticiário? — Ela pareceu-me mal-humorada e eu olhei diretamente para a sua barriga, queria ver se era ela a grávida do dia anterior. Não era. — Sim, porque se não sabe o que aconteceu aqui, ou chegou agora ao Brasil ou é um extraterrestre.

Arregalei meus olhos.

— Eu soube, mas esse hotel é o único na minha rota e minha irmã, meu cunhado e eu estamos muito cansados — inventei.

— Desculpe-me, eu jamais poderia ter falado assim com o senhor — ela fechou os olhos e fez uma careta como se estivesse se auto repreendendo. — Só que hoje foi um dia infernal... Passamos por inúmeros interrogatórios, a polícia ficou enfiada aqui, funcionários faltaram e para ajudar, todos os nossos computadores foram confiscados para perícia, portanto, voltamos à idade da pedra. Estou tendo que cadastrar todos os hóspedes em fichinhas de papel, como há anos... Para completar, nós nunca tivemos um movimento como esse.

— Eu entendo... Só que nós precisamos de quartos.

— Claro — ela sorriu com sarcasmo, virando-se para um painel onde as chaves estavam penduradas e eram poucas. — Eu tenho um duplo e um triplo no terceiro andar. Um dispõe de uma cama de casal e outra de solteiro, já o outro, possui apenas uma king-size.

Michel e Ana se aproximaram.

— Ficamos com o de casal, não é amor?

— Ou podemos economizar e ficar todos juntos, afinal, é só por uma noite.

— Está com medo de assombração, cunhadinho?

— Ele não, mas eu sim, portanto, ficamos com o quarto triplo. — Minha irmã se manifestou.

— Tem algum aqui no térreo? Eu odeio essa coisa de elevadores, escadas... — acabei tendo uma ideia.

— No térreo não... Eles foram todos isolados, mas no primeiro andar eu tenho um.

— Pode ser. — resolvi.

Ela entregou-me duas fichas e empurrou-me uma caneta.

— Pode preencher e depois eu preciso dos documentos. — Entreguei a ela a minha CNH e ela deu uma olhada rápida, parecia estar realmente exausta. — O de vocês também. — ela apontou para Ana e Michel, que entregaram seus documentos de pronto.

— Disse que os quartos estão isolados... A perícia ainda não passou? — perguntei como quem não quer nada, enquanto assinava os papéis.

— Já sim... — afirmou baixinho — Olha, infelizmente eu não estou autorizada a falar sobre esse assunto e acho que já disse demais... O dono do

hotel, não nos quer envolvidos mais que o necessário, pois já basta à moça escolher matar o marido justamente aqui. — entregou-me as chaves.

— Claro, me desculpe... Agora eu vou descansar. — fingi um bocejo. — Obrigado!

Caminhamos juntos até os elevadores, a Ana e o Michel pareciam ter acreditado na própria mentira, já que permaneciam de mãos dadas como se fossem de fato um casal.

— A perícia já passou... Eu não sei se isso é bom ou ruim — reclamei.

— Vamos nos instalar, depois começamos a circular, de repente eles deixaram passar alguma coisa. — Ana sugeriu, enquanto Michel a abraçava.

— Pode ser... Mas você vai dormir no meu quarto, assim eu fico mais tranquilo. — avisei, enquanto chamava o elevador.

— Eu vou ficar com ele, e não precisa se preocupar, o Michel tem uma arma.

— Sim, Dante, eu tenho muito respeito pela Flavinha. — ele fez sinal para que eu entrasse primeiro.

Junto de nós, outras três pessoas subiriam conosco, um homem e duas mulheres, todos jovens.

— Eu sei muito bem me cuidar. — Ana Flávia pendurou-se no pescoço de Michel e ele circulou a cintura dela com um dos braços.

Tentando não me deixar afetar, apertei o botão para subirmos e quando as portas estavam prestes a se fecharem, um braço enfiou-se entre elas, fazendo com que o elevador se abrisse novamente, revelando um homem de terno, muito elegante, portando duas malas.

Não posso afirmar quem de nós se surpreendeu mais, e nem com o que, porque depois de arregalar os olhos ao se depara comigo, sua atenção ficou presa na minha irmã e seu acompanhante.

— LORENZZO... O que você faz aqui? — rosnei entre os dentes. — Seu cretino! Não mandei ficar com a minha mãe e o Anthony?

— Eu... Eu... Dante, eu posso explicar. — ele empalideceu e colocou-se do meu lado. A expressão era a mesma de quem se depara com uma alma penada.

A minha vontade era de agarrá-lo pelo colarinho e esganá-lo, mas o Mont Blanc já tinha sua cota de tragédias, esgotada.

— Você não imagina como eu estava, mesmo, querendo te

encontrar... —limitei-me em dizer.



Capítulo 29

Carlos Alberto Ferraz

—Trouxe tudo o que eu pedi?—perguntei assim que o soldado Moratto entrou em meu quarto.

Seu olhar era de apreensão e eu o entendia perfeitamente, no entanto, era mesmo necessário tê-lo designado para tal missão, aquele rapaz era o único em quem eu podia confiar totalmente, sem contar que, embora jovem, se mostrava destemido e isso era muito bom para mim.

—Senhor Ferraz, se alguém descobrir que eu fiz uma cópia deste documento, eu posso ser exonerado da corporação e isso decepcionaria muito a minha família. — completou, antes de entregar-me um grande envelope de papel pardo.

—Eu sei, mas se pedi sua ajuda é porque confio no senhor. Além do mais, se tudo correr como o planejado, eu mesmo farei uma carta de recomendação aos seus superiores e isso pode dar uma alavancada na sua carreira.

—Mas se der errado e todos descobrirem a verdade, minha carreira militar estará oficialmente encerrada e eu passo de herói a vilão, assim, num estalar de dedos. — cruzou os braços enquanto eu me sentava sobre a cama.

—O laudo da autópsia já ficou pronto?—Estranhei, com o documento

em mãos.

—Esse é o preliminar, apenas para informações internas, o oficial ainda demora alguns dias. Eu fiz cópias das fotos também...

—Isso é bom, embora a maioria delas esteja circulando pela internet.

—Não estas. —ele se aproximou de mim e virou as páginas do compilado onde apareciam imagens do corpo de Richard Maldonado, já no I.M.L.

Eram cenas fortes e, aquele homem que antes se mostrava tão autossuficiente, estendido sobre a bancada da perícia, em nada parecia com ele.

O rosto estava desfigurado, a pele pálida, tinha um tom acinzentado, a garganta exibia um corte extenso e por todo o tórax haviam perfurações. O laudo dava conta de que no total, foram trinta e duas facadas e o mais interessante, a ponta de todos os dedos da mão haviam sido arrancadas.

—Sem as unhas, fica mais difícil colher material genético do assassino, certo?

—Tê-lo jogado na piscina também foi uma sacada de mestre, afinal, a água e o cloro cuidam de apagar possíveis vestígios.

Concordei com a cabeça.

— E quanto ao meu filho? Estão suspeitando dele, com certeza, não estão?

—Dele e da sua filha também, aliás, eles descobriram fotografias da Ana Flávia junto do Richard em um evento no ano passado... Eu grampeei na última página, uma imagem do quadro de investigação, dê uma olhada...

No centro dele aparecia um retrato do Richard, ao seu redor, fotografias dos meus filhos, da Anne e também do Lorenzo.

Anne Maldonado: Esposa da vítima, fugiu de sua casa com pouco mais de dois meses de gestação e partiu para Piracicaba, interior de São Paulo, onde passou a morar com Ana Flávia Ferraz, irmã de Dante Ferraz, homem com quem ela vivia um romance extraconjugal. Alega ter sofrido agressões por parte da vítima, bem como uma tentativa de aborto ocasionada pelo cônjuge que não aceitava a sua gravidez, motivo eminente que levou a principal suspeita a fugir. Na noite do assassinato, hospedou-se no hotel com o marido e foi encontrada horas depois do crime em um dos quartos de funcionários do hotel, trajando roupas sujas de sangue. A suspeita nega as acusações, assim como alega não saber como foi que

mudou de quarto.

Ana Flávia Ferraz: Modelo fotográfica, irmã de Dante Ferraz. Afirma ter conhecido Anne Maldonado em um ônibus de viagem que vinha para Piracicaba, relata que a esposa da vítima confessou as agressões sofridas pelo marido e que, consternada com a situação, ofereceu moradia a Anne. Segundo ela, a acusada e seu irmão, Dante Ferraz, se conheceram posteriormente, e nega veementemente, qualquer envolvimento dele com a acusada, antes de sua mudança para Piracicaba.

Segundo seus relatos, conheceu o senhor Maldonado em eventos beneficentes e desfiles que ambos frequentaram, mas diz que não sabia que a vítima era o mesmo homem de quem Anne Maldonado fugia, até o mesmo aparecer em sua cidade e revelar sua verdadeira identidade.

Dante Ferraz: Empresário, dono de um grande supermercado na cidade de Piracicaba. Contratou Anne a pedido da irmã e insiste que não sabia a verdadeira situação da então funcionária, até apaixonar-se por ela. Suas declarações dão conta de que ele resolveu assumir o filho da suspeita, uma vez que ela confessou que seu marido não aceitava a sua gravidez, chegando até mesmo a agredi-la fisicamente, a fim de interromper a gestação.

Ainda, declarou que a vítima, Richard Maldonado, conseguiu, por meio de chantagens, fazer com que a esposa abandonasse ele e o filho e que só por isso a senhora Anne estava na companhia do esposo na noite do assassinato.

O mesmo, atribui a morte de um investigador particular, Roberto Sanches, a Richard Maldonado. O homem foi assassinado há menos de dez dias e o crime foi classificado como latrocínio, entretanto, a investigação ainda não foi finalizada.

Lorenzo Rizzato: Fotógrafo profissional, amigo pessoal, tanto de Dante Ferraz como de Ana Flávia Ferraz, é padrinho do filho de Anne Maldonado, além de também ter ligações com Richard Maldonado há algum tempo. As investigações revelaram que os dois homens participaram de orgias sexuais com prostitutas e modelos há cerca de três anos. Ainda assim, Lorenzo afirma que também não sabia que o senhor Maldonado era o "alcoz" marido de Anne.

Testemunhas relatam um acontecimento relevante envolvendo Richard, Ana Flávia e Lorenzo. Há cerca de seis meses, após um desfile,

ambos seguiram até uma festa e a senhorita Ferraz foi vista aos beijos com o senhor Maldonado, causando uma grande irritação no fotógrafo que parece também já ter tido algum envolvimento amoroso com a modelo.

Richard Maldonado: Advogado criminalista e vítima de um cruel assassinato. Segundo informações colhidas de seus pais e também de pessoas próximas a ele, era um marido exemplar, que amava a esposa e que fez o que pôde para encontrar Anne Maldonado, depois que ela desapareceu sem maiores explicações. Ainda, mesmo trabalhando em casos escusos, nunca foi vítima de ameaças, tampouco teve problemas com seus clientes.

O que ele mais desejava era restaurar seu casamento, por isso partiu até Piracicaba quando descobriu que era lá onde sua esposa se encontrava.

Ao fim da leitura eu respirei profundamente, no fim das contas, mesmo depois de morto, o cretino do Richard causava problemas a minha família, e pior, a polícia vinha o tratando como um santo.

— É Moratto... Mais um pouco e vão enviar um pedido oficial ao Vaticano, reivindicando a canonização de Richard Maldonado—revoltei-me, jogando ao papéis sobre a cama.

—A Anne, ela insiste que a polícia encontre uma tal de Sandra... Parece que ela era secretária e amante do senhor Maldonado. Ela nos contou sobre os dias que passou sob posse dos dois, e as atrocidades que ele fez com ela... Parece que a deixou em uma banheira cheia com água sanitária.

—E o delegado? Ele não foi atrás dessa mulher, sim, porque ela também tem que pagar...

—Até foram, mas não a encontraram... Já os nossos... Esses acho que vão se sair melhor.—Moratto sorriu timidamente.

—Certo.—Peguei meu celular e na tela havia dezenas de chamadas perdidas e centenas de mensagens.

—Sua esposa já sabe?

Neguei com a cabeça.

—Ela não entenderia... A Adriana é politicamente correta e isso complica tudo para mim, mas depois ela vai acabar aceitando.

—Seus filhos estão lá no hotel, brincando de investigadores... O Vargas está de olho neles...

Passei as mãos por meu rosto, eu tinha acabado de tomar uma decisão e não poderia esperar muito tempo para executá-la.

—Moratto, vamos seguir com o plano B — decretei.

—Tem certeza, senhor?—ele mostrou-se surpreso.

—Absoluta...

—Então eu vou pedir que tragam o acervo que reunimos, ele será a nossa garantia.

Olhei para ele e sorri.

—Por isso escolhi você — aponte o dedo para ele—Eu não preciso ficar mandando que faça nada, você tem iniciativa meu rapaz.

—Aprendi com o melhor. —bateu continência para mim e saiu.

—É... Eu só espero que vocês me entendam e me perdoem... —disse, com os olhos sobre a página de fotos nas mãos.



DANTE

—Fala para mim que não foi você quem matou aquele maldito!—rosnei, assim que entramos no meu quarto. A Ana e o Michel nos acompanharam, mesmo eu tendo implorado que eles fossem para a suíte deles.

Lorenzo largou as malas num canto perto da cama e engoliu em seco. Os olhos perdidos, a respiração curta e eu sabia que ele estava nervoso.

—Cara... Como pode pensar isso de mim?—pareceu-me ofendido com a pergunta. — O Richard bem que mereceu, mas a Anne está sendo incriminada e eu jamais faria algo que prejudicasse a mãe do meu afilhado.

—Dante, eu não acredito que você está achando que ele seria capaz disso! —Ana caminhou até mim e parou de frente para o fotógrafo. — Sabemos que ele é uma pessoa complicada e irresponsável, mas assassinato? Isso é um pouco demais.

—Obrigada, Ana Flávia... —Lorenzo agradeceu-a de forma fria. Parecia chateado com ela. — Eu até tinha razões para dar cabo da vida daquele infeliz, só que eu não fiz isso e juro que cheguei a pensar que tinha sido você.

—Eu? —Arregalei meus olhos.

—Claro que sim, afinal, ele levou a sua mulher, a fez abandonar o

próprio filho e um monte de coisas que eu não gosto nem de pensar.

Olhei para o meu amigo, depois para a minha irmã e para o Michel, a impressão que eu tive, foi que todos esperavam uma resposta minha.

—A que ponto nós chegamos... Aquele monstro morreu e com isso, fez algo muito ruim... Acabou plantando a dúvida, a desconfiança entre nós...

—A questão nem é essa, Dante — Michel falou pela primeira vez. — Um homem que faz as coisas que fez, acaba despertando a raiva e a ira em muitas pessoas, portanto, tenha certeza de que tem muito mais gente com motivos para ter acabado com o Richard Maldonado, só que não podemos esquecer que quem o matou, tinha também uma vontade de colocar a culpa na esposa...Tenho a impressão de que foi planejado.

—Gente, vocês já ouviram aquela expressão: a ocasião faz o ladrão? Então, pode ser que quem o matou, apenas viu na Anne uma oportunidade de se safar... — minha irmã opinou.

Lorenzo suspirou.

—Eu nem sei mais o que pensar... Vim até aqui porque estava preocupado com a Ana Flávia, e também com Anne, mas esse crime acabou mudando os rumos de tudo e agora nada mais parece fazer sentido. — ele sentou-se na ponta da cama.

Passei as mãos por meu rosto, eu precisava de um banho.

—Olha, nos hospedamos aqui para tentar encontrar uma pista, ouvir uma conversa, ou simplesmente acalmar a nossa alma, por não estarmos de braços cruzados, então, vamos seguir com o planejado. Vamos dar um tempo e depois vamos circular pelo hotel... Amanhã de manhã nós vamos embora daqui.

Michel segurou a mão da Ana e assentiu com a cabeça.

—Nós precisamos mesmo descansar um pouco, do contrário, vamos acabar surtando no meio dessa loucura.

—Tudo bem, vamos seguir com o plano. —ela, ao lado de Michel, caminhou na direção da porta. Lorenzo acompanhou-os com os olhos.

— Quem é esse cara?—ele não resistiu.

—Por que não pergunta diretamente para mim?—Michel estufou o peito e deu um passo à frente.

—Por que eu não quero falar com você. —respondeu ele, de imediato.

—Ei... O que é isso?—Ana colocou-se entre os dois. —Acho que já temos problemas demais. Não acham?

—Diga isso ao folgado do seu amiguinho... —Michel apontou o dedo na direção de Lorenzo que revidou.

—Folgado é você! Chegou agora e quer marcar território, bem como um cachorro vira-latas.

—Perdeu o juízo? Eu mostro para você o que o vira-latas pode fazer...

—Pelo amor de Deus!—falei mais alto. — Ficaram malucos? Querem mesmo chamar toda a atenção para nós, começando uma briga aqui?

—Vamos Michel!—Ana arrastou o rapaz até a porta e a abriu.

Do lado de fora, um homem vestido com roupas sociais, acompanhado de dois policiais, parecia pronto para bater e ele sorriu quando colocou os olhos sobre nós.

— Os irmãos Ferraz e Lorenzo Rizzato... Isso é o que eu chamo de golpe de sorte. —ele sorriu.

— Em que podemos ajudá-los?—senti meu sangue gelar em minhas veias.

—Bem, senhor Dante Ferraz... Eu sou o investigador Vargas e estou encabeçando o caso de assassinato de Richard Maldonado, que aconteceu aqui... Neste hotel... Mas isso vocês devem saber.

—Sim, sabemos. —tentei não titubear. —E também já prestamos esclarecimentos ao delegado, mais cedo.

— Eu sei, mas agora é formal, então, vamos pular toda aquela parte protocolar onde eu entrego as intimações e vocês leem, porque acho que essa reuniãozinha aqui, só confirma o que eu já suspeitava. — ele parecia irritado.

—Eu não estou entendendo... — menti, eu sabia bem que o que estava acontecendo.

—Eu vou ser bem claro, senhor Dante Ferraz. Nós temos fortes motivos para acreditar que um de vocês, ou ainda, todos vocês estão envolvidos na morte do senhor Maldonado, portanto, é essencial que nos acompanhem. Precisamos que prestem alguns esclarecimentos.

—Não precisamos ir, não é Dante?—Ana Flávia mostrou seu incomodo.

—Não temos o que esconder, portanto, nós vamos. — Decidi, porque sabia que se nos negássemos, acabaríamos colocando uma lupa sobre nós.



Na frente da delegacia, o movimento de pessoas era o mesmo que no de uma entrada para um grande show. Carros com adesivos de reportagem ocupavam todo o quarteirão. Todos os veículos de comunicação estavam representados com pelo menos uma dupla de repórteres.

—Dante... Veja à proporção que isso tomou. —Ana Flávia enfiou-se entre os bancos do meu carro, enquanto eu tentava, em vão, encontrar um lugar para estacionar.

Optamos por irmos todos em um só veículo, mas, ainda que informalmente, estávamos sendo escoltados, já que havia uma viatura em nossa frente e outra atrás de nós.

—Pode parar numa das vagas exclusivas para PMs. —Um dos policiais me abordou sinalizando para o lugar em questão.

Isso foi o bastante para que a atenção dos jornalistas se voltasse para nós.

"É ele... Aquele é o amante da assassina!", alguém gritou.

"Sim, é ele mesmo... Dante Ferraz... Outra pessoa concordou."

Olhei para o Lorenzo, que estava do meu lado e ele empalidecera, na testa, gotículas de suor se formavam, ainda que não fizesse calor.

—Essa gente não tem mais o que fazer? —Ana revoltou-se. —A essa hora da noite e estão aí, como um bando de desocupados!

A preocupação não era apenas nossa, pude notar no rosto do Vargas, que desceu e veio direto até mim, que nem ele esperava por aquela "recepção".

—Eu já chamei reforços... Fiquem aí dentro até que os outros policiais cheguem, eles vão impedir que os jornalistas tenham acesso a vocês —avisou, curvando-se na minha janela.

—Eu não estou entendendo todo esse alvoroço. —confessei para ele.

—Nem eu. —ele levou uma das mãos até o queixo.

Enquanto a noite era iluminada pelos flashes que disparavam sem cessar, eu vi quando cinco ou seis homens fardados cortaram a multidão e caminharam até nós, para formarem uma barreira em torno do meu carro.

—Sampaio, o que está acontecendo aqui? Por que inferno esse bando de abutres pousou na delegacia em peso?—Vargas rosnou.

—Senhor... Eu não sei de que forma, mas eles souberam sobre a

reviravolta do caso... Eles chegaram logo depois que o assassino do senhor Maldonado veio se entregar.

Outra vez meu corpo foi impactado e reagiu como e eu acabasse de levar uma pancada na cabeça.

—O quê?—Ouvi um sussurro da Ana e sua voz parecia ecoada.

—Que parte dessa história eu perdi?—Vargas, assim como eu, mostrou-se atordoado.

—Aconteceu agora, nós não tivemos tempo de avisar o senhor, porque estamos tendo que lidar com isso aqui... A informação vazou, a imprensa está cobrando um pronunciamento formal do delegado... Resumindo, as coisas estão fugindo do nosso controle —explicou o policial.

Num ímpeto de ansiedade, abri a porta do carro e fiz menção de descer, mas Vargas permaneceu parado, o que me impediu de fazê-lo.

— Disse que o assassino se entregou... Isso significa que a Anne não foi a culpada, certo?—indaguei, oscilando olhares entre os dois homens.

Vargas negou com um movimento de cabeça.

—Isso não significa nada, até porque, essa pessoa pode ser simplesmente o cúmplice dela.

Sampaio pigarreou.

—Bem, o homem diz que agiu sozinho e está sendo interrogado neste momento.

—Então vamos entrar logo nessa delegacia!—Ana desafiou o cinto de segurança.

—Sua irmã tem razão... Somos os maiores interessados, portanto, temos que ficar a par dos fatos. —Lorenzo fez o mesmo.

Michel foi o único que permaneceu em silêncio, ele mexia no celular e parecia apreensivo.

—Precisa ficar calma, Flavinha. —ele afagou seu rosto.

—Calma? Essa palavra nem existe mais no meu vocabulário... Eu juro que não sei se amo ou odeio essa pessoa que matou o Richard... —resmungou ela, arrancando um olhar reprobatório de Michel.

Cercados pelos policiais, fomos levados para o interior da delegacia, e, enquanto passávamos por entre as pessoas que se aglomeravam na entrada do prédio, as perguntas que chegavam até mim eram cruéis.

A impressão que eu tinha era a de que todos tinham certeza que Anne era mesmo a assassina e, que a morte de Richard fora um plano armado entre

ela e o amante, no caso, eu. Além disso, o nome da minha família aparecia insistentemente, como se todos fôssemos coniventes com o crime.

—Leve-os para a minha sala. — Vargas instruiu Sampaio e ele nos apontou um corredor cheio de portas, entramos na penúltima delas.

—Que loucura é essa...?—Lorenzo correu até o bebedouro e encheu um copo com água.

Michel permanecia estranho, esperou que meu amigo se afastasse, também pegou um pouco de água e entregou a Ana.

—Não quero, obrigada. — ela sentou-se uma das cadeiras.

—Beba... — ele insistiu.

—Já disse que não quero... Não estou com sede.

Lorenzo soltou um riso de escárnio.

Enquanto eles viviam sua própria guerrinha de egos, eu só pensava na Anne na possível prova de sua inocência.

Uma mesa, um armário grande de aço, uma estante cheia de pastas, um ventilador com as grades cheias de poeira, cadeiras e um bebedouro. Tudo iluminado por uma luz amarelada que imitava a claridade do sol, chegando a confundir se noite ou dia. Aquele era o cenário o qual eu passara e repassara os olhos, esperando que alguém entrasse pela porta que era protegida por Sampaio.

Outra vez naquela delegacia e as horas ali pareciam ter um tempo diferente do de outros lugares, cada volta dos ponteiros do meu relógio de pulso, parecia levar o dobro ou o triplo de tempo.

Minha irmã já tinha se levantado e se sentado por pelo menos uma dezena de vezes, o Lorenzo passava as mãos pelos cabelos de modo compulsivo e o Michel, esse parecia uma estátua, permaneceu em pé com os braços cruzados nas costas e seus olhos ficaram nela, a minha irmã.

Rasgando o silêncio ensurdecedor daquele lugar, o som de passos vindos em nossa direção, colocou todos em alerta. Voltamos nossas cabeças para a porta e ela foi aberta.

—Desculpem a demora. — Vargas entrou num rompante.

Levantamo-nos ao mesmo tempo.

—E então?—Fui o primeiro a perguntar. —Bem, temos sim um assassino confesso e ele afirma ter agido sozinho, descartando a participação de Anne Maldonado... —com cautela, pôs-se a falar.

—Ah! Graças a Deus!—Ana abraçou-se a mim, emocionada.

—Isso significa que ela será libertada?—Lorenzo adiantou a minha indagação.

Vargas juntou as sobrancelhas e colocou as mãos nos bolsos da calça.

—Na verdade, isso significa que mudaremos nosso foco, e, que se for provado que a senhora Anne não teve mesmo participação, será sim liberada, mas até o fim do processo, todos, inclusive vocês, continuarão sob investigação.

—Então, podemos voltar a respirar... Afinal, no fim ficará provado que assim como a Anne, a nossa família acabou sendo uma grande vítima do Richard Maldonado. —Ana mostrava-se confiante, enquanto eu, tinha outra pergunta faiscando em meus pensamentos.

— Senhor... Poderia nos dizer quem matou Richard Maldonado?— Dei um passo à frente, colocando-me bem perto de Vargas.

Ele coçou o rosto e olhou para cada um de nós, antes de voltar-se para mim.

—Quem o matou, eu ainda não posso afirmar, mas... Quem diz tê-lo feito, é alguém que vocês conhecem bem... —Ele parecia receoso em dizer.

—Conhecemos?—Anne quase gritou e Michel correu para o lado dela.

—Carlos Alberto Ferraz... Este é o nome do homem que diz ter matado Richard Maldonado.



Capítulo 30

Anne

Não sei se diante daquele inferno, eu podia considerar-me munida de sorte, de qualquer maneira, não ter sido levada para a penitenciária feminina e colocada junto de algumas dezenas de criminosas, foi sim, encarado por mim, como uma intervenção divina ou algo próximo disso.

O delegado, depois de uma longa conversa com meu advogado e também com os membros da sua equipe, decidiram que pelo menos naquele dia eu permaneceria ocupando uma das salas da delegacia, no entanto, tudo transcorreria como se eu estivesse detida em uma cela.

Não vi a cor do sol e não tinha noção de que horas eram, apenas saía dali para responder em exaustão às mesmas perguntas e depois voltava a ficar trancafiada.

O doutor Adilson havia me dito que tentaria entrar com um pedido de habeas corpus, evitando assim que eu fosse transferida. Ele não escondia o receio de que eu fosse, literalmente, jogada na jaula com leões.

Ainda sem noção de tempo, depois que me permitiram tomar um banho e que me serviram um jantar, que eu nem toquei, deitei-me em um

colchonete no chão e mantive meus olhos perdidos no teto com pintura descascada.

Outra vez fiz uma viagem interna, deixei meus pensamentos soltos, esforcei-me ao máximo para encontrar a ponta daquele emaranhado de problemas e acabei descobrindo que eu sabia bem aonde tinham começado.

O arrependimento por ter sido tão omissa comigo mesma, permitindo que Richard exercesse sobre mim seu total domínio, além de ter me deixado acreditar que aquilo era amor... Agora ele estava morto, eu, acusada de ter tirado sua vida, meu filho de poucos meses de vida estava longe de mim, e essa situação estava a poucos passos de se tornar permanente.

Se eu fosse de fato condenada pela morte de Richard, não permitiria que levassem meu filho até uma penitenciária, na verdade, se eu não conseguisse provar minha inocência, preferiria que Anthony não tomasse conhecimento da minha existência.

Essa ideia acabou arrancando-me lágrimas e eu chorei, até adormecer.

—Senhora Anne Maldonado... A senhora tem uma visita. —a voz do soldado Moratto entrou em meus sonhos e eu me sentei em sobressalto.

—Uma visita? Que horas são? —Expus toda a minha confusão.

—Eu não me apegaria a esses pormenores... Agora se me permite opinar, apresse-se! Acredito que vai se arrepender se ficar perdendo tempo aqui. —alertou-me com uma postura menos séria.

Corri até o banheiro, joguei uma água no rosto e escovei os meus dentes, imaginei que pudesse ser o Dante. Antes de passar pela porta, as algemas foram colocadas de volta em meus punhos e eu tive a impressão de que nunca me acostumaria com elas.

Caminhei na frente do policial e ao fim do corredor eu pude ver o doutor Adilson parado na porta da penúltima sala, lugar onde eu vinha sendo interrogada. Suspirei imaginando-me tendo que passar por outra bateria de perguntas maçantes.

—Bom dia, senhora Anne... Como foi sua noite? — Ele estendeu-me a mão.

—Acho que não posso nem me dar ao luxo de reclamar, porque embora esteja ruim, poderia ser pior, então... —encolhi meus ombros e notei seu olhar de pena para mim.

—Bem, acredito que as coisas vão melhorar um pouco. —ele fez sinal para que eu transpusesse a porta e assim eu o fiz.

Diferente do que eu imaginava, não era o Dante quem me esperava, mas sim o delegado, acompanhado do Vargas, o tal investigador que conheci no hotel e que parecia estar certo da minha culpa.

—Bom dia... —os dois disseram ao mesmo tempo e seus rostos também estavam em sintonia, ambos exibiam uma carranca.

—Aconteceu alguma coisa? —indaguei, oscilando olhares entre eles e o doutor Adilson.

— Tire as algemas dela — o delegado ordenou a Moratto e foi obedecido de imediato.

Estiquei os meus braços na direção do soldado e senti-me aliviada por livrar-me daquele acessório.

—Assine nos locais indicados, por favor. —Vargas empurrou-me algumas folhas e colocou uma caneta sobre elas.

Imediatamente encarei meu advogado e ele sorriu discretamente.

—Pode assinar, Anne. Eu já li e está tudo correto... Este é o seu habeas corpus.

—Estão falando sério? —meu coração saltava dentro do peito, a euforia se misturava ao medo de que aquilo não passasse de um sonho, uma vez que a minha cabeça estava uma confusão só.

—Sim. — O delegado, ainda que com uma expressão contrariada, confirmou.

Com as mãos trêmulas, segurei a caneta e assinei aqueles papéis com uma rapidez inédita. Todos mantiveram seus olhares em mim.

—Doutor Adilson, eu continuo sendo suspeita desse assassinato?

Os três homens se entreolharam e em cada um deles, nuances diferentes de apreensão foram notadas por mim.

—Um problema de cada vez, Anne. —meu advogado quis encerrar o assunto.

—Então, o senhor explique a sua cliente ciente que ela não pode deixar o país durante o inquérito e tudo mais o que ela precisa saber na qualidade de investigada.

—Eu sei bem o que devo fazer, pode ficar tranquilo, Vargas. — Doutor Adilson estendeu-me a mão e eu a segurei, levantando-me da cadeira. —Vamos, estão à sua espera.

—Está tudo certo para que ela saia pelos fundos, assim evitam a imprensa ou a maior parte dela. — foi a vez do soldado Moratto instruir-nos.

— O Dante? Ele está aqui?

— Não aqui, mas eu vou levá-la até ele. — ele colocou uma das mãos em minhas costas, como se quisesse me tirar daquela sala o quanto antes.

Seguimos por um corredor desconhecido por mim, atrás de nós, o soldado Moratto.

— O senhor vai com ela, eu saio pela frente para despistar os urubus. — Adilson parou bruscamente e ordenou ao policial.

— Entendido. — Moratto olhou para mim e abriu uma das portas que estavam a nossa direita.

— O que está acontecendo? — preocupei-me, vendo-o voltar com um colete acinzentado nas mãos.

— Anne, vai precisar vestir isso... Nós não sabemos ainda quem, verdadeiramente, está por trás desse assassinato, mas presumimos que sua vida também corre perigo, portanto, precisamos nos certificarmos da sua segurança — disse ele já passando a pesada peça pelo meu pescoço.

— Parece que eu perdi alguma parte, ou melhor, outra parte dessa história — reclamei enquanto o soldado fechava as laterais do colete.

— Digamos que essa... História, vem ganhando mais capítulos do que o esperado, portanto, é natural que se sinta perdida. — Adilson piscou para mim e girou sobre seus calcanhares. — Nos vemos daqui a pouco.



— Para onde estamos indo? — Perguntei, calculando que já fazia mais de quinze minutos que Moratto dirigia por uma estrada erma e sem asfalto.

— Sítio Moringuabá... Pertence à minha família. — falou sem olhar para mim.

— O Dante está lá?

— Sim, ele está. — Trincou o maxilar.

— Isso tudo é tão surreal... — bufei. — A minha vida foi virada do avesso...

— Eu aprendi com o meu pai que nem sempre a vida é fácil, aliás, na maior parte do tempo ela é complicada... Todo dia faz parte de uma batalha interminável, e geralmente, somos nós nosso principal inimigo.

—Está dizendo que eu sou culpada pelo que está acontecendo comigo? —revoltei-me sem saber como interpretar aquela analogia.

Ele moveu a cabeça de um lado para o outro.

—Na verdade, estou dizendo que você precisa relaxar um pouco, afinal, por mais que você frite seus miolos, que se puna mentalmente, culpando-se por isso ou por aquilo, certas coisas não estão ao seu alcance, portanto, não valem tanto desgaste. —sua voz era calma e ele prestava a atenção na curva fechada que estava a sua frente.

—Não vejo como relaxar estando dentro de um tufão, girando e sendo arrastada, sem ter aonde me agarrar.

Ele deu com os ombros, estávamos de frente para um grande portão de madeira, onde sobre ele, uma placa esculpida com letras góticas, dava conta de anunciar: Sítio Moringuabá.

Meu coração disparou, eu não sabia ao certo o que me esperava do outro lado, muito menos achava que a minha pele estava a salvo, porque tanto as imagens do Richard morto, as quais eu fui apresentada em diversas fotografias, quanto aquele colete pesando em meu corpo, faziam-me questão de emitir alertas de que eu não deveria respirar aliviada, no entanto, assim que o portão avançou lentamente e, que meus olhos puderam alcançar a imagem mais bonita que eu poderia ver, voltei atrás nas palavras ditas há pouco tempo, vendo neles um bom lugar para me segurar.

Havia uma casa avarandada e em frente a ela, Ana Flávia, Adriana, Lorenzo, meus pais, Dante e ele, a razão pela qual eu havia conseguido enfrentar todas aquelas mazelas, a motivação de que me mantinha em pé... Anthony.

O carro de Moratto ainda estava em movimento, mesmo assim eu abri a porta e saltei.

A saudade me matava, impedia-me de respirar e enquanto eu corria na direção de cada um daqueles que eu amava com todo o meu coração e com a energia da minha alma, lágrimas escorriam em bicas, tanto, que embaçavam meus olhos, fechei-os e em meio à todas aquelas vozes que me saldavam e alcançada por tantos braços eu caí. Não como um tombo, mas sim porque apenas ali eu pude ver o quanto havia lutado e como aquela luta havia me cansado.

—Por favor... Eu quero o meu filho... —murmurei com as mãos erguidas, meu pranto descontrolado, minhas mãos trepidando.

Dante ajoelhou-se do meu lado e entregou-o para mim.

—Toma... Ele estava mesmo morrendo de saudades de você, meu amor. — sua voz estava abafada, eu sabia que ele estava se segurando para não expor o tamanho de sua emoção.

Eu olhei para o rostinho do meu bebê e me surpreendi em como aqueles dias haviam o mudado. Os olhos pareciam mais expressivos, os cabelos mais escuros e cheios e quando seu sorriso banguela se escancarou para mim eu desabei.

Como foi que consegui ficar longe dele? Pensei, beijando-o incessantemente.

—Anne, minha filha... Agora pode imaginar como nós nos sentimos sem você? —minha mãe se abaixou do meu lado e afagou meus cabelos. Os olhos avermelhados denunciavam que ela tinha chorado muito.

—Eu não tive outra opção. —segurei sua mão e a beijei, como quando eu era pequena e pedia a sua benção antes de sair para o colégio.

—Eu sei, minha querida... Mas agora acabou... Estamos juntos de novo.

Assenti com a cabeça e meu pai também me cercou.

—Nem preciso repetir o que a sua mãe disse, porque ela só verbalizou o que está aqui dentro... —ele apontou para o próprio peito.

Eles me abraçaram e choraram, enquanto o Anthony apenas observava tudo com atenção.

—Será que eu também posso dar um abraço nela? —Dante arrastou-se para mais perto de mim.

—Claro... —minha mãe sorriu, afastando as lágrimas com as mãos. —Eu seguro o meu neto... —estendeu-me os braços pedindo pelo meu filho e confesso que a minha vontade foi de não entregá-lo.

Mas ele estava ali, o meu Dante, e eu sentia que tínhamos muito o que conversar.

—Ele é lindo, não é, mamãe?

—Um anjo... —ela não disfarçou o quanto estava apaixonada por ele.

—Nosso neto é mesmo um anjo... da guarda... —Adriana também se aproximou, roubando-me um abraço rápido —Ela é toda sua. —Adriana afastou-se para o lado e Dante não perdeu tempo, bastou uma fração de segundos e eu já estava envolvida em seus braços, dentro de um abraço apertado, aquele que era a ponte que me levava direto ao paraíso.

—Eu nunca mais te solto... Eu nunca mais permito que se afaste de mim... — ele murmurou por repetidas vezes.

— Nem eu suportaria se isso voltasse a acontecer... —confessei minha tormenta.

—Hu-rum... —um pigarro desviou minha atenção para Ana Flávia, que tinha o rosto coberto por uma tonalidade carmim intensa. — Embora eu não use capa e nem aquele macacão agarradinho, sou eu a heroína dessa história.

Dante suspirou e soltou-se de mim.

—Devo confessar, minha irmã se superou dessa vez... Graças a ela, nós descobrimos o seu paradeiro.

Ela me agarrou com seu jeito espevitado e outra vez as lágrimas foram as protagonistas.

—Eu tive tanto medo de que aquele maldito tivesse feito algo contra você...

—Eu sei, Ana... E agradeço por ter confiado em mim, quando tudo fazia pensar o contrário. —segurei o seu rosto dentro das minhas mãos.

— Eu sabia que você não nos abandonaria por vontade própria, mesmo antes de ler aquele bilhete.

—Ah... Então foi mesmo você quem o achou...

—Anne... —Lorenzo se aproximou timidamente. —Saiba que eu também fiquei muito preocupado... Eu tenho uma imensa consideração por você.

Puxei o ar e encarei cada um dos ali presentes.

—Vocês... Todos vocês tem uma parte do meu coração e por isso, são o que me mantém viva... —fiz uma pausa. — O Carlos Alberto...? Onde ele está? —indaguei com muita estranheza.

Todos se entreolharam e eu notei a que Adriana parou de respirar por um instante.

—Anne, muitas coisas aconteceram... Tantas que eu nem sei por onde começar, mas...

—Mas? —interrompi a explicação de Dante.

—O meu pai... Ele está na delegacia. —Ana intrometeu-se.

Passei as mãos por meu rosto.

—Ai, que susto! Então ele deve estar ajudando nas investigações.

Dante engoliu em seco e Lorenzo fez uma careta.

— Na verdade... O meu marido está preso... Ele diz ser o responsável pela morte do Richard.

O chão faltou sob os meus pés e meus olhos foram diretamente para Moratto, que não havia me dito nada.

—Pessoal, eu estou aqui, justamente para explicar tudo sobre essa confissão do senhor Ferraz... —juntou as sobrancelhas. —Peço que me ouçam, com o coração e com a mente aberta...

As atenções estavam sobre o soldado Moratto e algo me dizia que teríamos outra dose de fortes emoções.



Capítulo 31

Dante

Nada tinha me preparado para aquela notícia e, por mais que meu pai fosse um cara treinado para matar se fosse preciso, eu tinha certeza de que ele jamais faria isso, ainda mais com tamanha crueldade, como foi o assassinato do Richard.

Eu até tentei convencer o delegado a me deixar vê-lo, eu queria tirar aquela história a limpo, mas na ocasião não nos foi permitido fazer nenhuma visita.

Minha irmã havia ficado muito impactada, embora desejasse que Richard pagasse por suas maldades, não era o fim que ela queria para ele, ainda mais sendo pelas mãos do nosso pai.

Depois de sabermos sobre a sua prisão, tivemos que avisar nossa mãe e foi outro momento terrível. Por bem nós tínhamos o doutor Adilson e sua experiência foi muito valiosa para nós. Ele cuidou de tudo, desde um lugar para ficarmos sem sermos importunados pela imprensa, até trazer os pais da Anne para se juntarem a nós.

Ele nos contara sobre o habeas corpus e em meio a tantas tristezas, receber a notícia de que a Anne seria libertada acabou por me dar um sopro de alegria.

As horas daquele dia se arrastaram, a cada ranger dos portões de madeira do sítio para onde fomos levados e meu coração reagia com mais entusiasmo. Confesso que encontrar os pais da Anne foi muito emocionante, mas tenso também, afinal, eu os conhecia, ainda que pela perspectiva da minha mulher, já eles, sequer sabiam da minha existência e também, seria a primeira vez que eles veriam o Anthony.

Como eu previa, foi um encontro encantador e mais, revelador, porque quando avós e neto se uniram em um abraço cuidadoso, não havia nada entre eles... Tempo, distância, estranheza... Nada disso existiu e foi mágico.

— Ele é tão lindo... — disse Helena, com os olhos cheios de lágrimas.
—Muito parecido com minha filha.

Decidido a reparar todo o mal que Richard fizera àquela família, obrigando-os a ficar por tanto tempo afastados, deixei que Jonas e Helena ficassem à sós com o meu pequeno, achei que eles mereciam estreitar os laços.



Algumas horas juntos e nós estávamos mais entrosados, os pais de Anne contaram coisas terríveis sobre o Richard e eu cheguei à conclusão de que ele era mesmo um doente. Pedi que eles não falassem para a Anne sobre o que passaram, ao menos a princípio, ela havia sofrido tanto que eu não queria que fosse ainda mais ferida.

No fim da tarde, sentindo a ansiedade consumir a minha paz e enfim ela chegou. Minha Anne. Embora eu desejasse tê-la só para mim, enquanto ela corria em nossa direção, eu sabia quem seria o primeiro a receber sua total atenção... Anthony foi tudo o que ela quis e eu concordei absolutamente.

Como se não bastassem todas as emoções vividas por mim nos últimos tempos, vê-la finalmente de volta ao seu lugar foi alentador.

Ainda, mesmo com tantos motivos para comemorarmos, enquanto eu finalmente pude abraçar a Anne, o policial que a acompanhava, dava conta de que aquele era apenas um momento feliz, porque seus olhos desmentiam descaradamente o seu sorriso e era como se Moratto contasse o tempo até nos

chamar de volta à terra, ou melhor, de volta a nossa realidade.



A apreensão tomou conta de todos nós, que, reunidos na sala, mantínhamos nossos olhos fixos no soldado Moratto. Ele andava de um lado para o outro, a postura ereta parecia ameaçadora, mas ele era dono de um segredo e ao que tudo indicava, as informações que carregava dizia respeito a todos nós.

— Fale alguma coisa, pelo amor de Deus! — implorou Anne, adiantando apenas o que eu mesmo iria falar. — Você está deixando tudo mundo agoniado. — Ele venceu a testa e encarou a mim.

— Desculpe... Eu entendo vocês, mas eu prometi ao senhor Ferraz que explicaria o básico do plano! Não posso colocar tudo a perder, não agora que estamos quase o concluindo...

—Plano? —Ana Flávia levantou-se com um salto. —Escuta aqui, seu soldadinho de chumbo! Se você presa pela sua vida, é melhor contar tudo o que sabe, porque eu já estou surtada mesmo, então, eu não me provocaria se fosse o você!

—Flavinha... —Michel segurou-a pelo braço, enquanto pedia desculpas apenas mexendo os lábios, para o seu colega de profissão. — Sente-se e ouça o que ele tem a dizer.

—Eu concordo com a Ana... —Lorenzo escolheu um lado. —Se esse cara sabe de alguma coisa, não tem porque ficar cheio de mistérios. Moratto balançou a cabeça sutilmente, reprovando o que acontecia naquela sala.

—Bem... Uma coisa eu posso garantir... O senhor Ferraz não matou Richard Maldonado... — disse calmamente, passeando os olhos para cada um de nós.

—Oh! Graças a Deus! —minha mãe não disfarçou seu alívio. —Eu sabia que meu marido jamais agiria com tamanha frieza...

—Ele fez isso por mim, não foi? —Anne também se levantou e parou na frente do soldado.

—Ele fez por todos vocês, afinal, esse assassinato vai muito além de

um homem que foi brutalmente morto... —seu semblante transformou-se de preocupado a temeroso. —Quem quer que tenha feito isso, não vai parar por aí. Acreditamos que todos vocês são alvos, por isso decidimos trazê-los para este sítio... Aqui é um lugar muito seguro e por ser afastado, é pouco conhecido.

—Então... Acha que podemos acabar como aquele crápula? —Ana Flávia estremeceu e foi amparada por Michel. —Acha que alguém pode estar querendo nos matar?

—Temos que agir, pensando que sim, e só dessa forma poderemos nos preparar para o que quer que venham tentar, mas fiquem calmos, se tudo correr como prevemos, não vai demorar muito até que peguemos o verdadeiro assassino.

—Nada me faz mudar de ideia! —Anne declarou. —Para mim, a Sandra, aquela secretária maluca do Richard, está por trás disso... Se tivessem visto tudo o que eu vi...

—Ei, amor... —puxei-a para perto de mim. —Não quero que fique acessando essas lembranças... O doutor Adilson está atrás dessa doida e eu tenho certeza de que vai achá-la.

— Eu vou poder ver o meu marido? — perguntou minha mãe, com lágrimas nos olhos.

—Como eu disse antes, dessas partes burocráticas, é o doutor Adilson quem cuida, mas eu acho que ele vai dar um jeito de conseguir que a senhora se reúna com o seu marido... Daqui à pouco ele estará aqui e vocês poderão tirar todas as dúvidas com ele.

Todos concordamos e nesse momento Anne pediu licença e saiu, eu fui atrás dela e a vi parar no corredor.

— O que foi? No que você está pensando? —abracei-a pelas costas.

— Eu? —ela virou-se para mim, os olhos tristes. — Sinceramente estou pensando no trabalho que venho dando para a sua família... Eu não queria isso. — Fechei meus olhos e coleí minha testa na sua.

— Em primeiro lugar, é a nossa família... Em segundo, você não dá trabalho nenhum, amor. Isso pelo que estamos passando, não foi, e, não é culpa sua... Nunca pense que você foi o gatilho, porque não foi... A culpa foi daquele doente e de quem é tão ou mais insano do que ele.

—Não tem jeito, Dante... O Richard foi assassinado, mas parece que está mais vivo do que nunca... —ela choramingou.

Acaricieei o seu rosto, estava morto de saudades e, apesar de aquele não ser o momento nem a circunstância mais apropriada, eu precisava senti-la. Com seu rosto entre as minhas mãos, inclinei-me para alcançar seus lábios e assim que o fiz, Anne gemeu, demonstrando sentir também a mesma necessidade. Entregamo-nos a um beijo profundo, intenso e cheio de promessas latentes.

— Você é a mulher da minha vida... Aquela por quem eu sempre esperei... —confessei, enquanto tentava recuperar o meu ar.

— Eu te amo... Muito, muito, muito... Obrigada por tudo — declarou-se me abraçando, a cabeça apoiada no meu peito. — Agora, se não for pedir muito, eu preciso urgentemente de um banho! Pode me mostrar onde eu posso fazer isso?

— Vamos para o quarto que eu separei para mim, é uma suíte... Minha mãe trouxe algumas roupas suas...

—Você pensa em tudo... — ela murmurou com um sorriso curvando seus lábios.

—Penso... Mas agora eu quero te fazer um pedido... —segurei suas mãos dentro das minhas.

—Quantos quiser, Dante.

—Eu imagino, ou melhor, nem consigo imaginar por tudo o que você passou, só que agora nós estamos aqui, juntos de novo e nada vai nos separar... Eu sei que do lado de fora, do outro lado dos muros deste sítio existe uma pilha enorme de problemas... No entanto, tudo o que nos resta é esperar, então... Vamos fingir? Vamos ignorar toda a maldade, a tristeza e vamos viver algumas horas de paz?

Anne deixou os seus olhos nos meus, parecia séria.

—Não vamos fingir... Estar com você me traz paz, de verdade, portanto, eu aceito o seu pedido, mas nada vai ser fingimento... —ela entrelaçou seus dedos nos meus e pôs-se a caminhar pelo longo corredor.

—Ali... O último quarto é o nosso... —avisei apontando com a cabeça.

Anne acelerou os passos e girou a maçaneta. Entramos no amplo cômodo e tudo ali era aconchegante. A cama de madeira esculpida, tinha um acortinado, tipo mosqueteiro em toda a sua volta. A colcha estampada com folhas de palmeira, trazia a natureza que cercava o casarão, para dentro daquele quarto.

Sobre uma cômoda, também confeccionada da mesma madeira escura, uma vitrola antiga que funcionava —eu mesmo testara anteriormente—, o último vinil tocado era um de duetos românticos e eu conhecia a maioria das canções ali. Deixei a agulha posicionada na minha preferida... Endless love.

Eu havia planejado ouvi-la na companhia de Anne, provavelmente, na hora em que fôssemos dormir, no entanto, a mudança de planos acabou saindo melhor que a ideia inicial. Caminhei até o aparelho e o fiz tocar.

—Acho que o Antohny está em boas mãos, não está? —ela sorriu, caminhando até o banheiro da suíte.

—Digamos que ele pode até escolher, afinal, as pessoas brigam para poder cuidar dele... —tranquilizei-a.

—Então... Acho que seria bom dividir o chuveiro com você. —ela piscou para mim.

Olhei para o banheiro e ele era simples, todo cinza claro, não havia banheira, mas dispunha de um chuveiro e um box amplo, cercado por um vidro fumê.

—Eu queria ter preparado um banho relaxante, uma banheira com sais e aromas, mas... —dei com os ombros.

Anne balançou a cabeça, negando, seus dedos alcançaram os meus lábios, como se ela quisesse que eu parasse de falar.

—Sem banheiras... —ela suspirou... —Vou ficar longe delas por um bom tempo.

Eu não a questionei, então, quando Anne levantou os braços, exatamente como uma criança que pedia para ser cuidada, eu não perdi mais tempo. Tirei a blusa larga que ela vestia e a joguei no canto perto da pia.

Minha mulher estava magra, por certo perdera seis ou sete quilos, mesmo assim continuava linda. Dei a volta em torno dela e desabotoei seu sutiã. Quando suas costas ficaram livres, distribuí beijos por toda aquela extensão e me diverti ao ver sua pele se eriçando.

Ainda, desci sua calça e também a última peça da sua lingerie. Anne era única, mesmo nua, mantinha a pureza e a delicadeza de um anjo. De joelhos, continuei depositando beijos por todo o seu corpo e ela me levava ao delírio a cada vez que estremecia.

—Eu amo cada pedacinho seu... —acabei pensado alto. Ela sorriu.

—Então me mostra... —correu para dentro do box e ligou o chuveiro, depois escorregou o corpo até sentar-se no chão.

Desvesti-me rapidamente e juntei-me a ela, sentando-me na sua frente.

A água quente caía sobre nós, Anne se arrastou e colocou as pernas em torno da minha cintura. Suas mãos deslizavam por minhas costas e as minhas tinham urgência de explorar todo o seu corpo.

Por alguns instantes conseguimos deixar nossos problemas de lado. A música romântica, o cheiro do sabonete de rosas, a minha mulher de novo em meus braços, sussurrando o meu nome enquanto nos amávamos e eu sabia que aquilo era ser feliz... Pelo menos por alguns instantes...



Capítulo 32

Anne

Estar nos braços do Dante foi minha redenção. Deitados sobre uma cama macia, coberta por lençóis limpos e cheirosos e eu me permiti relaxar. O som calmo da sua respiração e seus batimentos regulares, pareciam música para os meus ouvidos.

—Eu vou buscar nosso filho... Acho que todo mundo pôde tirar uma casquinha dele... —beijei rapidamente os lábios de Dante e me levantei.

—Seus pais ficaram babando nele... Foi lindo o momento em que se conheceram e o nosso filho nem os estranhou... —Dante sentou-se e sorriu.

—Eu ainda estou assimilando tudo isso... Mas preciso agradecer você por tê-los trazido até aqui... Eu cheguei a pensar que nunca mais os veria...

—Eu prometi que te daria um céu inteiro, não prometi? — assenti com a cabeça.

—Eu já volto... —emocionei-me. —Vou buscar a minha estrela mais brilhante. —saí e ouvi a voz de Ana Flávia, vinda da sala.

—A mamãe chegou... —ela estava com o Anthony nos braços, tentando fazer com que pegasse a mamadeira. —Este garoto é um comilão.

—Eu percebi, meu filho está uma bolinha... —estiquei os meus braços e ela entregou-o para mim.

—Quer tentar amamentá-lo?

Balancei a cabeça, negando com tristeza.

—Só se for na mamadeira mesmo... Depois de tudo o que passei, o meu leite secou...

Ana Flávia franziu o cenho e seus belos olhos verdes ficaram cheios de lágrimas.

—Eu sinto muito, minha amiga... —entregou-me a mamadeira. — Mas fique tranquila, o nosso menino se adaptou bem a esse “*seio artificial*”, ele é um guerreirinho... Igualzinho à mãe.

Aconcheguei-me em uma poltrona e a Ana sentou-se na minha frente.

—Vamos mudar de assunto? —quis desfazer o clima de consternação.

—E sobre o que quer falar? Se for sobre as últimas tendências da moda, eu estou por fora. —brincou ela.

—Aquele moreno, alto, bonito e sensual... De onde ele surgiu?

Ana cobriu o rosto com as mãos, em seguida curvou-se na minha direção.

—O Michel é mais um dos meus ex-namorados...

—Mas parece que quer retomar o posto, porque o jeito com que ele olha para você...

—É, mas infelizmente eu queria que esse tal olhar viesse de outra pessoa.

—ela fez uma careta.

—Lorenzo.

Ela concordou com um movimento de cabeça.

— Mas eu acho que nunca vai acontecer... Somos como imãs, só que com polos iguais, entende? — eu ri da sua analogia.

—Entendi... Mas a vida vem me mostrando que todos nós fazemos parte de um plano, e, se for para ficarem juntos, vão ficar.

—Eu sou de escorpião, ele é de leão... Segundo o meu mapa astral, nunca vai dar certo. —ela jogou a cabeça para trás e eu não consegui evitar uma gargalhada.

—Eu senti muita falta desse seu humor peculiar... — entreguei a mamadeira vazia para ela. — Anthony havia tomado todo o leite.

Ana piscou para mim e se levantou, abraçando-me em seguida.

—Eu também senti muita falta de você...



Passava da meia-noite quando o doutor Adilson telefonou para o Dante. Eles falaram por cerca de quinze minutos e eu notei uma apreensão em seu rosto.

—O que foi, meu amor? Essa ligação... Há essa hora...? —indaguei, assim que ele desligou.

—O Adilson não pôde vir porque as coisas ficaram meio complicadas...

—ele colocou o celular sobre o criado mudo e cruzou os braços sem me encarar.

—Complicadas? Em que sentido? —desesperei-me. — Tem a ver com o seu pai? Aconteceu alguma coisa com ele?

—Calma... —Dante segurou-me pelos ombros —Não há com que se preocupar. Meu pai está bem, estamos seguros aqui, então, não quero que fique assim. —ele me abraçou.

—Disse que as coisas se complicaram. —afastei-me para encará-lo — O que seriam essas tais coisas? — ele suspirou, fechou os olhos e estalou os lábios.

—Os homens que estão trabalhando para o meu pai, encontraram um corpo... Pelas características, estão achando se tratar da tal Sandra. — contou-me com cuidado, como se escolhesse cada uma das palavras.

Meu sangue gelou em minhas veias, minha cabeça girou e tudo em minha frente saiu de foco por um instante.

—Meu Deus! —leveei as mãos até a minha boca. —Será que vão desconfiar de mim?

—Seria humanamente impossível... O doutor Adilson me disse que ela deve ter sido morta há pelo menos vinte e quatro horas, portanto, não tem como desconfiarem de você, principalmente, porque ela não foi encontrada aqui, mas sim, em Campinas, que fica perto de Piracicaba.

Eu não sabia o que pensar, não conseguia encontrar uma explicação coerente para justificar a morte da Sandra, a não ser que...

—Dante... Será que ela se suicidou? Sim, porque a mulher era

completamente apaixonada pelo Richard, então, se não foi ela quem o matou, de repente pode não ter suportado a perda dele. — verbalizei a primeira hipótese que me veio em mente.

—Não... Eu não perguntei, mas pelo jeito que o seu advogado falou, não se trata de um suicídio.

Sentada sobre a cama, encolhi as minhas pernas e abracei-as, enfiando a cabeça dentro dos meus braços.

—Parece um pesadelo sem fim... Quando eu penso que as coisas estão se resolvendo, elas só pioram... Mais e mais... Outro assassinato, Dante... Outra morte, outro rastro de sangue e eu sinto como se estivesse intimamente ligada a isso.

—Eu te entendo. —ele afagou meus cabelos. —Embora eu tenha nascido com meu pai já sendo um policial, eu confesso que nem no auge da sua profissão eu pensei que nos envolveríamos em algo tão assustador, mas eu insisto, a culpa não é sua, nem minha e nem de ninguém que só pensa e faz o bem... Se esse corpo for mesmo da Sandra, ela sim procurou por isso, porque se envolveu com o Richard, sabendo exatamente quem ele era.

—Ele tinha capangas... Homens que trabalhavam para ele... Eu ouvi quando ele pediu que matassem o Sanches. —eu chorava.

—Eu tinha certeza de que meu amigo não fora vítima de latrocínio, mas sim, de uma emboscada... Pobre Sanches. — Dante não pareceu surpreso com a minha revelação. —Só que agora, Anne, não nos resta nada além de esperar... O Richard morreu, no entanto, parece ter deixado discípulos espalhados por aí.

Não respondi nada, apenas me aninhei em seu peito e permaneci ali, pensando e repensando naquela ciranda de horror a qual fomos forçados a participar. Sentindo a minha cabeça exausta, acabei adormecendo, sentada, nos braços de Dante.

Acordei um tempo depois, confusa e com o meu pescoço latejando por culpa da péssima posição. Pensei em acordar o Dante, mas bastou que eu me afastasse um pouco e ele, ainda que de modo letárgico, acabou se ajeitando na cama, sem despertar.

Virei-me para voltar a dormir, mas a minha cabeça parecia não parar. Richard, o senhor Ferraz e a Sandra... Pensar neles me despertou um amontoado de sentimentos controversos, mas foi um aperto no peito que me fez querer ver meu filho.

Levantei-me cuidadosamente e abri a porta, tentando não fazer barulho. Eu não sabia ao certo onde o Anthony estava, afinal, minha mãe não queria largá-lo, mas a Ana Flávia havia encarnado o anjo da guarda e se mostrava relutante em sair do lado dele. No meio dessa disputa havia ainda a Adriana, mas ela mesma dissera, tinha aproveitado bastante o neto nos últimos dias.

Como eu imaginava, era a minha cunhada quem estava com meu bebê. A Ana estava deitada em um colchão no chão da sala, em seu peito, meu menino dormia serenamente. No sofá de três lugares, Michel também parecia desfrutar de um sono profundo, enquanto Lorenzo, encolhido, teve de se fazer caber na poltrona menor.

Não tive como não rir, a cena era hilária, de fato. Pensei em pegar o Anthony e levá-lo para dormir comigo, mas ele parecia tão aconchegado no colo da madrinha, que eu senti pena de separá-los.

Com sede, segui para a cozinha, que ficava logo ao lado da sala. Havia um rádio ligado num volume baixo e bem no momento que transpus o cômodo, o locutor atualizou as horas, três e quarenta e sete da manhã.

Acendi a luz e fui direto até a geladeira, era antiga e o motor fazia um barulhão. Já com a garrafa de vidro nas mãos, olhei para a pia a fim de encontrar um copo, estiquei o braço e peguei uma xícara, a única coisa que estava no meu campo de visão.

Estava pronta para enchê-la com a água, quando senti a presença de mais alguém na cozinha. Imaginei ser o Dante e quando virei-me para olhar, o susto foi tão grande que eu soltei a garrafa e a xícara que, quando triscaram o chão, emitiram um barulho alto e alarmante.

—Você? — foi tudo o que consegui perguntar.



DANTE

Eu sonhava com alguma coisa boa, Anne, Anthony e eu, num campo cheio de girassóis. A minha mulher estava linda, usava um arco de flores na

cabeça e seu vestido era claro e esvoaçante. De repente, o som de vidro quebrando me fez despertar e, com um salto coloquei-me de pé.

Meu estado de alerta não deixou que eu perdesse tempo, olhei para a cama e não a vi. Sem pensar em nada, saí do quarto correndo, passei pela sala e ouvi o choro do meu filho, a Ana Flávia estava com ele no colo e sua expressão era de pavor.

Não fiz nenhuma pergunta, apenas fui direto para a cozinha, de onde eu ouvi o bradar do Michel:

—Seu cretino! Vai se arrepender de nascido!

—Dante! —Anne correu até mim e abraçou-me aos prantos.

—Ligue para o Moratto!—Michel ordenou com uma arma apontada para a cabeça de um homem franzino, deitado no chão. Lorenzo estava sobre ele, imobilizando-o.

—Quem é você? —abaixei-me perto dele, queria ver o seu rosto.

—Ele é o valete do hotel Mont Blanc... Eu me lembro, foi ele quem carregou nossas malas na noite em que o Richard... —Anne interrompeu-se, sua respiração ofegante atrapalhava sua dicção.

—Então, ao certo ele trabalhava para aquele infeliz e se for isso, acho que montamos todo o quebra-cabeça. — opinou, Lorenzo.

—É isso mesmo? —perguntei com os olhos direto nos dele. —Você era um pau-mandado daquele covarde?

Ele piscou algumas vezes, parecia muito assustado.

—Eu não vim para fazer mal a nenhum de vocês... Na verdade, estou aqui em busca de ajuda.

Todos nos entreolhamos, Michel fez um sinal para que eu e Lorenzo nos afastássemos e num ato certo, puxou o cabelo do rapaz antes de segurá-lo com um mata-leão.

—Eu vou dar ao senhor dois minutos para explicar a razões que o fizeram invadir este sítio em plena madrugada e, se não for bem convincente, eu garanto, vai desejar nunca ter pisado aqui. —Michel ameaçou-o direto em seus ouvidos.



Parecia que assistíamos a um espetáculo. Todos, com exceção da Ana Flávia, que tentava acalmar o Anthony, estávamos em volta do rapaz, esperando ansiosos por sua explicação.

—Eu sei que já estou meio velho... Mas para proteger a minha filha, eu sou capaz de qualquer coisa. —o pai da Anne permaneceu ao lado dela, amparando-a, enquanto sua mãe tentava acalmar a minha.

—Vamos... Comece a falar. —ordenei.

Ele engoliu em seco, seus olhos param nos meus.

—Meu nome é Robson Martinez... Sou irmão da Sandra Martinez... Minha atenção voltou-se para a Anne, e ela parecia muito surpresa.

—Sua irmã trabalhava para o Richard... Ela foi cúmplice dele, ajudou-o a me torturar... —ela parou na frente dele com o dedo em riste.

Ele juntou as sobrancelhas, sua expressão era de dor.

—Minha irmã sempre foi apaixonada por aquele homem... Ela o venerava, por isso fazia tudo o que ele mandava. Eu tentei alertá-la, tentei convencê-la a sair de Piracicaba e vir morar comigo aqui, só que não teve jeito e aí... Deu no que deu. —ele encolheu os ombros.

—Na noite do assassinato... Você nos atendeu, chegou a perguntar se eu estava bem... Era tudo parte de um plano? —Anne questionou-o.

—Eu conto tudo... Mas preciso que me prometam que vão me ajudar a encontrar a Sandra. Ela está desaparecida faz dois dias, e, ela sabia demais... —ele fungou. —Eu tenho medo que ela se dê mal.

Anne e eu nos entreolhamos, sabíamos que era quase certo que a irmã daquele rapaz estivesse morta e isso causou-me um aperto no peito. Só que ela era a moeda de troca para que finalmente nós soubéssemos a verdadeira história do assassinato do Richard, portanto, eu precisava ser frio.

—Nós podemos ajudá-lo. —dei um passo à frente, aproximando-me dele. — Basta uma ou duas ligações e eu consigo os melhores investigadores que encontrarão a sua irmã em questão de horas... Mas como eu vou saber se podemos confiar em você.

—Exatamente... O que faz você pensar que tem alguma credibilidade? —Michel também se impôs.

Robson olhou para cada um de nós, sua respiração estava curta.

—Alguém tem um telefone celular? — Sua pergunta nos intrigou.

—Claro que sim. —Lorenzo adiantou-se, mostrando o seu aparelho.

—Então ligue no modo filmadora... O que eu tenho a dizer, vai

inocentar de uma vez por todas, tanto a mocinha, quanto o seu pai. —ele continuava com os olhos sobre mim.

—Estou gravando — avisou Lorenzo, com a câmera posicionada em Robson.



Capítulo 33

Dante

Ainda perplexo com tudo o que acabava de ouvir, eu encarava aquele rapaz e só pensava na dor que ele sentiria se a morte de sua irmã fosse mesmo confirmada... Ela estava grávida, do Richard, e esse fora o estopim para aquela desgraça.

—A gravação ficou ótima e, segundo o robocop, amiguinho da sua irmã, as chances de isso ser usado em juízo são muito pequenas. — Lorenzo puxou-me em um canto enquanto verificava seu celular.

—O Michel tem razão, mas, de qualquer maneira, deve servir para alguma coisa.

—Eu não entendi a razão de ele ter vindo procurar por vocês para contar todas essas coisas... Não seria mais fácil ter ido direto até a polícia?

—Ele quer que encontremos sua irmã... De alguma maneira, ele acredita que vamos ajudá-lo a encontrá-la. —olhei para o Robson e não sabia como deveria me sentir.

—Eu já volto. —avisei, já saindo da cozinha. Eu havia decorado o som que o portão daquele sítio fazia e alguém tinha aberto ele. Passei pela

porta lateral e ouvi o barulho de um motor, era o carro do soldado Moratto.

Voltei para a sala, nela, Anne, minha irmã e nossas mães, conversavam sobre o que estava acontecendo, enquanto Anthony repousava no colo do avô.

—Você o avisou? —Anne indagou, colocando-se do meu lado.

—Na verdade, não consegui falar com ele... Deixei um recado na caixa postal e o Moratto deve ter ouvido.

—Está tudo tão silencioso. —minha irmã virou-se para mim. —Eu imaginei que eles chegariam com helicópteros, vários camburões e um monte de policiais...

Mal ela terminou de falar e a porta da sala foi aberta. O soldado Moratto passou por ela e não a fechou.

—Boa noite. — cumprimentou-nos de maneira geral, ele ainda estava fardado, por isso, deduzi que estava ali por conta da minha mensagem.

—Eu acho que o mais apropriado pelo horário, seria um bom dia. — meu pai saiu de trás dele e caminhou até o meio da sala.

—Pai! —Ana Flávia gritou e em menos de um segundo estava pendurada em seu pescoço.

—Meu amor... Como é que...? Então...? —minha mãe não conseguia formular uma frase completa, mas também correu ao encontro dele, seguida por mim.

—Por que é que estão todos acordados? O Moratto e eu achamos que os encontraríamos dormindo... —falou, depois de abraçar cada um de nós.

—Não recebeu a minha mensagem? —dirigi-me ao soldado. —Eu tentei ligar para você, mas não consegui, então gravei um recado.

Ele juntou as sobancelhas e puxou o celular do bolso.

—Sem bateria... —fez uma careta.

—Se é assim, não sabem o que aconteceu aqui...? —Ana Flávia anunciou.

—O que houve? —meu pai voltou a alerta-se, tal como o jovem policial que levou as mãos até a cintura, aonde ficava a sua arma.

—Na cozinha... Junto do Michel e do Lorenzo, está o assassino do Richard Maldonado, e, nós temos uma gravação onde ele confessa tudo. — falei de uma vez.

Meu pai e Moratto se entreolharam e pareciam partilhar da mesma sensação de surpresa.

—Impossível! —duvidou o soldado.

—Eu sei que é o que parece, mas Robson Martinez... Ele era funcionário do hotel e...

—Irmão da Sandra Martinez— meu pai completou. —Ele está aqui?

—Sim... Mas... Já sabiam desse parentesco? Ou melhor, acham que não foi ele?

—Dante, meu filho... Esse homem até pode ter participação naquele assassinato, mas eu posso garantir, não foi ele quem matou Richard Maldonado.

—E porque ele confessaria? Eu sei que o senhor assumiu a culpa também, mas todos temos conhecimento da razão que o motivou a fazer isso.

Toquei seu ombro.

—Vão entender tudo, assim que chegarem à delegacia... Foi por isso que viemos até aqui, para buscá-los. — interveio Moratto.



Qualquer que fosse a reviravolta ocorrida no caso do assassinato de Richard, a imprensa não tinha tomado conhecimento. Chegamos à delegacia por volta das seis horas da manhã, tivemos que esperar até que uma viatura fosse buscar o Robson, ele achava que estava indo direto a uma penitenciária, mas na verdade, eles o levariam para fazer o reconhecimento do corpo encontrado.

Começava a clarear e não havia ninguém nas calçadas. Embora todos estivessem curiosos para desvendar mais uma parte daquela história, conseguimos convencer os pais da Anne, minha mãe, a Ana Flávia e o Michel a ficarem no sítio, junto ao Anthony. Conosco, no mesmo carro, vieram o Moratto, meu pai, o Lorenzo, minha mulher e eu. Por mais que perguntávamos o que estava acontecendo, não obtivemos uma resposta sequer e quando subimos os degraus que levavam até a entrada da delegacia, demos de cara com o Vargas e o doutor Adilson.

—Bom dia, a todos. — o investigador exibia em torno dos olhos, dois círculos escuros, demonstrando assim, todo o seu cansaço e não fez questão de ser muito simpático.

—Bem, acho que podemos pular essas formalidades e ir direto ao que interessa. — o advogado foi objetivo.

—O celular com a gravação... —Vargas esticou a mão —Eu poso ver? —Lorenzzo entregou seu aparelho imediatamente. —Leve-os até a sala três, Moratto...

—Todos? —Vargas deu com os ombros.

—Daqui a pouco teremos que convocar uma coletiva, portanto...

—Sim senhor. — ele indicou com as mãos, para que seguissemos.

Assim que cruzamos a sala de espera, Lorenzzo parou bruscamente.

— Aquele ali é o Rodolfo Santiago? —murmurou ele.

— Claro... Você o conhece... —Adilson negou com a cabeça.

Olhei para a direção em que os dois mantinham sua atenção e vi um cara magro, alto e dono de uma expressão derrotada.

—O que ele faz aqui? —Lorenzzo insistiu.

—Digamos que o seu amigo está bem encrencado. — meu pai comunicou-o.

Eu já tinha ouvido falar dele, embora não o conhecesse. Intriguei-me porque sabia que ele também era colega do Richard e foi em seu estúdio que ele acabou por descobrir o paradeiro da Anne.

—Ele está aqui pelo caso do Richard? — indaguei ao meu pai.

Ele fingiu não ter me ouvido e foi o primeiro a entrar na tal sala. Um lugar impessoal, de luz baixa e com quase nenhuma mobília. Apenas uma mesa, algumas cadeiras e na parede que ficava a nossa frente, um vidro fumê que tomava toda a sua extensão.

—Estão prontos para saberem o que realmente aconteceu naquela noite?

—Moratto parou atrás de nós e sua voz ecoou por toda a sala.

Anne apertou a minha mão, sentia-a fria e suada. Passei um dos meus braços por cima dos seus ombros e a trouxe para mais perto de mim.

Sem que ninguém precisasse nos pedir, todos nós ficamos de frente para o vidro, como se ele fosse uma tela de cinema. Uma luz se acendeu e o que havia do outro lado se fez visível. Mais uma sala, igual ao muito parecida com a que estávamos, uma mesa e uma cadeira de cada um dos lados dela. Moratto passou por nós e apertou um dos botões que ficavam na parede.

— Ainda não sabemos se ele vai falar, de qualquer forma, vai ser bem interessante vê-lo diante das provas que conseguimos reunir sobre sua culpa

por esse e todos os seus outros crimes cometidos.

—Ele? —indaguei ao policial.

—Devo dizer que do lado de lá, ninguém pode vê-los, nem escutá-los, então, não se preocupem e não tenham medo. — de novo fui ignorado.

—Pai... Eu não aguento mais tanto suspense... —reclamei entredentes e antes que ele pudesse abrir a boca para me responder, vimos quando Vargas e o delegado entraram na outra sala.

—Podem trazer. — ordenou o investigador e sua voz se fez audível para nós, através de duas pequenas caixas de som que ficavam no teto.

Ouvimos o ranger da porta se abrindo e em menos de dois segundos, escoltado por dois policiais, com as mãos algemadas na frente do corpo e a cabeça baixa, ele parou bem em nossa frente.

—Pode sentar-se, senhor Richard Maldonado.

Anne e eu nos entreolhamos, ela empalideceu, em seu rosto, o pânico se fez presente, vivo e eu não me sentia muito diferente.

—Putá que o pariu! —Lorenzzo quase gritou. — O Richard está vivo?

—Ai. Meu. Deus! —Anne murmurou, levando as mãos até a boca.

Ainda que tivesse garantido que ele não podia nos ver nem nos ouvir, antes de tomar seu lugar na cadeira de frente para o delegado, ele olhou para o vidro e seus lábios se curvaram levemente como se ele soubesse sim, que nós estávamos ali.

—Senhor Maldonado... O senhor é advogado, portanto, sabe de todos os seus direitos, inclusive, que pode se manter calado, no entanto, eu trago comigo uma pasta de evidências de alguns de seus crimes e seria bem interessante ouvir a sua versão da história. —Vargas dobrou o corpo na direção do Richard e empurrou uma pasta preta em sua direção.

Com a arrogância faiscando em seus olhos, ele suspirou e colocou as mãos sobre a mesa, a postura ereta, dava conta de que ele não se afetara por estar ali como um criminoso.

—Eu vou falar... Vou contar tudo, afinal, me pegaram, como disseram, têm provas contra mim... —ele piscou lentamente. —Sem contar que devem estar mortos de curiosidade para saber como foi que eu executei esse plano que, por muito pouco, não foi perfeito...

Vargas bufou, parecia irritado.

—Tem a palavra, senhor Maldonado.

Bônus V – Richard

Richard Maldonado

Quando eu decidi que levaria Anne a um hospital, pude conhecer outra face da idiota da Sandra. Eu não sei de onde ela havia tirado a ideia de que um dia eu poderia me apaixonar por ela, no entanto, assim que eu dispensei seus serviços ela se enfureceu, partiu para cima de mim e jogou uma bomba sobre o meu colo... Disse que estava grávida. Num primeiro momento eu até achei que fosse mentira, mas ele me entregou o resultado de um exame laboratorial e ele era verdadeiro.

Meu primeiro ímpeto foi de esmurrá-la até que perdesse os sentidos, mas eu precisava me controlar, aquela mulher sabia muito sobre mim e eu senti receio de que ela pudesse ter se precavido de alguma maneira.

Tempo... Eu precisava ganhar tempo, então, fingi uma crise nervosa, depois, ajoelhei-me aos seus pés e pedi que ela me perdoasse. Eu argumentei que não queria rejeitar outro filho e reconheci todo o seu companheirismo e fidelidade a mim... Acho que falei mais um monte de baboseiras, fiz uma meia dúzia de promessas falsas e é claro que a tola acreditou.

Garanti a ela que daria um jeito de me livrar da Anne e que somente assim nós poderíamos ficar juntos. Combinamos que eu pensaria em algo que não levantasse nenhuma suspeita e que em breve eu entraria em contato com ela.

Enquanto a Anne era atendida, eu não conseguia fazer outra coisa, que não pensar numa forma tirar a Sandra de cena, seria mais fácil matá-la, mas algo dentro de mim dizia que ela não merecia um final tão bom... Eu queria que aquela estúpida sofresse... Muito.

—Rodolfo, meu caro amigo... —saudei-o, assim que ele atendeu à minha ligação.

—Richard? —ele mostrou-se surpreso.

—Por enquanto sim... —Usei todo o meu sarcasmo.

—Olha cara... Eu estou fugindo de problemas, e pelo visto, esse é seu nome do meio. —ele bufou. — O Lorenzo anda procurando por você e eu logo imaginei que isso cheirava a confusão.

—Hummm, é ótimo que esteja fugindo de problemas, porque que se

fizer o que vou te pedir, todas as cópias dos documentos que eu tenho comprovando muitas das suas tramoias, vão continuar onde estão, no fundo do meu cofre...

—Chantagem? É isso mesmo, Richard?

—Não... Chantagem é um nome muito feio. O que estou cobrando, é um favor, em troca dos tantos que já fiz para você.

Ele ficou mudo por alguns instantes.

—Fala... Do que é que você precisa?

—De um clone.

—Não entendi.

Revirei meus olhos.

—Eu preciso de um sócia meu, um homem com as mesmas características físicas.

—E por que acha que eu posso conseguir isso?

—Roldofo! É melhor pararmos de brincadeira... Na época que você tinha a produtora de filmes pornô, você conseguia atrizes idênticas às essas famosas... Eu mesmo confundi uma delas com aquela cantora...

—Eu sei, e isso me rendeu um bocado de processos.

—Pois bem... Eu quero que ache um homem parecido comigo.

—O que você está armando, Richard Maldonado?

—Tem até amanhã para conseguir isso para mim...

—Até amanhã? Você só pode estar de brincadeira comigo...

—Boa noite, Rodolfo, e, obrigado por tudo... Eu sabia que poderia contar com a sua ajuda, meu amigo. —Encerrei a ligação, sem deixar que ele começasse a colocar empecilhos sobre o meu pedido.

Naquela madrugada, eu passei o tempo todo com a Anne, ela dormia, os remédios para alergia a deixaram muito sonolenta. As enfermeiras não paravam de entrar e sair do seu quarto e uma delas me deu um mole danado... Era gostosinha e eu aproveitei para comê-la no banheiro, claro, fiz isso com segundas intenções, mas até que ela conseguiu me fazer relaxar... O meu plano se desenhava cada vez com mais clareza e eu precisava manter a calma. Pela manhã, dei meus últimos telefonemas e devo confessar, a melhor coisa neste mundo estar cercado de pessoas com o rabo-presos... Essa é a moeda de troca mais valiosa que se pode ter, tudo funciona com uma rapidez e eficiência sem tamanho.

No início da tarde do outro dia, enquanto o médico preparava a alta da

minha esposa, eu recebi uma mensagem do Rodolfo, nela as fotografias de dois homens estavam anexas. Um deles não se parecia nada comigo, mas tinha o mesmo porte físico, já o outro... Tirando o nariz que parecia um pouco maior e o queixo menos projetado... Era de fato, um Richard genérico. Confirmei a “contratação” do tal “modelo” e disse ao Rodolfo que em breve eu mandaria as demais instruções. Fui até o estacionamento e liguei para a Sandra.

—Richard? Eu não achei que fosse mesmo me procurar. — atendeu eufórica.

—Eu sou um homem de palavra, sem contar que eu tive tempo para pensar na nossa conversa e devo admitir, estou empolgado com a ideia de ser pai, e, antes que me diga que já sou, você sabe bem que a traidora da Anne deu meu filho a outro homem, deixou que aquele idiota se apoderasse dos direitos que eram meus, só porque num primeiro momento eu me assustei com a ideia da gravidez dela...

—Não sabe como eu fico feliz em ouvir isso, Richard... Eu sempre achei que a Anne não merecia um homem como você...

—Eu concordo... E por isso ela vai pagar muito caro.

—O que pretende fazer?

—O que nós vamos fazer... Porque você vai me ajudar.

—Richard, deixe que ela seja feliz, que siga a vida dela...

— Eu faria isso, mas ela não nos deixaria em paz, agora que eu decidi que não a quero mais, ela está toda mansa, me pediu perdão, quer restaurar nosso casamento...

—Que vagabunda! —ela rosnou.

Tive que me segurar para não dizer quem era a vagabunda da história. Céus! Aquela mulher tinha mesmo o dom de me irritar.

—Meu bem... Você se lembra do caso Meneghetti?

— Claro que me lembro... A mulher que assassinou o marido no clube de campo e que ao fim descobriram que foi um plano dos dois para escaparem da polícia federal...

—Isso! Boa menina! —fiz uma careta. — Eu quero reproduzi-lo.

—Como assim?

“Claro que você não vai entender sem que eu explique minuciosamente, afinal, é uma burra!”, pensei.

—Nós vamos matar um homem, alguém que vão pensar ser eu,

colocaremos a culpa na Anne, ela vai ser presa, enquanto nós dois sairemos do país... Nova identidade, novos documentos, enfim, uma vida nova... Você, o nosso bebê e eu.

—Richard... Eu... Eu... Matar um homem? —Sandra mostrou-se perturbada com a ideia.

—Sim, meu amor... Mas temos que pensar que é para um bem maior... Eu já consegui um cara bem parecido comigo, depois de morto faremos exatamente como os Meneghetti fizeram, cortamos as pontas dos dedos algumas porradas na cara e até que o exame de DNA saia, já estaremos longe do Brasil.

—Um hotel seria um bom lugar para isso?

—Um hotel seria perfeito, mas... Precisaríamos de um cúmplice... Alguém para desligar as câmeras e dar todo o suporte necessário.

—E também para forjar as evidências contra a Anne.

“Contra você, idiota... Contra Você...”.

—Claro! Isso é o mais importante.

—Então, eu acho que já sei aonde podemos fazer isso... Hotel Mont Blanc, meu irmão trabalha lá e acredito que posso contar com ele.

—Ótimo! Isso é excelente! —comemorei de verdade, esse hotel ficava numa rota perfeita para mim. De lá até o aeroporto de Campinas não levava muito tempo, o que facilitaria a minha fuga. —Sandra, preste bem a atenção no que eu vou te dizer.

—Estou ouvindo.

—Não conte a verdade para o seu irmão... Se ele a ama, vai te ajudar sem que você precise explicar. Tudo bem?

—Pode deixar... O Robson é mais novo do que eu e quando nossa mãe morreu, fui eu que tomei conta dele, então, ele vai fazer o que eu pedir... Tenho certeza... —Ela se emocionou.

—Eu vou enviar uma mensagem para você, com todas as instruções do que precisaremos. Assim que tudo estiver pronto, você me avisa.

Logo após desligar, mandei a mensagem ao Rodolfo com o endereço de onde o Richard do Paraguai, deveria estar até o início da noite.

Com tudo praticamente alinhado, faltava uma coisinha para eu fazer... Olhar na cara daquele idiota do Dante e mostrar quem é que tinha vencido. Anne relutou, chorou, mas no fim, ela sabia que não haveria outra maneira... Ela teria que deixar aquele maldito bebê para trás, para que assim nós

podéssemos seguir com nossas vidas.

—Não tem ideia de tudo o que eu estou fazendo para voltarmos a ser felizes! —bradei, já seguindo até a casa do amante dela.

—Você é um monstro, Richard! — ela murmurou.

—Monstro? —freei bruscamente e ela se assustou. —Se eu tivesse pegado a droga daquela criança e despachado ela para algum país estrangeiro, ou ainda, jogado ele nesse rio enorme que corta a cidade... Ainda, degolado o pescoço do infeliz que ousou tocar em você... Aí sim, você poderia estar reclamando, embora fosse um direito meu... Mas não, eu estou sendo bonzinho, deixando que o seu amante fique vivo e com a criança.

—Tudo bem... —ela entendeu o meu recado, a Anne era mesmo muito inteligente, por isso eu a amava tanto. —Se me prometer que não vai fazer nada contra eles... Eu concordo em irmos até lá, eu digo que escolhi ficar com você por que eu quero.

Eu sorri e voltei a colocar o carro em movimento, no entanto, tinha noção de que mesmo se Anne cumprisse com o que estava falando, aqueles cretinos da família Ferraz não me dariam sossego e, o fato de insistir para um encontro com eles, era simplesmente uma forma de vingança. Eu queria que o Dante experimentasse um pouquinho de tudo pelo que eu passei quando a minha esposa me abandonou.

E valeu a pena... Como se o Universo conspirasse a meu favor, todos os babacas estavam reunidos na casa do infeliz... Nem preciso dizer a cara de surpresa que a Ana Flávia e o Lorezzo ficaram quando descobriram que eu era o marido da Anne.

Por vezes eu tive vontade de explodir numa gargalhada, principalmente quando me lembrei que a loirinha só não fora para a cama comigo, porque eu não quis. Claro que houve momentos em que eu me imaginei esganando o irmãozinho dela... Aquele loirinho com cara de príncipe da Disney me irritava, o jeito que ele olhava para a minha mulher me tirava do sério.

Eu parti de lá com a sensação de que aquilo não acabava ali, e, quando recebi a mensagem da Sandra me dizendo que tudo estava certo, me senti aliviado.

Ao ouvir que passaríamos a noite em um hotel, a Anne mostrou resistência, mesmo assim não teve como se negar, afinal, eu mandava na situação. Por bem eu tinha a injeção tranquilizante, gentilmente doada para

mim pela enfermeira safada, eu pretendia usá-la na Sandra, mas não hesitaria em aplicar uma dose na Anne, caso ela continuasse tão arredia.

Conforme o combinado, eu fiquei com a cobertura, nela havia uma piscina, e seria cenicamente perfeita para o grand finale. Sandra havia me dito que seria seu irmão quem nos receberia e, quando um jovenzinho com cara de bobó veio até nós, eu tive certeza de que era ele, afinal, eles tinham o mesmo ar de idiotas.

Outra coisa que parecia ser genética, era a inconveniência. Junto a nós no elevador e ele não conseguia tirar os olhos de mim e também da Anne, chegou ao ponto de perguntar se ela estava bem, e isso me fez perder a paciência com ele.

Já em nosso quarto, que era uma enorme suíte, eu tentei uma aproximação da minha esposa, estava morto de saudades do corpo dela, mas acabamos discutindo e ela se trancou no banheiro. Num primeiro momento eu me irritei, mas depois aquilo não poderia ser mais providencial. Meu telefone tocou, era o meu sócio e ele já havia se encontrado com a Sandra, num quarto que ficava no primeiro andar. Eu corri até lá.

—Richard... Ele é... Ele é igual a você... —Sandra parecia uma boba.

Ele virou-se para mim e devo confessar, pessoalmente, ele se parecia muito comigo, claro, eu era muito mais bonito.

Paramos frente a frente, ele sorriu, o formato dos nossos dentes eram bem diferentes...

—É... Somos parecidos mesmo. —A voz mais grossa que a minha.

—Só que eu sou mais bonito — tive de avisá-lo. — ele riu.

—Então, a sua esposa tem fetiche para fazer sexo com gêmeos... — ele olhou para a Sandra com desejo.

—Exatamente... E quem sou eu para contrariá-la... —fingi simpatia.

—Vai ser aqui mesmo? —ele olhou a sua volta.

—Na suíte da cobertura— avisei. —Mas antes, será que poderíamos trocar nossas roupas, eu quero ver como fica com elas.

Ele encolheu os ombros e não pareceu se importar.

—Para mim tudo bem... Dentre os tantos pedidos que já recebi nessa minha profissão, trocar de roupas com alguém é bem normal.

Puxei o ar, eu confesso que saber que estaria vestindo roupas de um garoto de programa era bem nojento, mas...

—Agora sim... Com meu terno você está perfeito. —fiquei muito

satisfeito. — Gostou, amor?

—Sim... Ficou mesmo idêntico. —Sandra estava nervosa, e eu senti medo de que ela colocasse tudo a perder.

—Pode subir, este é o cartão que dá acesso à piscina, eu vou dar uma aquecida aqui com a minha esposa e já vamos.

Ele assentiu com a cabeça.

—Algo me diz que teremos uma noite divertida. —ele piscou para a Sandra.

—Eu tenho certeza que sim... Como é mesmo o seu nome? —quis saber.

—Anselmo... Mas se quiserem me chamar por outro nome, tudo bem... —sorriu com malícia.

—Anselmo está ótimo. —resolvi encurtar a conversa.

Sandra e eu observamos enquanto ele saía e, assim que ficamos à sós, como eu já imaginava, ela começou com sua crise de consciência.

—Deve haver outra forma de resolvermos isso... Pobre coitado desse homem... —choramingou ela.

—Cale a boca, Sandra... Se começar com histerias, eu mudo os meus planos e vou embora sozinho. — ameacei com o dedo apontado na cara dela.

—Desculpe-me, mas... Eu não sei como você vai ter coragem de matar alguém que nunca fez nada de mal para você.

“Droga!”, pensei. Infelizmente a Sandra tinha razão. De todos os crimes que eu carregava em minhas costas, eu nunca havia matado ninguém que não merecesse, ou melhor, minhas mãos nunca estiveram sujas de sangue, eu sempre tinha alguém que fazia o trabalho sujo por mim.

—Você... Você vai matá-lo. — decretei, segurando-a pelo queixo.

—Eu? — seus olhos se arregalaram em pavor. —Como acha que eu vou ter coragem de fazer isso? Como acha que eu vou conseguir matar um homem daquele tamanho?

— Ontem de manhã partiu para cima de mim, e suas mãos são bem pesadas... —ri com sarcasmo.

—Não... Isso... Eu...

“*Foda-se!*”

Inclinei-me em sua direção e a beijei, imaginando ser a minha Anne. Eu fiz como nunca fizera antes, fui carinhoso, delicado, e ao fim de tudo, quando nossos lábios se separaram, eu sussurrei um “*eu te amo*”, mais falso

do que nota de três reais, mas que arrancou lágrimas dos olhos daquela trouxa.

—Chegou a hora Sandra... Se deseja mesmo ficar comigo, deve me provar seu amor...

Ela fechou os olhos.

—Como eu vou fazer? —indagou-me depois de um tempo.

—Eu deixei dentro do banheiro da piscina, uma mala com uma faca e todo o resto que vamos precisar... Dê um jeito de distrai-lo e corte-o na garganta. Esse é o lugar mais letal, com ele morto nós preparamos todo o resto.

—Está dizendo sobre incriminar a Anne, não é?

—Também — menti. —Mas precisaremos preparar o corpo... Daquele jeito que eu te falei. Todos precisam acreditar que sou eu, só assim poderemos seguir em frente.

—A injeção calmante... É você quem vai dar?

—Sim... Eu vou fazê-la inalar éter, depois eu aplico... Acho que metade do conteúdo da seringa e ela vai dormir até que a polícia a encontre. Sandra respirou fundo e fechou os olhos por alguns instantes.

—Eu vou fazer... Mas preciso de algum tempo... Vou subir, tentar fazê-lo beber um pouco e depois eu... Eu o mato.

—Certo, meu amor... E quando tudo estiver resolvido, me avise... Nós armamos a casa para a Anne e fugimos daqui. —puxei-a de encontro ao meu corpo e outra vez a beijei.

—Combinado. —Ela saiu, e eu, só pensava se aquela anta seria capaz de cometer mesmo um assassinato.

Hum... E demorou para que ela voltasse a dar sinal de vida. Ansioso, eu percorri uns cem quilômetros dentro daquele quarto, só andando de um lado para o outro. Sem contar meu cantil, esvaziou-se logo nos primeiros vinte minutos de espera.

Irritado por estar fechado como um prisioneiro, eu abri a porta e coloquei a cabeça para fora, de olho no corredor. De onde estava, dava para ver parte do hall de entrada do hotel, tudo parecia calmo, por isso achei melhor voltar à minha suíte e ver como tudo estava caminhando... Havia a Anne, eu imaginava que ela não sairia daquele banheiro tão facilmente, o que para mim era bom, ao menos até que tudo estivesse certo para fugirmos.

—Putá que o pariu! —praguejei sem acreditar no que estava vendo.

Ana Flávia... Em carne, osso e uma falta de noção do perigo, sem precedentes.

Aquele foi o primeiro momento em que senti medo dos rumos daquele plano, porque, se a amiguinha da Anne estava no mesmo hotel que nós, por certo havia sido a minha esposa a avisá-la.

Mas como? Pensei, uma vez que ela estava presa naquele quarto, sem acesso a telefones.

“Desgraçada! Eu deveria ter dado um jeito na enxerida da Ana Flávia, assim como no seu irmão... Aliás, eu não deveria ter deixado nenhum dos Ferraz vivos sobre a Terra.”

O que eu poderia fazer? A Ana Flávia não estava sozinha, havia um homem com ela, sem contar que, além deles, tinha o pai policial, que provavelmente viera junto.

Fechei-me no quarto e tentei ligar para a Sandra. Depois de chamar à exaustão, a ligação foi parar na caixa postal e a voz daquela estúpida numa mensagem gravada, fez meu sangue ferver.

Senti vontade de quebrar tudo a minha volta, arrependi-me amargamente por ter deixado a Sandra a frente de algo tão importante. Com as mãos atadas, tudo o que eu podia era esperar.

E eu esperei... Tanto que nem soube calcular o tempo. Meu telefone tocou. Atendi, antes mesmo que o primeiro toque desse lugar ao próximo.

—Caralho, Sandra! Que demora! Tem ideia de que pode ter colocado todo o nosso plano a perder?

Ela puxou o ar... A respiração, entrecortada.

—Está feito, Richard... O Anselmo... Ele está morto... —murmurou com a voz chorosa.

—Sandra? Está querendo me dizer que...

—Richard, eu preciso que você venha me encontrar... Agora. O meu irmão... Ele está perto do elevador e ele vai te dar cobertura.

—Certo... —eu não podia perder tempo. —Eu estou indo... —Abri a porta e caminhei com passos largos até o fim do corredor. O elevador estava a poucos metros de mim e caminho parecia livre. Olhei para ambos os lados e não avistei ninguém além da moça na recepção e do irmão da Sandra, que também me viu. —Eu já subo. —afirmei, vendo o jovem caminhando em minha direção.

—Senhor, Richard... Minha irmã pediu que eu o leve ao encontro dela... —disse, com frieza.

Tapei o falante do celular.

—Tudo bem... Eu posso subir sozinho. — Tudo o que eu não queria era que ele fosse comigo. Caminhei rapidamente sem sequer olhar para os lados, mas ele veio atrás de mim. —Sandra, seu irmão não precisa me acompanhar. O elevador se abriu, duas mulheres saíram, eu entrei e o rapaz também. Parecia ignorar minhas palavras.

—Não vamos subir... Minha irmã o espera no subterrâneo... — Apertou o botão.

—Sandra? —foi minha vez de ignorá-lo. —Por que não está na cobertura como nós combinamos?

—Eu já disse, Richard... Está feito...

—Sabe que temos que finalizar o assunto... Temos que deixar as coisas... Organizadas. —olhei para o rapaz que me encarava de maneira furtiva.

O elevador se abriu e antes que eu pudesse fazer mais uma pergunta, deparei-me com a Sandra.

—O Anselmo está morto, arrancamos a ponta dos dedos e o rosto, demos um jeito de deixá-lo irreconhecível... Foi tão fácil... Ele estava sentado na espreguiçadeira... Eu o distraí, meu irmão chegou por trás e cortou a garganta... Exatamente como você sugeriu... — ela descrevia tudo, como se narrasse um filme.

Engoli em seco... A Sandra parecia outra pessoa, até sua voz soava diferente.

—Eu entrei no banheiro da suíte com a chave reserva e fiz tudo certinho... A moça dormia e apenas ensaiou abrir os olhos, mas eu a fiz inalar um produto que apaga até cavalo... Mas foi a Sandra quem aplicou a injeção nela e trocou suas roupas.

—Vocês... —senti-me como se tivesse sido atingido na cabeça. — Vocês ousaram relar na minha mulher... Vocês aplicaram a injeção calmante nela?

—Richard, meu amor... Eu já disse, nós cuidamos de tudo. Anne está com evidencias do crime até os fios de cabelo... A polícia também já foi acionada, portanto, temos que partir daqui o mais rápido possível. —Ela se aproximou de mim.

—Onde ela está? —segurei-a pelos ombros. Estava cego de raiva. — Onde está a minha mulher? —bradei, assustando tanto a Sandra, quanto seu irmão.

—Eu a levei para um outro quarto. Eu desci com ela pelo elevador dos funcionários... De madrugada, só eu trabalho nessa área, então...

Aquilo pareci um pesadelo... Minha vontade era a de matar a Sandra e também o irmão dela. Teria feito isso, não fosse o som das sirenes que se aproximavam com rapidez.

—Vamos meu amor... Eu fiz tudo direitinho... Pode ficar tranquilo. — ela caminhou até uma SUV vermelha. —Este é o carro do Anselmo... Para todos os efeitos, ele nunca esteve aqui... Meu irmão apagou o registro dele.

Olhei para os dois e me senti um tolo... A Sandra era muito mais esperta do que eu imaginava, e, acabou por me fazer cair no meu próprio plano, uma vez que armou direitinho para incriminar a Anne.

— Parabéns... — entrei no carro ao notar as chaves no contato. —Fez mesmo tudo certinho... Mas se acha que eu pensei em ficar com você, saiba que essa ideia nunca passou pela minha cabeça... —liguei o motor do carro. —Você me paga, Sandra... Vai se arrepender de ter mexido com a minha mulher.

Então eu parti, e ainda pude vê-la se esvaindo em lágrimas, abraçada ao irmão. Uma parte do meu coração ficou naquele hotel porque eu sabia que a Anne seria culpada por aquele crime. Eu passei o resto daquela madrugada pensando numa maneira de livrá-la de tal fardo, mas eu precisava salvar a minha pele e, bem ou mal, sabia que os Ferraz interviriam por ela e cheguei à conclusão de que, mais do que nunca, passar-me por morto seria uma bela carta na manga.

Se o plano da Sandra desse certo, a Anne até seria detida, mas eu conhecia a lei, sabia que ela não ficaria presa por muito tempo, então, assim que ela estivesse liberta, eu daria um jeito de fugir do país com ela.

O que eu não imaginava, era que isso aconteceria tão cedo... Eu jamais pensei que o velho policial assumiria a culpa daquela morte, nem que a Anne seria liberada tão rapidamente.

Eu acompanhava todas as notícias do meu assassinato pela mídia, e devo admitir que Sandra e seu irmão foram profissionais. O crime há via abalado todo o Brasil. Só que fizeram merda no final e por isso eu tive que cumprir com a minha promessa.

—Cristian, agora que a encontrou, eu tenho mais um servicinho para você...

—Pode falar, chefe.

—Coloque a Sandra para dormir... Eternamente...

—Deixa comigo... Vou fazer parecer um assalto, igualzinho foi com o tal do Sanchez.

Por fim, o universo parecia conspirar ao meu favor...

Parecia... Por que o amor pela Anne me cegou... Jogaram a isca e eu mordi... Eu devo tirar o chapéu para o pai do Dante, ele conseguiu ser mais sagaz do que eu. Fizeram-me acreditar que o soldado Moratto era meu aliado, no entanto, ele trabalhava para o senhor Ferraz e eu... Eu Richard Maldonado, caí como um patinho.

O que me confortava era saber que a Anne, minha doce Anne me amava, e que, hora ou outra ela se daria conta de que eu fiz tudo o que fiz, por amor. Eu tinha certeza de que nós voltaríamos a ficar juntos e que seríamos muito felizes.



Capítulo 34

Anne

Enquanto eu ouvia o relato do Richard, oscilei momentos de medo, tristeza e o pior deles... A raiva. Aquele homem havia passado de todos os limites!

Fingir a própria morte? Usar a Sandra para um plano doentio, e mais, que se tivesse dado certo, as chances de ele ter sumido comigo seriam muito grandes.

A pior parte foi pensar que o Robson, irmão da Sandra, tinha entrado naquele banheiro e aplicado alguma coisa em mim, algo que poderia ter me matado.

Por vezes fui às lágrimas, e o Dante também se emocionou bastante, no entanto, não foram poucas às vezes em que eu vi no seu olhar, o desejo de quebrar aquele vidro e esganar o Richard.

— Nós ligamos no laboratório e eles confirmaram... O exame de sangue da senhora Anne Maldonado constatou mesmo um tipo muito comum de tranquilizante, mas que se usado em excesso, pode causar parada cardiorrespiratória. — Vargas juntou-se a nós, depois que os policiais levaram o Richard.

—Esse homem é um psicótico! —Dante rosnou. —Ele é um maluco que não deve nunca mais colocar os pés na rua. Deveria ser condenado à prisão perpétua.

—O problema é que não temos prisão perpétua no Brasil e, levando em consideração a situação do infeliz, é bem provável que cumpra a pena em uma clínica psiquiátrica, mesmo. —Lorenzso, ainda estarecido, disse sua primeira frase depois de um longo tempo em silêncio.

— No que depender de mim, ele não terá essa sorte... Esse homem é articulado, e de maluco não tem nada... Ele é apenas um homem mau, que quando contrariado não mede esforços para que sua vontade seja atendida — concluiu, Vargas.

—E pensar que eu fui atrás do Rodolfo... O desgraçado jurou de pés juntos que não sabia nada sobre o Richard... —Outra vez Lorenzso expunha sua indignação.

—Esse é outro que está a um passo de perder a liberdade... Puxamos a “capivara” dele, e meu amigo... Pensa num amontoado de coisa errada... Desde sonegação de impostos até aliciação de menores... O cara teve coragem de usar adolescentes em alguns de seus filmes pornôs.

—Isso eu não sabia... Juro que não imaginava que as coisas chegaram a esse ponto. —Lorenzso engoliu em seco.

—Bem, o que importa agora é que o caso foi esclarecido e que cada um dos culpados vai pagar por seus crimes — o pai de Dante interveio.

— E quanto a Sandra? Descobriram se o corpo encontrado é mesmo dela? —perguntei, porque mesmo tendo sendo sua vítima, eu não desejava que seu fim fosse aquele, ainda mais sabendo que ela estava grávida e que, de um jeito torto, nossos filhos seriam irmãos.

—O Robson reconheceu o corpo... Era mesmo ela. —Moratto avisou. Senti-me triste... Infelizmente o amor doentio que ela nutria pelo Richard acabou tirando sua vida e, mesmo para alguém que tenha tido coragem de fazer o que fez com o sócio do meu ex-marido, eu não chegava a enxergar o desfecho como justo.

Ainda, haviam tantas perguntas para serem feitas, a maioria delas o pai do Dante poderia responder, por isso, despedi-me de todos naquela delegacia e desejei nunca mais colocar os meus pés ali.

—Acabou, meu amor... Acabou... —Dante abraçou-me quando já estávamos do lado de fora.

—É tão estranho saber que ele está vivo... Não que eu tivesse desejado sua morte, mas confesso que me sentia mais segura quando achava que ele nunca mais colocaria as mãos em mim.

—Eu sei... Não vou ser hipócrita e dizer que não me sinto igual, porque ele é a personificação do mal... Depois de vê-lo contando seus crimes como alguém que narra um conto de fadas, eu tive a certeza de que esse é o tipo de pessoa que nunca vai se recuperar, que nunca vai ter seu coração voltado para o bem.

Puxei o ar e soltei-o com calma.

—O Richard nem tem um coração... Ele é um monstro, Dante... Um monstro.

—Ele é, mas eu juro Anne... Ele nunca mais vai tocar num fio de cabelo seu. —ele segurou o meu rosto entre as mãos. —Eu juro, te dou a minha palavra.

—Parecia que ele sabia que nós estávamos ali... Por vezes eu tive a impressão que ele me via, que olhava diretamente para mim. —afundei o meu rosto em seu peito, permanecia angustiada.

—Esse é o prazer dele... Causar pânico. Só que nós não vamos permitir que ele impeça a nossa felicidade. Certo?

Assenti com a cabeça, sabia que o Dante estava coberto de razão. Por mais difícil que fosse, precisávamos sair de dentro daquele filme de terror, mais fortes do que quando fomos jogados nele.

—Eu quero ir para a nossa casa. — anunciei.

—Eu também não vejo a hora de retomarmos de onde paramos. —ele ergueu o meu queixo com a ponta dos dedos e me beijou, de um jeito que garantia que tudo ficaria bem.



Carlos Alberto Ferraz

—Eu tenho muito o que agradecer a você, rapaz... —estendi a mão na direção daquele jovem tão corajoso.

—Imagine, senhor Ferraz. — ele apertou a minha mão e sorriu

timidamente. —Foi uma honra fazer parte dessa operação... A mais enriquecedora da minha carreira.

—O que é isso... A carreira do senhor está apenas começando. Tenho certeza de que eu ainda vou ter o prazer de vê-lo comandando uma equipe, chefiando grandes feitos e o principal... Honrando a nossa corporação.

— ele colocou uma das mãos sobre a boca, eu sabia que ele ainda estava preocupado.

—Confesso que tenho um certo receio quanto ao que fizemos... Foi muito arriscado, o senhor não acha? — balancei a cabeça, negando.

—Como eu já disse antes, nossa profissão nos deixa sempre na corda bamba. Estamos sempre correndo riscos e por isso só os fortes podem fazer parte de casos como esse.

—De qualquer forma agimos às margens da lei, porque se descobrirem o que fizemos de verdade, eu...

—Moratto! —bradei, interrompendo-o. — Só existem quatro pessoas que sabem da verdade e, ao que me consta, todas elas têm muito interesse para que isso continue como está... Em segredo.

—Sim, senhor! —ele concordou.

—Eu vou reunir a minha família e explicar tudo... Até onde eu posso. —Sentei-me sobre a cama e dei a última olhada por aquele quarto que serviu-nos de base nos últimos dias. —No mais, fique certo da sua ascensão. Ouvi dizer que o Vargas ficou muito empolgado com o desempenho do senhor.

Ele cruzou os braços parecia sem jeito.

—Fico feliz por ter feito a coisa certa, ainda que por um caminho torto. —

Levantei-me e, emocionado, abracei aquele que foi para mim, um dos melhores parceiros de profissão.



Capítulo 35

Anne

Alguns meses depois...

Enjoos, os seios sensíveis, um apetite que não era meu e eu tinha certeza de que a família aumentaria. Eu até poderia ter feito um daqueles exames de farmácia, mas optei pelo de sangue, queria algo que não me deixasse dúvidas.

Aproveitei que a Ana Flávia estava —como sempre— em nossa casa, e fui ao laboratório buscar o resultado.

É claro que não se pode comparar as emoções nem as sensações ao saber que você vai ser mãe, mas, diferente da primeira vez, quando aquela criança era desejada apenas por mim, e ainda, quando junto de todas as novidades havia o medo de contar por não saber como seria a reação do meu marido, daquela vez foi mais que especial, porque embora eu sentisse que o Anthony era, de fato, do Dante, na minha segunda gestação eu sabia que tudo seria diferente.

Não haveriam mentiras, nem medo e poderíamos curtir cada segundo daquela gravidez. Pensando nisso eu tinha decidido, contaria naquele dia mesmo, afinal, era o aniversário de um ano do nosso pequeno e eu tinha certeza de

que um irmãozinho ou irmãzinha seria um presente perfeito para o Anthony. No táxi, enquanto eu era levada para o shopping, minha mente passeava pelas lembranças do dia em que ao certo aquele filho fora concebido. Assim que as investigações sobre o caso do Richard foram concluídas, decidimos fazer uma viagem em família, todos os Ferraz e também os meus pais, fomos até Barra Bonita.

Ficamos por apenas três dias, mas construímos um elo forte e indestrutível. Houve uma tarde que voltamos de um passeio de barco, todos decidiram jantar em um restaurante que viram no caminho, o Dante inventou uma desculpa e me arrastou de lá.

Fomos direto para o resort onde estávamos hospedados e em nosso quarto nos amamos com urgência, já que mal conseguíamos um momento à sós. Pouco mais de uma semana depois e eu já sentia o meu corpo diferente.



Graças a toda aquela história de horror em que a minha família e eu fomos jogados, acabamos ficando famosos, eu principalmente, afinal, meu rosto estampou muitas das primeiras páginas de jornais de todo o Brasil e também os noticiários da TV. Alguns me apelidaram como o “anjo da morte”, por conta da minha aparência inocente, como eles classificaram.

Os primeiros dias não foram fáceis, por onde quer que fôssemos e as pessoas nos apontavam, cochichavam e havia ainda aquelas que não se seguravam e vinham fazer perguntas diretas sobre o caso.

A repercussão foi tão grande, que programas de televisão me convidaram para contar minha história. Eu não quis, na verdade, tudo o que eu mais desejava era que um dia ninguém mais se lembrasse de mim como o cerne de tamanha perversidade.

De qualquer maneira, eu sabia que, principalmente em Piracicaba, ora ou outra, alguém me reconheceria e eu me sentia preparada ao ponto de não me deixar afetar, independente de qual fosse a abordagem.

Com esse pensamento, caminhei direto até uma loja de roupas infantis, embora não tivesse nenhuma ideia pronta, sabia que ali eu encontraria uma maneira diferente de contar ao Dante que ele seria papai

novamente.

Na seção de sapatinhos, eu sorri ao me lembrar de que fora por culpa dos sapatinhos amarelos comprados pela Ana Flávia, que o seu irmão descobriu minha primeira gravidez, por isso achei que eles não seriam a melhor opção. Continuei caminhando e vi um macacão branco, nele aparecia bordada a frase: “*Sou do papai.*” Foi amor à primeira vista e não hesitei em colocá-lo na minha cestinha.

—Boa tarde! Vocês têm uma caixa de presente sem o logotipo da loja? —perguntei à vendedora que estava perto do caixa.

Ela me encarou e sorriu.

—Temos sim... Na seção de cartões... Pode vir comigo... —ela apontou para a frente e começou a caminhar.

—Perfeito! — elogiei o ver uma pilha de belas caixas de todas as cores e o que mais me agradou foi um cartão que dizia: “*Dentro de mim agora batem dois corações completamente apaixonados por você!*”

— Pelo visto vai contar para o papai do bebê que está grávida... Parabéns — disse a vendedora com um sorriso bobo no rosto. — Desculpe a minha intromissão, mas vi seu caso na televisão e depois de tudo pelo que você passou, merece mais do que nunca ser feliz... —sua voz era mais baixa. —Confesso que no começo te condenei muito, mas fiquei aliviada por não ter sido você...

Isso foi o que eu mais ouvira nos últimos tempos. A maioria, senão todas as pessoas, acreditaram que fosse eu a assassina do Richard... Ou melhor...do homem morto no hotel.

—Eu não me incomodo... No fundo, acho que se eu fosse à espectadora, também apostaria na esposa. —ensaiei um sorriso. —No fim, apesar de ter vivido o pior momento da minha vida, hoje me sinto forte e nada mais me assusta.

—Que bom... Eu desejo, do fundo do meu coração, que você seja feliz. Coloquei o cartão e a caixa dentro da minha cesta e assenti com a cabeça.

—Eu já sou... Mais, muito mais do que poderia imaginar...·.



—Até que enfim... Eu já não aguentava mais o meu irmão perguntando por você... —encontrei a Ana Flávia em frente à minha casa. Ela parecia impaciente. —E então, sua ingrata... Posso começar a sonhar com uma princesinha?

Ela era a única que sabia sobre a minha possível gravidez, afinal, era impossível esconder qualquer coisa dela.

—Sim... A família Ferraz vai aumentar... — sussurrei. Ana Flávia tapou a boca, enquanto pulava com o uma criança ao receber a visita do Papai-Noel.

—Eu não acredito! —ela me abraçou. —Meu irmão vai surtar... E os meus pais? Minha Nossa Senhora da Família Grande... Eles vão ficar piradinhos!

—Vão... E eu me sinto tão plena... —emocionei-me. —Agora, pode ir se arrumar, daqui a pouco os convidados chegam... Se tiver algo para terminar, eu mesma faço...

—A escrava aqui deu conta de tudo... —ela veio com seus dramas. — O quintal da sua casa está parecendo o mais belo salão de festas... Confesso que até eu me surpreendi com a minha eficiência.

—Já eu, nunca me surpreendo... Eu já disse que você deveria investir nisso. Organizar festas dá um bom dinheiro e você não vai precisar ficar viajando para fazer fotos.

—Está me convidando para uma sociedade? —ela colocou a mão na cintura fazendo charme.

Graças ao apoio do Dante, eu resolvi cursar uma faculdade de gastronomia. A ideia dele era montar um restaurante para mim, mas a sugestão da Ana pareceu-me bem interessante.

—Podemos amadurecer esse seu pensamento... Eu cozinho e você organiza as festas... Podemos montar um buffet exclusivo para casamentos, batizados e aniversários...

Ana arregalou os olhos.

—Amei! Anne & Ana Buffet! O que acha?

—Hum... Podemos pensar num nome melhor... Mas depois... Agora eu tenho uma coisa mais importante para fazer...



—Tudo bem, capitã — ela piscou para mim e bateu

continência. —Faremos como à senhora quiser... —Atravessou a rua.

Assim que subi as escadas, fui diretamente para o quarto do meu filho, olhei pelo vão da porta e ouvi Dante tendo uma conversa curiosa com nosso filho.

— É... Meu pequeno... A sua mãe acha que eu não estou percebendo, mas eu sei que ela esconde algo de mim e na verdade estou muito curioso — ele balançava o pequeno de um lado para o outro. — Vou esperar o tempo dela para que me conte e, seja o que for, eu vou fazer o possível para proteger a ela e você... Vocês são tudo para mim e eu os amo mais que a mim mesmo... —

tive que fungar para segurar a minha emoção, sabia que não haveria melhor momento do que aquele para contar sobre o nosso bebê.

— Nos também te amamos, capitão... —murmurei a mim mesma e puxei o ar antes de empurrar a porta.

Ele acabava de colocar o Anthony de volta no berço e quando ele me viu, seu sorriso se escancarou, iluminando todo aquele quarto e alcançando a minha alma.

Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, eu fui até ele e coloquei, delicadamente o dedo sobre seus lábios.

—Um dia você disse que me daria um céu inteiro, e isso, Dante, é algo muito grande... Quando eu vim para Piracicaba, não almejava nada além de um lugar para eu poder criar o meu filho em segurança, queria um pedacinho de terra, uma casa pequena e uma vida simples — engoli em seco, meus olhos estavam nos dele. — Você me faz a mulher mais feliz deste mundo, e como sempre, cumpriu mesmo sua promessa... Hoje eu posso afirmar que tenho uma lua, estrelas, um belo sol que em aquece e até mesmo um arco-íris... Você Dante Ferraz, me deu um céu inteiro e esta é a minha maneira de agradecer... Estendi a caixa para ele.

— Meu amor, não precisava me dar presente algum... —ele acariciou meu rosto com uma das mãos — Eu sou o homem mais sortudo deste Universo... Eu sou extremamente grato por ter uma mulher tão maravilhosa do meu lado... Mesmo assim, obrigado. — sorriu antes de abrir a caixa.



DANTE

Havia um brilho diferente em seu olhar, algo que vinha acompanhando já fazia alguns dias, por isso eu desconfiava que acontecera alguma coisa. De qualquer forma, eu não tinha a mínima ideia do conteúdo daquela caixa.

Eu nunca fui um homem que me apegava a coisas materiais, por isso não podia sequer imaginar que presente ela poderia ter comprado para mim. Enquanto ela me olhava com ansiedade, minha única certeza era a de que eu precisava de um beijo dela para continuar respirando. Ainda com o pacote nas mãos, puxei-a pela cintura e coleí meus lábios nos seus. Com calma, passei minha língua explorando cada cantinho da sua boca e tive vontade de levá-la para o nosso quarto. Só não o fiz porque sabia que tínhamos que receber os convidados da festa do nosso filho e eles começariam a chegar a qualquer momento.

—Dante Ferraz... Você anda muito animado... —ela empurrou-me delicadamente.

—Tenho a mais bela mulher desta cidade... Ou melhor... Do mundo, portanto, não vejo como me controlar... —encolhi meus ombros antes de me sentar na poltrona.

Anne ajoelhou-se na minha frente e eu desamarrei o laço vermelho que envolvia a caixa.

Um exame. Um cartão. Um macacão.

A princípio achei que fosse para o Anthony, embora ele parecesse pequeno demais para vestir nosso meninão que crescia com muita saúde. No entanto, ao ler a palavra “*positivo*” no exame e as frases no cartão e no macacão e eu senti a minha cabeça dar um giro de 360 graus.

Sem nada dizer, segurei-a pelo braço, levando-a para fora do quarto. O Anthony dormia e eu não queria acordá-lo.

—Você... Você... Anne, está querendo me dizer que...? —Olhei diretamente para a sua barriga e ela estava lisa, sem volume aparente.

— Está bem no comecinho... —ela encolheu os ombros e passou as mãos pelo ventre. A voz embriagada. —Dante... Eu espero que tenha ficado

feliz com meu presente...

Passei as mãos pelos meus cabelos... Eu queria gritar, eu queria soltar fogos de artifício e queria também poder expressar tudo isso de um jeito que fizesse a Anne entender o quanto eu me sentia feliz.

Diante de tamanha agitação, eu caí de joelhos e beijei a barriga da Anne por tantas vezes que acabei arrancando um riso dela.

— Meu amor... - olhei para cima e ela chorava. — Essa é uma das melhores notícias da minha vida! Eu nem sei como explicar, mas sinto que meu coração pode explodir de tanta felicidade! Que honra ser o pai de mais um filho seu... Agora eu sei que virá uma princesinha e tenho certeza que eu e Anthony vamos fazer de tudo para protegê-la — disparei a falar. — Minha filha, você aí dentro e já é muito amada por nós aqui fora, você será mais um anjo em nossas vidas... Vamos fazer de tudo para poder passar o melhor ensinamento possível, o papai vai te esperar muito ansioso... Te amo, pequena.

— Como pode ter tanta certeza que será uma menina, amor? — Anne perguntou, passando a mão por meus cabelos.

— Pressentimento de pai... Sexto sentido... Não são só as mulheres que têm isso...

— Então, esse sexto sentido é de família... A Ana Flávia falou a mesma coisa...

— Ela já sabe? — levantei-me.

— Pelo amor da Nossa Senhora dos Segredos... — Anne imitou minha irmã. — Ainda não descobri como esconder alguma coisa daquela garota! Mas agora precisamos acelerar, temos uma festa pela frente e precisamos estar bem animados...

Tomamos um banho juntos, e foi mesmo só um banho. Como eu terminei de me aprontar antes dela, adiantei-me para arrumar o nosso filho. Ele dormia profundamente, mesmo assim tive de acordá-lo, fazia calor e ele precisava também de um banho. Bastou que eu o colocasse na banheira e o meu pequeno se animou.

— É, filhão... Agora somos dois homens na família e teremos que cuidar da mamãe e da nossa princesinha que está à caminho... Mas se a mamãe pensa que só ela sabe fazer surpresas... Hoje nós vamos mostrar pra ela que também somos bons nisso... — cochichei com nosso filho. Ele bateu os pezinhos na água e gargalhou, como se concordasse comigo.



Capítulo 36

Anne

Eu sempre soube que a Ana tinha um talento ímpar, mas a forma com que ela transformou nosso quintal para abrigar a festa do Anthony, merecia um prêmio. O tema escolhido foi pirata e, por isso, barcos, navios, e até uma mini praia ela tinha conseguido fazer.

—De onde tirou essa areia? —parei atrás dela, que observa a como uma boba, o Dante brincando com nosso filho.

—Casa de material para construção. —ela virou-se com um largo sorriso nos lábios. —Eu juro que amanhã mesmo toda aquela areia estará devidamente embalada e será retirada daqui, agora você deve admitir, ficou incrível, não ficou?

Olhei mais uma vez para tudo ao meu redor e não encontrei uma palavra que expressasse como eu me sentia diante tamanha dedicação.

—Obrigada, Ana. —segurei suas mãos entre as minhas. —Eu nunca poderei retribuir tudo o que fez e faz por mim, portanto... De qualquer maneira, saiba que eu sou capaz de qualquer coisa por você.

Ela fez uma careta, tentando disfarçar sua emoção.

—Bem... A única coisa a qual eu preciso, minha amiga, nem a Nossa Senhora desatadora de nós será capaz de resolver.

—Deixe-me adivinhar... Isso tem a ver com um bonitão que está atacando a mesa de doces e com um outro bonitão que está caminhando em nossa direção com uma câmera nas mãos?

Ela revirou os olhos e bufou.

—Posso tirar uma fotografia das duas mulheres mais bonitas da festa?

—Lorenzo posicionou-se em nossa frente, seus olhos não saíram da Ana.

—Claro, compadre! —puxei minha cunhada para mais perto de mim, nos abraçamos e ele capturou algumas imagens.

De soslaio pude ver que Michel se aproximava.

—Pode tirar uma com a minha namorada? —ele envolveu a cintura dela.

—Claro... —Lorenzo nem fingiu sua contrariedade antes dos cliques.

—Bem... Eu vou me juntar aos meus amores... —pisquei para a Ana.

—Anne... Eu quero te mostrar uma coisa. —ela segurou-me pelo braço. —Pode me acompanhar até o quarto do Anthony?

Michel e Lorenzo se entreolharam e eu não a questionei, sabia que havia alguma coisa no ar.

Caminhamos para dentro da minha casa e ainda na cozinha a Ana começou a chorar.

—Meu Deus! O que está acontecendo...? —desesperei-me.

—Eu não posso mais seguir com isso... Eu estou com o Michel, mas o meu coração é do Lorenzo... Eu amo aquele desgraçado com todas as minhas forças! Juntei as sobrancelhas e balancei a minha cabeça instintivamente.

—Sabe bem como resolver isso... Diga ao Lorenzo a verdade, se abra com ele.

—Para quê? Ele já disse que não pode assumir uma relação, que não quer um namoro sério e eu cansei de ficar de brincadeira... Eu quero alguém pra chamar de meu, e, se não for pedir muito, quero um relacionamento igual ao seu com o meu irmão. Anne, eu quero alguém que me olhe como Dante olha para você...

—Meu bem... Eu sei de tudo isso, mas ele disse isso há meses, depois da noite em que passaram naquele hotel, aconteceram tantas coisas e você acabou engatando o namoro com o Michel, que é um amor, mas que não merece ficar apenas tapando buracos...

—Só que eu sinto que o Lorenzo e eu nunca vamos dar certo. — ela

fungou. — Ele nunca vai mudar, está sempre cercado de belas mulheres, modelos maravilhosas e ele não perde a oportunidade de tê-las em sua cama.

—Eu nem sei o que dizer, porque a mim, o Lorenzo parece ter mudado tanto... Ele está mais maduro e o jeito como cuida do Anthony, o carinho que tem pelo meu pequeno me faz até pensar que ele seria um ótimo pai. —

Ana moveu a cabeça de um lado para o outro.

—Sabe... Eu vou ter uma conversa com o Michel depois da festa, não porque eu vou tentar com o Lorenzo, mas porque, como você mesma disse, ele não merece apenas uma parte de mim, e agora, infelizmente, é só o que eu tenho para oferecer.

Abracei-a com toda a minha força e deixei que ela chorasse em meu ombro.

—Eu estarei aqui... Seja para enxugar as suas lágrimas, ouvir suas loucuras ou ainda, colocar esses dois rapazes para correr se assim for necessário. —passei os dedos sob seus olhos, limpando o rímel borrado.

—Tudo bem... Acho que meu momento “dawn” já passou... Agora, vamos ao quarto do Anthony, eu tenho que pegar uma coisa lá.

—Uma coisa? —indaguei, caminhando logo atrás dela.

—É... Eu comprei uns enfeites para a hora dos parabéns...



—Amor... Você está linda... —Dante elogiou-me assim que eu voltei para a festa.

—Gostou? —coloquei as mãos na cintura, exibindo-me para ele. A Ana havia dado para mim uma tiara de flores, assim como um chapéu de pirata para o meu filho. — Eu não sei o que isso tem a ver com a festa, mas...

—Está parecendo uma fada... —ele arrumou meus cabelos, seus olhos cintilavam.

—Meu Deus! Você está parecendo uma fada! —Adriana juntou-se a nós, ela segurava o Anthony nos braços e ele carregava um pequeno baú nas mãos.

— Eu disse a mesma coisa para ela. —Dante piscou para mim.

—Isto é coisa da sua filha... Ela adora esses enfeites e... Bem, confesso que também gostei — admiti. —Filho, e esse bauzinho? De quem ganhou? Ele sorriu para mim e eu estava apaixonada por seus primeiros dentinhos.

—Pa.pa..... — ele disse numa língua que eu entendia perfeitamente.

—Ganhou do papai? —insisti.

—Pa..pa... —repetiu e gargalhou.

Fazia algumas semanas desde que ele começara a dizer suas primeiras palavras e, para minha surpresa, papai ele aprendeu antes que mamãe. O Dante quase enlouqueceu, ele filmou, mandou para todos da família e claro, chorou como um bebê.

—Bem... Acho que chegou a hora de cantarmos os parabéns... O que acham? — sugeriu, Adriana.

—Vamos... —estiquei o braço e tomei meu filho para mim.

Seguimos para a mesa do bolo e a maioria dos convidados já se reunia ali. Todos pareciam encantados com os doces personalizados e com o enorme bolo em formato de navio.

Dante e eu, com o Anthony no colo, fomos para trás da mesa, enquanto a Ana abaixava o volume do som.

—Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer a presença de todos vocês que foram escolhidos a dedo para estarem dividindo este momento tão importante para a nossa família —Dante começou. — Todos sabem que passamos por momentos conturbados, que tivemos nossas vidas viradas de cabeça para baixo, mas agora, como ao fim de uma tempestade, estamos, finalmente, desfrutando dos nossos dias de sol.

—Vocês merecem! —Ana gritou.

—Merecemos mesmo e, é por isso que hoje, neste dia tão especial, quando nosso pequeno completa seu primeiro aninho —ele pediu que eu entregasse o Anthony— , eu quero fortalecer os laços com esta mulher que entrou na minha vida para mostrar o que é a felicidade. — Filho, dá o baú para a mamãe.

Anthony obedeceu-o de primeira, como se tivessem ensaiado. Eu peguei o pequeno baú das mãozinhas dele e notei que as minhas tremiam de maneira descontrolada.

— O que é isso? —engoli em seco, antes de perguntar.

—Abra, meu amor...

Eu abri e me deparei com um belo par de alianças douradas, em uma delas, o símbolo do infinito aparecia cravejado com pequenos diamantes, na outra, o mesmo símbolo era feito em ouro branco.

—Dante... —murmurei enquanto lágrimas quentes deixavam um rastro pelo meu rosto.

—Anne... Para mim, já somos casados... Na verdade, nossas almas se casaram no dia em que nos beijamos pela primeira vez, depois, outra vez quando você disse que me amava e também, quando neste mesmo quintal você aceitou aquele outro par de alianças... Se lembra? All for me...

—Como eu poderia esquecer? Aquele foi um dos momentos mais bonitos da minha vida... — Eu já chorava descontroladamente.

—Ana... —Dante olhou para a irmã que também desabava em lágrimas e ela arregalou os olhos.

—Ah... Claro... — aproximou-se do aparelho de som e fez nossa canção tocar. —Peço desculpas, mas parece que estou assistindo ao final de uma das minhas séries favoritas—disse ela, arrancando risos de todos os presentes.

—Anne, daquela vez nós vivíamos sob segredos, medos e mesmo assim deixamos que o nosso amor falasse mais alto, agora, hoje nós podemos assumir nossa relação e formalizá-la perante a lei dos homens e também, perante a lei de Deus, porque em breve você estará livre e nós poderemos ter o nosso final feliz.

—Ele pegou uma das alianças de dentro do baú. —Você aceita ser minha para sempre?

Eu puxei o ar, afastei minhas lágrimas com a ponta dos dedos e olhei rapidamente para tudo ao meu redor. Cada rosto, cada uma das pessoas que assistiam àquele pedido de casamento, haviam me ajudado de alguma forma, algo que só serviu para tornar aquele momento ainda mais especial.

—Eu já sou... —minha voz saiu rouca e eu estendi minha mão para ele.

—Agora coloque esta aliança no meu dedo e me beije, porque eu só preciso disso para me sentir completa.

Dante me obedeceu e, enquanto nos beijávamos, a música, as vozes, os assovios e aplausos coroavam nossa felicidade.



DANTE

Minha bela esposa estava cada dia mais linda com suas novas curvas... Sim, minha esposa. Depois de meses tramitando na justiça, a Anne conseguiu, finalmente, o divórcio.

Não foi nada fácil, Richard se recusou a assinar os papéis que cortariam os laços com ele e, até mesmo o reconhecimento de paternidade ele ameaçou pedir. Ele sabia que a melhor forma de atingir a Anne seria o nosso filho, mas, por sorte, e também, graças a todo o seu histórico psicótico e pérfido, todos os seus recursos foram negados e, o processo litigioso também foi acelerado, uma vez que a juíza que julgava o caso levou em conta a gravidez da minha mulher, creditando a ela o direito de ter uma gestação tranquila.

Eles nunca precisaram ficar frente a frente, embora o Richard tenha pedido isso por diversas vezes.

Não posso negar que não sentia-me completamente tranquilo, sempre havia um receio, um medo de que ele conseguisse fugir da cadeia, de que tivesse alguma carta na manga.

Nós imaginávamos que o Richard estava à par dos fatos, inclusive do nosso casamento. Seus advogados faziam questão de trazer recados de seu cliente. Eles só pararam porque eu ameacei abrir uma ação de importunação e, tudo o que eles não precisavam era de mais um aditivo contra o ex-marido da Anne.

De qualquer maneira, a fazenda onde decidimos oficializar nossa união teve sua segurança comandada pelo Cabo Moratto e, como ele conhecia bem a tenacidade do Richard, ficamos mais tranquilos por ser ele a cuidar de tudo.

Naquela primeira semana de maio, o outono ainda tinha nuances de verão, o sol brilhava com intensidade e quase não ventava. As folhas das árvores começavam a amarelar, mesmo assim a paisagem estava linda. Flores de todas as cores decoravam o local da nossa cerimônia. Conseguimos

que um reverendo muito querido por minha família, celebrasse o nosso casamento e, exatamente às cinco horas e quinze minutos da tarde a Anne cruzou, acompanhada de seus pais, o tapete que a levaria para mim.

Ela estava linda, o vestido disfarçou muito a sua barriga de seis meses. Mesmo assim, saber que nossa menininha estava ali, participando de um momento tão especial para nós, fez com que eu não conseguisse me segurar. Em prantos e, a cada passo que a Anne dava em minha direção, um filme com todos os nossos momentos faiscava em meus pensamentos. Por Deus! Nossa história dava um livro.

A Ana Flávia, que segurava o Anthony nos braços, foi outra que parecia estar assistindo Titanic. Ela chorava copiosamente e chegou a soluçar. Enfim, depois de uma linda benção feita pelo Reverendo Moisés, a Anne e eu fomos declarados marido e mulher. Como a festa aconteceria no mesmo lugar, alguns dos convidados foram instruídos a seguir para o salão de festas, enquanto os mais íntimos vinham prestar suas congratulações.

Eu não sei quem foi o responsável pela escolha das músicas, mas quando meu pai me abraçou, a letra de “*Me espera*” pareceu-me combinar perfeitamente com o que todos nós passamos.

“Eu ainda estou aqui
Perdido em mil versões
Irreais de mim
Estou aqui por trás de todo o caos
Em que a vida se fez
Tenta me reconhecer no temporal
Me espera
Tenta não se acostumar
Eu volto já
Me espera...”.
Sandy - Me Espera ft. Tiago Iorc



—Parece um conto de fadas, não parece? — Anne murmurou enquanto eu a rodopiava durante a nossa valsa.

—Sabe que sempre me disseram que eu tenho mesmo um jeito de príncipe... —brinquei.

Ela parou com os olhos fixos nos meus.

—Parece mesmo... —sorriu e outra vez me levou ao paraíso.

Eu a beijei, pela milésima vez naquela noite.



ANNE

Por vezes eu tive medo de acordar, tudo parecia um sonho lindo e o medo de que não fosse verdade, acabava por me distrair.

—Precisa ver a sua cara de boba... —a Ana veio até mim e, usando um vestido com estampas delicadas, ela parecia mesmo uma fada madrinha.

—Eu estou me sentindo uma boba—afirmei, segurando suas mãos dentro das minhas—Mas é tão bom... —ela riu, e logo uma expressão séria tomou conta do seu rosto. —O que foi? Por que essa testa enrugada?

—Imagine! É impressão sua. — ensaiou um sorriso.

—Tudo bem, mas... O que acha de atacarmos a mesa de doces? O brigadeiro de nozes caramelizadas está uma delícia... E os mini quindins? Minha nossa! Estão tentadores, eu mesma já comi uns cinco.

Minha cunhada engoliu em seco, seu rosto empalideceu e gotículas de suor se formaram em sua testa e também sobre seu buço.

—Anne... Eu não estou me sentindo bem.

—Eu percebi... — segurei-a pelos ombros — Eu vou chamar o seu irmão... Ou melhor, o Lorenzo. Aonde ele se enfiou? —busquei-o pelo salão.

Embora ele tivesse insistido muito do contrário, o Dante e eu fizemos questão de que ele participasse do nosso casamento apenas como padrinho, portanto, nada de trabalho. Mesmo assim, vez ou outra ele aparecia com a câmera nas mãos e captou muitas imagens.

—Por favor... Não fale o nome desse desgraçado... Só de ouvi-la, meu estômago parece que deu um nó. —ela levou a mão até a boca como se estivesse...

—Enjoada! —apontei o dedo para ela — Você está enjoada? — Achei que ela fosse negar, mas não. Seus grandes olhos verdes se arregalaram para mim e sua cabeça subiu e desceu por duas ou três vezes, confirmando a minha pergunta.

—Ana Flávia Ferraz! —arrastei-a pelo braço e só parei quando encontrei um lugar mais tranquilo. —Não vá me dizer que você está grávida...

—De nove semanas. — foi direta.

Abri e fechei a minha boca por diversas vezes, minha surpresa foi tão grande que eu não conseguia formular uma frase.

—Seu irmão... Seus pais... —soltei um riso nervoso. — Espera... O Lorenzo já sabe que vai ser papai?

Ela voltou a fechar os olhos. Eu já havia me acostumado com o relacionamento gato e rato daqueles dois, e, depois que ela terminou com o Michel, o Lorenzo passou a frequentar sua casa com muita frequência, embora eles não tivessem assumido nada.

Só que pensar que eles teriam um filho, dava a mim um fio de esperança, eu achava que finalmente eles poderiam agir como adultos.

—Anne Ferraz... Minha amiga, cunhada e comadre... Este vai ser um segredo meu e seu, nem o Dante pode saber ainda. Entendeu?

—Ah... Não! Pare de criancice... Conte logo ao Lorenzo —ralhei com ela.

—Ana, ele vai ficar muito feliz.

Ainda séria, ela deu um passo à frente e curvou-se na minha direção.

—Não se trata de pirraça... A verdade é que eu não sei quem é o pai

do meu filho —desviou os olhos para o chão. —Eu estive com o Lorenzo por algumas vezes nesses últimos meses, mas houve uma ocasião em que ele me deixou na mão, então o Michel estava lá, se declarando para mim, insistindo por mais uma chance e eu acabei não resistindo... Não pense que eu sou uma galinha, porque não é bem assim, eu só fiquei com os dois na mesma época, porque não existia mais um compromisso com nenhum deles, então... —Ela parecia envergonhada.

—Eu não vou te julgar... Eu a conheço, sei da sua índole, mas você sabe que terá de resolver essa situação. —puxei-a para um abraço. —Você vai precisar falar com eles e juntos terão de descobrir quem é o pai do meu sobrinho... Ou sobrinha.

Ela me apertou com força. Parecia que eu era seu apoio. De fato.

—Estou com tanto medo... —a voz embriagada.

—Já eu... Confesso que sinto como se essa notícia fosse a cereja do bolo... Saber que meus filhos vão crescer na companhia do seu, me deixa muito feliz.

—Posso saber o que as duas mulheres mais lindas da festa, fazem aqui, sozinhas? —Dante surpreendeu-nos ao se aproximar com o Anthony em seu colo.

—Nada demais... Eu só estava combinando com a sua irmã, os detalhes do baile de quinze anos da Antonella.

—Uau! —Ele passou um dos braços por cima dos meus ombros. — Nossa filha nem nasceu ainda... Não acham que teremos tempo para isso? — ele embarcou na brincadeira.

— Somos mulheres... E mulheres adoram planejar tudo com muita antecedência. Sem contar que a minha agenda anda bem cheia, então, se quer uma festa organizada pela melhor cerimonial de Piracicaba, precisa mesmo reservar um horário já.

—É filhão... Vai se preparando, porque nós dois precisaremos ser muito fortes para aguentar esse trio... —depositou um beijo no meu rosto, enquanto o Anthony ria de tudo. —Agora vamos, o pessoal da filmagem quer registrar uma cena de dança dos casais de padrinhos, noivos e nossos pais.

Seguimos então de volta para o salão principal. Meus pais, ainda que com certo constrangimento, arriscavam os passos dois para lá e dois para lá. Os pais do Dante rodopiavam lindamente, assim como os outros casais.

—Eu fico com o Anthony. —Ana tomou-o de mim e nem preciso

dizer que meu pequeno adorou chacoalhar no colo da tia.

Enquanto todos dançavam, eu notei que o Lorenzo não olhava para outra direção que não a de onde ela estava...

—Venha... Dance com ela, afinal, são meu casal de padrinhos —gritei para ele, pegando o meu filho de volta.

A Ana lançou-me um olhar reprobatório, mas não hesitou quando teve os braços de Lorenzo envoltos em sua cintura.

—Eu nunca imaginei que diria isso, mas eu adoraria que esses dois se acertassem de uma vez por todas. — Dante confessou, depois de um tempo observando-os juntos.

Suspirei e recostei minha cabeça no ombro do meu marido.

—Algo me diz que eles ainda vão, assim como nós, descobrir que foram feitos um para o outro.

—Será, senhora Ferraz?

—Eu posso apostar, senhor Ferraz... Afinal, quando existe amor, nenhum outro sentimento é páreo... Todo o resto fica pequeno.

—Você tem toda a razão... Eu te amo, e nada chega perto disso...

—Eu sei. —concordei com um sussurro, porque nada mais poderia ser acrescentado... Meu céu estava completo, minha vida plena e eu havia encontrado o meu lugar... O melhor lugar.

Bônus II - Carlos Alberto Ferraz

"ADVOGADO PRESO POR FORJAR A PRÓPRIA MORTE, É ENCONTRADO ENFORCADO NO DIA DO SEU JULGAMENTO."

Richard Maldonado ficou conhecido por ter encomendado a morte de um sócia seu, no hotel Mont Blanc em Montes Verdes. Na ocasião, sua esposa foi tida como a principal suspeita do crime que, ao ser desvendado, trouxe com ele uma avalanche de sujeiras envolvendo o advogado criminalista.

O caso seria decidido por um júri popular e o julgamento teria início na data de hoje, no entanto, logo pela manhã, quando policiais foram até a cela do acusado, prontos para leva-lo até o tribunal, encontraram o criminalista enforcado.

A suspeita é de suicídio, já que Richard Maldonado não dividia a cela

com nenhum outro preso. De qualquer maneira, sua morte será investigada e nenhuma hipótese é descartada.

Mal termino de ler a notícia em um site jornalístico muito sério, e o meu celular toca. Nem preciso olhar para identificador para saber de quem se trata.

—Eu já pedi para não me ligar mais... Não faça com que eu me arrependa por tê-la ajudado.

—Eu sei que me pediu, mas eu acabei de saber sobre a morte dele e... Bem, é mesmo verdade? —sua voz tem um fundo de tristeza.

Puxo o ar e fecho os meus olhos.

—Sim, desta vez o Richard Maldonado morreu mesmo, e não se trata de sócia, muito menos armação. O mais engraçado é que ontem de manhã eu soube que ele recebeu um exemplar do jornal que trazia fotos do casamento do meu filho com a Anne e parece que ele enlouqueceu... Não sei porque, mas na hora eu pensei em você...

Ela se cala e eu posso ouvir que sua respiração se torna mais rápida.

—Senhor Ferraz... O que aquele homem fez para mim, o que ele fez com a minha vida... Eu quase perdi tudo, por isso achei que ele merecia que colocassem o dedo em sua ferida — ela começou a chorar. —Só que eu não imaginava que ele seria capaz de acabar com a própria vida... Covarde como sempre foi...

— Claro! Você leva muito a sério essa história de vingança... Pois bem, agora acabou. De verdade... Tente refazer a sua vida, poucos têm a sorte que você teve.

—Eu sei disso, mas é muito difícil seguir em frente quando eu tenho comigo um pedaço dele. — sua voz está mais fraca, e ao fundo o choro de uma criança me faz entender sobre o que ela fala.

—Olha, naquele dia, quando você se entregou para mim, ainda no estacionamento do Mont Blanc, eu não teria pensado duas vezes antes de levá-la para a polícia, se não fosse pelo bebê. Eu sei como funciona uma gravidez dentro de uma penitenciária e, seu filho é irmão do meu neto, portanto, eu deixei que o meu coração falasse mais alto... De qualquer maneira, eu tive que passar por cima dos meus princípios e hoje eu carrego este segredo, algo que nem mesmo a minha família poderá saber, sendo assim, não me decepcione.

—O senhor foi um anjo na minha vida, ou melhor... Na minha

morte... Fique tranquilo, eu não vou voltar a importuná-lo. —ela parece sincera.

—Assim espero Sandra... Ou melhor. Andressa.

Ela desliga e outra vez eu volto a um lugar onde odeio estar. O limbo da culpa.

Naquela madrugada, quando eu soube de tudo, de toda a sordidez daquele plano, eu tive que tomar uma decisão rápida. E foi o que fiz. Eu ajudei a Sandra a se esconder, assim como o seu irmão. Eu faria os dois pagarem por aquele assassinato, mas o mandante, o mentor de tudo ficaria livre para continuar assombrando a minha família?

A única que poderia me ajudar a capturá-lo era a Sandra. Primeiro porque ela o conhecia melhor do que ninguém e segundo, porque ela era uma isca perfeita.

Seu irmão, Robson foi quem articulou a barganha. Sandra livre e com uma chance para recomeçar e ele arcaria com a culpa pela morte do homem, uma vez que fora ele quem assassinara o sócio de Richard.

Ainda que fosse assim, a Sandra era cúmplice, não só desse crime, mas também do sequestro da Anne, só que ela estava grávida e isso me comoveu muito.

Passar a gestação dentro de uma penitenciária e ainda, logo depois do nascimento, ter de separar-se da criança, era horrível e só por isso eu aceitei.

Como eu imaginava, Sandra era capaz de prever cada passo que o Richard daria. Ardiloso, ele planejava tirara a Anne da cadeia para fugir com ela, para isso precisava corromper alguém de dentro e o soldado Moratto foi designado para esse papel.

Para o ex-marido da minha nora, um policial jovem e ambicioso seria perfeito para mediar sua empreitada, contudo, ele nunca poderia imaginar que aquele rapaz vinha de uma linhagem de policiais honestos e ainda era filho de um grande amigo meu morto em ação.

Assim que soube de tudo, ele chegou a discordar da minha estratégia, só que fazendo parte do sistema e sabendo como as leis brasileiras são frouxas, as chances de o senhor Maldonado sair livre parecia muito grande, por isso ele mudou de ideia e resolveu me dar suporte.

Ainda, como imaginávamos, Richard contratou alguém para apagar a Sandra. Era óbvio que ele não a deixaria viva para contar aquela história e eu também pensava que a "*morte*" dela seria a melhor solução para que pudesse

viver em paz.

Richard nunca vai saber, mas a ideia de forjar a própria morte, nos serviu de inspiração para o desfecho de sua secretária.

Nós precisávamos de um corpo feminino, que tivesse sido baleado e, que não estivesse sem identificação. Encontrá-lo em Campinas, e tudo o que o Robson precisava fazer era conformar que se tratava de sua irmã.

O assassino de aluguel do Richard foi outra peça importante do nosso jogo de xadrez, quando ele recebeu a ordem de matar a Sandra, nós já estávamos em poder dele. O cara confessou que esse seria o décimo "*servicinho*" encomendado pelo senhor Maldonado e, como já sabíamos, Sanchez estava entre eles.

Emerson Gamelo... Outro que aguarda julgamento e que vai passar uns bons anos na cadeia, e, mais um com quem eu precisei negociar. Em troca de seu silêncio, daria, ainda que sem identificar-me, auxílio a sua esposa e três filhos.

Pois é... Um assassino de aluguel que tem uma família e que se preocupa com ela!

Com tudo amarrado, só faltava o "nó", e a obsessão do Richard pela Anne facilitou muito as coisas.

No dia em que ele planejava a fuga dela, eu me entreguei, assumindo a culpa por sua morte. Primeiro porque sabia que isso libertaria minha nora, antes da hora que ele planejava fazê-lo, segundo, porque meus filhos foram colocados sob suspeita.

O sítio dos Moratto pareceu-nos perfeito. Eu pedi que ele reunisse toda a minha família nele e ordenei que a Anne fosse levada para lá, assim que fosse solta. Bem como na história de João e Maria, deixamos uma trilha para que o Richard fosse atrás dela e, o Robson também era uma isca.

Seu pedido de ajuda para encontrar a irmã foi uma mentira criado por nós. Infelizmente, eles nunca poderão saber a verdadeira história, principalmente a parte em que a Sandra está viva.

Mas a vida é feita de escolhas e decisões, as minhas precisaram ser tomadas de imediato e sob uma pressão imensa, só que quando eu olho para a minha família e vejo como ela se fortaleceu depois de tudo, sinto que fiz a coisa certa.

Na madrugada em que foi preso, Richard estava a poucos metros do sítio, portava duas armas e com certeza, o desfecho dessa história, teria sido

trágico, se não tivéssemos a ajuda de Sandra e Robson.



Como eu imaginava, a morte de Richard tem uma repercussão astronômica, e chega a ser noticiada até mesmo em jornais de outros países. Ainda, por pior que tenha sido seu fim, nós que sofremos com suas maldades, não sentimos consternação pelo ocorrido.

—É estranho, porque quando ele "*morreu*" da primeira vez, eu estava no olho do furacão, sendo acusada, então nem tive tempo de pensar como eu me sentia diante de tudo, mas agora, eu me sinto até mal por dizer, mas é como se tivessem tirado um peso das minhas costas, sabe? —Anne está sentada no sofá, as pernas sobre o colo de Dante e a sua barriga está enorme e o nascimento de Antonella está previsto para dentro de um mês.

—Não sinta-se culpada, meu amor... Ele apenas teve o fim que mereceu. —meu filho acaricia a coxa de Anne e ela sorri. —Ele teve o fim que mereceu e, para nós, que fomos vítimas dele, é tranquilizador saber que nunca mais precisaremos nos sentir ameaçados por ele.

Não digo nada, mas concordo com a colocação de Dante. No mais, com tudo praticamente resolvido, existe outro problema que não tem me deixado dormir.

—Sua irmã...? Sabe do paradeiro dela?

Dante e Anne se entreolham e ela encolhe os ombros.

— Foi ao supermercado, disse que está com desejo de comer batata frita com nutella.

—O quê? —surpreendo-me com a revelação do meu filho.

—Meu sogro, eu não digo nada, porque a Antonella tem me feito querer comer cada coisa que só o Dante e Deus, sabem...

—Ah... Isso é verdade... Teve um dia que esta maluca disse que estava com vontade de comer ovos fritos com geleia de morango.

—Por Deus! Quanta maluquice... —Levanto-me. —Sua mãe não teve nada disso, nenhum desejo descabido.

—Mas meu sogro... As crianças de hoje são decididas desde o ventre... —Anne justifica e Dante olha para ela com o brilho das estrelas em seus olhos. Eles se amam e é satisfatório ver como são felizes.

—Eu vou até a casa dela, ver se a encontro. Eu preciso, de uma vez

por todas, tentar colocar um pouco de juízo dentro daquela cabeça — bufo, contrariado. —Onde já se viu? Negar ao pai da criança o direito de exercer sua paternidade.

—Eu já disse isso para ela, mas a Ana Flávia está irredutível... Ela não quer dizer quem é o pai do bebê. — Dante intervém e parece também descontente.

— Olha... Nem eu sei da verdade... —Anne levanta as mãos quando meu filho e eu a encaramos — Eu já perguntei por diversas vezes, mas minha amiga guardou o resultado do exame e não disse que não quer tocar nesse assunto... Diz que o filho é dela, só dela.

Balanço a cabeça sem acreditar no que acabo de ouvir. Eu estou sem paciência para os dois marmanjos choramando em meus ouvidos.

Michel e Lorenzo parecem achar que eu posso obrigá-la a alguma coisa, no entanto, eu concordo com eles, seja quem for o pai, ele tem direitos é isso o que eu vou tentar explicar para ela, mais uma vez.

— O Anthony está dormindo? —Pergunto, morto de saudades do meu neto.

—Está no quarto dele... Pode ir até lá. —sugere, Anne.

—Eu volto mais tarde, a Adriana disse que vocês nos convidaram para jantar.

—Sim, minha mãe vai cozinhar para vocês.

—Pai... Minha mulher cozinha bem, mas a minha sogra... Olha, agora eu sei a quem a Anne puxou. —Dante, outra vez acaricia a perna dela, que se derrete com o elogio.

Fico olhando para eles por alguns minutos e, embora tenha um abacaxi dos grandes para descascar, eu me sinto um homem realizado e mais, em paz com todas as minhas decisões.

—Filho, nunca deixe de tratar a sua esposa dessa maneira... Uma mulher precisa ser adorada, e você faz isso com perfeição.

—Ele faz mesmo... —Anne inclina o corpo e seus lábios alcançam os de Dante.

—Aprendi com o melhor. — ele bate continência para mim e eu saio, decidido a resolver a situação da teimosa da minha menina.



Epílogo

Anne

Quando um bebê nasce, nasce também uma mãe, um pai, enfim, uma nova família, ainda que não seja a primeira gestação. Tudo é novo. Sentimentos aguçados, relações reforçadas e a Antonella veio para coroar nossa história de maneira magnífica.

Assim como durante o parto do Anthony, o Dante está ao meu lado, segurando a minha mão e me dando o apoio que eu necessito.

Ele não cansa de dizer o quanto se sente feliz e completo, quero dizer que também me sinto, mas meu silêncio fala mais que palavras e certa de nossa conexão, eu apenas sorrio para ele.

Sinto-me flutuando, as dores das contrações parecem me tirar do chão e eu concentro a minha força para trazer minha filha ao mundo.

Quando seu choro ecoa, avisando que eu consegui, permito-me chorar.

Uma emoção sem tamanho invade a minha alma e se espalha por meu corpo, terminando no meu coração.

Assim que vê o rostinho da nossa pequena, Dante se desfaz em lágrimas e se refaz em amor.

Meu marido é um homem incrível e eu sou a mulher mais sortuda do

planeta. Ele quer ficar comigo, mas eu peço para que ele acompanhe os primeiros exames que farão em nossa menina.

Dante concorda, mas antes beija delicadamente os meus lábios e mais uma vez reforça o quanto me ama.



Assim que sou encaminhada para o quarto, não demora nada e meu marido se junta a mim. Radiante, a felicidade está estampada em seu rosto, fulgindo em seus belos olhos azuis.

— Meu amor, nossa princesinha é tão linda! — ele acaricia minha bochecha com muito cuidado.

— É mesmo... Eu já estou muito ansiosa para ficar com ela, será que vão demorar a trazê-la para o quarto?

Mal termino de falar, e uma enfermeira entra com um embrulho rosa nos braços. Reconheço a manta, foi um presente da Ana.

— Olha mamãe, sua pequena é muito linda, parabéns — ela diz e me entrega à pequena, que realmente é linda.

— Obrigada! — agradeço, aspirando o cheirinho que vem dela. Perfeita, ela se parece demais com o Dante. O nariz e os olhos azuis claros são as características que os tornam idênticos.

— Amor, os olhos dela têm a cor dos seus... Ela é linda, tal qual o pai. — estico um de meus braços para tocar o rosto dele.

— Sim, ela é linda mesmo... Fico pensando que a Ana Flávia iria amar conhecer a sobrinha, ter participado desse momento... É uma pena que ela esteja viajando.

Eu também lamento e sinto a falta dela. A irmã que o mundo me deu, é uma das pessoas mais importantes da minha vida, mas ela passa por um momento delicado e nós temos que dar o espaço que ela precisa.

— Você sabe que eu não concordo com o jeito que ela conduziu as coisas... Mesmo assim, nós a amamos, por isso temos que respeitá-la. — Puxo o ar e o solto com calma. — No momento certo ela volta.

— Eu sei, meu amor... Mas eu adoraria tê-la aqui, participando da minha felicidade, que só será plena, quando aquela maluca estiver dentro dos meus braços.

— Eu também a quero aqui... — ajeitei Antonella no meu colo, ela

está com a boquinha aberta, imagino quer mamar. Coloco-a em meu seio e começo a cantar uma música de ninar para ela, Acalanto pra você – Palavra cantada.

*Eu canto pra você dormir
A terra gira sem ter fim
O sol se esconde não sei
Onde
Escurece a noite cresce
Eu canto e você já dormiu
A terra gira por um fio
A lua brilha, minha filha
Eu canto este acalanto.*

Depois que mama, não demora para que adormeça em meus braços, observada por mim e por Dante.

—Não vejo a hora em que o Anthony conheça a irmã. —disse eu.

—Ele vai ser um ótimo irmão... Nosso filho é amoroso, vai ser super-protetor.



DANTE

Os preparativos para o natal estão a todo vapor. Na cozinha, minha mulher e minha sogra preparam a ceia do Natal enquanto meu sogro e eu cuidamos das crianças.

Meus pais estão atrasados e a mãe da Anne não para de perguntar pela minha mãe. Elas se deram muito bem e acabaram se tornando grandes amigas.

Olho para o relógio, sinto-me ansioso porque sei a razão da demora deles. Eu não posso dizer nada porque será uma surpresa para a Anne.

Meu telefone toca e eu me sento na varanda para atender.

—Fala Lorenzo — atendo sem muito entusiasmo.

—Alguma novidade? — a pergunta tem um tom de lamento.

—Cara... Eu posso imaginar como você se sente, mas você sabe que a

minha irmã é uma cabeça-dura, que quando toma uma decisão, ninguém consegue mudar isso.

—É... Dante... O pior é saber que eu tive a sua irmã em minhas mãos. Tudo poderia ter sido diferente, não fosse a minha estupidez — ele se lamenta.

—Posso te fazer uma pergunta?

—Até parece que existem segredos entre nós... — ele bufa.

—Se o filho que a Ana espera for do Michel, você seria capaz de aceitar isso e ficaria com a minha irmã? Lorenzo, você a ama o bastante para passar por cima disso?

—Uau! —murmura ele. —Não pense que eu mesmo já não me fiz essa pergunta, porque meu amigo, eu já fiz tantas projeções para o meu futuro que estou a um passo de enlouquecer.

—Então me diga e, dependendo da sua resposta, eu posso tentar te ajudar a pelo menos ter a oportunidade de se abrir com ela.

Lorenzo fica em silêncio e eu temo que ele não tenha coragem o bastante para ser o homem que minha irmã precisa.



A mesa é posta com uma riqueza de detalhes que me encanta. A toalha da mesa combina com os guardanapos e toda a nossa ceia parece muito apetitosa.

Sob o nosso pinheiro decorado, estão algumas dezenas de presentes e todos se mostram ansiosos pela troca.

—Gente, estou morta de fome... Precisamos mesmo esperar a meia noite para comermos? —Anne reclama.

— Eu concordo com a minha mulher. —Olho para minha mãe.

—Ok! — ela se levanta com a Antonella nos braços e a entrega para mim.

—Eu só vou pegar uma coisinha na casa da Ana Flávia e então poderemos jantar.

—Por falar nela, eu não consegui falar com a minha cunhada hoje, as ligações vão direto para a caixa postal. — Anne se mostra chateada.

—Ela me falou que o celular está com problema... —minha mãe não se prolonga o assunto.

Em menos de cinco minutos dona Adriana retorna, junto dela, minha irmã.

Ana Flávia usa um vestido vermelho e sua barriga está enorme, enquanto seu rosto parece miúdo.

Anne está de costas, sentada no chão ensinando o Anthony a brincar com o carrinho que ganhou.

—Alguém aqui sentiu a minha falta? —pergunta com a voz entrecortada.

Anne se levanta com um salto e sem perder tempo elas se abraçam enquanto aos soluços confessam a falta que sentiam uma a outra.

—Dinda! —Anthony também corre até ela e agarra suas pernas.

—Meu amor... —ela se abaixa —A dinda sentiu muita saudade. —ela aperta meu menino contra seu peito.

Espero que todos a abracem para só então eu ir até ela.

—Sua maluca! — seguro seu rosto entre minhas mãos. —Nunca mais fique longe desta família... Nós precisamos muito de você.

Ela junta as sobrancelhas e me puxa de encontro ao seu corpo.

O relógio de parede soa suas doze badaladas e todos desejamos um feliz Natal. Na tevê, a canção Noite Feliz começa a tocar e isso só aumenta a nossa emoção.

Estamos trocando os presentes quando a campainha grita e eu sei bem quem é.

—Deixa que eu atendo. — corro até a garagem e abro o portão para ele.

—Obrigado, Dante... Eu nunca terei como agradecer você. —Ele me abraça e, timidamente, caminha rumo à sala com uma caixa de presente nas mãos.

A Ana Flávia está com a Antonella no colo, babando pela sobrinha e discutindo com a Anne sobre o fato de querer batizá-la, por isso nem nota que Lorenzo a observa.

Minha esposa é a primeira a perceber.

—Boa noite! —ele cumprimenta a todos de maneira geral e minha irmã fica paralisada.

Ele caminha lentamente até ela, os olhos estão fixos na barriga dela.

—Feliz Natal. —ele entrega a caixa para ela, que hesita um pouco antes de pegar.

—Feliz Natal —Ana Flávia responde muito sem jeito. —Não precisava ter se preocupado.

Lorenzo encolhe os ombros e por bem, minha mãe resolve intervir, quebrando aquele clima estranho que paira sobre todos nós.

—O que acham de jantarmos? —Ela aponta para a direção da mesa.

—Ótima ideia! —Anne retoma Antonella para si e volta para o meu lado.

—Estou morta de fome, amamentar me deixa com um apetite daqueles!

—Eu sei que vocês têm muito o que conversar, mas acho que pode ser depois da ceia, ok? — faço-me de mediador.

—Por mim, tudo bem. —Lorenzo ensaia um sorriso.

Ana sobe e desce a cabeça discretamente, concordando.

—Claro. —ela corre as mãos pela própria barriga e isso não passa despercebido por Lorenzo.

—A propósito... Você está linda. — elogia-a em um tom baixo, mas que eu consigo ouvir, assim como a Anne também, que sorri para mim antes de tomar seu lugar à mesa.

—É... Eu estou mesmo me achando linda. —ela encolhe os ombros e eu não consigo segurar minha risada.

Então, abençoados pelo amor e generosidade que a noite de Natal carrega consigo, minha família, agora completa, parece deixar de lado qualquer problema e tudo o que eu posso sentir enquanto olho para cada um deles, é o amor, sobretudo.

—Anne... — inclino-me em sua direção e digo em seu ouvido.

—Eu sei — murmura ela, interrompendo-me. —Eu também te amo e tenho certeza de que não podemos ser mais felizes do que isso.

Fim...



Capítulo Bônus

“Buffet Anne&Ana. “ Este é o nome que minha cunhada e eu, depois de mais de uma centena de ideias, acabamos escolhemos. Passamos semanas discutindo sobre isso e o Dante sempre achou que esse nome era o mais adequado, simples e objetivo, afinal, seremos duas mulheres a frente de uma casa de festas infantis.

Depois do nascimento da filha e de tudo pelo que passou, o amadurecimento da minha cunhada é algo bonito de se ver. Ela nem parece à mesma maluquinha que eu conheci dentro daquele ônibus de viagem, mas mesmo tendo se tornado uma mulher incrível, ela não perdeu seu jeito de menina, muito menos a mania de soltar suas frases engraçadas.

De qualquer forma, a inauguração do nosso Buffet, que acontecerá dentro de algumas semanas, será uma prova de fogo para nós duas, que teremos de administrar uma empresa, além dos filhos e no meu caso, um marido.

E por falar nele... Dante Ferraz é mesmo um presente de Deus. O tempo faz questão de mostrar para mim como eu sou abençoada, ou ainda, privilegiada por ter um marido como ele. Pai fantástico, profissional exemplar e ainda, um amante irretocável.

Além de tudo isso, seu instinto protetor é uma das características que mais me encanta nele. Há cerca de três meses, eu me deparei com um oficial de justiça na porta da nossa casa. Ele estava a minha procura e entregou-me uma intimação.

Achei que pudesse ser algo ainda sobre o falso assassinato do Richard, mas para minha surpresa e indignação, o documento dava conta de avisar-me que os pais do meu ex-marido estavam lutando na justiça pela guarda do meu pequeno Anthony.

Nem preciso dizer que senti como se tivessem tirado o meu chão, afinal, por mais que todos me dissessem que eles não tinham chance alguma, eu sabia do poder de persuasão e da influência que a família Maldonado tinha, principalmente no campo judicial.

Outra vez fui jogada num poço fundo e me sentia sufocando. Havia noites em que eu dormia ao lado da caminha dele, tensa, morrendo de medo que alguém entrasse na minha casa e o tirasse de mim, aliás, esse foi um dos pesadelos que assombrou muitas das minhas madrugadas.

Enquanto eu sucumbia à dor de ter minha vida perturbada de novo, o Dante estava lá, firme, como um pilar de aço e mesmo quando não dizia nada, o modo como me abraçava, colocando-me em seu peito enquanto as mãos passeavam gentis pelas minhas costas, e era como se me garantisse que tudo ficaria bem.

E ficou mesmo.

Dez dias antes da primeira audiência de conciliação, que me colocaria frente a frente aos pais de Richard e minha advogada, a doutora Luciana, telefonou-me dizendo que eles haviam recuado e desistido da ação.

Posso garantir que saber disso foi uma das melhores notícias da minha vida. Por isso, resolvi não perder mais tempo, tirei os planos da gaveta e decidi colocá-los em prática. O Buffet foi o primeiro deles.

A notícia do nosso empreendimento agradou principalmente nossos pais e, tanto os meus quanto os da Ana Flávia, nos apoiaram sem pestanejar.

Carlos Alberto ficou tão feliz com a empolgação da filha, que nos deu um presente que encurtou muito o caminho até o nosso tão sonhado Buffet. Uma casa que pertencia a ele, no bairro Nova Piracicaba, foi cedida para nós, depois que fizemos uma visita e achamos que ali seria o lugar ideal.

Dona de cômodos amplos e de um belo jardim, a casa não precisaria de muitas reformas para abrigar nossa empresa.

Dois dias depois e o Dante já havia contatado um arquiteto e uma semana mais tarde ele já tinha o projeto pronto.

Do piso que forraria o chão até a cor que as paredes receberiam, a Ana e eu cuidamos de tudo, escolhemos cada detalhe, cada adesivo daquele lugar e eu adoro ver nosso cantinho ganhando vida.

Agora falta muito pouco, e a ansiedade é meu nome do meio.

Enquanto eu sigo até a casa dos meus sogros, para buscar meus filhos, recebo uma ligação do engenheiro. Ele me faz uma pergunta sobre planta original da casa, algo que eu não sei responder.

Imagino que meu sogro tem a resposta, por isso, assim que estaciono o carro, vou direto para o seu escritório. O engenheiro tem pressa e eu afirmei que não demoraria para respondê-lo.

Estou pronta para bater na porta, quando ouço duas vozes que conversam num tom mais elevado. Uma delas é a de Carlos Alberto, a outra, embora faça algum tempo que não a ouço, reconheço imediatamente. É do cabo Maciel.

Meu primeiro ímpeto foi de sair dali e esperar que eles terminassem, mas ouço o meu nome e também o da Sandra e isso me faz fincar os pés ali.

—Como pôde cometer uma insanidade, dessas, Maciel? Eu confiei em você, confiei um segredo que pode nos levar à cadeia... Tem ideia do que isso representa? —Ouço o Carlos Alberto em tom de cobrança.

—Eu sei de tudo isso e de mais um pouco, portanto, o senhor não precisa ficar me lembrando de que podemos nos dar muito mal, porque eu tenho plena consciência dos riscos.

—Tem? Será mesmo? Porque se envolver com ela, não me parece coisa de quem tem o juízo no lugar.

—Eu não me envolvi com ela... Eu me apaixonei pela Sandra e não foi algo planejado. —Cabo Maciel diz com todas as letras algo que atinge a mim como uma bala de canhão.

Sinto a minha cabeça girar, meu estômago se contrai e eu levo uma das mãos até a boca, do contrário, um grito meu não seria impedido.

—Para todos os efeitos essa mulher está morta! — a voz sai mais baixa. —Conseguimos dar a ela uma segunda chance e você, Maciel, jamais deveria ter mantido contato com ela.

—Segunda chance? Sabe bem que ela não tem ninguém por ela... O irmão está preso, ela não tem pai, não tem mãe e ainda tem um filho pequeno

para criar sozinha. Acha que é fácil para ela?

—Eu não acho que é fácil, por isso a ajudamos financeiramente todos os meses. —Meu sogro parece mais brando.

—Nem tudo se resume a dinheiro... A Sandra é uma mulher boa, tem um coração puro e o maldito do Richard se aproveitou disso para transformá-la em seu fantoche.

O silêncio impera por alguns minutos. Encosto os meus ouvidos na porta para tentar ouvi-los com mais clareza, meus joelhos tremem e nesse momento eu não consigo pensar em mais nada além da revelação de que Sandra está viva.

—Eu não posso pedir que se afaste dela, porque pelo jeito, isso não vai acontecer, mas preciso avisá-lo dos riscos. Se alguém descobrir o que fizemos, estaremos perdidos.

—Eu sei, e vou tomar cuidado... Na verdade, eu vim até aqui porque vou pedir exoneração do meu cargo. Vou deixar a carreira militar e vou me mudar para Curitiba. Eu tenho um tio que é dono de uma pousada e ele não tem filhos, já está velho e acha que eu posso dar continuidade ao seu negócio.

—Vai entregar seu distintivo? Vai desistir da sua carreira?

—Vou e nunca me senti tão leve com uma decisão. Minha mãe então... Deu pulos de alegria quando eu contei sobre os meus planos. Ela sempre acha que um dia vai receber a ligação dando conta de que fui baleado. Disse que passou por isso com o meu pai e que não precisa ver a história se repetir.

—E ela vai com você? —indaga, desarmado.

—Sim, ela e o filho... Recomeçaremos juntos nossas vidas.

Outro tempo de silêncio, e eu não sei por quanto tempo vou conseguir me manter em pé.

—Só me resta te dar a benção... Sei que é isso o que seu pai faria.

Penso em invadir aquela sala e colocar tudo em pratos limpos, chego até a tocar a maçaneta da porta, mas recuo. Algo me diz que preciso esperar, por isso corro até o lavabo e permaneço ali, até que ouço a movimentação que me avisa a partida de Moratto.

Enquanto tento me recuperar, escuto risadas do Anthony, ele brinca com Adriana e estão no quintal. Sinto meu coração apertado, voltar a pensar na Sandra, por consequência me faz lembrar do que passei nas mãos do Richard.

Eu ainda posso sentir o cheiro da água sanitária, além das ameaças contra o Dante e até mesmo ao meu filho. Encaro o espelho e diante do meu reflexo, lágrimas insistem em rolar.

Será que todos sabem sobre o fato de ela estar viva? Penso e no mesmo instante amargo a hipótese. Eu odeio imaginar que meu marido possa estar me enganando.

Sem estrutura para criar um monte de hipóteses, prefiro ir direto a quem pode me dar todas as respostas.

—Seu Carlos Alberto... —chamo, depois de bater com os nós dos dedos na porta de madeira.

—Anne? — ouço ele dizer, antes de abrir para mim. —Entre querida... —Gesticula com muita simpatia, mas mesmo com um largo sorriso no rosto, seus olhos expõem o seu nervosismo.

Entro em seu escritório sem dizer nada, ele se mostra desconsertado.

— Aconteceu alguma coisa? O Cabo Morato esteve aqui... —começo.

Ele ergue as sobancelhas e cruza os braços contra o peito, o maxilar trincado e então ele vira de costas para mim.

—Nada de mais, apenas uma visita cordial. — ele mente.

Meu sangue ferve dentro das veias, eu sempre respeitei e admirei meu sogro, por isso me sinto traída.

—Olha, seu Carlos, eu vou ser bem direta com o senhor... — caminho para mais perto dele. —Não foi por querer, mas eu ouvi uma parte da conversa de vocês e se eu não estiver maluca, eu acabo de descobrir que a aquela mulher... Que a Sandra está viva — digo quase sem fôlego, as palavras queimam a ponta minha língua.

O pai de Dante fica paralisado, até mesmo sua respiração é interrompida por alguns instantes, então ele vira-se me encarando com tristeza.

—Anne, minha querida... — ele passa as mãos pelo rosto. — Eu devo confessar que essa cena já passou por minha cabeça, ao menos uma dúzia de vezes, mas eu não esperava que aconteceria tão cedo. Eu sei que deve estar se sentindo enganada, mas te dou minha palavra, tudo o que fiz foi pelo bem da nossa família e, aquela mulher, ela nos foi de máxima importância... Se eu não tivesse intervindo, ela teria mesmo sido assassinada e eu não poderia deixar que isso acontecesse.

Meus joelhos saltam e a minha boa seca diante de sua confissão. Tudo

e nada lutam por um espaço dentro da minha cabeça, fico um pouco atordoada, por isso me sento em uma das poltronas.

—O Dante... Ele sabe? — faço a pergunta que mais me perturba.

Carlos Alberto nega com a cabeça e com alguns passos se aproxima de mim.

—Não! Claro que não. — ele se abaixa e fica de joelhos. — Somente o Moratto, Robson e eu sabemos disso, e era assim que deveria ter permanecido.

—Eu não entendo... — começo a chorar. —Ela foi cúmplice do Richard, ela o ajudou a me torturar. Essa mulher é uma criminosa e o senhor está a acobertando? Eu confesso que quando soube que ela havia morrido, fiquei muito mal, não era o que eu desejava para a Sandra, mas ela tinha de pagar pelo que fez, isto é o certo.

—Eu concordo com você. Só que quando ela me procurou, pedindo por ajuda, tudo o que vi foi uma mulher grávida e sozinha, que foi usada e enganada por um homem vil e persuasivo, que, mesmo sabendo que ela esperava um filho dele, contratou a sua morte. Ainda, os meus anos de profissão me mostraram como é cruel à maternidade para uma detenta... Por isso, e só por isso eu a ajudei... Pela criança que, inegavelmente, tem o mesmo sangue que o meu neto.

Tapo a boca com as mãos e deixo o meu pranto explodir, levando com ele as minhas mágoas e também as convicções de certo e errado. Carlos Alberto também se emociona.

—O bebê... É menino ou menina? —indago depois de uma fungada.

—É um menino. Arthur.

Então, além de Antonella, Anthonny tem um irmão.

—É engraçado... Arthur foi um nome que cogitei antes de me decidir por Anthonny — confesso, ainda aturdida com tantas novidades.

Ele estica as mãos na minha direção.

—Você consegue me entender?

Respiro fundo e por incrível que pareça, sinto-me leve.

—Consigo e, quero te pedir uma coisa. — seguro sua mão.

—Peça.

—Eu preciso de um encontro com ela.



Para ser sincera, eu não achava que Carlos Alberto aceitaria me colocar de frente com a Sandra e mais, que ela aceitaria me encontrar. Surpreendentemente, a resposta de que meu desejo era exatamente como o meu, culminou em um encontro, mais cedo do que eu poderia imaginar.

— Acorda, dorminhoca... — a voz de Dante chega aos meus ouvidos como uma de minhas canções preferidas.

Abro os meus olhos e a iluminação em nosso quarto, ainda é pouca. Giro minha cabeça para o lado e o relógio sobre o criado mudo me avisa que falta meia hora para as seis da manhã.

— Amor... Ainda é tão cedo... Aconteceu alguma coisa? — preocupo-me, porque Dante costuma sair perto das sete da manhã para abrir o supermercado.

— Não. — ele gira o corpo e volta segurando uma bandeja.

Uma jarra com suco, um pote com morangos graúdos e algumas fatias de bolo.

— Café na cama às cinco e meia da manhã... — sento-me.

— Eu sei como está agitada por conta da inauguração, então pensei em dar um jeito de fazê-la relaxar um pouco.

Eu sei que estou mesmo distante nos últimos dias, um pouco é por conta do buffet, mas a maior parte é pela Sandra. Ainda não marcamos oficialmente uma data para nos encontrarmos, só que esconder algo do Dante é algo que em mata.

Por mim, ele teria ficado sabendo no mesmo dia que eu, mas seu pai me fez prometer que não diria nada, pelo menos por enquanto e eu tive de aceitar.

— Meu amor... Só de ter você assim, perto de mim e eu já me sinto mais calma. — abraço-o e a sua pele quente me aconchega de um jeito bom. — Eu peço desculpas se estou chata, mas logo vai passar.

Sinto seu corpo balançando, ele ri.

— Boba! — pega um dos morangos, morde e coloca o outro pedaço em minha boca. — Você nunca é chata.

Mastigo a fruta que está doce, mesmo assim, ao fundo o azedinho me faz salivar.

—Eu já disse que você é o melhor marido do mundo? — seguro sua nuca, trazendo seu rosto perfeito para mais perto do meu.

— Eu acho que já, mas poderia me dar uma prova disso. O que acha? —diz, cheio de malícia.

Sem pensar em mais nada, espalmo seu peito nu e o obrigo a se deitar, de joelhos, livro-me da camiseta velha e fico apenas de lingerie. Dante me olha com desejo e dá um jeito de inverter as posições, agora estou sob ele, recebendo outro doce morango em minha boca, antes de um beijo lubrifico que me tira o ar.

As mordidas no pescoço, as mãos que sobem e descem por meu corpo, explorando-me, estimulando-me e a forma como sussurra o meu nome, com a voz grave e arrastada, me faz delirar.

—Dante Ferraz... Precisa me acordar assim por mais vezes— murmuro em seus lábios.

Ele apenas ri e continua fazendo todo o necessário para que eu me sinta a mulher mais sortuda do Universo.



Aos sábados, não costumo ter nada planejado e, pretendo ir dar uma olhada nas obras do Buffet, no período da tarde.

Depois de um longo banho, volto para o quarto e encontro o Dante vestido, como se estivesse pronto para sair.

—Posso saber por que vai trabalhar tão bem-vestido? —brinco, porque normalmente ele usa camisas com o logotipo do supermercado.

—Hoje vou tirar o dia de folga... Quero te levar a um lugar. — beija meu rosto.

—Lugar?

—Isso, mas nem a adianta perguntar, porque é surpresa. Agora eu vou dar café da manhã para o Anthony, e então nós vamos.

—Tudo bem! Parece que você já tem tudo planejado. — Ergo as mãos em rendição. —Vou amamentar a Antonella enquanto isso.

—Seus olhos brilham quando você fala isso. —ele sorri.

—Sabe bem como fiquei triste por meu leite ter secado da outra vez, então, é mesmo muito prazeroso poder fazer isso pela nossa filha.

Dante volta para me beijar.

Quando estamos todos prontos, partimos para um destino que eu nem faço ideia de onde seja. É abril, o clima está ameno e o sol brilha de um jeito agradável. Dante dá uma volta no quarteirão e segue pela rua que leva até o parque da Rua do Porto.

—Poderíamos ter vindo a pé. — brinco, porque o lugar fica a poucos quarteirões da nossa casa.

— Eu sei, mas saindo daqui quero ir até a casa dos meus pais. — ele desfaz o cinto de segurança e sai do carro, para tirar o Anthony da cadeirinha. —Hoje o papai vai deixar você andar no pedalinho, filhão.

—Pato... — ele aponta o dedinho para a fileira de cisnes gigantes que repousam no lago.

—É filho... *O quá quá.* — concordo.

Por ainda estar bem cedo, o movimento é pequeno. Algumas pessoas fazem caminhada, duas crianças brincam no parquinho de madeira e apenas dois casais estão na grama, sentados tomando sol.

Dante escolhe uma árvore de copa para ficarmos e sob ela, estendemos uma das mantinhas da Antonella, que dorme com tranquilidade em seu bebê conforto.

—Isto aqui um pedacinho de paraíso... Sinto tanta paz neste lugar — declaro, de olho no lago que mais parece um espelho gigante, graças a forma como sol se reflete nele.

—Também penso assim, e mais, sempre me lembro de quando viemos aqui pela primeira vez. Eu não a conhecia, você me disse que se chamava Lúcia Falcão e eu não conseguia disfarçar meu encantamento.

—Eu também me lembro daquele dia e de como estava perdida, sentia-me despedaçada. Você foi minha segunda chance e a minha cura. — Passeio uma das mãos pelo rosto dele.

Dante sorri e olha para o horizonte.

—Por falar em segunda chance... — ele gesticula com a cabeça e eu vejo uma mulher caminhando e nossa direção. A medida em que ela se aproxima, noto que carrega uma criança no colo.

—Sandra? — levanto, tomada de confusão. Seus cabelos antes longos e negros agora exibem um tom caramelo na altura do queixo. Ela está muito diferente, mais magra e me olha com receio.

—Anne... Eu nem sei por onde começar, de qualquer forma, ainda que eu fique de joelhos implorando o seu perdão, será pouco. — a voz

embriagada dá uma dimensão do seu nervosismo.

Diante daquela mulher, sou inundada por diversos sentimentos. Nenhum deles é ruim.

—Nenê... —Anthony aponta para a criança no braço dela.

Sandra se abaixa e gesticula chamando meu filho.

—Esse aqui é o Arthur — ela fala com a voz infantilizada.

A criança é lembra muito o Richard, os olhos, a boca e nariz são iguais, mas a doçura como sorri encerra as semelhanças ali.

—Olha filho... Que bebê lindo... — Dante se junta a nós.

—Amiguinho... —Anthony passa a mão pela cabeça de Arthur, com o mesmo cuidado que tem quando toca Antonella.

Olho para Sandra e ela está chorando, o que me leva às lágrimas também. Arthur é colocado por ela, ao lado da minha filha, Anthony parece encantado pelo pequeno.

Então nós, três adultos, marcados pela mesma história, ainda que de maneiras diferentes, numa manhã de sábado como outra qualquer, aproveitamos o privilégio de assistir a pureza materializada em pequenos seres humanos, que simbolizam enquanto riam sem uma razão aparente, a renovação e o perdão e a paz.

— Os laços de sangue são irrevogáveis... —digo para a Sandra.

—Eu sempre achei que as crianças sabem mais do que nós, adultos — conclui ela.

Dante parece concordar e pisca para mim.

Percebo que por mais tortuosos que sejam os caminhos, eles sempre nos levam ao destino que nos pertence e aonde devemos estar.

Agradecimentos:

Por Biah:

Primeiramente de tudo eu gostaria de agradecer a Deus pela oportunidade que ele me deu de conhecer a Nana, pois sem ela essa obra não seria possível, ela é uma luz que apareceu na minha vida, eu não tenho como não agradecer a você por ser essa pessoa maravilhosa que trás luz.

Gostaria de agradecer meus pais e familiares por todo apoio, por me apoiar a escrever, por acreditar em mim.

Terceiro gostaria de agradecer vocês leitores do wattpad que nos apoiaram e cobravam capítulo, sem vocês com toda certeza não existiria livro e nem nada, obrigada por lerem e comentarem bastante isso incentivou a gente a postar cada vez mais.

As meninas do grupo do WhatsApp o que falar de vocês? São mulheres incríveis que comentavam com a gente, argumentava e fazia a gente dar bastante risada com seus planos mirabolantes de querer matar o Richard, cada comentário e cada força dava vontade de escrever mais ainda, obrigada amores.

Assim como Anne fez, temos que cortar o mal pela raiz... Relacionamento possessivo não é normal, pois a pessoa que sofre com isso não tem vida, vive pela pessoa, um relacionamento de verdade a base de tudo é o amor, respeito, companheirismo, aceitar a outra pessoa do jeito que ela é, e não querer te mudar, Dante veio pra mostrar para Anne que o amor pode ser de uma forma linda e que pode seguir sim seus sonhos, independente de qualquer coisa, então não mude por ninguém, se for amor, a pessoa vai te amar do jeitinho que você é. Eles vão deixar saudades, mas logo voltamos

com Ana Flávia. Obrigada por lerem até aqui.

Lembrando isso não é um Adeus, e sim um até logo.

Com amor,

Biiiah Goomes.

Por Nana:

Não consigo explicar como me sinto satisfeita com essa história. Dante, Anne & Cia, conquistaram meu coração de um jeito mais que especial.

Eu só posso agradecer a cada um que leu, que interagiu e que fez com que **Um lugar para recomeçar** nos trouxesse tantas alegrias.

À Biah, um muito obrigada por mais uma parceria e espero que tenhamos muitas outras.

Como já dissemos, um spin-off da Ana Flávia será postado em breve, enquanto isso, eu convido os leitores a conhecerem minha nova história, que já está com seus primeiros capítulos postados.

Entre beijos e latidos, eu te amo! É um romance adorável, intenso e pra quem gosta de cachorros, é um prato cheio.

Basta procurar por @nanacfabreti e conhecer minhas histórias.

Mais uma vez, muito obrigada a todos e que possamos continuar juntos.

Um beijo enorme, e que 2019 seja incrível para cada um de vocês.

Com amor,
Nana C. Fabreti

Siga as autoras nas redes Sociais e fiquem por dentro de suas novas Histórias.

Redes sociais:

Facebook: Biah Gomes

Wattpad: @AutorasBiaheNana @Biiancagomes15

@Kkteixeira

Facebook: Elizandra Curatito

Wattpad: @nanacfabreti @AutorasBiaheNana